

OREO

FRAN ROSS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

OREO

FRAN ROSS





Fran Ross

Oreo

tradução
Heloísa Mourão

prefácio
Danzy Senna

posfácio
Harryette Mullen

todavia

*Em memória de meu pai, Gerald Ross,
e de minha tia-avó Izetta Bass Grayson (Titia)*

Definição de Oreó: Alguém que é negro por fora e branco por dentro.

Oreó, ce n'est pas moi.

F. D. R.

Uma história provável.

Flaubert

*Burp!**

Wittgenstein

Epígrafes nunca têm nada a ver com o livro.

Capa
Folha de Rosto

Prefácio,
por Danzy Senna

Parte I: Trezena

1. Mishpocheh
2. O cubo e o pontinho
3. Cartas helênicas
4. Animais de estimação, amiguinhos, pedagogos
5. Símbolos guardados
6. Tchauzinho, Trezena

Parte II: Meandros

7. Perifetes
8. Sínis
9. Faia
10. Círon
11. Cércion
12. Procusto, Cefiso, Apolo Delfínio
13. Medeia, Egeu
14. Minos, Pasífae, Ariadne
15. Pandíon

Um guia para preguiçosos, não classicistas etc.

Glossário

Posfácio,
por Harryette Mullen

Guide

Capa
Página de Título
Contribuidores
Página de Direitos Autorais.

Prefácio

Danzy Senna

A primeira vez que li *Oreo*, o hilário e destemido romance de Fran Ross, eu morava em Fort Greene Place, no Brooklyn, em uma comunidade de pessoas que eu considerava “a elite de *dreadlocks*”. Era o final da década de 1990, e as lojas de queijos artesanais e casas de sucos orgânicos ainda não haviam tomado a região, embora houvesse indícios do que estava por vir. Pessoas pobres e artistas ainda tinham condições de viver nesses lugares. Éramos jovens e negros e nos mudamos para o bairro portando diplomas de pós-graduação e ambições criativas. Havia uma tempestade silenciosa se formando entre nós, aquilo que Greg Tate descreveu como “gênio negro”. Spike Lee havia montado um estúdio de produção dentro do antigo quartel dos bombeiros na avenida DeKalb. Virando a esquina da rua Lafayette ficava o Kokobar, um café gerido por proprietários negros e decorado com pinturas inspiradas em Basquiat; circulavam rumores de que Tracy Chapman e Alice Walker eram as investidoras. Virando a esquina da rua Elliot, Lisa Price, que fundou Carol’s Daughter, vendia óleos capilares orgânicos e cremes para cabelos crespos em uma loja com fachada de tijolos avermelhados.

Anos antes, eu havia lido o ensaio inspirador de Trey Ellis, “The New Black Aesthetic” [A nova estética negra] em meu dormitório na Costa Oeste, aninhada no meu namorado meio-judeu de *dreads*. Nos vislumbramos na descrição de Ellis de uma nova geração de artistas negros. Nós também nascemos depois do Movimento dos Direitos Civis, depois de Loving, depois do soul, depois de tudo. Suspeitávamos da militância, negra ou qualquer outra, suspeitávamos dos clamores de autenticidade, raciais e outros. Éramos culturalmente híbridos — “mestiços culturais”, como Ellis colocava —, tendo ou não tendo um pai ou mãe brancos.

Havíamos chegado naquele momento, na Fort Greene dos anos 1990. Grande parte da garotada negra em nosso meio eram oreos em reabilitação: cresceram ouvindo The Clash, não Public Enemy; fazendo embaixadinhas, não jogando basquete. Estavam acostumados demais — como meu amigo Jake Lamar disse certa vez — a serem “a única pessoa negra da festa”.

Só que agora nós dávamos nossas próprias festas. Éramos *demi-teint* — meio-tom —, um matiz de negritude que se formara em um choque

de símbolos e significantes díspares; não havia nada de puro em nós. Éramos autenticamente coisa nenhuma. Cada um de nós vivenciara um certo grau de alienação ao crescer — sendo pretos demais para sermos brancos ou brancos demais para sermos pretos, ou mestiços demais para sermos qualquer coisa —, e, por algum acaso, todos nos mudamos no mesmo momento para o mesmo raio de dez quarteirões do Brooklyn.

Oreo surgiu para mim nesse contexto como um sonho estranho e inquietante sobre o futuro que, na verdade, era o passado. Ou seja, não parecia um romance de 1974, mas de um futuro próximo — um livro cuja aparição eu ainda estava esperando. Olhei para a foto da autora vestindo uma bata longa e seu cabelo afro e facilmente pude imaginá-la passeando pelas ruas de Fort Greene. Ela pertencia ao nosso mundo. Sua negritude era a nossa negritude.

Em sua primeira edição em 1974, *Oreo* desapareceu tão rápido quanto surgiu. O livro recebeu algumas críticas divertidas e um tanto confusas na *Ms. Magazine* e na *Esquire*, mas aparentemente não se comunicava com o cenário cultural mais amplo do momento. Foi lançado apenas dois anos antes daquele outro romance, a sensação cultural *Negras raízes: A saga de uma família*, de Alex Haley. Enquanto *Oreo* talvez tenha sido um dos romances menos conhecidos da década, *Raízes* se tornou o romance mais popular da década, entre negros ou brancos. Ocupou o primeiro lugar da lista de best-sellers do *New York Times* por vinte e duas semanas. Foi adaptado para uma das minisséries de televisão mais assistidas de todos os tempos.

Para a maioria dos americanos da minha idade — principalmente os que são negros —, *Raízes* é parte da iconografia de nossa infância. Podemos trocar histórias de como nos sentávamos no chão da sala de casa e assistíamos aos episódios com uma mistura de êxtase e descrença. Lembro-me de chorar quando Fiddler morreu, porque eu também tocava violino. Lembro-me de como na escola, no dia seguinte à estreia da minissérie, uma menina branca se aproximou de uma mesa de crianças negras no refeitório e disse, com lágrimas nos olhos, que lamentava muito pela escravidão, e perguntou se podia, por favor, retirar as bandejas de almoço para elas?

Os próprios títulos desses dois textos — *Raízes* e *Oreo* — indicam o profundo abismo entre as obras — o que nos dá uma pista sobre o tipo de narrativas negras que gostamos de celebrar e o tipo que costumamos ignorar. *Raízes* olha para o passado. Oferece uma história de origem aos negros, um momento imaginado de pureza racial — quando o guerreiro mandinga Kunte Kinte é sequestrado na costa da Gâmbia. A série

constrói uma utopia perdida para nós e uma nítida queda do paraíso, da África. *Oreo*, só pelo título e por suas primeiras páginas malucas, sugere águas raciais mais turvas e poluídas.

Sem dúvida, a história de origem de *Oreo* é de uma alegre miscigenação. Assim que Samuel Schwartz se apaixona por Helen (Honeychile) Clark, é tarde demais para voltar atrás. Claro, um “oreo” é um biscoito branco por dentro e preto por fora; é também a provocação preferida aos negros que parecem “agir como brancos”. Fran Ross abraça esse epíteto, abraça a ideia de uma queda em desgraça racial. Mas não tem nada de sentimentalismo mestiço — não é uma historinha simplista de melosidade racial, tipo “ébano e marfim”. Desde a primeira página, ambos os lados da família de *Oreo* — o negro e o judeu — ficam igualmente horrorizados com a paixão entre os filhos. Na verdade, James Clark, pai de Helen, avô negro de *Oreo*, fica tão horrorizado com a união de sua filha com um judeu que seu próprio corpo fica gravado pelo ódio — paralisado na forma de uma meia-suástica.

Nascida Christine Clark, *Oreo* é a cria birracial de tal queda e nossa heroína, e, como todos os bons heróis e heroínas, ela tem uma missão. Porém, ao contrário de Alex Haley, *Oreo* está tentando encontrar seu lado branco — seu pai judeu desaparecido. O pai ausente não é uma fonte de anseios; ele é um dublador em Manhattan que deixou uma lista absurda de pistas para ajudá-la a localizá-lo. É um vagabundo, segundo a mãe dela. “Vou encontrar aquele fodido”, é como *Oreo* se lança em sua busca, que parece mais uma desculpa para se afastar de sua casa do que o desejo real de ter um pai.

Oreo é debochada, malandra, uma trapaceira — ou, como diz um tio: “Ela com certeza tem útero... é uma verdadeira destruidora de bolas”. Ela é radicalmente, quase agressivamente, miscigenada; em uma só passagem pode e faz tranquilamente a troca entre uma infinidade de línguas — do iídiche ao chamado ebonics, e deste ao jargão acadêmico erudito. Ela está corrompida desde o começo, uma brincadeira maluca com a “dupla consciência” de Dubois. Só que neste caso não é dupla, é tripla, quádrupla, e assim por diante. Essa multiplicidade que ela habita não é um “fardo” que deve combater para não se “despedaçar”. Pelo contrário, é uma fonte de força e agilidade. Sua dualidade a mantém ligeira, permitindo que se mova entre múltiplos mundos. Ela é tão judia quanto negra; não há nada de trágico nessa mestiça. Se é alguma coisa, é uma mestiça cômica, virando o mundo do avesso com uma precocidade verbal e astúcia que aguçam suas habilidades de metamorfose e passabilidade.

Esteticamente, *Oreo* tem todas as marcas de um romance pós-

moderno em sua esquivia da profundidade e seu espírito essencialmente gaiato. O romance não tira nenhuma conclusão e sua busca não leva a imensas e reveladoras recompensas. O pai e o segredo sobre o nascimento dela constituem, no final — e sem revelar nada —, a paródia mais absurda e feminista do mito patriarcal que se poderia esperar. A cada passo, o romance abraça a ambiguidade. O enredo em torno da missão é desviado a cada momento por jogos de palavras e metarreferências a si mesmo. Em muitos aspectos, ele parece mais estilística e esteticamente alinhado com Thomas Pynchon e Kurt Vonnegut do que com Sonia Sanchez e Ntozake Shange, para citar duas outras escritoras negras da época de Ross.

Oreo nunca se torna uma personagem totalmente crível, e isso parece apropriado para o espírito da obra. O romance não busca o realismo; Ross não está tentando construir uma narrativa fluida e empurrada pelo enredo, ou uma protagonista simpática e tridimensional. Estamos sempre cientes de Oreo como um construto, e de sua história como um construto. Trocadilhos, jogos de palavras, fórmulas de comédia *stand-up*, cardápios, gráficos, tangentes: a jornada para encontrar o pai é apenas uma chance para Ross percorrer sua imaginação cáustica e livre e nos impelir a uma hiperconsciência da própria linguagem. “Christine”, escreve Ross, e ela poderia estar falando de si mesma, “não era uma criança comum... Ela herdou o amor de sua mãe pelas palavras, por sua nuance e cadência, seu sumo e sua fibra, sua variedade e precisão, sua firmeza e acidez.”

Junto dos clássicos feministas que tínhamos em casa quando eu era criança, *Nossos corpos por nós mesmas* e *Medo de voar*, de Erica Jong, ficava a antologia de literatura negra chamada *Dark Symphony: Negro Literature in America* [Soturna sinfonia: Literatura negra nos Estados Unidos], que parecia sempre estar na cozinha. Foi um dos primeiros textos canônicos dos florescentes departamentos de estudos afro-americanos. Na capa havia a silhueta de um rosto masculino negro, carregado e triste, envolto em um círculo vermelho. Acho que esse perfil masculino era para ser interpretado literalmente, porque dentro, entre os trinta e quatro autores incluídos no livro, exatamente quatro eram mulheres.

Oreo foi publicado sete anos depois dessa antologia; a segunda onda do movimento feminista atingira a maturidade e as mulheres começavam a encontrar suas vozes, rachando o establishment literário masculino aos poucos. Na década de 1980, a literatura negra já não era mais uma soturna sinfonia masculina. Escritoras negras entraram na

moda. E, no entanto, mesmo na década de 1990, enquanto eu lia *Oreo* em meu apartamento em Fort Greene, o berço da boemia negra pós-soul — e mesmo agora, tantos anos depois do ocorrido, quando o Brooklyn que eu conheci jaz sob ruínas gentrificadas e cintilantes —, Ross me parece parte de um futuro que ainda está por chegar.

Oreo resiste às convenções implícitas que ainda existem para romances escritos por mulheres negras. Não há nada redentor ou edificante em sua obra. O título não se refere à Bíblia ou ao blues. A obra não se refere à escravidão. A personagem não sofre abuso, nem sexual nem de outra forma. Os personagens não são do Sul. *Oreo* é sinceramente irônica, hilária, inteligente, às vezes incompreensível. A mãe de *Oreo* está quase sempre ausente. Ela larga *Oreo* e seu doce e excêntrico irmão com seus avós para poder pegar a estrada. Escreve aos filhos cartas falsas e piegas de diferentes lugares. *Oreo* responde com cartas escritas ao contrário. Quando colocadas na frente do espelho, as palavras de *Oreo* dizem: “Corta o papo-furado, mãe”. A mãe faz exatamente isso e começa a mandar a real pra filha. Explica em uma carta por que as mulheres são oprimidas. Após uma elaborada análise teórica, ela conclui: “Consegui sintetizar essas considerações em uma formulação inescapável: os homens podem encher as mulheres de porrada”. Na mesma carta, a mãe faz picadinho do estereótipo da matriarca negra: “Não há porco machista como um porco machista preto”.

Como nas melhores sátiras, ninguém está a salvo, ninguém é poupado. Às vezes o humor é de baixo nível, escatológico e simplesmente bobo, mas também é elevado, com sofisticados jogos de palavras e clichês virados de ponta-cabeça. É difícil vender Ross em fevereiro, mês da história negra, e também em março, mês das mulheres. Seu texto é pós-moderno; é um texto queer, é uma obra de sátira negra; é uma obra de alta comédia feminista; é um texto pós-soul. Seu romance é multifacetado, multilíngue, o que ainda o torna uma presença incômoda na cena da ficção americana, em que a literatura “étnica” pode ser servida em quiosques como pratos em uma feira gastronômica, e consumida com a mesma facilidade.

Depois de *Oreo*, Fran Ross nunca escreveu outro romance. Ela morreu jovem de câncer em 1985, anônima do ponto de vista literário, mas cercada de amigos. Sabemos apenas detalhes esparsos sobre sua vida, boatos de quem ela era como pessoa. Quando veio de sua cidade natal da Filadélfia para Nova York, se instalou em uma pensão no centro da cidade, a Webster Apartments for Women. Um amigo que a conheceu

ali lembra dela como brilhante, afetuosa e extremamente engraçada. Ross era fascinada pela cultura judaica e pela língua iídiche; vários professores a incentivaram em seus estudos na Temple University, onde ela se formou com distinção *magna cum laude*. Amava Mark Twain, Oscar Wilde, Jean Genet e James Baldwin. Foi ouvir Baldwin falar em vários locais da cidade. Em seu círculo social, muitas vezes era a única negra nas festas das feministas brancas.

Certa vez, com um grupo dessas amigas, ela procurou a famosa e reclusa Djuna Barnes na lista telefônica. Juntas, todas foram ao endereço listado e, do lado de fora da porta do apartamento, ouviram música clássica tocando no interior. Quando bateram, Barnes, já uma senhora idosa, abriu e simplesmente disse ao grupo: “Eu não recebo mais pessoas”, antes de bater a porta na cara delas.

O nome do meio de Ross era Delores e ela assinava todas as suas cartas como FDR, se divertindo com o eco das iniciais do ex-presidente Franklin Delano Roosevelt. Ela era intensamente próxima de sua família, particularmente da mãe. Ross ficou desapontada com a forma como *Oreo* foi ignorado. Tentou encontrar outro lar para seus talentos e partiu para Los Angeles no final dos anos 1970, com um contrato de roteirista no programa de televisão de Richard Pryor. Talvez um comediante de *stand-up*, especialmente alguém tão fora do padrão como Pryor, apreciasse seu desdém pelo decoro social, sua audácia, sua lealdade a nada além dos mecanismos de sua própria mente espantosamente original. Mas quando chegou, se viu desiludida com as pessoas do círculo de Pryor — e o programa foi cancelado. Ela voltou para Nova York e para o trabalho em editoras, ainda em busca de um gênero em que sua voz pudesse ser ouvida — um espaço onde pudesse ser fiel às suas próprias e audazes contradições.

Parte I

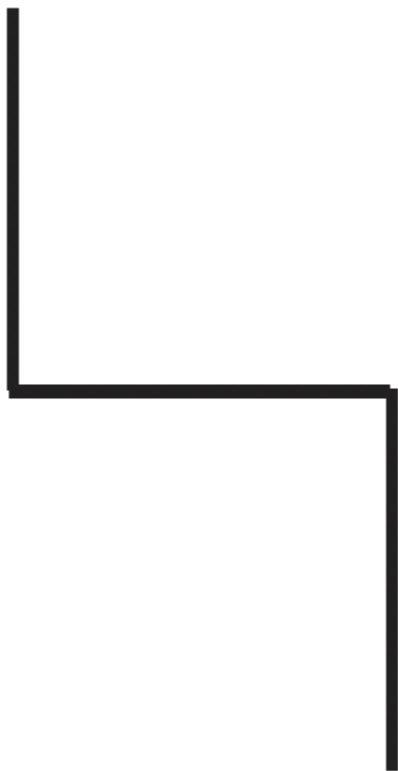
Trezena

Primeiro, as más notícias

Quando Frieda Schwartz ouviu o seu Shmuel dizer que *(a)* se casaria com uma garota negra, o sangue ferveu e vacilou em todos os seus dutos enquanto imaginava o chiaroscuro da *chuppa* de cetim branco e a pele da *shvartze*; e quando ele disse que *(b)* largaria a faculdade e, portanto, nunca se tornaria um contador público certificado — *Riboyne Shel O'lem!* —, ela soltou um lancinante *geshrei* e caiu dura de um infarto do tipo racista/meu-filho-meu-desgosto.

As más notícias (cont.)

Quando James Clark ouviu dos doces lábios de Helen (Honeychile) Clark que ela se casaria com um garoto judeu e logo seria Helen (Honeychile) Schwartz, ele conseguiu apenas grasnar um “Goldberg!” antissemita antes de virar pedra, por assim dizer, em sua cadeira de costas retas, seu corpo transformado em uma rígida meia-suástica,



tirando, é claro, cabeça, mãos e pés.

Personagens principais e coadjuvantes na primeira parte deste livro, por ordem de nascimento

Jacob Schwartz, avô paterno da heroína

Frieda Schwartz, esposa de Jacob (morreu no primeiro parágrafo, mas
permanece sendo um poder e uma força à sua maneira silenciosa)

James Clark, avô materno da heroína (imobilizado no parágrafo dois)

Louise Butler Clark, avó materna da heroína (duas semanas mais nova
que o marido)

Samuel Schwartz, pai da heroína

Helen Clark Schwartz, mãe da heroína

Christine (Oreo), heroína

Moishe (Jimmie C.), irmão da heroína

Sobre alguns personagens, uma prévia ou duas

Jacob: Ele faz caixas (“Jake, o Homem das Caixas, Um Caixote para Cada *Cocote*”). Como ele costuma dizer: “É um ganha-pão. Eu me *mutche*”.

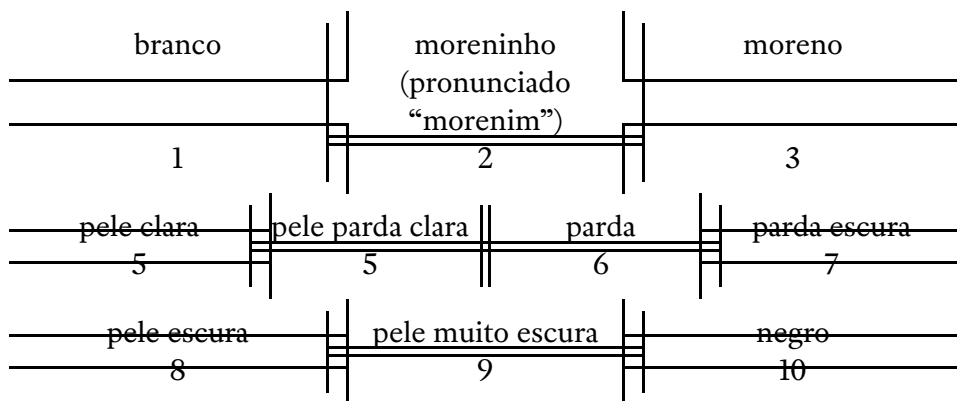
Tradução: “Eu sou um homem muito rico, *kayn aynhoreh*”.

James e Louise: No jogo do DNA para cor de pele, quando o dado foi lançado, o corante também foi. James saiu mais próximo da cor dos pontinhos (no outro extremo da escala, ele é um 10), e sua esposa, do cubo. Louise é clara, muito clara, uma albina mal-acabada (um -1, quase fora de escala). James é um negociante astuto, Louise, uma das maiores cozinheiras do nosso tempo.

Samuel Schwartz: Só mais um rostinho bonito.

Helen Clark: Cantora, pianista, mímica, louca por matemática (um 4 na escala de cores).

Cores de pessoas negras



NOTA: Não existe “bem negro”. Só gente branca usa esse termo. Para os negros, “negro” já é preto o bastante (e, na maioria dos casos, é negro demais, já que grande parte das pessoas negras não chega nem perto de ser tão negra quanto sua bolsinha preta). Se uma pessoa negra diz: “John é bem negro”, está se referindo à posição política de John, não à cor de sua pele.

Uma palavra sobre o clima

Não existe clima per se neste livro. Referências ao clima são feitas por alto em alguns momentos. Presuma a estação que quiser ao longo da leitura. O verão faz mais sentido em um livro deste tamanho. Assim, não é preciso usar páginas para descrever pessoas tirando e colocando sobretudos.

A história de vida de James e Louise até o casamento de Helen e

Em 1919, quando tinham cinco anos, o pequeno James e a pequena Louise se mudaram para a Filadélfia com seus pais, os Clark e os Butler, que eram amigos próximos, vindos de um minúsculo povoado nos arredores de um pequeno vilarejo no condado de Prince Edward, Virginia. Quando tinham dezoito anos, James e Louise se casaram e tiveram, no mesmo ano, sua primeira e única filha, Helen.

Durante a Segunda Guerra Mundial, James trabalhou como soldador no estaleiro Sun Shipyard em Chester, Pensilvânia. Todas as manhãs, durante três anos, ele parava na lanchonete Zipstein's para comprar pickles e levar para o trabalho em sua marmita. Ele pedia um bem azedo. Zipstein sempre lhe dava um meio azedo. A partir daí, James passou a odiar judeus.

Depois da guerra, James tinha dinheiro guardado suficiente para abrir seu próprio negócio de vendas por correspondência. De propósito, cultivou uma clientela estritamente judaica, de quem cobrava preços exorbitantes. Ele pesquisava seu mercado meticulosamente; estudava a Torá e o Talmude, colecionava *midraxes*, citava o rabino Aquiba — raiz e caule de todos os textos picaretas que escrevia para a maçaroca de panfletos que deixava nos bairros judeus. Seu primeiro item vendeu como *latkes*. Era um jogo de arremesso de dardos, apresentando (como dizia em seu texto) “todos os homens que você ama odiar, de Hamã a Hitler”. Nenhum judeu de classe média da Filadélfia podia dar as caras numa sala de jogos se aqueles alvos não estivessem pendurados lá.

Tendo como base esse sucesso, James passou a fazer parcerias com outras casas de venda por correspondência. Ele conseguia oferecer a seus clientes *blintzes* de queijo para a Shavuot, lenços para o Tishá b'Av (“Você vai chorar muito”), *dreidels* para o Chanucá, *gragers* e *homentaschen* para o Purim, taças de vinho para o Pessach, mel para o Rosh Hashaná, ramos para a Sucot (“Tenha a barraca mais bonita do seu quarteirão”) e uma gravação do Kol Nidre para o Yom Kipur (“Cantada por Tony Martin”). Ao lado de cada item do catálogo havia um parágrafo histórico-religioso para quem não conhecia o significado das festas e feriados. “Você tem que explicar tudo para esses *apikorsim*”, ele dizia a Louise, que respondia: “Como é que é?”. Ao longo dos anos, seu maior sucesso de vendas foi a série Livro de Colorir da História Judaica, incluindo “a sempre popular rainha Ester, Rute e Noemi, Judá e os Macabeus (adicione cinquenta centavos e ganhe um martelo de plástico em miniatura), o Sinédrio (a primeira Suprema Corte), e outros favoritos-de-todos-os-tempos do Povo Escolhido”. Por fim, suas

preocupações com dinheiro acabaram. Ele conseguiu mandar Helen para a faculdade e comprar para Louise o presente de seus sonhos: um conjunto completo de Tupperware (5481 peças).

Temple University, ensaio do coral

Enquanto cantava sua parte no coral “Jesus, alegria dos homens”, Helen elaborava uma de suas típicas equações de cabeça, com base nas modalidades da música e nas suas próprias:

$$BTU = \frac{3 \times 10^8}{\sqrt{\epsilon/\epsilon_0}} \text{ m/sec}$$

onde

B = Bach

T = tempo

U = peso do ácido úrico, ml

Simples, ela admitia, em comparação com as equações de cabeça sobrepostas de sujeito-resposta-contrassujeito que eram suas favoritas — elegantes, de fato, mas não envolventes o suficiente para afastar sua mente do fato de que estava transpirando e queria desesperadamente mijar.

Samuel, passando pela sala de ensaios, teve um vislumbre do rosto de Helen e, confundindo a expressão de angústia mal controlada com fervor religioso, foi tomado por uma emoção que os místicos muitas vezes identificam erroneamente como êxtase-*cum*-epifania (vide Saul na estrada para Damasco, ou Teresa d’Ávila toda vez que você se vira): tesão. Os livros de contabilidade que carregava caíram no chão.

Decisões, decisões

Após a grande busca interior — e por *neshoma* —, respectivamente, Helen e Samuel decidiram se casar e morar na cidade natal dele, Nova York. Samuel queria ser ator. Além disso, como Helen era louca por matemática e obviamente superdotada, Samuel queria ter um filho com Helen — ou melhor, ele queria que *ela* tivesse o filho dela/deles. Helen não se importava. Sentia que a gravidez lhe daria tempo para sentar,

tocar piano e fazer suas equações de cabeça enquanto Samuel estudava Walk and Talk na escola de teatro.

Nascimento da heroína

Um segredo enredava o nascimento de Christine. Esta história é dela — deixemos que o descubra. Helen deu o nome à menina em um momento de melindre depois de uma briga com Samuel no hospital. Eles fizeram as pazes antes que a tinta estivesse seca na certidão de nascimento. Embora Samuel fosse um judeu não praticante e não desse a mínima se a filha tinha um nome derivado de Cristo, ele arrancou alegremente uma promessa de Helen de que ele escolheria o nome da próxima criança.

Helen e Samuel

Posteriormente naquele ano, Samuel afagou a coxa de Helen e brincou: “Agora vamos tentar trazer o Messias”.

Helen e Samuel (cont.)

Eles brigavam às segundas e quintas-feiras. Até que Samuel disse: “Quando Christine tiver idade suficiente para decifrar as pistas escritas neste papel, mande ela até mim e eu lhe revelarei o segredo de seu nascimento”. Ele entregou o papel a Helen, acrescentando muitas instruções *farchadat* que não vêm ao caso aqui. “Ainda espero ver vocês de vez em quando”, ele disse.

“Já vai tarde, seu *shmendrick*”, disse Helen.

Samuel saiu para ensaiar, na aula de teatro, uma cena em que interpretaria Egeu.

Helen vai para casa

Após a separação, mas antes do divórcio, Helen voltou para a Filadélfia. Estava grávida novamente. Na plenitude do tempo, nasceu um filho, em circunstâncias nem mais nem menos incomuns do que as que acompanharam o advento de Christine. Samuel enviou a Helen um telegrama de uma palavra: “MOISHE”. Ele achava engraçado chamar um garoto negro de Moische. Era o nome na certidão de nascimento, mas todos chamavam a criança de Jimmie C., em homenagem ao avô

materno e, sem querer, ao avô paterno (James = Jacob).

Uma espiada em Jacob

Jacob morava no Upper West Side de Nova York. A primeira coisa que se notava sobre ele era que seus incisivos centrais superiores não se alinhavam com o centro do rosto. Uma linha traçada no intervalo entre os dois dentes cortaria não o septo, mas sua narina esquerda. Isso dava a impressão de que seu rosto estava descentralizado ou de que os dentes postigos não se encaixavam completamente nas gengivas. Só que eram dentes dele mesmo. Se fossem falsos, ele teria mandado fazer um conjunto melhor. Durante toda a vida, todo mundo o deixava *meshugge* inclinando a cabeça para um lado e para o outro sempre que falava com ele. Isto é, todos menos sua Frieda, que descansa em paz, cujo pescoço e, conseqüentemente, a cabeça viviam permanentemente inclinados sobre os ombros desde que seu tio Yussel, *klutz*, errou a mão ao brincar de jogá-la para o alto quando ela tinha seis meses.

“Mais um ano, mais um *yahrzeit*”, suspirou. “Dois anos já se passaram e ainda não consigo entrar no quarto da minha Frieda. Lá estão todas as plantas dela. Ela adorava plantas.” Ele gesticulou debilmente para a vizinha, Pinsky, do apartamento 5-E. “Pinsky, ela conversava com as plantas, como posso te explicar? Como se estivesse em uma *shmooze* com as amigas.” E chorou mais uma vez ao pensar na devoção de sua esposa por suas folhagens.

Uma hora depois, Bessie, a faxineira, entrou para fazer suas tarefas diárias. Ela decidiu cuidar primeiro das plantas da falecida, antes que seus calos comesçassem a latejar (“Senta — *pá!* — antes que — *plaf, plaf!* — você caia — *pá!* E eu lá — *puf, pá!* — te trataria assim? — *pá, puf, plaf?*”). “Misericórdia, aquela mulher tinha é planta”, disse enquanto pegava seu espanador e abria a porta para uma das maiores coleções de plantas de plástico da América.

O cubo e o pontinho

Comida

O sotaque sulista de Louise Clark era espesso como canjica. Ninguém mais no lado da família que era da Filadélfia tinha aquele sotaque. Sua mãe e seu pai abandonaram os seus assim que cruzaram a fronteira do estado da Pensilvânia. O marido poderia ter sido um locutor do canal WCAU se eles contratassem crianças de dez anos quando ele estava crescendo. Embora tudo em torno dela tivesse a sonoridade neutra da Costa Leste, por que Louise insistia em soar como uma boca-de-mingau? Um motivo: quase sempre sua boca estava mesmo cheia de mingau ou algum outro comestível raro ou comum à humanidade.

Certa vez, Louise foi desafiada a dizer uma comida de que não gostava. Ela fez uma pausa para pensar. Essa pausa estava agora em seu décimo quinto ano. Durante esse tempo, falou de outras coisas, viveu sua vida, prestou atenção ao que estava acontecendo, aparentemente; mas durante todo aquele tempo — cozinhando em banho-maria, por assim dizer —, ela tentou trazer à tona o tipo de comida que uma vez provara no velório do primo do marido da segunda filha de Ida Ledbetter, depois que a mãe do primo do marido da segunda filha de Ida Ledbetter desmaiou depois de servir a salada de batata. Ela bateria as botas sem dar um nome para aquela comida, que não era comida nenhuma, mas uma frigideira cheia de sabão em pó. A razão para ter sabão em pó na frigideira está além do escopo desta obra, mas quando Louise passou pelo fogão, ela pegou um bocado com a mão para provar. Sua opinião foi de que, independentemente do que fosse aquilo, alguém tinha pesado um pouco a mão no sal. Assim, aquela não foi realmente sua primeira opinião anticomida, mas sim seu primeiro (e único) veredito *antitempero*, uma importante subcategoria.

Ela sempre observava com perfeita incompreensão aquela gente fresca que dizia que o molho de espaguete de fulana era muito picante, que os legumes eram insossos, as batatas-doces, muito pegajosas. Para Louise, nada de comer era azedo, salgado, doce ou amargo demais, bem ou malpassado demais, quente ou frio demais. Qualquer coisa que pudesse ser enquadrada na categoria geral de “comida” estava isenta de

críticas e era dotada de todos os atributos de prazer. Consequentemente, qualquer coisa de que Louise gostasse era comparada, de uma forma ou de outra, com comida. Uma tradução livre do que ela disse na noite de núpcias depois que James entrou em cena poderia ser: “Quanto mais preta a fruta, mais doce o suco”.

Nota sobre o jeito de falar de Louise

De vez em quando, os diálogos dela serão exibidos em inglês comum, coisa que Louise não fala. Fazer plena justiça à sua forma de falar exigiria uma escadaria de notas de rodapé e glosas, uma abundância de apóstrofos (aférese, hiférese, apócope) e um dicionário de grafias fonéticas Louisês/inglês. Um meio-termo foi alcançado. Já que Louise consegue fazer milagres de compressão através de sínopes, nada mais justo que partilhar algumas dessas condensações com quem lê. No entanto, a substituição de um apóstrofo para cada G perdido, R sumido e T ausente seria o equivalente a um *tic douloureux* dos tipos móveis. Para evitar isso, algumas frases em Louisês foram disfarçadas para serem indistinguíveis do inglês. Em outros casos, guias de pronúncia e/ou grafias variantes são fornecidos entre parênteses sempre que absolutamente necessário, para preservar o sabor e a integridade do Louisês ou, antiteticamente, são fornecidas traduções para as palavras, frases ou sentenças remanescentes do inglês que sobrevivem à sua bocatruidora.

Voltando à comida

Felizmente para sua família, que não compartilhava de seu paladar universal, Louise era uma cozinheira de mão-cheia, adepta de inúmeras cozinhas étnicas e internacionais, com seu genial *saucisson-en-croûte* sobrevivendo até mesmo às suas tentativas de pronunciá-lo ao colocá-lo na mesa da sala de jantar, no devido momento, ao lado de suas *pommes de terre Savoyard* cobertas de manteiga, seu bravo pudim de milho, a irretocável carne ao curry, o *hopping john* de aplaudir de pé, a *paella auto-da-fé*, seu operístico *vitello tonnato* e as inspiradoras buchadas de porco.

Uma das memórias mais antigas de Helen era estar sentada no colo da mãe e ser encorajada a “exprementa esse tornado Bernice ‘qui’” (experimente este *tournedos Béarnaise* aqui) enquanto ela olhava por cima do ombro da mãe para comparar o rosto surpreendentemente branco de Louise com o retrato de seu avô, o tipo mais número 1 que

jamais existiu. O retrato estava pendurado em uma moldura oval na sala de jantar. O avô de Helen era descendente de uma empreendedora africana que migrara para Nova York em 1869 e que participara da tentativa um tanto infeliz de dominar o mercado de ouro (a “Black Friday” foi chamada assim por causa dela) e de um corneteiro de Richmond que virou a casaca durante a Guerra Civil e perambulou pelas noites do Bronx até sentir que era seguro voltar para a Virginia. Dizia-se que sua avó era meio cherokee e meio francesa — daí a influência da culinária francesa na família, sendo que a receita mais antiga, dessas transmitidas de geração em geração, era um prato providencial chamado *suprême* de coelho-em-fuga, em homenagem às guerras franco-indígenas. A última piada que James Clark ouviu antes de sua imobilização foi a brincadeira um tanto sem graça de sua filha: “Pense só. Papai, agora posso me chamar de Hélène Raio-de-Sol Schwartz”.

Mais sobre Louise

Louise ficou grisalha aos trinta e dois tentando entender o que o marido e a filha estavam dizendo quando falavam daquele jeito besta que eles às vezes falavam. (“Você está descarrilhando minha *kop* com essa falação, Honeychile”, dizia o pai. “*Kvetch, kvetch*”, respondia a filha, entredentes.) Ela tinha o cabelo “bom” tingido de ruivo, uma cor e uma textura que nunca deixava de comparar favoravelmente com os cachos pretos sem graça das vizinhas, esperando sua vez enquanto a cabeleireira alisava as madeixas crespas delas com o pente quente (ou “penx quenx”, como Louise pronunciava, com o X de “xana”). “Eu agradeço, Pai”, ela rezava, “por me dá cabelo branco, mas agradeço *mesmo* é por ensinar essa gente, assim não tenho que ficar com ele. Eu ia parecer uma vêia coroca andando por aí c’a cabeça branca, tão jovem assim.”

Louise falava generalidades que exigiam que os ouvintes preenchessem o quem, o quê, o onde, o quando, o porquê e o como. Ela raramente se dava ao trabalho de lembrar nomes (“Ó lá a sra. Como-chama mais a filha”), ou fazia duas ou três tentativas de capturá-los antes do bote (“Oi, oi, Jenkins... quero dizer, Mabel... digo, *George!*”), ou substituíva nomes que se aproximavam (como o “Jolly” em “Vai no mercadim e me traz um daquele Jolly”, querendo dizer o detergente de louça Joy). Ela era imprecisa sobre o tempo. Nunca dizia a hora ou o minuto exato. Era sempre “e meia”, “quinze pra” ou “e quinze”. Assim, qualquer hora entre 15h01 e 15h24 era apenas “e quinze”. Ninguém sabia

de quem ela havia expropriado as expressões sulistas que temperavam sua fala. Quando Helen era novinha, Louise lhe dizia que, enquanto ela tivesse dois buracos no nariz, iria “cair dura” se um dia chegasse a entender “por que a nêga” da sua filha era tão desleixada, que o cabelo dela parecia “uma bola de feno”, o quarto era um “ninho do fi’ do capeta”, que ela não tinha bom senso, que agia às vezes como um “cão reivoso”, era uma “herege” pois se recusava a ir à igreja batista do Calvário e, quanto às suas ações do dia a dia, bem, todos sabiam que “Deus não gosta de feúra”.

Em seus anos mais avançados e corpulentos, Louise gostava de se sentar na varanda da frente balançando em sua cadeira de balanço ou suspensa no sofá suspenso. Ela se sentava e balançava e deslizava e julgava. Sobre uma mulher vestindo uma escandalosa estampa floral: “Olha essa ali passano. Parece um desses bolo de festa. Puxou o gosto da família pra procriar”. Sobre um próspero dentista: “Dinheiro tem, mas Deus sabe que aquele ali *é fei demais!*”. Ela cobria o rosto. De vez em quando, abria os dedos, espiava o dr. Bruce, estremecia e fechava os dedos novamente, balançando, balançando.

Louise tinha muita sorte. Esqueça as probabilidades de acertar na loto; ela acertava praticamente por vontade própria. Dois de seus números regulares eram o 595 (antigo favorito de seu irmão Herbert) e o 830 (que Helen lhe deu quando era apenas um bebê e balbuciava qualquer coisa que lhe viesse à cabeça), que pareciam sair todo mês de agosto.

A imobilização de James

Depois que James foi afligido, sempre que Louise queria uma dica sobre um número, primeiro ela ajustava a bolsinha de assa-fétida que havia colocado no pescoço dele. (A assa-fétida encabeçava sua lista de panaceias. As outras pareciam ingredientes de uma receita/cura do tipo você-é-o-que-você-come para uma criança constipada e doente com raquitismo e resfriado: emplastros de mostarda, sais de Epsom, óleo de fígado de bacalhau, óleo de rícino, chá de cambraia). Em seguida ela apontava para os números que havia escrito de manhã depois de consultar seu livro dos sonhos. Quando o marido sorria como um “gato Chessy” (o Gato de Cheshire), ela jogava naquele número — fazia uma fezinha, para ir no mais seguro. Logo no dia seguinte à paralisia de James, ela jogou no 421, o número da paralisia, e ganhou trezentos dólares.

O que ela não sabia era que James não estava paralisado. Quando Honeychile deu a notícia sobre Samuel e chamou a si mesma de Hélène Raio-de-Sol Schwartz, ela também rompeu um vaso sanguíneo no cérebro de seu pai. A aflição de James era um caso grave de amnésia retrógrada. Como Louise diria, ele se lembrava do passado como se fosse ontem, mas não conseguia reter o presente por mais que alguns segundos de cada vez. Começava a se levantar, por exemplo, e aí esquecia o que estava fazendo antes de se mover perceptivelmente. Poderia ter falado, mas simplesmente não tentava.

Por anos, Louise requisitou toda e qualquer ajuda que pudesse obter de transeuntes, vizinhos, parentes e amigos para ajudá-la a carregar James até o quintal para se exercitar e tomar banho de mangueira. O exercício consistia em empurrar a cabeça dele na direção dos joelhos e esticar as pernas diante do corpo, mas ele sempre retornava ao padrão de meia-suástica. As roupas de James mofaram nos primeiros meses e sempre havia o perigo de ele pegar um resfriado depois da mangueira. Louise resolveu esse problema fazendo para ele uma coleção de ponchos estilosos (diferentes materiais, padrões e cores para mudar com as estações), que ela podia tirar e colocar sempre que tinha que passar pela mangueira. O irmão de Louise, Herbert, inventou uma engenhoca de jarra-e-balde para os dejetos de James, e ela mesma o alimentava com suas últimas receitas. Segundo as leituras das contrações faciais dele, a vitela recheada com mousse de presunto superava por pouco o *bobotie* de cordeiro como seu prato favorito pós-aflição.

Para Louise, um sorriso jamesiano significava “sim”, e ela consultava o marido sobre todos os assuntos domésticos. Ela não estava tão errada, já que James sorria apenas quando lhe ocorria uma lembrança particularmente agradável do passado ou quando pensava em uma nova maneira de passar a perna em judeus. Claro, ele não sabia que estava inventando os mesmos trambiques repetidamente e que os esquecia antes de ter tempo de se levantar e colocar o golpe em movimento. Um de seus esquemas, no qual ele pensava toda vez que Louise lhe pedia uma dica de número para apostar, era reformular, de alguma maneira, os livros dos sonhos e empurrar o produto a judeus ignorantes como se fosse gematria. “Você sonhou com uma visita de sua prima Sarah?”, o livreto diria. “Vá até SARAH na lista de nomes no final deste livro de numerologia. O número ao lado do nome é G 18-6, que significa Gênesis 18,6. Esse versículo dos Cinco Livros orienta a ‘Amassar depressa três medidas de flor de farinha, e fazer bolos’. Se você fizer como indicado, não vai acreditar em tamanha *mazel*! Se por algum motivo você não puder fazer o que o versículo indica, encontre outras

passagens neste livro que tenham o n. 18-6 ou 1-86. Procure por pistas ocultas que dirão como será a visita de Sarah. Veja também VISITA.”

Em seguida, sua mente geralmente saltava para formas de tirar vantagem de crianças judias. Por que parar nos pais? Ele pensava imediatamente nas ieshivas locais. Será que havia uma maneira de convencê-las da necessidade de ter uma publicação tipo conheça-sua-oposição sobre Jesus como figura histórica, usando materiais que ele, claro, lhes forneceria? Que tal um pouco de *bobbe-myseh* sobre o dia a dia de Jesus, uma venda casada talvez com alguns brinquedos e jogos fajutos? Quanto ao valor educacional — hurra! Ele imaginava uma série de *quizzes* de respostas simples para serem usados no final da leitura. Quando os *bonditts* da ieshiva terminassem de responder os testes, já teriam uma ou duas coisinhas para dizer aos *goyim* sobre o Nazareno. “Você sabe em qual versículo do Novo Testamento Jesus faz um trocadilho?”, perguntariam os pequenos sabichões. “Vou dar uma pista — o nome Pedro significa ‘pedra’. Desiste? Nhé-nhé, Mateus 16,18!”. Ou se aproximariam sorratoriamente de um gentio para sussurrar: “Ninguém sabe o que Jesus fez na quarta-feira antes de morrer”. Vinte anos depois, um historiador de arte judeu deveria a James esta revelação: “Os mosaicos bizantinos, as primeiras representações de Jesus, um dia provarão que não são apenas uma técnica de arte, mas uma reprodução precisa das ranhuras no rosto [de Cristo]”. James não lembrava, claro, mas todos os dias ele inventava o mesmo *quiz*:

JESUS O CARPINTEIRO

O objetivo deste *quiz* é descobrir o que você sabe sobre Jesus como trabalhador comum. Ele fazia um bom trabalho? [Para o livro do professor, James planejava acrescentar sua piada de educador para aquele dia: “Jesus sabia a diferença entre seu enxó e um cotovelo?”.] Faça de conta que você é um cidadão da antiga Galileia e responda às seguintes perguntas:

1. Como você classificaria Jesus de modo geral em seu trabalho?
() Um *balmalocha* () Bom () Regular () Enfia os pés pelas mãos
2. Ele é muito demorado?
() Sim () Não () Às vezes
3. Seus preços no momento são:
() Altos () Médios () Uma pechincha
4. Ele tem bons hábitos de trabalho?
() Sim () Não () Não sei dizer
5. Ele é bom em judiar [nota mental de James: “Mudar esse

termo no texto final”] dos fornecedores para conseguir um desconto?

☐ Sim ☐ Não

6. Na limpeza após um serviço, como você o avalia em uma escala de 1 a 10, na qual 1 = Você poderia comer do chão e 10 = Muito sujo?

Insira o número aqui: _____

7. Ele é rápido com orçamentos?

☐ Sim ☐ Não

8. Você o contrataria novamente?

☐ Sim ☐ Não

James, uma memória

James sorria. Estava pensando agora em sua infância. Sua lembrança mais antiga era do dia em que a família dele e os Butler deixaram a vila de Gladstone e rumaram para o norte. O idiota da vila acenou para eles e abriu seu sorriso meigo, porém estúpido. Os pais do pequeno James nunca se cansavam de falar sobre as aventuras em Gladstone.

Gladstone era abençoada não apenas com um idiota da vila, mas também com um estúpido da vila e um imbecil da vila. Eles eram irmãos. Todos os dias, iam para o trabalho no parque da vila. O povo de Gladstone achava que era bom que os três meninos trabalhassem ao ar livre. O ar fresco lhes faria bem. Quando o tempo estava ruim, o estúpido da vila, com sua inteligência superior (53 de QI), podia ser visto pastoreando os irmãos e colegas menos favorecidos para tirá-los da chuva e levá-los até o toldo que a vila havia construído para eles com a venda das fritadas de peixe na feira do censo trimestral.

Os gladstonitas gostavam de ver o que — ou melhor, quem — havia de novidade a cada nove meses. A fritada de peixe era uma parte importante dessa contagem de cabeças, uma vez que era o campo de testes para determinar qual proporção de qual tipo de peixe daria o maior impulso à curva de fertilidade de Gladstone. Alguns gladstonitas achavam que a questão já estava resolvida, que uma proporção de 3:1 de ciobas e manjubinhas já tinha dado provas suficientes de seu poder no verão de 1906. Outros apostavam numa mistura de 5:4:3½ de cavala, bacalhau e robalo rajado ou — seis de um, meia dúzia do outro — uma mistura de 8:7 de manjubinhas e bagres, destacando o fato de que os métodos de recenseamento em 1906 eram um pouco aleatórios e que os anos de *suas* composições, 1907 e 1908, ficaram apenas um ponto abaixo

do número máximo. Essas últimas facções, opostas ao bloco ciobamanjubinha, podiam falar o quanto quisessem, mas não podiam discutir com o livro de registro. Era infantil negar o papel que aquela fórmula havia desempenhado no Baby Boom de Zero-Seis.

Por volta de 1919, a população total de Gladstone — sem contar os Butler e os Clark, que estavam partindo e que, tecnicamente, viviam nos arredores daquela vila restrita e segregada, mas contando os três cães da vila — era de doze. As nove pessoas incluíam Josh e Lettie Jones, que eram os pais e vizinhos de porta de Jed Jones e sua irmã-esposa Maybelle, que eram os pais e vizinhos de porta de Jody Jones e sua irmã-esposa Lulu, que foram os responsáveis pelo Baby Boom de Zero-Seis e também os minibooms de 1907 e 1908. Foram Jody e Lulu que, em 1906, produziram os gêmeos Clyde e Claude, que eram, respectivamente, o imbecil e o idiota da vila. Em 1907, nasceu Clarence I, mas ele sucumbiu ao crupe aos três meses. Em 1908, nasceu Clarence II, o orgulho e a alegria da família Jones. Embora ele fosse o mais jovem, a habilidade natural de Clarence II logo se evidenciou. Desde amarrar os sapatos a olhar para o nada, ele era mais hábil aos nove anos do que Clyde ou Claude jamais seriam.

Clarence II levava os irmãos mais velhos ao parque todas as manhãs, colocava os dois sentados em seus lugares no meio da grama, certificava-se de que todos estavam com os materiais e se acomodava ao lado de Clyde. Os irmãos faziam mocassins, na velocidade de meio por dia. Eles só faziam um tamanho (36, feminino) e só o pé esquerdo. Lulu, mãe-tia deles, desfazia aquela produção todos os dias, embora isso os mantivesse longe das ruas. A princípio, pensaram que Claude, o idiota, atrasaria os outros em qualquer empreitada conjunta, já que tudo que ele conseguia fazer bem era babar. Mas babar acabou virando um aspecto importante da produção de mocassins. Enquanto Clyde e Clarence II olhavam para o nada esperando a linha de produção ganhar impulso, Claude começava a mastigar e babar no pedaço de couro que Lulu colocava em sua boca a caminho do parque todas as manhãs. Esse processo de babar-mastigar amolecia o couro, que ficava duro e rígido depois de secar da mastigação babada do dia anterior, de modo que o irmão gêmeo de Claude podia dobrá-lo e vincá-lo mais facilmente em quatro lugares e entregá-lo a Clarence II, que costurava através dos buracos que sua mãe-tia furava previamente para ele, totalmente absorto enquanto inseria e puxava a fita de couro amarrada ao pequeno bastão.

No momento em que Clarence II chegava à metade da costura, o relógio na torre da igreja, se um dia tivesse havido uma igreja com uma torre e um relógio, teria batido as três horas. Na verdade, a única

maneira de saber que eram três horas era quando o bêbado da cidade, Jed Jones, avô e tio-avô dos meninos Jones, chegava cambaleando na direção da única árvore do parque da vila, circulava confuso ao redor da pequena planta de dois anos e, pensando que estava perdido no mato, começava a soluçar incontrolavelmente. Nesse ponto, todos os Jones da vila paravam o que quer que estivessem fazendo, olhavam para cima e diziam: “Jed está perdido. Devem ser quase três horas”. Para Lulu, era hora de ir buscar os três filhos-sobrinhos-artesãos.

James já tinha ouvido aquela história sobre Gladstone e os meninos Jones pelo menos umas mil vezes. E era no mínimo com essa frequência que ele se perguntava o que havia acontecido com o bloco ciobamanjubinha. E o pessoal do bloco cavala-bacalhau-robalo — seus favoritos —, e quanto a eles? Não importa. Ele nunca esqueceria o breve e incoerente aceno e o sorriso de Claude quando os Butler e os Clark deixaram a cidade. As pessoas de fora, insensíveis às nuances, muitas vezes atribuíam mais inteligência ao sorriso de Claude do que ele merecia segundo a escala Stanford-Binet. “Olha aquele estúpido sorrindo”, saiu de uma carroça cheia de caipiras uma vez enquanto passava rangendo e sacudindo pelo parque da vila. Mas não havia dúvidas de que aquele descendente da aristocracia da Virginia tinha o sorriso da família. Corria o boato de que Claude e seus irmãos eram parentes de ambos os lados — ou seja, de um só —, dos Randolph. Pensando no pequeno Claude, James reproduzia diariamente o sorriso patricio daquele representante das Primeiras Famílias da Virginia.

Como a aflição de James afetou Helen

“Eu tenho *eppes* ideia de como sustentar meus filhos”, Helen disse quando se sentou para avaliar sua situação após o rompimento com Samuel. “Por quanto tempo poderemos continuar vivendo com os rendimentos dos guias do papai? Vai ser um *averah* se eu não conseguir levantar o traseiro da cadeira e ter uma ideia para fazer um *gelt* pesado.” Terminado o monólogo, listou seus talentos em um pedaço de papel:

1. Mímica
2. Fazer equações de cabeça
3. Cantar
4. Tocar piano

Até onde sabia, não havia grande demanda para imitadoras negras. (“E

agora, minha imitação de James Cagney mostrando a Mae West como dançar o *buck-and-wing*.” Cagney: *Tappety-tap, tappety-tap*. Mae West: *Humpety-hump, humpety-hump*. Cagney: “Sua... sua tratante — eu disse *buck-and-wing*!”.) Quanto às equações de cabeça, Helen se recusava a comercializá-las. Operar com os números 3 e 4 tinha todos os prós e contras do clichê, mas ela escolheu o número 4.

Quando começou a praticar, a equação de cabeça foi:

$$88PB = \infty D + E$$

onde

P = teclas pretas (ou a loucura de Helen), em lembretes

B = teclas brancas (ou a cabeça de Samuel), em pancadas

D = dinheiro, dólares

E = estrada, anos

Cartas helênicas

As primeiras cartas

Quando Christine tinha um ano de idade e Jimmie C. era um bebê, Helen começou a mandar cartas, que Louise lia para os dois. Elas sempre diziam a mesma coisa:

Chicago [ou onde quer que fosse]

Queridos Filhos,

Mamãe sente sua falta e manda amor ∞ a vocês.

Louise às vezes lia “amor ∞” como “amor do oito deitado” e às vezes como “amor rabisco”, até que Helen, em casa em uma de suas raras visitas, a corrigiu. Então Louise começou a ler como “amor infantilino”, pensando que era um termo especial para bebês.

As crianças não davam nenhuma atenção às cartas de Helen.

Quando Christine tinha três anos e Jimmie C. tinha dois, as cartas de Helen diziam:

Pittsburgh [ou onde quer que fosse]

Mamãe daria qualquer coisa para ficar em casa e cuidar dos preciosos bebês dela.

Um dia, Christine ergueu os olhos de seu livro de colorir (uma cópia que sobrara do best-seller de seu avô, *Esaú se barbeia*) e arrancou a carta da mão da avó. Louise deixou a criança brincar com a carta e foi para a cozinha preparar *sop buntut Djakarta*. Christine encarou a carta por algum tempo e depois, selecionando cuidadosamente seus lápis de cera (um enorme conjunto que ostentava cores exóticas como vermelho, verde e azul, bem como cores básicas como malva, púrpura, amarelo-limão e orégano), compôs uma resposta:

ᄀᄀᄀᄀᄀᄀ

ᄀᄀᄀᄀᄀᄀ ᄀᄀᄀᄀ ᄀᄀᄀᄀ ᄀᄀᄀᄀᄀᄀ

Helen fez uma careta azeda de agradecimento quando recebeu a carta da filha. Respondeu que a escrita espelhada intencional saíra de moda ainda com Leonardo, e começou a enviar cartas às crianças sobre sua própria

infância, notável por seu isso-ou-aquilo helênico.

Trechos selecionados das cartas de Helen aos filhos: os primeiros doze anos

Mineápolis

Jardim de infância! O cheiro de pintura a dedo na Escola Fundamental George Brooks: gesso úmido azedando. Todas as tardes, às duas, ingeríamos uma caixa de leite morno como xixi e três biscoitos integrais. Todas as tardes, catorze minutos depois das duas, Roselle Morgan cuspiam pro alto. Deixávamos um grande espaço ao redor dela e íamos dormir em nossos tapetinhos de retalhos, os narizinhos mexendo como coelhos, nossas tenras narinas limpas.

Des Moines

Meu primeiro namorado foi um *nayfish* chamado Roger. Eu me sentava ao lado dele na turma de primeira série da srta. Barton. Um dia, Roger me disse: “Malvina é minha namorada. Eu gosto da Malvina”. Olhei para Malvina, a aluna de primeira série mais bonita da América. “Francamente, não sei o que você vê nela”, menti. “Por que não gosta de mim em vez dela?” “Tudo bem”, ele concordou, e eu o levei para casa comigo para almoçar. Se lembro bem, Louise fez coq au vin naquele dia. Roger pediu um sanduíche de manteiga de amendoim, que mergulhou naquele molho divino. Um *chaloshes!* No dia seguinte, eu o larguei no recreio e o devolvi a Malvina.

Boston

PERÍODO: Segunda Guerra Mundial. LOCAL: Sala da sra. Dannenbaum, Escola Secundária Shoemaker. Quando a cena abre, os estudantes estão entoando canções patrióticas.

“Somos as abelhinhas da Marinha. Sabemos construir e sabemos lutar!”

“... Ah, nada pode parar a Força Aérea — exceto as abelhinhas.”

O marido da sra. Dannenbaum era uma abelhinha.

San Francisco

TV? Blé! Na minha época tínhamos O CINEMA! Em nosso antigo bairro no Oeste da Filadélfia, tínhamos o Cross Keys, o Nixon, o State, o Belmont, o Mayfair e — o mais empestado de todos — o bom e velho Haverford, carinhosamente conhecido como Espelunca. No Espelunca,

a gente comia até pensar que ia *plotz*. Será que ainda fazem Grade A's, Baby Ruth, Payday, Milk Duds, Rally, Hershey's (com e sem amêndoas), Butterfinger, Tootsie Rolls, Jujyfruits, Mr. Goodbar, Oh Henry!, Raisinets, Good and Plenty, Dots, milk-shake, Sno-Caps, Goobers, Chuckles, Hershey's Kisses, Crunch da Nestlé e Peanut Chews da Goldenberg? Mounds, Almond Joy, sementes de girassol, pipoca doce, confeitos, doce-na-taça-de-lata-com-a-colherzinha-de-lata, bombom de melaço? E quanto às maçãs-do-amor, as bocas falsas de doce, os picolés com crocante, o bolo de sorvete?

Por onze centavos, podíamos ver dois filmes, cinco desenhos animados, um seriado e uma corrida. Tínhamos caubóis como "Wild Bill" Elliott, Johnny Mack Brown, Bob Steele, Don "Red" Barry, Tim McCoy, Tim Holt. Não consigo me identificar com uma geração que pensa que o verdadeiro Tarzan é Gordon Scott. *Nós* tivemos o único Tarzan de verdade — Johnny Weissmuller — e Jane, Chita e Menino. (Os caras no fundo que dublavam "uga-buga" eram músicos de jazz que não tinham conseguido emplacar um show naquela semana.) Tivemos Maria Montez e Jon Hall, Sabu e Turhan Bey. Tivemos *O terror dos espiões*. Mas o melhor de tudo, tivemos *Os perigos de Nyoka*, conhecido pelas crianças do bairro, claro, como *Nhoca*.

Toda semana deixávamos Nyoka, a Rainha da Selva, e seu namorado Larry em uma *enrascada*, meu bem — eles com certeza iam morrer. Corríamos para o Lixão no sábado seguinte — e o episódio começava praticamente no meio do capítulo da semana anterior. Assim, só metade do novo episódio era realmente *nova*. Quanto à situação "impossível" — um *nebbech* teria desdenhado daquilo. Sempre acrescentavam algo que não tinha sido mostrado na semana anterior. Imagine que a velha Nyoka estivesse em uma sala com pontas de aço saindo das paredes. Imagine que a sala fosse ficando cada vez menor. Imagine que você *sabia* que ela estava prestes a virar peneira. Na semana seguinte, as pontas estariam mais ou menos à mesma distância que Camden, Nova Jersey, quando Larry, que deveria estar *em* Camden (ou por ali), entraria correndo, jogaria um chiclete no mecanismo — e faria as pontas pararem. A gente caía nessa toda semana.

Depois vinha a corrida — uma filmagem curta de uma *ridícula* corrida corta-mato, com muitos competidores de roupas bizarras e cara de doido trapaceando para abrir caminho até a linha de chegada. Quando você entrava no Lixão, recebia um bilhete com um número. Se o seu número correspondesse ao número da pessoa esquisitona que vencía a corrida, você ganhava um prêmio — uma bicicleta ou algo assim. Ninguém que eu conhecia ganhou alguma coisa. O filho do gerente do

cinema abriu uma loja de bicicletas em seu décimo quarto aniversário. Ele foi encontrado morto, com marcas de bicicleta, no dia seguinte ao seu décimo quarto aniversário.

Além dos herdeiros de Sherazade (Maria-Jon-Turhan-Sabu), tive outros dois ídolos do cinema ao longo dos anos: Jane Powell e Barbara Stanwyck (chore, Yma Sumac, diante da versatilidade de Helen Clark!). Eu me emocionava tanto assistindo a *Viva a juventude* quanto a *O tempo não apaga*; tanto com *Rica, bonita e solteira*, *O príncipe encantado*, *Transatlântico de luxo* e *Senhorita Inocência* como com *Pacto de sangue* e *A vida por um fio*. Nu, o que comove vocês, crianças? O Papa-Léguas e o Coiote!

Os-Wapshot-sobre-a-crônica, Massachusetts.
O que aconteceu com Toughie Brasuhn?

Baltimore
Será que a placa que eu via na rua Spruce ainda está lá? Ela dizia: ESCOLA DIURNA AMIGUINHOS. Sempre esperei que um bando de quakers anões saísse do prédio.

Denver
CENA: Sala de aula da Escola Secundária Overbrook. Brenda Schaeffer está contando a suas colegas, Arlene Melnick e Helen Clark, sobre seu fim de semana. Sobre como ela e a família foram convidadas para um jantar de sexta à noite na casa de um conhecido do trabalho de seu pai. Sobre como, naquela casa, uma velhinha com o olhar intenso de fanática estava acendendo velas. Como essa mesma coroa, quando acendia as velas, fazia isso também. (Ela demonstra para Arlene e Helen, movendo os braços em direção a si mesma, passando por cima da chama imaginária da vela imaginária.) “Que é que foi aquilo tudo?”, pergunta Brenda, filha do maior fabricante de pretzels de Wynnefield (era seu dever sagrado fornecer pretzels grátis em todas as festas do pijama das amigas). Arlene balança a cabeça como uma *shiksa* ignorante. Cabe a Helen, a *shvartze*, explicar àquelas *apikorsim* a tradição das velas de *shabbes*. “Ah”, responde Brenda, a curiosidade saciada, a religiosidade anulada, “achei que era algum jeito europeu estranho de esquentar as mãos.”

Cincinnati
MINHA PIOR TAREFA ESCOLAR: O sr. Storch, professor de inglês legalmente insano, disse à nossa turma que a gente deveria conhecer nossa cidade

mais intimamente. “Eu me voluntario para trepar com a rua Market”, sussurrou Joey Hershkowitz, palhaço da classe. Minha tarefa foi a seguinte: fazer um relatório em primeira mão sobre todas as estátuas do centro da cidade, de rio a rio, da Vine à Pine. Sim, ele quis mesmo dizer “primeira mão”. Sim, “rio a rio” se referia ao nosso amado Schuylkill e nosso renomado Delaware. Sim, a rua Vine não era exatamente colada à rua Pine. Sim, estávamos no auge do inverno. Sim, eu congelei minhas *kishkas*. Sim, o professor Storch provavelmente continua à solta no sistema escolar da Filadélfia.

Nova York

VANTAGENS QUE A FILADÉLFIA TEM SOBRE NOVA YORK: Fairmount Park (mais de quatro vezes maior e melhor que o Central Park). As casas coloniais do parque: a Mansão Strawberry, Lemon Hill, a Mansão Belmont. As cerejeiras choronas de George’s Hill, o teatro do parque, a délicatessen Robin Hood. Os sanduíches *hoagies* (mais de quatro vezes melhores que os *heroes*). Pão com bife (não se fazem aqui como em casa: tiras de carne finas como papel afogadas em cebolas grelhadas; opcional de queijo derretido; ketchup, outro opcional!). As pessoas que esperam você sair do metrô antes de tentar entrar. Fumar na plataforma do metrô. Sobrados. A Orquestra da Filadélfia. Pretzels de mostarda *com* mostarda (em Nova York — dá para acreditar? — eles vendem pretzels de mostarda *sem nada*). Carros de polícia vermelhos e brancos para que você possa gritar: “Cuidado, o diabo vermelho vem aí!”.

COISAS DA FILADÉLFIA DE QUE SINTO FALTA E QUE DESAPARECERAM HÁ TEMPOS: O parque de diversões Woodside. O cinema Mastbaum. O viaduto Muralha Chinesa. O aroma do rio Schuylkill (não há sopa no país que seja tão encorpada e tão saciante quanto a poção mágica que chamávamos de água). A ladainha rouca de um camelô denominado Jesus.

Detroit

Desde que me entendo por gente, temos dois cinzeiros. Um diz: *Honi soit qui mal y pense*. O outro é o meu favorito. Ele diz: *De robe flétrie/ nul ne souci*. O cinzeiro *flétrie* é de cerâmica marfim. Duas barras marrons em cada um dos cantos acentuam os quatro descansos para cigarros. Folhas vermelhas e verdes arredondadas brotam de cada um dos quatro lados da borda. A mensagem fica no fundo do cinzeiro; é pintada em duas linhas de caligrafia marrom. Outro ramo de folhas vermelhas e verdes arredondadas fica logo abaixo das palavras. Toquem nele, crianças, e pensem em mim.

UM EMPREGO QUE TIVE ANTES DE PEGAR A ESTRADA: Estou trabalhando em uma lavanderia. Uma cliente entra. Ela é enorme e forte. Aparenta estar sempre pronta para se ofender. Os olhos apertados de indignação, os lábios num beicinho carrancudo.

ELA (*com olho apertado e beicinho*): Cadê as minhas roupa? *Tão* aqui desde terça! (*Hoje é quarta.*)

EU (*apaziguando*): O alfaiate fará suas alterações assim que a fratura dele sarar, a esposa sair do hospital e o funeral do bebê passar.

ELA (*no padrão apertado/beiço*): Não me vem com desculpinha. Cês acha que sou burra. É melhor elas *tarem* aqui amanhã, duas-três hora. (*Ela se arrasta para fora.*)

A expressão em suas costas mostra que ela gosta de mim, senão eu estaria agora no chão com o nariz quebrado. Fecho a loja e atravesso a rua para pegar o bonde. Estou parada do outro lado da rua em frente à loja quando chega o sr. Johnson com uma enorme pilha de roupas sujas. Consigo sentir o cheiro de onde estou. Perco o equilíbrio e me agarro a um poste para me apoiar. O sr. Johnson parece desconcertado. A loja está obviamente fechada. Ele encara a porta. É claro, a ideia de se virar e voltar para casa, questão de cerca de cinco metros, não lhe ocorre naquela condição desorientada. Ah, não. Ele me vê. Um sorriso aliviado ilumina seu rosto. Eu olho para os trilhos do bonde. Vejo o bonde chegando, mas não consigo ouvi-lo. Enquanto isso, o sr. Johnson atravessa a rua correndo.

ELE: Oi.

EU: Oi.

ELE (*sorrindo*): Que bom que alcancei você.

EU: Ah, é?

ELE: Poderia me fazer um favor?

EU (*tentando me esquivar do fedor da pilha de shmatte que ele sacode debaixo do meu nariz*): O quê?

ELE: Pode registrar essas pra mim?

EU (*embasbacada*): Olha, sr. Johnson, a loja está fechada. Tive um dia difícil e estou ansiosa para chegar em casa e meu bonde está quase aí.

ELE (*considerando a razoabilidade da minha fala*): Entendo. Bem, não poderia apenas abrir a porta e jogar elas no chão? Eu não me importo. Estão sujas mesmo.

EU (*mentindo*): Se eu abrir a porta a qualquer hora entre agora e as oito da

manhã de amanhã, o alarme vai disparar.

ELE (*desapontado*): Ah. (*Então, a ideia brilhante!*) Espera aí. Por que você não leva isso pra casa e traz amanhã de manhã?

O bonde vem chacoalhando em nossa direção, o balanço metálico felizmente afogando minhas palavras quando digo ao sr. Johnson para onde ir, o que fazer e o que enfiar. Ele continua parado ali, ninando sua trouxa fedorenta, enquanto eu me recosto e o vejo ficando para trás até se tornar um ponto azul esfarrapado.

Davenport

Pensées d'Hélène: Eu achava que Rudy Vallee era uma abreviação de Rudolph Valentino. E é.

Mineápolis

EMPREGOS QUE TIVE (cont.): Certa vez fiz demonstração de pintura numerada em uma lojinha. Eu reunia um monte de gente ao meu redor e puxava o papel-cartão da Cena Silvestre Número 10 com seu quebra-cabeça de formas, todas numeradas. Fazia minha coreografia de ciborgue por cerca de três minutos, mostrando aos compradores como colocar carmesim-gengivite em todos os números 5 — nunca no 7 ou no 2. Aí, de repente, eu enlouquecia. Não conseguia ficar dentro das linhas. Meu azul-cego se desviava da seção 52-a-75 do céu inferior, onde era seu lugar, e começava a invadir o amarelo-cárie da tonalidade das nuvens de 45-a-48. Mas a gerência me encorajava. Só alertaram contra o desleixo, dizendo, formais: “O capricho conta, o capricho conta”.

Eu perdi a linha. Comecei a procurar artistas em potencial entre os velhos e as donas de casa que eram meus alunos. Eu os aconselhava a não perder tempo com essas tintas *shlock*, a economizar e comprar tintas a óleo ou aquarelas de verdade, ou até giz de cera. Mostrei a eles como misturar pigmentos, esticar telas, mantendo-me ligeiramente à frente deles estudando à noite. Para minha primeira aula na vida, convidei a mendiga cujo ponto habitual ficava a uns três metros de qualquer uma das portas duplas da Woolworth's para entrar e posar para nós. Cada um dos meus alunos lhe deu dez centavos. A soma total foi mais do que ela teria conseguido pedindo lá fora no frio. Em meio às primeiras tentativas desajeitadas daquilo que o crítico Bernard Mosher chamava de “desenho gestual”, fui demitida. “Não respeitem as linhas!”, consegui gritar por cima do ombro ao ser expulsa de lá.

Devido à minha vivência com pintura numerada (não me dei ao trabalho de mencionar que tinha sido demitida), eu tinha a formação e a

experiência perfeitas para o meu trabalho seguinte. Heshie Herschberg, *extraordinaire* dos vestidos por atacado, foi confrontado com um desastre digno de um pessimista. Um carregamento de cinco mil vestidos de algodão azul-celeste chegara com uma parte do céu faltando. Sem nenhuma resistência, cada um dos vestidos, cozinhando em seus sucos celestiais, se recusara a ser tingido. E lá estava — um alvo do tamanho de uma moeda de dez centavos que, se tivesse a chance, marcaria a aquilo-lá média tamanho G da compradora média tamanho G (o maior mercado para aquele corte básico, que você comprava em qualquer lugar).

Segundo a descrição de Heshie, este seria meu trabalho: “Escute bem, queridinha, este modelo em particular é meu ganha-pão. E, para mim, uma vida não é vida sem pão. Se, Deus me livre, eu não conseguir me livrar deste modelo como de costume, minha esposa Sadie nunca mais vai parar de falar que ‘aquela-Revka-do-fim-da-rua-que-tinha-que-cair-morta conseguiu ir pra Flórida e pegar um lindo bronzado e eu — que tenho um marido que é supostamente um figurão do mundo do vestuário, porém — não tenho nem pra virar a esquina’. Bom, essas peças vão passar por você a uma velocidade de, digamos, uma a cada cinco segundos, mas podemos ajustar — mais rápido, mais devagar, você decide. Eu quero que você vá lavar bem as mãos. Quero que pessoas andando na rua e que nunca viram você antes na vida parem um minuto para comentar que nunca viram mãos tão limpas assim em ninguém, exceto talvez num cirurgião quando veste as luvas de borracha, e, na verdade, quando viram o cirurgião, estavam com um monte de anestesia e *dreck* na cabeça, as mãos dele pareciam bem borradas, mas se tivessem que apostar, diriam que as suas estavam mais limpas. Com essas mãos muito, muito limpas, quero que você pegue delicadamente cada um desses tamanhos G aqui, traga eles com ternura pra perto de você e, em seguida, com estas canetinhas n. 2 que meu irmão Morris, que siga vivo e bem, achou boa ideia me fornecer com um desconto especial, com estas canetinhas n. 2, você deve preencher, com um rabisco, aquele pontinho branco do tamanho de uma moeda logo abaixo de onde o *pupik* deve ficar. Sam Spade — perdão —, com uma máquina de raio X, tem que olhar pra este vestido e não ver bordas escuras onde a canetinha passou por cima da parte que já era azul. Ele não pode ver sequer um pequeno indício, um pequeno suspiro, um pequeno zéfiro de alguma mancha branca que sobrou onde a canetinha n. 2 errou, que Deus nos livre. Consegui transmitir a importância desta tarefa? Sim? Bom, então pode começar. Vou ficar aqui até ver que você pegou o jeito, a manha, a *arte* disso. Bom, bom. Eu sabia que você era a

peessoa certa para o trabalho quando vi você entrando. Volto em uma hora para verificar seu progresso. Imagino que com muito trabalho e esforço constante, você conseguirá me dizer às seis horas em ponto, pouco antes de eu estar pronto para trancar as portas e voltar para casa e para Sadie, aquela *nudzh*: ‘Sr. Herschberg, tenho a honra de informar que terminei minha tarefa e o tamanho G está, graças a Deus, pronto para envio’”.

Bem, crianças, o resultado foi que saí de lá vesga. Antes mesmo de caminhar um metro, já tive que resistir ao impulso de colorir manchas diante dos meus olhos. Isso passou depois de um ou dois quarteirões, mas agora, se vejo uma mancha branca em um cachorro, tenho vontade de preenchê-la.

Eu vi Sadie Herschberg quando estava saindo. Ela era tão gorda que podia usar um sutiã nos joelhos — mais ou menos um 46. O que quero dizer é que ela era gorda em 360 *graus*. O próprio Herschberg era um pau de virar tripa — um *loksh*. Quando desceram a rua juntos, um saltitando, a outra se arrastando, eles pareciam um número 10 manco, ou talvez um 01, dependendo.

Newark

Há alguns minutos, eu estava ouvindo o noticiário da TV local, e o âncora disse algo como: “Fred Jones, de Rahway, Nova Jersey, foi indiciado por mamar trinta e três mil dólares de uma empresa de carne kosher falida”. *Milchig e fleischig!* Um *frosk in pisk* para Fred.

Happiness, Montana

O que estou fazendo em Montana? O que estou fazendo em uma cidade chamada Happiness? Nada. Por isso, faço ligações interurbanas para os departamentos de circulação da *New York Review of Books*, da *Partisan Review* e da *Commentary*. Eu digo: “Olá, [nome da revista]? Aqui é a srta. Cream da central de envios em Iowa [todas as centrais de envio ficam em Iowa]. Poderia me passar a lista de assinantes em Happiness, Montana? Nosso computador está com problema e estamos confirmando nossos registros”. Há uma pequena espera e olho pela janela para as montanhas periodônticas enquanto Nova York verifica seus registros. Nova York volta à linha com uma lista de dois nomes. Em todos os casos são os mesmos dois nomes.

Então ligo para o jornal local, o *Happiness Chronicle*, e falo com o editor-publicista-repórter-diagramador. Eu digo: “Olá, *Chronicle*? Aqui é a revista *Life* ligando. Srta. Sweet falando. Estamos fazendo uma pesquisa sobre grupos étnicos e religiosos em Montana e queremos

incluir sua cidade na pesquisa. Sabemos que vocês estão por dentro das coisas por aí e, se você puder nos ajudar, ficaremos felizes em mencionar seu nome no artigo que estamos fazendo. Nossa pergunta tem duas partes: (a) Quantos membros da fé judaica existem em Happiness?; e (b) Como se chamam?”. O editor-publicista-repórter-diagramador diz: “Bem, sim, há um cara judeu por aqui — Mel Blankenstein. Ele é o único do tipo judeu nesta cidade. Um cara muito legal, aliás. Bem na dele. Ouvi dizer que o Joe Kerry lá do mercadinho faz uma grana vendendo queijo colonial para o Mel”. Então eu digo: “Muito obrigada por sua cooperação, senhor. Procure por seu nome e o nome do ótimo jornal que você produz nas páginas da revista *Life*”.

Desligo e comparo minha lista da *Partisan Review* — *New York Review* — *Commentary*. Sim, Mel Blankenstein, leitor das revistas acima mencionadas, é o mesmo Mel Blankenstein que é o sujeito legal que tem predileção por queijo caseiro. Mas — espera aí. Há outro nome na minha lista das revistas. E isso agora? Encaro o nome. É Leonard Birdsong III. Leonard (certamente Lenny) Birdsong (talvez Feigelzinger, ou o último nome seria apenas uma ficção inspirada nos WASP?). E III, é claro, significa apenas terceira geração na rua Rivington. Agora sei de uma coisa que ninguém mais sabe na cidade — nem mesmo Mel. Sei que Leonard Birdsong III é um criptojudeu. Meu Deus, e ele está conseguindo se fazer passar — o *geshmat*!

Olho para a lista telefônica de duas páginas e, sim, lá estão os dois, o judeu orgulhoso e o *meshumad*. Decido enviar um bilhete a Lenny antes de sair da cidade. Meu bilhete dirá: “Querido Lenny: pode vir na sexta à noite? Minha esposa vai preparar uma refeição para você como nos velhos tempos. Um peixinho *gefille*, uma porção de *chrain*, uma boa sopa quente, um bom frango. Quem sabe? Talvez até um *kugel*. Vamos lá, Lenny, chega de comprar *trayf* caseira no mercadinho do Kerry (embora o queijo colonial seja imbatível — importado de Nova York). É um *averah* que nós judeus não nos apoiemos, especialmente por aqui. Estou tão farto de ver *goyim*, eu poderia *plotz*! Esperamos que venha cedo. Abraços, Mel. P.S.: Se você gosta de pimenta, por favor, traga a sua. Não temos em casa. É uma coisa tão *goyische*, a pimenta, mas cada um sabe de si. M.B. P.P.S.: Traga este bilhete com você. Estou escrevendo minha autobiografia e peço a todos os meus amigos que guardem todos os convites, postais etc., que eu lhes envio. Poderia ter enviado uma cópia de carbono, mas acho muito mais agradável receber um original. Então traga-o de volta com você e eu o arquivarei em *F* de Feigelzinger. Você poderá consultá-lo sempre que desejar — se por acaso estiver escrevendo suas memórias também. M.B.”.

Sinto que realizei um verdadeiro *mitzvah* para Lenny; olho para o relógio e vejo que, se me apressar, tenho só o tempo de chegar ao cinema local para o evento cultural da temporada. Um Festival John Agar.

Animais de estimação, amiguinhos, pedagogos

Christine e Jimmie C.

Do lado judaico da família, Christine herdou os cabelos crespos e a pele escura e fina (ela era mais ou menos um 7 na escala de cores, e sensível). Do lado negro de sua família, herdou feições acentuadas, ritmo e pele fina (era sensível *mesmo*). Dois anos após o término deste livro, ela se tornaria a beleza ideal de lendas e folclores — determine a nacionalidade e especifique o grupo étnico. Independentemente do que suas lendas e seus folclores lhe trazem à mente em termos de beleza de rosto e forma, era *ela*, meu bem. Christine não foi uma criança comum. Ela nasceu em uma bolsa amniótica, que seus primeiros e vigorosos gritos rasgaram em pedaços. Além de sua precocidade na escrita espelhada, herdou o amor da mãe pelas palavras, por sua nuance e cadência, seu sumo e sua fibra, sua variedade e precisão, seu balanço e sua acidez. Quando lhe disseram em sua tenra idade que um dia teria que encontrar o pai para descobrir o segredo de seu nascimento, ela respondeu: “Vou *encontrar* aquele fodido”. Em sua opinião, a última palavra era apenas *le mot juste*.

Onde Christine era salgada, Jimmie C. era doce. Ele era um 5 na escala de cores e tinha semblante e gestos suaves. Herdara a voz doce da mãe e era dado a fazer pronunciamentos misteriosos, às vezes estúpidos, que muitas vezes cantarolava. De Louise, herdou o hábito de inventar palavras. Daí veio este diálogo entre Louise e seu neto:

LOUISE: Quer leite condensado nessa goroba? Que tal um pouquinho mais de cebola nas ovas, meu amor? (*Ela aponta para as cebolas sobre o caviar vermelho.*)

JIMMIE C. (*olhando docemente para o prato*): Nunca experimentei um prato tão maravilhoso. É como morder uvas pequenininhas cor de laranja cheias de óleo de fígado de bacalhau. (*Ele estala os dedos.*) Já sei! Essas coisinhas maravilhosas aqui diante de mim na tigela da minha avó são como (*e ele cantarola na escala de G*) bolinhas pequenininhas e redondas de geleia laranja! (*Em uma escala de letras com legatos indicados por hífens e pausas por vírgulas, esta frase seria GG-CC-G, FF, EDC*). De agora em diante chamarei essas coisinhas deliciosas de

Christine amava o irmão mais novo, mas muitas vezes ficava exasperada com ele. Todos os dias ela se sentava no primeiro degrau da sala de estar e lia para Jimmie C. Uma vez, ele a interrompeu gentilmente e cantarolou: “Mas mesmo assim o Ursinho Pooh” — que era uma de suas expressões favoritas. “Eu confundo Christopher Wren e Christopher Robin.”

Christine olhou para ele e, em uma ocasião rara, inventou sua própria palavra. “Você é um *scroque* total, garoto.” A família gostou da nova palavra de Christine e criou inflexões para várias ocasiões:

LOUISE: Quiçá, s’eu tomar cuidado, não vou scrocar essa receita aqui. Da última vez falo que saiu scrocada. Mas *eu* gostei. Achei que tinha era um gostinho muito bom.

JIMMIE C. (*delicadamente*): Às vezes, o Tio Herbie poder ser um pouquinho scroque.

HELEN (*por carta*): A TV do meu quarto de hotel acabou de scrocar.

CHRISTINE: Oh, que se scroque e foda-se!

O sonho de Louise

Quando Christine tinha cerca de dois anos e meio, ela ganhou seu apelido. Ele apareceu para Louise em um sonho. Louise estava andando por uma estrada poeirenta com Christine em um dia cinzento e nublado, quando as nuvens subitamente se abriram e um raio de sol cintilou bem na frente da criança. Daquele raio de sol saiu uma voz aguda e esganiçada. “E o nome dela haverá de ser Oriole”, guinchou a voz.

Quando Louise acordou naquela manhã, foi direto para seu livro dos sonhos. Ao lado da palavra ORIOLE estava o número 483. Louise apostou nele por três dias. No terceiro dia, o número saiu e ela ganhou quinhentos dólares, sua primeira vitória em mais de três semanas (a seca mais longa de que lembrava). Ela havia contado a James sobre o sonho naquele primeiro dia, enquanto lhe banhava com a mangueira, e ele sorriu. Ela contou a toda a família e todos os vizinhos, como geralmente fazia com seus sonhos importantes. Às vezes o bairro inteiro ganhava, quando conseguiam decifrar o que Louise estava dizendo.

Todos achavam que Louise havia encontrado um ótimo apelido para Christine. Vinham chamando a criança de várias coisas enquanto ela

dava seus passinhos atrás de Louise, xingando-os entredentes. Chamavam-na de Açúcar Mascavo e Gotinha de Chocolate e Pão de Mel. Mas quando prestaram atenção à cor marrom intensa de Christine e seu sorriso largo e cheio de dentes de leite brancos como açúcar, pensaram: “Nossa, essa criança lembra mesmo um biscoito Oreo — visto de ladinho”. E foi assim que Oreo ganhou seu nome. Ninguém entendeu que Louise estava dizendo “Oriole”. Quando, por uma casualidade, Louise descobriu o que todos pensavam que ela estava dizendo, levou na boa. “Nunca gostei de pássaro que avoa, só os de comer”, ela comentou. “Mas amo Oreos.” E, nesse caso, quis dizer o mesmo que todos os outros diziam.

Animais de estimação

Nomes eram muito importantes na família Clark. Aqui vai dois outros exemplos. Herbert Butler, o irmão errante de Louise, trouxe um periquito para as crianças depois de uma de suas viagens. Ele era azul-claro. Foi só a cor (a favorita de Louise) que salvou o pássaro do total desdém (“Nem é um pass’o que avoa, é um pass’o parado”). Oreo chamou o periquito de Jocko, e Jimmie C. o chamou docemente de Céu. Para não se dar ao trabalho de lembrar nenhum desses nomes, Louise o chamava de “pássaro”, não como um nome, mas como uma categoria, assim como ela chamava vários outros mascotes dos amigos e familiares de “gato”, “cachorro” e “peixe dourado”. Às vezes ela tinha que citar todas as categorias até chegar à correta: “Leve o peixe dou... Quero dizer, gato... Digo, *cachorro* pra passear”. Depois de dois meses, confuso sobre seu verdadeiro nome, Céu-Jocko-Pássaro morreu, um exemplo vivo (ou melhor, morto) de confusão mental aguda.

Esse também foi o ano em que Oreo e Jimmie C. tiveram um pastor-alemão. Todos diziam que ele era o pastor-alemão mais inteligente que já tinham visto na vizinhança. Ele sabia fazer qualquer coisa — buscar o jornal, rolar e se fingir de morto, dar a patinha. Brincava com as crianças por horas a fio, e elas se revezavam para subir em sua poderosa garupa. O cachorro corria de um lado para outro entre as crianças, os belos olhos brilhando, os músculos poderosos ondulando ao pular uma cerca para pegar a bola que Oreo ou Jimmie C. havia jogado. Os documentos diziam que seu nome era Otto, seguido por uma série de nomes impronunciáveis, mas a família decidiu chamá-lo de outra coisa. Dessa vez eles concordaram rapidamente sobre o nome, um que Helen sugeriu. Eles o chamaram de Fleck. “Um pastor-alemão deve ter um

nome alemão”, Helen escreveu quando a família a consultou, se divertindo com o fato de ter chamado o principesco pastor-alemão de um nome tão simples e comum.

Louise disse: “Esse Fleck aí come feito um vira-lata de bucho vazio”, e se deliciava ao preparar pratos especiais de carne que nenhum pastor-alemão antes dele havia comido, pratos como *daube de boeuf à la Provençale* e *kofta kari*. Porém, o infortúnio aconteceu — ou melhor, mordeu. Fleck adquiriu o hábito de morder estranhos e os Clark tiveram que se livrar dele. A família toda ficou triste. Jimmie C. resumiu seus sentimentos quando disse: “Ele era um cara legal, aquele Fleck. Se pudesse se curar daquele mau hábito de morder, causado pela saudade de casa, tenho certeza de que conseguiria encontrar um rebanho — talvez a oeste, onde a situação de emprego para pastores é melhor — e poderia trazer sua esposa e filhos da terra natal”.

“*Auf Wiedersehen*”, disse Fleck quando era hora de partir.

“*Ein feste Burg ist unser Gott.*” (Não estava claro se ele era mais temente a Bach ou Lutero — o velho dilema de Rodgers-ou-Hart.)

Oreo e Jimmie C. tiveram que encontrar um novo amigo para brincar.

Outros amiguinhos

Um de seus amiguinhos era o avô. Quando já estavam crescadinhas, as crianças passaram a tombar James no chão e brincar com ele como se fosse um pedaço de tronco excêntrico. Sempre que Louise encerrava o chão da cozinha, eles colocavam James em um tapete e o arrastavam para lá, onde lhe davam um belo empurrão e o viam rodopiar, a meia-suástica se duplicando no chão lustroso.

Certa vez, quando Louise os pegou fazendo isso, ela repreendeu as crianças bagunceiras: “Cês brinquem direito, viu? Cabeça dura cria bunda mole. Não me deixem nervosa. O doutô di z que eu tenho pretensão alta”. Ela continuou preparando o *tamago dashimaki* que levaria para a amiga Lurline no Hospital Mercy-Douglass. Decidiu comer a omelete sozinha, já que o prato não sobreviveria à viagem. Depois, colocou o chapéu e disse: “Bem, Oreo, você e Jimmie C. levem o James de volta pra sala de estar agora. Ele já teve é emoção demais pra um dia. Exclusive, ele tá é parecendo meio zozzo”. Ela parou para pensar. “Tive uma baita d’uma ideia, pegar o ônibus G, que é muito mais rápido que aquele bonde véio. Vai ser bom demais ver a Lurline em pé de novo. Graças ao bom Deus, a doença num é maliga.”

“Maligna”, corrigiu Oreó mecanicamente.

“Moligna”, Louise emendou. “Oreó, você fica cuidando. Fique de olho no mano e vão lá pro quintal dos fundos.”

As crianças limpavam o excesso de cera do avô e o colocaram de volta em seu canto da sala. Foram brincar no quintal dos fundos. A sra. Dockery, vizinha de porta, estava no quintal vendo seu gato malhado brigando com um gato de rua. Ela observou por algum tempo, depois se virou para Oreó e Jimmie C. e disse: “Meu gato é um covarde”. Jimmie C. estava com os dedos nos ouvidos na hora e ouviu a frase simples da sra. Dockery como “Megatum-varde”. Jimmie C. ficou encantado. Decidiu usar essa nova e maravilhosa expressão como radical para uma segunda língua radical. “Cha-qui-qui-uá, megatum-varde”, ele cantarolava misteriosamente na frente de estranhos. “Freca-pio-cocô!”

Oreó passou a reconhecer o valor do idioma cha-qui-qui-uá de Jimmie C. com os anos. Para ela, ele servia ao mesmo propósito das gírias negras. Ela o usava com frequência com lojistas que descambavam para o iídiche ou o italiano. Era sua maneira de dizer: “Por falar em línguas maternas — tentem entender *isto aqui*, seus filhos-da... Se vocês adivinharem *esta* palavra, vamos mudar tudo até ela significar *aquela* outra”.

Sempre que brincavam juntos, se Oreó pensava que seu irmão havia dito algo bobo ou estúpido ou fofo, ela fazia um de seus comentários ferozes do tipo “imagine se”. As duas crianças tinham o hábito de, na expressão de Jimmie C., “kafucá” (o *u* de “fundo”) nos ouvidos — aliviar uma coceira que era de família. Certa vez, quando os dois estavam fazendo isso, Jimmie C. disse, muito sério: “Vamos juntar nossa cera e fazer uma vela”.

Oreó respondeu: “Imagine se você estivesse deslizando por um corrimão e ele se transformasse em uma lâmina de barbear”.

Jimmie C. desmaiou.

Oreó lamentava muito quando isso acontecia. Ela não queria ser má com seu querido irmãozinho, mas às vezes era um caso de simples justiça. Quando Jimmie C. perguntou se existia algo como um ponto e vírgula de emergência (é claro!), ela respondeu: “Imagine se você estivesse colocando colírio nos olhos e ele se transformasse em ácido sulfúrico”.

Jimmie C. desmaiou.

Oreó resolveu desistir da brincadeira do “imagine se” até encontrar uma pessoa menos merecedora.

Um dia Jimmie C. chegou para Oreó e disse gentilmente: “Vinde a mim as criancinhas”. Era sua maneira derivativa de pedir que ela

juntasse todas as crianças do quarteirão para um passeio especial. Logo estavam lá dezoito crianças de dezoito cores, tamanhos, formas e idades rodopiando no quintal dos fundos dos Clark. (O de oitenta e um anos se qualificou com base em senilidade comprovada.) Jimmie C. explicou às crianças que sua avó estava naquele momento fazendo um sanduíche gigante de pernil de 1,80 m à la Louise, que poderia ser cortado em partes iguais ao número de crianças e que ele conhecia um ótimo lugar para fazer um piquenique.

Todas as crianças começaram a saltitar, gritando que não queriam ir. Oreó lançou um olhar ameaçador e elas cederam.

Jimmie C. entrou correndo e voltou com um balde plástico. Ele foi até a lateral da casa e abriu a torneira do jardim. E eis que o balde se encheu de um espumoso suco laranja instantâneo.

As crianças ficaram boquiabertas. Petey Brooks, aquele de oitenta e um, disse pesarosamente: “No meu quintal, sempre sai água”. Todos os reunidos pensaram que tinham testemunhado um milagre.

Mas o Jimmie C., honesto, riu sua risada tilintante e musical e cantarolou: “O refresco já estava no balde!”. Oreó pensou que o irmão era um baita de um *scroque* por contar isso para as crianças, mas manteve a calma.

E assim elas partiram. Todas as crianças se revezavam em carregar o balde de refresco e derramar tudo nos tênis e nos jeans. Elas já estavam caminhando há cerca de quinze minutos quando Petey Brooks, que estava em péssima forma para sua idade, disse diplomaticamente: “*Onde fica essa porra de parque?*”.

“Você vai ver, você vai ver”, respondeu Jimmie C. “É a um pulinho daqui.”

“Não me lembro de nenhum parque aqui perto”, disse Petey.

E Jimmie C. assim lhes proclamou: “Ó vós de pouca fé, é logo virando a quina”.

Eles viraram na quina, ou esquina, para outra rua. Uma rua simples. Nada de parque. “Então, onde está o parque?”, Oreó perguntou.

Jimmie C. parecia atordoado. “*Era pra estar bem aqui.*”

Mas não estava.

“Estou cansado”, disse Petey.

“Eu também”, disseram dezessete outras vozes.

Oreó assumiu a direção. “Vamos sentar aqui.” Eles se espalharam pelos degraus de uma fileira de sobrados. Oreó abriu a sacola de papel e tirou seu pedaço (o melhor) do sanduíche à la Louise. Afundou seu copo de papel no um centímetro de refresco que não havia caído pelo caminho. Todos os outros fizeram o mesmo. Depois encararam Jimmie

C.

Ele sorriu docemente. Finalmente, quando estavam quase terminando de mastigar, engolir e encarar, uma luz transfigurou o rosto de Jimmie C. “Já sei!”, ele exclamou. E riu musicalmente para si mesmo.

“Sabe o quê, otário? Fala logo”, disse Oreó.

Jimmie C. subiu no degrau mais alto, abriu os braços para a multidão e cantarolou: “Eu sonhei com o parque!”.

Oreó olhou para ele com desgosto e depois teve que se virar e protegê-lo de trinta e seis punhos, apesar de estarem ocupados com os restos do sanduíche à la Louise que ainda estavam segurando. Jimmie C. os aconselhou, com muita consideração, a segurar bem aquele mantimento, pois precisariam de sustância na longa jornada de volta para casa.

Oreó expressou os sentimentos de todo o grupo ao olhar para o irmão mais novo e dizer bem devagar: “Você é um *yold*. Você e seus parques fajutos de sonho”.

Os tutores de Oreó

Oreó não ia à escola. Com a renda das publicações de James, os números de Louise e o piano de Helen, a família conseguia contratar tutores especiais para Oreó. O professor Lindau, renomado linguista e doador de sangue, era seu tutor de inglês. Ele falava em radicais. Chegava depois de sua visita diária ao hemocentro, resmungando: “Como vai nesta manhã, minha veia, meu sangue?”, o que não era um comentário sobre sua doação mais recente, mas uma saudação a Oreó. Então, jogava para a menina um volume de um de seus dois ídolos, Partridge ou Onions, e, consultando o livro, Oreó tinha que descobrir o que ele queria dizer. Assim, sua saudação era um simples “Como vai nesta manhã, *macushla*?”. O professor Lindau falava tanto sobre Partridge e Onions que Louise sentiu-se inspirada a criar o *perdrix en poirier à l’oignon*.

Um dia. O professor Lindau chegou de mau humor. Estava dando um chique e vociferava sobre a namorada. “Aquela cunha!”, ele gritava. “O que se pode fazer com uma cunha dessas?”, ele perguntava retoricamente.

Oreó ficou confusa, então o professor jogou o livro do professor de Partridge para ela. Depois de seguir uma trilha de radicais falsos e cognatos camuflados, ela chegou à afirmação de Partridge de que *cona* (ou, como Partridge colocava, “*c*na*”) derivava do latim *cunnius*, que era

relacionado a *cuneus*, ou “cunha”. Eric prosseguia dizendo que a palavra era considerada obscena desde cerca de 1700, acrescentando que “o dramaturgo Fletcher, que não era nenhum puritano, não foi mais longe que ‘Escreviam *sona* com C, o que é abominável’, em *The Spanish Curate*. Se o falecido Sir James Murray tivesse corajosamente incluído e solettrado a palavra completa no grande Dicionário Oxford, a situação seria diferente... (No entanto, o Dicionário Oxford apresentava *piroca*: por que mais essa injustiça contra as mulheres?) [...] (É um pouco menos internacional do que fod*, cf.)”.

Oreo caiu da cadeira rindo desse espirituoso registro em Partridge. Quando se recompôs, balançou a cabeça. Seu *sprachgefühl* lhe dizia que Eric estava exagerando no ponto (ou melhor, na cunha) e que o professor estava perpetuando o erro de Partridge ao persistir nesse significado esdrúxulo. Ela nunca tinha sido enganada por seu *sprachgefühl* e, ao folhear uma edição posterior de Partridge, descobriu que aquele digníssimo havia se corrigido em um acréscimo: “(p. 198) não pode ser da palavra L., mas certamente é cognato como no inglês antigo (I.A.) *cwithe*, ‘o ventre’ (com um paralelo gótico); cf. mod. em inglês *come*, *cweman* em I.A. O *-nt*, que é difícil de explicar, já estava presente no I.A. *kunte*. O radical parece ser *cu* (em I.A. *cwe*), que app. = feminilidade física quintessencial... e explica em parte por que, na Índia, a vaca (do inglês, *cow*) é um animal sagrado”.

Oreo caiu da cadeira rindo da parte da vaca. Afinal, ela era só uma criança estudando para as provas intermediárias. Então apontou a passagem do livro para o professor.

“Eu sei, eu sei”, ele disse, ignorando o preciosismo dela. “Mas eu gosto da *ideia* da cunha. Ela arrebenta.” Quando Oreo pareceu confusa novamente, ele jogou o volume 12 do Dicionário Oxford para ela.

Oreo se tornou hábil na tradução instantânea dos rizomorfos do professor. “O sr. Benton está exausto de gestar. Claro, seu artigo terminou como um feitiço malfadado. Não me surpreende que ele tenha ameaçado aspergir-se de sumos sacrificiais.” “Você quer dizer”, traduziu Oreo, “que Benton é incompetente, seu artigo foi um desastre, um fiasco, e ele queria se autoimolar.” O professor ficou impressionado, mas não sem palavras. “Estou estupefônico”, disse neologicisticamente.

Certa vez, em um exercício de advérbio-adjetivo, Oreo escreveu: “Ele se sentia pessimamente”. O professor ficou furioso e riscou o *mente*. Ficou com vergonha de Oreo.

Oreo olhou no fundo dos olhos dele e disse: “Estou escrevendo uma história sobre um estuprador arrependido, porém reincidente. Na história, esse estuprador arrependido prende a mão em um espremedor.

Portanto, quando ele sai, reincidentemente, para estuprar, ele se sente tanto péssimo quanto pessimamente”. O professor beijou Oreó nas duas bochechas.

Oreó ainda estava com raiva por ele duvidar dela e, em sua história sobre o estuprador, acrescentou absurdos como: “O Empire State Building se eleva penianamente na direção do céu. Enquanto arquitetura, falando adubosamente, é uma bosta”. Ela achava apropriado empregar advérbios genito-escatológicos para expressar vexação acadêmica.

O professor chorou e prometeu nunca riscar seus *mentes* até ter certeza das intenções dela.

Alguns meses depois, o andar do professor estava mais saltitante ao subir os degraus da frente. Suas doações de sangue pareciam ser cada vez mais uma fonte de conforto e anemia para ele. Oreó descobriu que grande parte do crédito desse renovado Lindau era por conta da sua nova namorada, uma cunha de ajuste diferente. Oreó ouviu por acaso ele murmurando satisfeito para si mesmo sobre as muitas e alegres confluções que ele e sua nova amiga tinham feito juntos. Aquela era fácil para Oreó desvendar. “Conflução, de *conflare*, ‘respirar, arfar, soprar juntos’”, pensou. “Ah, saquei. O professor só está falando do bom e velho meia-nove.”

O leiteiro de Oreó, Milton, embora não um tutor oficial, era um de seus professores favoritos. Milton já tinha visto muita coisa na rota leiteira da vida e era ansioso por transmitir suas observações. Ao subir os degraus para deixar sua mercadoria, também depositava seu pensamento do dia. Embora outros indubitavelmente fizessem observações semelhantes, foi de Milton, o leiteiro, que Oreó ouviu pela primeira vez (aqui na forma sintática favorita de Milton): Você já reparou que todos os dentistas têm braços peludos e um relógio de pulso enorme? Já reparou que os corretores de seguros andam rápido? Já notou que homens e mulheres africanos parecem todos homens, exceto os guerreiros masais, que parecem mulheres? Já notou que você se sente culpada quando um funcionário do banco verifica seu saldo? Já percebeu que sente culpa quando está num cinema esperando que apaguem as luzes e comecem o filme?

O leiteiro Milton tinha um úbere lotado de teorias, sendo sua teoria tipo A uma ruminação em três estágios sobre a suposição de que dedos dos pés curtos, cabelos crespos e sisos inclusos eram sinais de que os portadores estavam mais à frente na escala evolutiva do que pessoas com dedos dos pés longos, cabelos lisos e sisos erupcionados. Ele subiu até a varanda um dia, sentou-se e tirou os sapatos e as meias. Acreditava em

recursos visuais para transmitir suas ideias à juventude moderna e guiada pela mídia. “Veja”, ele disse, apontando para os pés. “Vê? Dedos curtos. Então, o que isso significa? Significa que estou a caminho de ser o homem do futuro. Já notou que algumas pessoas têm os dedos dos pés como os das mãos? Pois bem, eu lhe pergunto, por acaso ainda andamos por aí agarrando coisas com os pés? A resposta é não. A apreensibilidade dos dedos dos pés caiu em desuso no ano um. Portanto, qualquer pessoa com dedos dos pés longos é como um retrocesso. Portanto, eu, Milton, com meus dedos dos pés curtos, sou praticamente o homem do futuro. Muito em breve, os dedos dos pés desaparecerão completamente e as pessoas não conseguirão mais andar. Mas tudo bem, porque até lá todo mundo será seu próprio helicóptero. Vão poder decolar de um ponto de partida e se impulsionar para onde quiserem com algum tipo de mecanismo com motor individualizado.

“Pois bem, cabelo crespo. O cabelo crespo — como essa bela nuvem felpuda que você tem — não é verdadeiramente crespo. Ele não faz zigue-zague. O cabelo crespo é na verdade espiralado. Isso mesmo — espiralado. Cada pequeno fio está praticamente desenhando um círculo perfeito. Pois bem, esses milhões de molas em sua cabeça estão todas emaranhadas, enrolando-se umas nas outras. É por isso que dói quando você penteia o cabelo. Você puxa em uma direção, as molas podem estar puxando em dezesseis outras. Mas — e isso é o principal — enquanto fazem isso, as espirais também estão formando bolsões de ar. Pois bem, bolsões de ar fazem várias coisas. Um, mantêm sua cabeça quente no inverno. Dois, mantêm sua cabeça fresca no verão. E, três, protegem você de traumatismos, absorvendo o choque de golpes na cabeça. Portanto, o cabelo crespo é certamente mais útil do que o cabelo liso. É obviamente um cabelo avançado. Quero dizer, a roda evolucionária teve que dar algumas voltas erradas antes de inventar os cabelos crespos.

“Pois bem, sisos inclusos. Todo mundo sabe que os dentes do siso estão desaparecendo por completo. Não precisamos de todos esses dentes, com tantos alimentos processados e carnes amaciadas. Nossas mandíbulas estão tentando nos dizer algo. Nossas gengivas estão dizendo: ‘Chega, basta. Quem precisa disso?’. Então, para tornar a mensagem um pouco mais clara, os sisos dizem: ‘Vou ficar aqui embaixo das gengivas. De qualquer forma, ninguém precisa de mim lá fora. Por que eu tenho que me esgotar, trabalhar e só pegar uma ponta de alguma coisa aqui, um pedaço de alguma coisa ali?’. Resumindo, é isso”, ele disse, colocando as meias e os sapatos de volta, “dedos curtos, cabelos crespos e sisos que não nascem — esses são os três indicadores da pessoa superior. Se você encontrar alguém com todos os três, estará

cumprimentando o futuro, porque essa pessoa está muito além de nós, ele ou ela faz o resto de nós parecermos homens das cavernas.”

Quando Milton saiu da varanda, Oreó acariciou seu cabelo crespo, tocou seus dedos do pé curtos e — com suprema confiança — ansiou pelo dia em que seus sisos se recusassem a nascer.

Outro dos tutores regulares de Oreó era Douglas Floors (nascido Flowers), seu instrutor de história. Floors era um homem de muitos papéis — paranoico, sapateador, contador de custos. Mas seu papel principal era o de detestador da natureza. Suas aulas de história eram extravagantemente interrompidas por emocionados apartes sobre o que ele tinha de tolerar das árvores e da grama. Certa vez, ele disse a Oreó que se oferecera para cuidar da paquisandra de um amigo no fim de semana, oferta que foi retirada às pressas quando soube que a paquisandra era uma planta e não um elefante vidente no qual ninguém acreditava. Agora ele interrompia um discurso sobre a importância dos templos zigurates para o babilônio médio para dizer com um calafrio: “Ontem à noite, o pôr do sol foi particularmente feio. Laranjas e violetas horrendos, rosas e azuis asquerosos. No caminho para cá, vi um pássaro com bochechas gordas — e um peito da coloração de uma folha de outono”. E acrescentou pesarosamente: “Que é algo que fica bem em seu lugar: em uma folha de outono. Ao menos a gente espera esse *tipo* de feiura de uma folha de outono”.

Floors abominava a baía de Fundy, detestava a fossa das Marianas, desprezava a aurora boreal, praguejava contra o mar dos Sargãos, tinha calafrios causados pelos polos, Norte e Sul, e odiava qualquer outra manifestação da Mãe Natureza, fosse corriqueira ou notável. Foi com ele que Oreó aprendeu detalhes históricos que foram suprimidos pela conspiração botânica internacional (codinome: Botany 500): a folhagem ferosa que quase desmoralizou Esparta ao longo de suas fileiras em marcha pouco antes da Batalha de Anfípolis; os efeitos adversos cumulativos das nuvens cúmulos e da fotossíntese em Ricardo III; a infestação de ciprestes que foi a gota d’água para parentes de vítimas da peste bubônica fugindo da Toscana em 1347; a vingança e a torpeza moral dos arbustos parcos (e púnicos) de Zama, fator crucial na derrota de Aníbal pelas mãos do general Cipião Africano; a *verdadeira* história por trás da Guerra das Rosas.

Sempre que Floors vinha dar suas aulas, Louise jogava um pano sobre os arbustos em frente à casa, fechava as cortinas da janela que dava para o quintal dos fundos, escondia os vasos de flores e a agave, e tirava as reproduções das telas de Turner e Constable das paredes. Ela trocava o poncho com estampa de sol de James e se certificava de que as crianças

não usassem nada que mostrasse flores, árvores, pássaros, nuvens, montanhas, rios ou qualquer outra coisa que pudesse ser interpretada como parte da abundância da natureza. Floors entrava, tirava os óculos escuros, virava a cadeira para ficar de frente para a parede e começava: “Há uma brisa perniciososa de veranico soprando lá fora hoje. Uma brisa dessas soprava naquele dia de novembro em que Carlos II jazia em seu leito de morte — e influenciou muito sua decisão de morrer e iniciar a Guerra de Sucessão Espanhola”.

Um incidente importante na lenda de Oreó

O irmão de Louise, Herbert, era um grande viajante. Ao voltar do Marrocos, do Afeganistão, da Grécia ou do Chile, ele parava para ver a irmã, saber como ia a imobilização de James e dar a Oreó e Jimmie C. os presentes que trouxera de terras estrangeiras. Era um homem enorme, um número 1 na escala de cor. Tinha uma cicatriz que ia do canto do lábio até o alto da orelha direita, lembrança de um incidente de sua infância nos arredores da vila de Gladstone, quando, com um ingênuo deslize de linguagem, chamou dois colegas, de numeração um pouco mais alta na escala de cor, de pretos filhos da puta. Sempre que ele vinha para casa, ia direto ao grande espelho da sala de jantar, tirava um frasco do bolso da calça, dava um gole profundo, rosnava, limpava a boca com satisfação e dizia: “Sou o Mordomo Negão”. Era estranho ouvir isso de um homem para quem Hermann Göring poderia servir de *doppelgänger*.

Herbert tirava o casaco e puxava um livrinho preto crivado de colunas de números de três dígitos escritos com um lápis grosso. Abaixo ou acima de cada dígito de uma unidade de três dígitos havia um ponto ou um traço ou um círculo ou uma linha inclinada ou uma cruz. Herbert colocava Oreó no colo e explicava a ela o que aquelas marcas misteriosas significavam. Era um sistema elaborado para apostar em números, uma paixão que ele compartilhava com sua irmã Louise. Os sinais diacríticos lhe mostravam quais números haviam saído, quando, seu padrão de recorrência (será que o 561 preferia sair em dezembro, por exemplo?), sua correlação com eventos mundiais (por exemplo, os números que começam com oito sempre pressagiam a queda de um governo sul-americano?), e assim por diante através de um labirinto de complexidades estatísticas que só Herbert conseguia acompanhar — Herbert, que podia multiplicar de cabeça corretamente qualquer número de até cinco dígitos por qualquer outro número de até cinco dígitos. Mas havia uma diferença entre Herbert e Louise. Herbert nunca

havia ganhado. Ah, ele chegou perto — uma vez. Jogou 782 bem no dia em que Louise jogou 782 na caixinha e assim ganhou setecentos dólares quando saiu 827. Fora isso, ele raramente conseguia um dígito em comum com o número que saía. Mas continuou mostrando seu livro a Oreó, dizendo a ela que um dia desses, quando ela tivesse idade suficiente, ele a faria reescrever suas anotações com tinta. Ele secretamente acreditava que o palimpsesto de sua sobrinha de suas aventuras numéricas mudaria sua sorte magicamente. Seu perverso atraso (pois havia anos que Oreó tinha sua borracha e esferográfica a postos) era um bom exemplo de hercúlea autoprovação.

Em uma visita, Herbert havia acabado de voltar da África. Ele arrancou o casaco — feito da pele de um leão que ele havia matado em uma loja de animais de Nairóbi — e partiu para seu lugar costumeiro na frente do espelho para fazer seu número do Mordomo Negão, quando de repente houve uma comoção atrás dele. Ele não se virou pois podia ver o que estava acontecendo no espelho. Havia jogado o casaco leonino em uma cadeira bem atrás dele, com o capuz de cabeça de leão com a boca aberta farejando suas costas. Oreó, pensando que a pele cobria um leão vivo, pulou em cima da mesa atrás de seu tio e passou a perseguir o casaco. Ela se aproximou lentamente por trás dele, com as mãos atrás de si. Quando estava perto o bastante, sacou sua corda de pular das costas, lançou-a em torno da cabeça e da juba e enforcou o casaco até a morte — ou era o que pensava. O tio, vendo tudo aquilo no espelho, ficou impressionado com a bravura da menina. “Ela com certeza tem ovários, aquela pequena”, disse. “Que ninguém mexa com ela quando ela for mais velha. Ela é uma durona *mesmo*.” Ele contou a toda a vizinhança sobre o incidente. Foi assim que a lenda de Oreó começou a crescer antes mesmo que nascesse seu segundo dente.

Uma carta importante

Por volta dessa época, Oreó recebeu uma carta da mãe que influenciou muito seu modo de pensar. A carta de Helen tinha sua cota habitual de apartes, como sua paranoia com dentistas brancos: “Imagine que seu dentista é branco e imagine que ele por acaso tem um ódio inconsciente por pessoas negras e imagine que ele está de mau humor por alguma razão quando você entra. Será que ele não faria um pouco mais de pressão na velha broca, não iria um pouco mais fundo do que o necessário? Estou só perguntando e não quero que você fique na defensiva pelo resto da vida por causa desse pensamento. Além disso,

você ainda tem seus dentinhos de leite perfeitos. Mas já que estou falando de dentistas, vou lhe contar sobre o dr. Goodbody. O dr. Goodbody começa a borrifar enxaguante bucal antes mesmo de você marcar uma consulta. O borrifador dele tem uma notável semelhança com um lança-chamas. Mas quem pode culpá-lo por essa frescura, considerando os eflúvios, o esgoto não tratado, a *nojeira* que é emitida pela boca de certas pessoas? Mas o dr. Goodbody nunca notou que um paciente que vai ao dentista é como uma dona de casa que limpa tudo antes que a faxineira chegue. Todo um trabalho com escova elétrica e fio dental e enxaguante bucal e pasta de dente — sem falar das lixas!”

Essa digressão levou Helen logicamente ao tema principal de sua carta: a opressão das mulheres. “Esse é um assunto sobre o qual tenho pensado muito, e acho que tenho a resposta. Tentei englobar em minha teoria todas as considerações sociológicas, mitológicas, religiosas, filosóficas, musculares, econômicas, culturais, musicais, físicas, éticas, intelectuais, metafísicas, antropológicas, ginecológicas, históricas, hormonais, ambientais, judiciais, legais, morais, étnicas, governamentais, linguísticas, psicológicas, esquizofrênicas, glotais, raciais, poéticas, dentárias [este era o elo lógico], artísticas, militares e urinárias desde os tempos pré-históricos até o presente. Consegui sintetizar essas considerações em uma formulação inescapável: os homens conseguem sentar a porrada nas mulheres.”

A carta de Helen prosseguia apontando as implicações de sua formulação para a teoria das assim chamadas matriarcas negras: ela destroçava a teoria toda até o fim. Num outro dia, Helen poderia ter acrescentado (com um deslize da caneta devido à fome): “Não há leitão machista como um leitão machista preto”. Agora ela se limitava a apontar como sua própria mãe ainda se submetia ao pai mesmo imobilizado, mantendo-se numa zona segura caso ele um dia se recuperasse. Como Louise costumava dizer: “Ele non [pronunciado, por Louise e outros, como se fosse uma palavra francesa, nunca como ‘não’] vai ter desculpa nenhuma pra socar *meus* dentes”.

A carta de Helen impressionou tanto Oreó que a levou a fazer duas coisas: adotar um lema e desenvolver um sistema de autodefesa. O lema era *Nemo me impune lacessit* — “Ninguém me ataca impunemente”. “Nenhum negão vai me dizer o que fazer. Eu vou meter um coice nas *kishkas* dele!”, disse, recaindo nas inflexões de sua avó negra de pele branca e (por intermédio da mãe) de seu avô branco de pele escura, como frequentemente fazia quando estava estressada.

Ela chamava seu sistema de autodefesa de Caminho da Força Intersticial, ou CFI. Baseava-se em uma dedicação oriental a atacar os

espaços frágeis e vulneráveis do corpo ou, *au fond*, a criar esses espaços, ou interstícios, onde antes não havia nenhum — por exemplo, onde havia, um segundo antes, uma extensão de pele lisa, não esfolada, e osso robusto e intacto. Para esse fim, Oreó desenvolveu uma série de movimentos que tornaram obsoletos outros métodos de autodefesa — jiu-jitsu, karatê, kung-fu, savate, judô, aikido, mikado, kikuyu, kendo, hondo e shlong — ao incorporar e melhorar seus aspectos mais eficazes. Com movimentos (ou, como Oreó os denominava, *sôkos*) tão impressionantes como o *mata-li-ô*, *shuteh-no-sah-kô*, *deh-do-no-lhô*, *ke-brah-kô-ko*, *sôko-no-lho*, *ke-brah-keshô*, *sôko-no-kôko*, *shuteh-na-ka-rah*, *tapana-ka-rah*, *sokô-no-bu-shô*, *ke-brah-kan-go-teh*, *ke-brah-kô-lhaô*, *sôko-na-napah*, *shuteh-no-rah-bô*, a musculatura ou o tamanho do oponente era meramente informativo. Quer fosse grande ou pequeno, gordo ou magro, robusto ou franzino, Oreó podia, quando estava no estado de extrema concentração conhecido como *chibah-ta-no--rah-bô*, enfrentar qualquer oponente de até três vezes seu tamanho e peso e, literalmente, chibatar seu rabo.

Certa vez, ela entrou inadvertidamente em estado de *chibah--ta-no-rah-bô* quando estava andando no carro de seu tio. Um homem parado em uma esquina a viu quando o carro passou e fez ruídos de sucção para denotar que aprovava a aparência dela. Oreó não sabia conscientemente se já tinha ouvido tais sons primitivos, mas ao sair do carro, já se encontrava em um estado tão avançado de *chibah-ta-no-rah-bô* que, quando puxou o cinzeiro, pensando erroneamente que era uma maçaneta, inadvertidamente criou para seu tio o único Club Coupe de três portas da América.

Quase no Caminho da Força Intersticial

Os tutores de Oreó estavam de férias. Ela precisava de algo para ocupar sua mente de catorze anos por algumas semanas, então colocou um anúncio nos jornais. Três dias depois, recebeu um telefonema do que parecia ser um jovem branco.

“Posso falar com a srta. Christine Clark?”, ele perguntou.

“Eu sou Christine Clark.”

“Você é a garota do anúncio nos classificados de emprego do *Inquirer*?”

“Sim.”

“Meu nome é dr. Jafferts. Sou médico legista do distrito cinco. Gostaria de saber se posso lhe oferecer um emprego?”

“Tomara que sim.”

“Seu anúncio dizia que você se formou recentemente na faculdade.”

“Sim, era isso que dizia.”

“E seu campo de estudos era história chinesa?”

“Sim.”

“Entendo”, disse ele. “Bem, deixe-me falar um pouco sobre o trabalho que temos em mente. Neste trabalho, você negociaria contratos governamentais.”

“História chinesa não exatamente prepara...”

“Não tem problema”, disse ele generosamente. “Nós vamos treinar você. Este trabalho não se enquadra em serviço público. Você trabalharia com outra mulher. O trabalho envolve algumas viagens dentro de um raio de cento e sessenta quilômetros da cidade. Você sabe dirigir?”

“Sim.”

“O trabalho paga noventa e cinco para começar e mais o valor do combustível. O horário é das nove às três e meia, cinco dias por semana. O que acha?”

“Ótimo.”

“Bem, a questão é a seguinte. Você se submeteria a um exame médico para o trabalho?”

“Certamente. Onde é seu escritório?”

“Bem, eu não tenho exatamente um escritório específico. Tenho que viajar por todo o distrito. Posso fazer o exame com você pelo telefone.”

Rá, pensou Oreó. “Pelo telefone?”, perguntou.

“Sim. Você ficaria surpresa em saber como um exame telefônico pode ser completo.” Ele fez uma pausa e depois disse: “Você vive em uma casa ou um apartamento?”

“Casa”, disse Oreó.

“E onde fica?”

Ela deu o endereço.

“Está sozinha?”

Oreó resolveu dar trela para o cara. “Ora, sim.”

“Só perguntei porque algumas das questões podem parecer extremamente pessoais. Mas é uma combinação de exame psicológico e médico, então não se assuste.”

“Eu prometo”, disse Oreó.

“Quantos anos você tem?”

“Dezoito”, mentiu Oreó.

“Você é virgem?”

Qual é a melhor resposta para um *shmuck* desses?, ela se perguntou e, ao decidir, disse: “Não”.

“Você se importaria em me dizer a cor de suas roupas íntimas?”

Oreo cobriu a boca para não rir.

“Quero dizer, são brancas ou de alguma cor diferente, como rosa, azul?”

“Tudo branco”, respondeu Oreo.

“Mmmm. E de que material são? Seda, raíom, algodão?”

“Nylon.”

“Entendo. Bem, você poderia me dizer todas as palavras que conhece que significam relação sexual?”

Com um sorriso malicioso, Oreo disse: “Certamente. *Procriação, coabitação, cópula, coito*”.

“Não, não!” Ele parecia tremendamente decepcionado. Em seguida, limpando a garganta, continuou calmamente: “Eu não quis dizer... termos científicos. Eu quis dizer qualquer palavra que venha à mente ou que você poderia ouvir nas ruas, por exemplo”.

“Lamento”, disse Oreo. “Essas são as únicas que consigo lembrar agora. Posso voltar a essa pergunta depois?”

“Claro, claro”, ele retrucou. “Então, você já admirou seu corpo em um espelho?”

“Claro. Muitas vezes.”

“Você já ficou excitada? Música faz você querer...?” Ele se interrompeu e depois disse: “Terminei o exame psicológico. Agora quero que você tire a roupa e faça o exame médico”. Após alguns instantes, ele disse: “Já tirou?”.

“Não”, disse Oreo, “estou me atrapalhando com minha calçola.”

O médico continuou, alheio à resposta anacrônica. “Esfregue toda a parte interna da coxa e me diga quando ficar molhada.”

Oreo largou o telefone e foi regar sua begônia, depois voltou e tossiu no telefone para avisar ao médico que estava lá.

“Já está molhada?”, ele perguntou ansiosamente.

Oreo respondeu: “Sabe, doutor, o problema com a masturbação é que você goza muito rápido. Não tem ninguém a quem dar instruções. Sabe, tipo ‘Não, desse jeito não, assim. Não, sim, não, mais forte, mais devagar, pra cima, pra baixo. Não, não. Estou ficando louca. Sim, sim, isso, fique aí, aí mesmo. Não, não, assim não — do jeito que você estava fazendo antes. Sim, é isso’. E não tem ninguém para você *não* dar instruções. Entende o que quero dizer, doutor?”.

Veio um gemido do outro lado da linha. “Eu gostaria de ir aí e fazer um exame completo”, disse o gemedor com voz arfante.

“Por que não vem”, respondeu docemente a receptora do gemido.

“Vou levar meus equipamentos comigo”, disse o médico, em um

último esforço de fingimento.

“Equipamentos?”, respondeu Oreo. “Um já é o suficiente. Ah, a propósito, doutor, finalmente pensei em algumas palavras. Não sei como escaparam da minha mente antes.” Oreo disse muitas palavras que começam com *f*, *c*, *t* e *x*, que rimam com *chupeta* e *paçoca* e *rapidinha*.

O médico resfolegou tão alto quanto Masters e Johnson, e disse que conseguia chegar na casa dela em uma hora. Oreo respondeu que esperaria por ele na frente e que estaria vestindo uma folha de begônia.

Ela foi imediatamente para uma casa três portas depois da sua e disse a uma vizinha, Betty Williams, que queria pregar uma peça em um conhecido. Betty era a ninfomaníaca do bairro. Por dois centavos, ela treparia até com um desentupidor de pia. Na verdade, a história de Betty e o amigo do encanador era uma lenda da Zona Oeste da Filadélfia. Todo mundo que achava que o termo *amigo* se referia a uma pessoa era identificado como forasteiro e, portanto, objeto de zombaria e escárnio xenófobo. Betty concordou em ajudar sua jovem amiga Oreo.

E assim, quando o dr. Jafferts desceu a rua ofegante, já babando, foi Betty quem o emboscou, por assim dizer, usando a folha de begônia, na varanda de Oreo, e o levou para sua casa, onde Oreo estava escondida.

Depois de algumas preliminares envolvendo o roteiro de sua-voz-era-diferente-ao-telefone, o médico — um jovem *shmegegge* que parecia o tipo de pessoa que adorava pudim de tapioca e, *ergo propter hoc*, cujo irmão Marx favorito era Gummo — estava sentado em uma cadeira cruelmente posicionada para lhe dar uma visão da saia curta de Betty. Sentada em uma banqueta alta, Betty começou com abertura e fechamento rítmicos das pernas, revelando e escondendo um emaranhado de pelos pubianos. O suor brotou na cabeça do médico após as duas primeiras passadas de abre-fecha, abre-fecha. Depois de algum tempo, ele parecia estar em perigo de se afogar nos próprios fluidos.

Mas o plano de Oreo era impiedoso. Simultaneamente aos ritmos que conduzia de seu banquinho, Betty começou a contar ao médico uma de suas piadas favoritas: “É sobre um homem e uma mulher que vão para a Flórida em seu décimo quinto aniversário de casamento. Eles sobem para o quarto e a primeira coisa que fazem é tirar todas as roupas”.

O médico lambeu os lábios na expectativa, os olhos fixos no abre-fecha, abre-fecha de Betty.

Betty estava começando a sentir um calorão ao ouvir a própria história, mas seguiu em frente. “E o homem vira para a mulher e diz: ‘Querida, estamos casados há todos esses anos e sempre fazemos tudo igual. Vamos transar de um jeito *novo* desta vez. Bem, fique parada

naquele canto, e eu ficarei aqui. Depois um vai correr na direção do outro e nos encontraremos no meio'. Então eles vão para cantos diferentes e cada um corre na direção do outro. Mas eles erram e passam direto. O homem estava tão rápido que atravessou a janela aberta. O quarto fica no décimo andar, mas ele tem sorte porque cai na piscina. Mas tem medo de sair porque está sem roupa. Todo mundo parece estar correndo para o hotel e ninguém presta atenção nele, mas ele ainda tem medo de sair da piscina totalmente pelado. Então, vê o carregador de malas pronto para entrar no hotel e o chama. Diz: 'Escute, garoto, quero sair da piscina, mas não posso porque estou sem roupa nenhuma'. O carregador nem parece surpreso. Ele diz: 'Tudo bem, senhor, ninguém vai prestar atenção em você. É só sair'. O homem responde: 'Como assim, ninguém vai prestar atenção em mim? Estou ao léu!'. O carregador diz: 'Eu sei, senhor, mas quase todo mundo está no décimo andar tentando descobrir uma maneira de desenganchar uma mulher de uma maçaneta'."

A essa altura, tanto Betty quanto o médico estavam como feras descontroladas. Quando o médico se lançou ao ataque — ou melhor, à colaboração — Oreó saiu do esconderijo e lhe deu um rápido *shuteh-no-sah-kō*, e depois fechou sua mandíbula na clássica posição *ke-brah-kango-teh*. Com sua vida a um *sōko* do fim, ele prometeu a Oreó que nunca mais importunaria jovens mulheres inocentes por telefone ou pessoalmente com seus gemidos e salivações. Com um *sōko-na-nāpah* de meia força, ela o lançou para fora da varanda de Betty e o viu fugindo *shmegeggemente* pela rua.

Ela se virou bem a tempo de ouvir Betty se queixar: "Mas e eu?"

Oreó percebeu que Betty tinha sido muito corajosa e abnegada por participar daquela pequena farsa. Mas seu rosto se iluminou quando viu que horas eram. Oreó deu a boa notícia a Betty. "E você? São cinco e meia. Seu pai chegará em casa a qualquer minuto. Faça o que você geralmente faz nessas circunstâncias. Trepe com *ele*."

Símbolos guardados

Will Farmer

Fazia quinze anos que James estava imobilizado quando Louise decidiu arrumar um namorado. A essa altura, ela já havia adicionado a bebida aos seus hobbies de cozinhar/comer e pesava uns bons cem quilos. Ela tinha um toque de amor que paralisava os fungos por três dias. Louise conheceu seu namorado, Will Farmer, em uma festa dada pelo clube que frequentava, o Rainbow Skinners. Os membros do Rainbow Skinners se reuniam toda sexta-feira à noite para realizar as atividades habituais de um clube, ou seja, comer, beber e jogar pife e Pokeno, e as atividades especiais de um clube, ou seja, planejar festas pagas, que davam para levantar dinheiro para dar outras festas pagas, e assim por diante, por várias gerações.

Sempre que Louise levava Will para jantar em casa, ela dizia: “Fica à vontade, Frank... Quero dizer, John... Digo, *Will*. Você já é de casa.”

Depois de comer uma das especialidades de Louise, Will, que estava na casa dos oitenta (era uma relação platônica — ou talvez hegeliana), se arrastava para a sala para relaxar. Uma vez lá, ele se acomodava em uma cadeira em frente a James e sucumbia a espasmos mioclônicos para dormir. Com o nariz curvado apontando para o queixo como uma pinça e um charuto bem preso entre as gengivas, ele parecia uma lagosta amarrada. Seu corpo ficava tão reto e rígido quanto uma ripa de cama quando começava o inevitável deslizamento até o chão. Antes que trombasse em James, Louise o acordava, impedindo-o assim de fazer uma faixa vermelha de calor corporal que cancelasse a meia-suástica do marido. Era o destino de Louise estar cercada — ou melhor, flanqueada — por peças de reposição masculinas, rígidas, porém inúteis — James e Will, cada um à sua estranha maneira, eram exemplos da parte-que-representa-o-todo, uma sinédoque da masculinidade.

Helen em um quarto de hotel, Winnetka, Illinois

Ela estava ouvindo o *Concerto em ré menor para violão e viola d'amore* de

Vivaldi. Sua equação de cabeça

$$V = \theta \exp \left[- \int_0^t \psi(\tau) d\tau \right]$$

significava que achava que era hora de ir para casa, visitar a família e iniciar Oreo em sua jornada para descobrir o segredo de seu nascimento. O telefone tocou, interrompendo a música e cortando outra equação bem na hora de uma operação crucial. Era engano, uma mulher vendendo assinaturas de revistas. Helen ficou irritada, então deixou a mulher desfiar toda sua ladainha. Finalmente, disse: “Você me convenceu de que não há como superar seus preços baixos, baixíssimos. Acho que vou fazer uma assinatura de três anos da *Campos e Córregos*”. A vendedora ficou muito feliz (era sua primeira venda real em 5235 ligações). E aí Helen disse: “Isso, claro, se você tiver uma edição em braile”. A mulher da revista pediu, de todo o coração, desculpas pela falta de visão de sua empresa — uma escolha de palavras que Helen apontou como especialmente triste de ser ouvida por uma pessoa com sua deficiência. Com mais desculpas, soluços abafados e bajulação interurbana por sua falta de tato, a mulher desligou.

Obviamente, alguém estava fazendo circular uma lista defeituosa de vendas por telefone, pois uma escola de dança ligou alguns minutos depois. Helen considerou por um momento se deveria ser uma paraplégica ou amputada, mas decidiu que ambos seriam de mau gosto e se contentou com espasticidade. Mais uma vez, desculpas, soluços e bajulação. Helen conseguiu completar sua equação:

$$C = S - MT^2$$

onde

C = catarse, em psi

S = saudade de casa, em pés cúbicos

M = maldade, em PEMáx

T = telefone, em minutos

Jimmie C. e seu amigo

Jimmie C. e Fonzelle Scarsdale eram melhores amigos desde que Oreo

espancou Fonny durante sua primeira sessão de treinos de CFI. Fonzelle mostrou a Jimmie C. seu boletim. Ele era um aluno nota F raiz. Fonzelle não era excepcionalmente burro, mas não tinha tempo para estudos, preferindo passar a maior parte do tempo livre aperfeiçoando sua caminhada (“Eu gosto de andar *pesado*, cara”, ele confidenciara a Jimmie C.).

Angustiado, Jimmie C. disse: “O que sua mãe vai dizer quando vir isso? Meu coração tremelica por você, minhas mãos se enrodilham”.

“Que diabos, cara, ela só vai me dar uma festa.”

“Um folguedo? Que tipo de folguedo?”

“Uma festa de faça-melhor-da-próxima-vez, Jim. O que mais? Mas estou fervendo de raiva. Aquele preto turco do professor de ginástica me deu F. Cara, você *sabe* que mando bem na ginástica, mano. Eu queria virar a mão na cabeça daquele negão.”

“De quem você está falando? Do sr. Ozaka? Ele é japonês.”

“Também te enganaram, hein? Esses japas e chinas de araque, são tudo — *tudo* preto. Eles só tentam se safar de toda a merda que cai na gente, pretos *mesmo*. Mas são pretos do mesmo jeito. Um dia desses, esses branquelos vão sacar a jogada deles e vão começar a tratar eles do jeito que tratam a gente.” Ele riu daquela perspectiva.

Fonzelle guardou o boletim de volta na carteira e tirou um porta-documentos de celuloide sanfonado. Cada documento mostrava sua foto, mas os nomes nas carteiras de identidade variavam entre deliciosos (Vasquez Delacorte, Miguel Salamanca) e insossos (Ronald Gray, Dave Johnson). “Caso eu seja pego, os porcos vão ficar confusos, sacou?” Guardou os documentos. “Meu primo é policial. Eu fui com ele quando ele teve que testemunhar no tribunal noturno outro dia. Entrou uma gatinha. Cara, ela era muito gostosa. Pernas grandes e roliças. Me preparei pra anotar o endereço dela. Mas o juiz, ele guarda tudo pra ele. Eu nem consegui ouvir, cara. Sabe quanto deram de multa pra aquela gata? Dez dólares e mais custos! Se fosse uma véia de pano na cabeça, uma xixelenta, teriam jogado a criatura *debaixo* da cadeia. Jesus do céu, tem muita merda rolando, Jim!”

Jimmie C. assentiu em solidariedade.

“Ei, cara”, disse Fonzelle, “estou procurando emprego.”

“Fazendo o quê?”

“Como amante, cara. É nisso que mando bem. Qual é o oposto de vermelho?”

“Arzule?”, Jimmie C. ofereceu.

“Sim, azul. Vou arrumar uma luz azul e colocar do lado de fora da minha porta. Eu te falei da última que eu saí. Eu disse pra ela: ‘Três

dólares! Está de brincadeira? Lá na minha área, quem tem que *me* pagar é *você*!”. Ela também não era nada mal. Me deu um trato mesmo. Depois que eu saí, vi uma bicha. Pensei que era uma garota no começo. Eu disse: ‘Como assim você não é uma garota, garota?’. contei pra Doris sobre isso e ela rachou o bico. A Doris é legal, Jim. Ela pode até ser sapatão, mas é uma gata *mesmo*. Eu não me importaria de curtir um pouco aquela xana.” Ele riu. “Sabe o que ela me disse outro dia? Ela teve que ir ao médico, sabe? Teve uma infecção na xana. Então o médico a examina, faz seu showzinho com os aparelhos e as coisas, e diz: ‘Srta. Jefferson, eu não entendo. Você é virgem, ainda é donzela e tudo, mas mesmo assim arrumou essa infecção na xana. E não é *qualquer* infecção. Esse tipo de germe, geralmente a gente encontra na *boca* das pessoas. É um... Como é que diz? Um germe oral. Pois bem, srta. Jefferson, como você explica isso?’. Doris disse que, sem nem pensar, ela virou e respondeu: ‘Bom, doutor, eu sentei em uma colherzinha suja.’” Fonzelle se dobrou de rir, gritando e berrando.

Jimmie C. sorriu gentilmente, não querendo ofender o amigo ao dizer que não entendia bulhufas do que ele estava falando.

“Você tem uma lista telefônica?”, perguntou Fonzelle.

Jimmie C. entregou a lista e Fonzelle discou um número. “Olá, Alcoólicos Anônimos? Por favor, ouça com atenção, agora. Scotch com gelo, gim e tônica, vodca com laranja, Bloody Mary, moscatel, martíni, café com uísque...” Ele rachou de novo. “Desligaram. Normalmente consigo dizer cerca de dez nomes antes de eles entenderem o que estou fazendo.”

Jimmie C. estava prestes a dizer a ele para nunca mais usar seu telefone para esses propósitos gorgolejantes, quando entrou a mãe, que fazia quase um ano que ele não via.

“*Nu*, como vai meu bebê?”, Helen disse, abraçando-o.

Jimmie C. não conseguiu nem cantarolar, com seu corpinho se enrodilhando de tanta alegria. Foi tanta enrodilhação que ele não percebeu que Fonzelle tinha dito tchau e estava executando sua caminhada pesada, uma coreografia que combinava Motown e Clara Ward em seus primórdios, já saindo pela porta.

Quando Oreo viu a mãe, disse: “Te vejo daqui a pouco, *Mamanyu*”, e saiu para o quintal dos fundos para chorar.

Quando Louise viu a filha, disse: “Nossa, qu’eu vou cair dura! Olha quem t’aqui!”. Ela beijou Helen, puxou-a para perto de James — que sorria e parecia prestes a se levantar — e foi direto para a cozinha para começar a preparar uma bela refeição de retorno ao lar.

La Carte du Dîner *d'Helene*

Separe 40 minutos para pratos AMERICANOS E/OU JUDAICOS.
(Seis opções para cada prato. Sem substituições.)

Hors d'Oeuvre

imojo de linguado
QUEIJO E BISCOITOS
Leberknödel
dim sum
pâté maison

funghi marinati
ARENQUE EM CONSERVA
sashimi
empanadas
vatrushki

Zubrowka
Aquavit
Pepsi

Soupe

mtori
SOPA DE AMÊIJOAS DA NOVA
INGLATERRA
Hühner Suppe
yen-wo-t'ang
petite marmite

stracciatella
DE MATZAH
awase missô
canja
rassolnik

Amontillado
Madeira

Poisson

samaki kavu
MANJUBINHAS FRITAS
Forelle blau mit Kapern

scampi alla griglia
BACALHAU NEGRO DEFUMADO
takara bune

hung-shao-yü
saumon poché à la Louise

pescado yucateco
osetrina zalivnaya

1961 Montrachet, Chassagne-Montrachet

Entrée

zilzil alecha
COSTELA ASSADA
Kalbshaxen
fu-chu-jou-pien
côtes de veau en papillote

osso bucco
PÉ DE VITELA NO VAPOR
tori mushiyaki
matambre
shashlyk

1953 Château Pétrus, Pomerol

Rôt

frangainho piripiri
PERU ASSADO COM RECHEIO DE PÃO DE
MILHO
Wiener Gans
Pei-ching-k'ao-ya
faison Souvaroff

pollo al diavolo
FRANGO ASSADO

yakitori
conejo en coco
kotmis satsivi

1947 Château Margaux, Médoc

Entremets

ovos moles de papaia
SHERBET DE LIMÃO
Gefülte Melonen
shin-chin-kuo-pin
soufflé glacé Hélène

gelato torinese
TSIMMES
kusamochi
leche de coco
kisel

Champanhe 1959, Veuve Clicquot

Relevé

mokoto

PRESUNTO EM CALDA

Sardellenschnitzel

hao-shih-niu-jou

noisettes d'agneau Christine

fritto misto

SURPRESA DE SALAME MOSHE DAYAN

tatsuta age

feijoada

basturma

1964 Chambertin, Gevrey-Chambertin

Salade

yegomen kitfo

SALADA DE BATATA

Roter Rübenkren

liang-pan-huang-kua

salade russe

insalata di pomodori

SALADA COLESLAW MURRAY

horenso hitashi

ensalada de nopalitos

rossolye

Sobremesa

cocada amarela

TORTA DE MAÇÃ COM MASSA DE OREO

Sachertorte

hsing-jen-ping

Mont Blanc au chocolate du deux

Jameses

spumoni

HALVA

kyogashi

manjar blanco

paskha

1953 Sauternes, Châ Coutet,

Barsac

Le thé, Constant Comment

Le café, Chockfull o'Nuts

Conhaque

Calvados

O que aconteceu enquanto Louise cozinhava

Cinco pessoas da vizinhança enlouqueceram devido aos aromas que emanaram da cozinha de Louise. As línguas de dois homens maceradas pela sobrecarga de suas glândulas salivares. Três homens e uma mulher tiveram que ser acorrentados por suas famílias quando começaram a roer uma *quincaillerie* de substâncias que cabeças mais sábias não julgariam comestíveis. Essas substâncias — que o cego acaso colocara ao alcance do arrebatamento dos quatro desafortunados — variavam de peças de rosquear metálicas a galochas, com um catálogo de itens intermediários cuja menção o bom gosto desaconselha aqui. Em uma área do oeste da Filadélfia conhecida como “lá no Fundo”, a alguma distância do bairro dos Clark, uma mulher que nunca tinha passado nem perto da família de Oreó foi ouvida comentando: “Aquele Louise cozinhando de novo. Helen deve estar em casa. Eu gostaria que aquela mulher mandasse um aviso quando fosse fazer isso”. E ajustou as correntes do marido para que não batessem contra os canos de água quente e atrapalhassem seu sono a noite toda.

Helen entretém

Helen contou à família as histórias de sua vida na estrada. Ela representava todos os papéis, animados e inanimados (uma das melhores partes foi uma tigela de purê de batatas sendo coberta com molho). A favorita da família naquela noite foi a história de quando ela foi tocar numa festa no subúrbio negro de Whitehall, que apareceu muito nas notícias quando os brancos de baixa renda começaram a fazer suas primeiras e lamentáveis tentativas de entrar. Os negros de classe média alta de Whitehall se opuseram aos caras-pálidas, não por serem pobres (“Os pobres sempre estão conosco”, disse o porta-voz da cidade, o reverendo Cotton Smith-Jones, reitor da Igreja Episcopal de São João), mas porque eram brancos. (“Só não queremos branqueiros, com suas branquices, perto de nós”, disse o reverendo Smith-Jones diante de um coro de “améns” refinados e episcopais.) Como Smith-Jones destacou, os branqueiros não tinham salvação. O palmito não se envolvia com o crime nas ruas como os negros faziam; ele não curti a ter sua cabeça esmurrada, sua casa roubada, sua esposa estuprada, como os negros curti; ele não se divertia com os filhos engolindo pílulas, chapando ou

injetando, do jeito que os negros faziam. Essas pessoas tensas e constipadas nunca teriam permissão de se misturar com negros decentes e amantes do prazer. Essa era a história real, mas oficialmente Whitehall teve que se opor aos potenciais intrusos com base na pobreza.

A cidade adotou um estrito código de moradia, que era automaticamente rescindido para negros e restabelecido sempre que brancos apareciam. (O código foi triturado, com suas partículas derramadas em cápsulas de liberação gradual, e agora faz parte da consciência de milhões de pessoas com doenças respiratórias.) “Mantenham Whitehall preta”, clamavam os habitantes da cidade em seus barítonos e baixos tipicamente intensos. “Se você é preto, tá tudo certo; se você é branquelo, sai batendo chinelo”, diziam outros em aberrantes falsetes de Butterfly McQueen. Essas e outras palavras de ordem racistas se ouviam quando a vida social, moral, econômica e política da cidade era ameaçada.

Os operários brancos que trabalhavam tão fielmente na fábrica de perucas afro Smith-Jones e na Dashiki Co., Inc., eram bem-vindos para ganhar o pão de cada dia na cidade, mas não eram bem-vindos para trazer a Whitehall seus alimentos com baixo teor de colesterol, seu folk-rock derivativo e seus filmes sentimentais de *craxploitation*. Os pobres, os brancos e os desfavorecidos podiam cair fora.

O povo de Whitehall instalou holofotes para iluminar os limites da cidade negra vizinha, amante dos branquelos, cujos gramados (antes sensivelmente manicurados, mas agora cortados até a raiz) davam triste testemunho da botanofobia instantânea que os brancos traziam consigo. A Whitehall negra postou sentinelas e concebeu elaborados sistemas de alarmes/pegadinhas (a peça principal era um forno de micro-ondas gigante com a porta entreaberta). A polícia de Whitehall criou cães de ataque com uma dieta “prévia” especial de água-e-sal e carne de peru branca. Helen citou o reverendo Smith-Jones, que dizia, do seu jeito pé-no-chão: “Se algum palmito for louco o bastante para entrar aqui, esses cães vão pular nele como branco no arroz”.

“Me dê um pouco de *tzimmes*”, disse Helen, quando terminou com Whitehall. Ela provou e soprou um beijo para a mãe. “Sabe quem fazia um *tzimmes* horrível — a sra. Zipstein.”

Ante a menção da esposa do homem que o enfiou numa conserva de antissemitismo, James se remexeu em seu canto. Ele imediatamente voltou a se concentrar em engolir o Veuve Clicquot que Jimmie C. lhe servia, sorrindo ao se lembrar do idiota da vila de Gladstone.

“Você sabe daquela filha deles? Comé que é mesmo?”, disse Louise.

“Sadie. Sadie-Melhor-Que-Todo-Mundo, a princesa judia. Não, me

pergunta que fim ela teve.”

Oreo assistiu com empolgação à mãe se levantando de seu assento para fazer um teatrinho. “Esta é a sra. Zipstein”, disse Helen. Ela se curvou para a frente, segurando as costas. Enquanto caminhava, apontava para os pés. “A sra. Zipstein tem aqueles sapatos pretos esgarçados que parecem ter batatas dentro — não, como se tivesse um monte de pés *minúsculos* grudados no pé normal. Ela está andando, viu? ‘Oi, oi, oi doit e filt, filt e doit. God to gad id op. Oi, oi, oi.’” Helen se endireitou. Instantaneamente, se transformou em Sadie sendo carregada em um almofadão por escravos núbios. “Cuidado com minha túnica, seu *graubyon*! Você, à direita — não *tropece* ou vai rasgá-la! Isso não é um *shmatte*, sabia? Custou uma fortuna.” Os braços de Helen/Sadie se agitavam, impotentes. “Ah, meu Deus, o chão está sujo — venha rápido, alguém, e limpe isso. Rápido ou vou ficar roxa de raiva.” Helen se sentou. “Ninguém gosta de mexer na sujeira dos outros, mas Sadie não consegue nem chegar perto da sujeira *dela*. Ela podia estar sentada na privada e dizer: ‘Desculpe, eu não consigo fazer isso. Alguém, entre e seque!’. O salário dela poderia ser cortado para um dólar e noventa e oito por semana e a ‘menina-que-vem-duas-vezes-por-semana’ — que provavelmente é mais velha que a mãe dela — seria a última coisa de que ela abriria mão. ‘Tem sempre uma *shvartze* para fazer essas coisas nojentas, então por que vou me preocupar?’ Ah, mas a culpa. — ‘Não sei o que acontece, Debbie, mas não consigo ficar em casa quando Beulah está lá. Faço minhas compras maiores nesses dois dias.’ Beulah limpando de joelhos provavelmente lembra sua mãe, a sra. Limpa. Quanto à própria sra. Limpa, talvez ela esteja sempre na lida, esfregando e limpando porque não há mais nada para uma judia religiosa fazer.” De repente, Helen virou um rabino. “Vão para o *mikvah* e parem de *nudzhir*, suas mulheres sujas. Não contaminem nossos estudiosos com seus fluxos mensais e seus modos pecaminosos. Já é suficiente, e até passa do ponto, que deixemos que vocês acendam a vela do Shabbat. Então cozinhem, então limpem, então remendem.” Helen fez uma pausa. “Enfim, do que eu estava falando?”, disse, rindo, e mudou de assunto. “Mãe, você se lembra de quando eu estava saindo com o Freddie Cole, aquele jogador de futebol?”

“Eu deslembro o nome.”

“Você lembraria se o visse, um verdadeiro touro, um Baby Huey. Bem, enfim, uma vez ele telefonou e disse: ‘Helen, vou t e trazer uma coisa muito especial esta noite — uma rosa perfeita’. Ele deve ter visto isso em um filme ou algo do tipo. Bem, enfim, naquela noite, ele se arrasta escada acima, seu punho grosso parecendo um vaso deformado

para o botão de rosa que ele está segurando.” Ela fez uma pausa para demonstração. Sua imitação do volume e do andar de Freddie era tão exata que, naquele instante, Louise se lembrou dele. “Ele me dá, e eu digo: ‘Ah, Freddie, que lindo, mas vai ser uma beleza mesmo é quando abrir’. Ele me lança aquele olhar idiota, pega a rosa e diz: ‘Dã, eu posso dar um jeito nisso’. E com um rasgo, um sacolejo, um golpe, ele abre as pétalas uma a uma e me devolve. ‘*Bulvan!*’, eu gritei e o coloquei para fora.”

Jimmie C. e Oreó riram, James sorriu no seu canto e Louise disse: “*Bul* o quê?”.

Um botão em flor

Falar de rosas e *mikvahs* lembrou a Oreó que era hora de trocar o absorvente. Ela pediu licença e se retirou da mesa.

A menarca de Oreó foi aos oito anos. Ela estava cuidando da própria vida, fazendo experiências para ver se sua tartaruga de estimação tentaria acasalar com um capacete do exército, com meia casca de noz ou com um pedaço de linóleo (a “hipótese do casco de baixo”), quando sentiu uma leve contração na parte inferior do abdômen. Ela não sabia ao certo onde — aconteceu muito rápido — mas era algum lugar abaixo do *pupik* e acima do *mons veneris*. Ela foi ao banheiro para verificar uma viscosidade que sentia — e viu o sangue. “*Oi gevalt*”, disse, “que porra é essa?”

Convocou Louise, que olhou para a calcinha de Oreó e lhe entregou um Kotex. Louise não acreditava em absorventes internos, que eram muito modernos para ela. “Só uma coisa pode entra’í”, disse a Oreó. Ela explicou a Oreó as implicações daquele assunto e que ela poderia esperar aquilo de três a cinco dias a cada vinte e oito. Louise ficou apenas ligeiramente surpresa por Oreó começar tão jovem. Era assim que as coisas aconteciam com aquela menina. No entanto, a avó ficou espantada quando viu que as gotas de sangue formaram uma rosa da espécie American Beauty nos fundilhos da calcinha de Oreó. O próprio endométrio sempre a lembrava de pedaços de fígado cru, mas a decoração desabrochada de Oreó parecia ter sido espremida de um saco de confeitaria.

“Como chamamos isso?”, Oreó perguntou.

“Bem, pode chamar d’aqueles dias, de usar paninho ou veio o chicho. Mas é mais bonito uma dama dizer: ‘Vovó, veio mi’a régua.’”

Oreó balançou a cabeça. Olhou para o vermelho do sangue, o branco

do absorvente, o azul da fita adesiva que corria no meio e disse: “Não, vou chamar de dia da bandeira”.

Louise assentiu com satisfação. “Muito patriótico da sua parte, pequena.” Ela deixou Oreó no banheiro e foi para a cozinha. Por alguma razão, estava dividida entre preparar o fígado de vitela à veneziana ou assar um bolo.

Oreó nunca viu motivo para dizer a Louise ou a qualquer outra pessoa que sua menstruação não vinha a cada vinte e oito dias, mas na seguinte programação mensal: no trigésimo dia de setembro, abril, junho e novembro; no trigésimo primeiro dia em todo o resto, exceto fevereiro, quando vinha no vigésimo oitavo (e a cada quatro anos em 29 de fevereiro). O dia da bandeira era para Oreó apenas isso — um dia. Vinte e quatro vezes naquele dia — uma vez a cada sessenta minutos — ela expelia uma rosa de sangue, como um relógio uterino contando horas sanguinolentas. Naqueles dias, Oreó acertava o relógio sozinha e ajustava todos os outros relógios da casa. Mas agora, trocou de absorvente e voltou para ter uma conversa em particular com a mãe.

O *shmooze* de Helen e Oreó

Helen disse: “Você viu o comercial de TV em que a dona de casa está sendo apedrejada até a morte por usar o detergente errado, e sobe uma voz de um arbusto em chamas para atirar mais quem está atirando as pedras?”

“Sim”, disse Oreó.

“O arbusto é seu pai. Você já viu aquele em que a dona de casa pega uma pereba quando um homenzinho pula de dentro da privada dela?”

“Sim.”

“O vaso e a pereba — seu pai. E aquele em que o homem está pensando em contar à esposa que ela tem caspa, enquanto a mulher está pensando em uma boa maneira de contar a ele que ele tem cecê?”

“O cecê e a caspa — meu pai”, adivinhou Oreó.

“Não, a mulher.” Helen explicou que o pai de Oreó era agora o rei dos dubladores. Ele havia encontrado seu nicho depois de estar no mesmo número de peças fracassadas que Oreó agora tinha de idade, dezesseis e meio. A carreira de Samuel, com todas as peças, contava dezesseis dias e meia cortina — uma peça foi cancelada antes que a cortina do primeiro ato subisse completamente.

“Seu pai se casou de novo recentemente”, continuou Helen. “Uma juvenzinha da Geórgia, ouvi dizer.”

“Alguma razão para ele jamais ter nos visitado, telefonado ou sequer reconhecido minha existência e do Jimmie C.?” perguntou Oreo.

“Claro que há uma razão.”

“Qual?”

“Ele é um *schmuck*.”

Isso fez sentido para Oreo.

“Outra coisa, ele quer o *gelt* do pai dele. Jacob não vai deixar nenhuma migalha de pão para ele se tudo que Sam tiver para mostrar forem filhos *shvartze*. Você esperava outra coisa, *noch*?” Helen suspirou. “De qualquer maneira, querida, voltei para casa com um propósito especial. É hora de você se dedicar a descobrir o segredo de seu nascimento. Eu achava que você não estaria pronta até ter pelo menos dezoito anos, mas pelo que vi e ouvi, você está pronta agora. Quando seu pai e eu estávamos prestes a nos separar, ele me deu um pedaço de papel que carreguei comigo em todas as minhas viagens. Ele disse que quando eu achasse que você tinha idade suficiente para decifrar as pistas escritas aqui, ele saberia que era hora de lhe contar o que você tem direito de saber. Não cabe a mim contar esse segredo. Ele pertence a Samuel. Ele ainda está em Nova York, mas não tenho o endereço. Se ele é mesmo grande coisa, deve ser fácil encontrá-lo.” Ela entregou a Oreo o papel, que estava marrom pelos vários anos de Helen derramando café nele.

A caligrafia era inteligível apesar das manchas de café. O significado do primeiro item da lista não era tão claro. “Aqui diz: ‘Espada e sandálias’. Como assim? Comprar a espada e as sandálias? Encontrar a espada e as sandálias? *Enfiar* a espada e as sandálias? O quê?”

“Eu posso ajudar com essa”, disse Helen, “mas todos os outros lances são uma parada totalmente diferente. Você vai ter que decifrar sozinha. Venha comigo.” Ela saiu para o quintal, com Oreo em seu encaixo.

Helen apontou para uma enorme pedra no canto nordeste do quintal. “Consegue levantar aquilo ali?”

Sem dizer uma palavra, Oreo moveu a pedra com uma mão. Era uma massa de modelar que Jimmie C. vinha guardando há anos.

“Diga o que tem embaixo dela”, disse Helen.

“Nada.”

“Ah, sim, eu me lembro agora. Eu decidi que esse era um lugar *tsedrayt* para guardá-los. Estão na casa.”

Oreo a seguiu de volta para dentro. Helen subiu até o quarto de Oreo e foi direto para a terceira tábua do piso junto da janela. Ela se abaixou e disse: “Técnicamente, era você quem tinha que fazer isso”. Mostrou a Oreo um lugar onde era possível encaixar os dedos embaixo da tábua.

Oreo a ergueu e tirou o que estava escondido ali embaixo: um *mezuzah* preso a uma corrente fina e um par de meias de dormir. “É isso que ele chama de espada e sandálias?”

“Passe para cá”, disse Helen. Elas se sentaram na cama para examinar as quinquilharias. O *mezuzah* e a corrente tinham ficado verdes. “Pão-duro. Ele me disse que eram de ouro maciço.” Ao redor do *mezuzah* havia um pedaço de papel preso por um elástico. Helen tirou o elástico e entregou o papel para Oreo.

Oreo leu em voz alta: “‘Pois a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes... (Hebreus 4,12)’”.

“*Golem*”, disse Helen, falando a Samuel, “é do Novo Testamento!” Ela deu as meias para Oreo, dizendo: “Enfie a mão aí dentro”.

Na meia esquerda havia uma fita de papel que dizia: “Assim você não vai pegar um resfriado”. Oreo também se sentiu impelida a falar com o pai ausente: “Você é tão atencioso. Papi”, ela disse franzindo o lábio. “Se eu tiver a sorte de encontrá-lo depois de todos esses anos, eu vou lhe dar um baita de um *zetz!*”

O adeus de Oreó a seus tutores

Milton, o leiteiro, apareceu na varanda e disse a Oreó: “Ouvi dizer que você vai nos deixar para encontrar seu pai. Bem, boa sorte para você. Esta é a coisa engraçada das viagens. Você já notou que, se encontra uma pessoa onde ela não deveria estar, digamos, num país estrangeiro ou em outra cidade, você fica mais feliz em vê-la do que se esbarrasse com ela de vez em quando onde ela *deveria* estar? Quero dizer, eu, por exemplo. Você me vê quase todos os dias e fica feliz em me ver, mas somos apenas conhecidos, né? Não dá para dizer que somos amigos. Mas se você me visse em Cincinnati, agiríamos como se fôssemos camaradas de longa data. E se nos encontrássemos na França — bem, não haveria como nos separar. Depois nos encontraríamos novamente na Filadélfia e voltaríamos a ser apenas conhecidos, né? Bem, antes de você ir, gostaria de lhe contar sobre minha teoria do divórcio, baseada na experiência de um amigo meu. Bem, esse meu amigo — vamos chamá-lo de Stan — e sua esposa — vamos chamá-la de Alice — tinham um grande problema. Ela preferia um banho noturno *antes* do sexo, ele gostava de um banho matinal *depois* do sexo. De um jeito ou de outro, um deles sempre estava muito limpo ou muito sujo para o parceiro. Então eles raramente ficavam juntos, e se divorciaram. Pois bem, minha teoria é de que o índice de divórcios poderia ser reduzido em noventa por cento se, antes do casamento, os casais discutissem honestamente, primeiro, a hora do dia em que gostam de fazer sexo e, depois, a hora do dia em que gostam de tomar banho de banheira ou chuveiro. Muita dor de cabeça poderia ser evitada se fizessem isso, porque dá para saber muito do caráter de uma pessoa a partir dessas duas coisas. Bem, adeus, garota. Foi um prazer atendê-la todos esses anos. Cuide-se, e lembre-se de beber pelo menos um litro de leite por dia”.

“Adeus, Milton.”

Douglas Floors interrompeu uma discussão crucial sobre a Guerra Sino-Soviética no último dia de Oreó com ele para investir contra o Central Park. “Não é tão ruim quanto o Fairmount Park, é claro, sendo menor, mas já é ruim o bastante. O nojento Sheep Meadow, o perigoso

Great Lawn e — na verdade, tenho um *arrepio* toda vez que penso nisso — a Ramble, onde criaturas obscurantistas vão mesmo observar *pássaros*.” Ele estremeceu por trás dos óculos escuros e virou a cadeira mais diretamente para a parede, para evitar ver o braço nu de Louise enquanto ela passava pela sala. A cicatriz da vacina dela lhe parecia um crisântemo. “Eu contribuo para um grupo muito esclarecido da Costa Leste determinado a pavimentar todos os parques. Gostaríamos de começar com o Central Park. Nossa pesquisa indica que lá temos a melhor chance. Claro, há os grupos conservacionistas lunáticos para enfrentar, mas eles logo serão neutralizados pela rinite alérgica, pela hera venenosa, pelos carrapatos e todas as outras pequenas dádivas que sua amada Mãe Natureza lhes inflige sempre que dão um passeio.” Ele riu com satisfação artificial.

“Lembre-se”, disse ao sair, “cuidado com as protuberâncias rochosas. Manhattan está cheia de xisto.”

E você também, pensou Oreó, entendendo errado.

“Adeus, Oreó.”

“Adeus, Doug.”

O professor Lindau, depois de todos aqueles anos doando sangue, agora estava recebendo. Ele ia diariamente receber uma transfusão do sangue que havia doado na última década, convencido por Milton, o leiteiro, de que se tornaria jovem novamente ao recuperar seu plasma juvenil, seus eritrócitos infantis, seus leucócitos pueris, suas tenras plaquetas. Oreó acreditava que as confluções com a cunha atual estavam fazendo mais por seu rejuvenescimento do que aquele velho sangue estragado.

Como última tarefa, o professor lhe deu um tratado padrão no campo da agronomia econômica, no qual ela deveria basear-se para compor um ensaio sobre o mesmo assunto. Ela leu a primeira e a última palavras do tratado, intitulado *Terra improdutiva, ou o que você precisa saber sobre subsídios federais*, e começou e terminou seu ensaio com palavras semelhantes. Em *Terra improdutiva*, a primeira palavra era *neve* e a última palavra era *batatas*. Em seu ensaio longo como um livro (*Secretarias de agricultura que conheci, ou Deus: o primeiro agrônomo econômico*), Oreó experimentou usar *monção* e *brócolis* como primeira e última palavras, mas decidiu que eram muito exóticas e, além disso, *monção* tinha muitas letras. Ela já estava desviando do padrão óbvio que o autor de *Improdutiva* havia estabelecido com sua primeira e última palavras determinantes, porém sensatas. Depois de uma noite com Roget, Oreó decidiu que sua primeira palavra seria *aguaceiro* e a última palavra seria *arroz*. Ela estava mais que disposta a sacrificar sílabas (duas

sílabas suas contra as três da última palavra de *Improdutiva*) em nome da aliteração. Rapidamente preencheu a seção do meio de seu ensaio usando a mesma técnica. O que sacrificou em cogência, ganhou em mecanicidade (sua linha de montagem de baboseiras aleatórias contra a arrastada clareza agroeconômica de *Improdutiva*). Assim, uma frase típica em *Improdutiva*: “A fazenda de trigo B mostrou uma relação lucro-perda decrescente durante a temporada de safra”, tornou-se no manuscrito de Oreó: “A vespa da fazenda de aveia manejou a proporção excesso-morte durante uma colheita de pimenta”. O professor se divertiu com a pequena brincadeira de despedida, que se estendeu por mais de seiscentas páginas, com espaçamento simples.

Após a aula, o professor pediu licença e foi ao banheiro. Quando voltou, disse: “Agora que já descarreguei, não vou entrar em longas despedidas. Apenas lhe darei um grande afago e pedirei licença”. Ele abraçou Oreó.

“Adeus, professor.”

“A-Deus, Oreó.”

O adeus de Oreó à família

As despedidas da família levaram três dias porque Louise precisou de tempo para preparar uma lancheira para a neta levar em sua perigosa jornada. A peroração dessas despedidas se deu da maneira que se segue:

Oreó disse adeus primeiro a seu avô, já que levaria menos tempo que todos. “Adeus, avô”, disse, beijando-o na bochecha.

James, que estava sorrindo um segundo antes, parou de sorrir. Um olhar vago apareceu em seu rosto. Isso acontecia com frequência e sinalizava que estava descansando os músculos faciais.

Em seguida, Oreó foi até Louise. “Cê tá é uma florzinha, criança. Teu vestidim branco não tem uma mancha — dá até pra dizer imaculim.” Louise arrastou a lancheira de Oreó — mais precisamente, a mala com lanches, já que era ali dentro que estava a comida. Elas não tinham conseguido encontrar uma lancheira grande o bastante para toda a comida que Louise havia preparado.

Oreó atou o almoço na armação da mochila. Como a comida ocupava muito espaço, Oreó teve que reorganizar os outros equipamentos que levaria em sua jornada. Ela logo se cansou de remexer naquilo, disse: “Ah, pro inferno com isso” e enfiou o resto das coisas na mala de viagem junto do almoço. Era uma escova de dentes, mas difícil de embalar porque seu estimulador interproximal — ou ponta de borracha — e as

cerdas ficavam em direções opostas. Oreó beijou Louise. “Adeus, avó.”

Louise a beijou. “Tchau, Oreó.”

Jimmie C. fez um longo discurso em cha-qui-qui-uá, dizendo a Oreó o quanto a amava e prometendo não ser um *yold*. Depois, disse: “Sei que você não vai ficar fora por um spavol de tempo, mas” — e ele cantarolou esta parte — “mesmo assim o Ursinho Pooh, sinceramente, vou sentir saudade”. Sua voz mudara com a idade. Seu doce contratenor era agora um doce soprano de menino.

Ela o beijou nas duas bochechas. “Adeus, Jimmie C.”

“Vladi, Oreó.”

Quando Helen abraçou Oreó, ela não disse nada, mas sua equação de cabeça, provocada pelo choro de Jimmie C. ao fundo, foi uma simples

$$P = Do + GD$$

onde

P = partida, km/h

Do = dor, ppm

G = *gevalts*, em cwt

D = *daven*, pF

“Adeus, Oreó”, Helen disse quando sua equação acabou. Ela estava duplamente triste, pois logo partiria também, de volta à estrada.

“Adeus, mãe.”

De repente, ouviu-se um ruído como o atrito primal da dobradiça enferrujada de uma porta há muito fechada — os portões do paraíso, talvez. “Pois bem, como eu ia dizendo...” — resmungou James em sua voz desacostumada.

A família inteira ficou pasma. Encararam James, boquiabertos. Ele não estava ciente disto agora, mas alguns momentos antes, todas aquelas despedidas o fizeram acreditar que estava sendo abandonado. O choque dessa temida deserção despertou seu vaso sanguíneo rompido, que atravessou a fenda vascular como uma cobra decepada, sondando a topografia do cérebro em busca de sua outra metade. A veia fez um nó corrediço em torno da ruptura como uma medida temporária até poder reparar-se permanentemente. Sua amnésia anterógrada desapareceu. Ele se levantou com um agudo estalar de juntas, como o som de Louise abrindo gigantescas vagens verdes. Sua meia-suástica se esticou em uma vara.

A esposa e a filha o abraçaram alegremente, e ele foi reapresentado aos netos talvez pela enésima terceira vez.

“Bem, eu detesto cumprimentar e sair...”, começou Oreó. Ela não

tinha vergonha.

Quando a iminente viagem de Oreo foi explicada ao avô, um estremecimento o percorreu ante a menção do nome de Samuel. Mas o nó corrediço em seu cérebro se manteve firme. Foi algum consolo quando lhe disseram que fazia anos que Samuel e Helen estavam divorciados. Helen prometeu adiar sua viagem por alguns dias para ajudar Louise a atualizar James com relação a tudo que ele havia perdido durante os anos de amnésia. Ela amava a estrada, mas uma vez que James estivesse totalmente recuperado e ganhando dinheiro novamente, ela poderia fazer viagens mais curtas e voltar para casa com mais frequência.

Louise se aproximou timidamente do marido. “O nome Will Farmer lembr’alguma coisa?”, perguntou.

James pensou um pouco, balançou a cabeça. “Não, não posso dizer que sim. Eu conheço?”

“Não, e nem eu”, ela respondeu, um lustro cobrindo seus olhos ao mentir descaradamente. “O nome acabou de me vir num sonho. Eu sonhei com uma dessas igrejas batista pica-dura.”

“Você quer dizer linha-dura”, corrigiu James.

“Sim, dessas. Enfim, um homem ia travessando o corredor e o pastor disse: ‘Melhor entrar na linha, Will Farmer’. Achei que você talvez relembrasse de algum sujeito com esse nome.”

James tensionou seu nó corrediço, tentando descobrir por que conheceria alguém de um sonho de Louise, mas deixou para lá e se ocupou de outras coisas. “Helen, o que acha dessa ideia? Eu estava pensando numa remessa especial para todas as casas de repouso para judeus usados e...”

“Você quer dizer casas de repouso de gente idosa?”, perguntou Helen.

“Naturalmente. Bem, eu estava pensando...”

Oreo o interrompeu para iniciar uma rodada final de despedidas, depois saiu pela porta o mais discretamente que pôde, considerando sua mochila.

Betty, a ninfomaníaca, desgrudou do pai por tempo suficiente para dar adeus da janela do quarto e gritar: “Não se esqueça daqueles postais safados que você me prometeu!”.

“Vladi, vladi”, Jimmie C. clamou melancolicamente da varanda até ela desaparecer de vista.

E Oreo seguiu seu caminho.

Parte II

Meandros

No metrô elevado rumo à estação da rua 30

Oreo fez o que sempre fazia no metrô. Especulava ou comparava. Especulava sobre quantas pessoas, digamos, em Denver, Colorado, estavam fazendo amor naquele exato momento. Quantas pessoas em Cincinnati estavam fazendo tratamento de canal? Enquanto o elevado passava pela Arena e pela cúpula dourada da torre do relógio da Provident Mutual, numa corrida desenfreada para se tornar um verdadeiro subterrâneo em seu mergulho na parada da rua 40, Oreo se perguntava quantas pessoas em Honolulu estavam se coçando. O número de pessoas pegando livros emprestados da biblioteca em Duluth era superior a um décimo de um por cento dos proprietários de carros da cidade?, ela ponderava. E quanto à proporção de futucadores de nariz por mil habitantes em Portland, Oregon — ou, aliás, em Portland, Maine?

Quando se cansou de especular, Oreo passou a comparar. Olhou para todos os lados do vagão. Em sua primeira varredura, se concentrou no tamanho e na forma de todos os narizes que podia ver. Concedeu prêmios (imaginários) apropriados, mas sem valor, aos donos do maior, do menor e do mais incomum. Um homem usando um chapéu astracã ganhou o prêmio do maior, com um nariz grande o bastante para acomodar narinas que faziam Oreo pensar em hangares conjugados para aviões, forrados de pelos. Seu prêmio: limpeza mensal gratuita com um aspirador de nariz ainda-a-ser-inventado. A argila de modelar, o prêmio para o menor nariz, foi para uma mulher ruiva com nariz de formiga. Uma mão que passasse da testa formicária para a boca da ruiva não teria que fazer desvios humanoides em torno de proeminências cartilaginosas. O prêmio de mais incomum foi para o jovem vesgo cujo nariz apontava para a orelha esquerda. Picasso *réchauffé*. O prêmio não iria de fato para ele. Seria uma venda para os outros cobrirem os olhos em sua presença.

Antes que pudesse ir para as mãos e os sapatos, Oreo conseguiu um assento. Sentada na beirada do banco por causa da mochila, ela apalpou a gola do vestido para ter certeza de que o *mezuzah* ainda estava no lugar.

Ela afrouxou a alça da bolsinha preta (do tipo que parece um saco de ração de cavalo), empurrou para o lado as meias que o pai lhe deixara e puxou a lista de pistas manchadas de café.

1. Espada e sandálias
2. Três pernas
3. A grande divisão
4. Porca
5. Chutes
6. Pretzel
7. Encaixe
8. À beira do rio
9. Templo
10. Número da sorte
11. Estonteante
12. Velas

Ela riscou o primeiro item da lista. Se o número dois fosse tão absurdo quanto o número um, “Três pernas” poderia significar qualquer coisa, desde uma cadeira quebrada até gêmeos siameses. Não importa. Estava preparada para qualquer merda, preparada para ir aonde não era bem-vinda, se meter onde não era chamada, testar sua futricação em todos os lados do mapa. Oreó era uma garota bem metida.

Sua bravura era inquestionável. Ela havia decidido — ignorando os conselhos de aventureiros mais velhos e cautelosos — evitar a fácil viagem de canoa subindo o Delaware, o mamão-com-açúcar da travessia pelos pântanos de Nova Jersey e o deslizar sem suor do Hudson até Manhattan, e em vez disso viajou pela rota ferroviária via Penn Central, muito mais problemática. Que outra insígnia da coragem de Oreó precisa ser citada?

O saguão do metrô da rua 30

Oreó sabia que havia vários desafios difíceis pela frente antes de chegar ao ponto de partida oficial de sua jornada terrestre, o Saguão de Espera da Estação da Rua 30. O primeiro e o segundo desafio vinham juntos: a Escada Rolante Quebrada e os Canos Furados. Inúmeros viajantes anteriores sofriam com tornozelos quebrados e/ou a tortura chinesa da água enquanto faziam o caminho entre o metrô e a estação da rua 30. Com o advento dos sapatos feios de salto grosso, que substituíram os

saltos-agulha de arrebentar os tendões, grande parte dos perigos dos degraus esburacados da Escada Rolante Quebrada tinham sido neutralizados. A maior parte — na verdade, todo — do movimento da E.R.Q. tinha sido empacada quase imediatamente após o início de seus giros. Assim, ela teve uma vida útil de apenas dois minutos e trinta segundos enquanto escada rolante antes de expirar e se tornar a Escada Rolante Quebrada das lendas da Filadélfia. Oreó se preparara para essa etapa da jornada usando sandálias, que forneciam firmeza nos degraus da E.R.Q. e também serviam de vitrine para seus perfeitos pés de dedos curtos.

Os Canos Furados satisfaziam a necessidade de irritação, humilhação, irrigação e sincopação dos viajantes. De acordo com o número de gotas que caíam dos Canos Furados sobre o viajante, ela ou ele ficava irritado, humilhado ou irrigado. Esses graus eram em grande parte uma função da sincopação dos Canos. Com o simples um, *dois*, três, *quatro*, algumas almas mais simples ainda eram apanhadas pelas gotas em contratempo. Alguém que era vitimado três ou mais vezes por aquele ritmo certamente poderia ser declarado como ultrapassando os limites da irritação e adentrando o território da humilhação. Os azarados eram aqueles que levavam uma, *duas*, três, *quatro*, —, seis, sete, oito. Eles acabariam encharcados quando chegassem ao pé ou à cabeça (dependendo da direção) da Escada Rolante Quebrada. Noventa por cento das vítimas de uma, *duas*, três, *quatro*, [...], seis, sete, oito eram brancos. Eles simplesmente não conseguiam sacar. Pessoas negras geralmente eram pegadas pelo ritmo normal, não sincopado, *um*, dois, *um*, dois — era tão simples que não conseguiam acreditar.

Oreó parou no topo da E.R.Q. e fechou os olhos. Não queria distrair-se olhando as gotas. Ficou apenas ouvindo. Estava com sorte. Os Canos estavam na fase um, *dois*, três, *quatro*. Abriu os olhos e observou que as gotas (*dois* e *quatro*) atingiam o mesmo lado da E.R.Q. a cada dois degraus. Então era uma simples questão de descer pelo lado seco, saltando os degraus onde as gotas caíam para evitar respingos laterais. Ela executou o movimento às pressas — e bem a tempo também, pois os Canos mudaram para um ciclo diferente assim que sua sandália atingiu o último degrau, e uma gota errou por pouco seu calcanhar exposto.

O terceiro desafio era suportar os grafites de Cool Clam, Kool Rock, Pinto, Timetable, Zoom Lens e Corn Bread (o autodenominado “Rei das Paredes”, que corouava seu B com um diadema de três pontas). Não era considerado adequado apertar os olhos e cambalear ao longo da passagem para a estação. Não, olhos totalmente abertos precisavam ser oferecidos a linhas xenófobas e nada novas como

a polimorfa perversidade de

A GATA AMA
BILL & MARY & LASSIE & SPAM

a afirmação arejada e trepidante de

CHARLOTTE E EMILY VIVEM!

e a provocação platônica de

SÓCRATES PENSA QUE SABE TODAS AS PERGUNTAS

Oreo olhou para esses escritos, um teste de força. Tão intensa foi sua concentração que, a princípio, deu pouca atenção a um cutucão em seu ombro direito. Ela o sentiu de novo e se virou para olhar nos olhos de um homem manco pelo qual havia passado perto do grafite da Gata-Bill-Mary-Lassie-Spam. Um dos embrulhos de papel alumínio da bolsa de viagem dela estava na mão dele. Ele estava remexendo no pacote dela! Oreo esticou a mão para tomá-lo dele, mas agachou quando viu o braço do homem se lançar como numa tacada de beisebol. Ouviu um *push!* quando as moléculas de ar colidiram umas com as outras, recebendo o impacto que sua cabeça teria sofrido. Strike um. Com o placar de 0-1, Oreo percebeu que aquilo era uma bengala. Ela se abaixou novamente para o strike dois. “Cara, que perda de tempo!”, Oreo disse em voz alta, finalmente ficando irritada. Agarrou a bengala e deu um moderado *sōko-no-kōko* no homem. Não queria golpear um velho manco com um *ke--brah-kōko* de força total. Quando viu a expressão nos olhos dela, o velho gatuno se virou e disparou pelo corredor em velocidade olímpica. Ele realmente *meteu o pé*, querida! Os pés dele estavam flutuando! Por causa da mochila, Oreo só o alcançou quando ele estava chegando ao final do corredor. Derrubando-o com um *shu-teh-no-rah-bō*, apertou o pomo de adão dele com a bengala até o homem prometer que não tentaria levantar até que ela permitisse.

Oreo perguntou seu codinome e seu modus operandi. Perry relatou como entrou em uma loja de ferragens e pediu uma vara de cobre. O proprietário trouxe uma, dizendo que tinham uma promoção de varas de cobre naquele dia e que ele teria direito a um desconto de quinze por cento. Perry, *emptor* resmungão, que tinha lido nos jornais que o

desconto deveria ser de vinte por cento, pegou a vara e arrebentou a cabeça do lojista com ela. Não pagou um cobre, mas, em vez disso, recobrou o cobre antes que os canas cobrassem e ele tivesse que cantar. Levou a vara para casa, cobriu-a com madeira, torceu uma extremidade e ousadamente decorou a outra ponta com uma ponteira de latão. Com esse cacetete cúprico e o falso manquejar, ele espreitava os corredores do metrô, atacando passageiros incautos, barbarizando a passagem de ponta a ponta.

“Então por que não vi nada disso nos jornais?”, Oreó perguntou.

“Estamos a poucos passos do prédio do *Bulletin*.”

“Ah, eu comecei há apenas quinze minutos. Você foi minha primeira vítima, sem contar o cara da loja de ferragens.”

Oreó ajudou Perry a se levantar do chão, avisando que era melhor ele ficar em casa esperando o cheque da previdência social. Ela confiscou a bengala e o advertiu de que o caminho do bate-carteira era duro e tenebroso. Ele não se convenceu. Então ela disse: “Posso resumir sua habilidade de *gonif* em uma palavra”.

“Qual?”

“*Feh!*”

Ele se convenceu.

Oreó no Saguão de Espera da Estação da Rua 30

As tentativas de Obter uma Passagem, Saber o Horário de Saída, Encontrar a Plataforma e Esperar o Trem Atrasado foram típicas demais para serem narradas aqui. Enquanto Oreó se encontrava no estado de Esperar o Trem Atrasado, decidiu riscar “Três pernas” de sua lista. Se a bengala de Perry, agora sua, não era a terceira perna do caquético enigma da Esfinge sobre a velhice, ela nem queria saber o que era. Oreó também decidiu que, já que a missão era sua, afinal (até agora uma aventura de pouca intrepidez), ela riscaria todas as outras pistas de sua lista sempre que visse justificativa para tal. Não era lógico, mas dane-se. Por exemplo, o número quatro na lista era “Porca”. A porca da charada se referia a algo relativo a suínos ou algo relativo a ferragens? Estava falando de uma costeleta de porco ou de um catálogo de mecânica? Se o pai pretendia dar pistas tão idiotas, ela ia provar que era filha dele mesmo. Quando necessário, Oreó conseguia ser mais idiota que qualquer scroque depois de Jimmie C. A chegada da Sucata Prateada — duas horas e doze minutos atrasada — interrompeu sua presunçosa avaliação do quão burra ela conseguia ser se tivesse a mínima

oportunidade.

Oreo no trem

Oreo passou pela fase de Encontrar um Assento e agora se encontrava no estágio da Esperança de Ter o Assento Só para Si. Ela tirou a mochila e a colocou no bagageiro superior. À medida que cada colega de assento em potencial passava pelo corredor, Oreo soltava uma tosse escandalosa ou fazia a bochecha ter um tique rápido ou falava animadamente consigo mesma ou tentava parecer gorda; em seguida, pôs a bolsa e a bengala no assento ao lado e vestiu uma expressão de isso-não-é-meu. Mas aqueles eram viajantes experientes. Eles sabiam o que ela estava tramando. Como a maioria deles estava na fase pré-Esperança de Ter o Assento Só para Si, eles seguiam pelo corredor, evitando os olhos dos *schlemiels* que estavam na Esperança de Ter Alguém Legal para Conversar pelo Caminho Inteiro até Nova York. À medida que o trem enchia, os empedernidos viajantes sabiam que querer um assento duplo era sonhar demais, e todos se conformavam com o arroz-com-feijão da Esperança de que Meu Colega de Assento Mantenha o Bico Calado e Me Deixe Ler o Jornal e a ainda mais fervorosa Esperança de que Nenhum Pirralho Chorão Esteja a Bordo.

Um jovem loiro vinha perambulando de um lado ao outro do corredor havia cinco minutos. O primeiro pensamento de Oreo quando o viu foi de que ele era quase tão boa-pinta quanto ela, e gostou de ver que os outros passageiros o observavam. Naquela passada, o rapaz parou diante dela com as mãos na cintura, resignado, e disse: “Está bem, querida, eu verifiquei e, depois de mim, você é a coisa mais bonita neste trem, então é melhor sentarmos juntos. Vamos dar a essas bonecas de pano algo para admirar”.

Oreo sorriu, apreciando a *chutzpah* dele, e tirou a bolsa e a bengala do assento.

Antes de se sentar, ele colocou uma maleta preta, mais ou menos do tamanho de uma máquina de escrever, no compartimento superior. Ele tentou empurrar a mochila de Oreo, mas ela não se mexeu. “Isto aqui é seu?”, perguntou.

Oreo confirmou.

“O que tem aqui — um pedaço de Júpiter?”

Oreo riu. “Não, meu almoço. Em Júpiter, ele pesaria mais que o dobro disso — entre um zilhão e cinquenta e sete quilos.”

“Bom, ótimo. Vejo que posso conversar com você.”

Quando o trem chegou ao norte da Filadélfia, Waverley Honor — “Você *acredita* nesse nome?”, ele disse. “Neste caso, Honor é um lugar, não um código, graças a Deus!” — sabia oito coisas sobre Oreo. “Beleza, agora chega de falar de você. Vamos, pergunte o que eu faço.”

“O que você faz, Waverley?”, Oreo repetiu, obediente.

“Está preparada?” Ele fez uma pausa. “Sou um carrasco itinerante.”

Oreo demonstrou a obrigação surpresa.

“Está vendo aquela maleta preta?” Waverley apontou para o bagageiro superior.

Oreo assentiu. “Parece um estojo de máquina de escrever.”

“Adivinhe o que tem nele.”

“Uma cadeirinha elétrica”, respondeu Oreo, jogando o jogo.

“Bom palpite. Não, uma máquina de escrever.”

“Ah, caramba”, respondeu Oreo.

Waverley a acalmou. “Mas *foi* um bom palpite. É a minha Remington elétrica. Eu a trago comigo em trabalhos especiais. É uma Quiet-Riter.”

“Então me fale logo, e chega de papo furado”, disse Oreo.

Waverley explicou que ele era uma Kelly Girl, a tecla shift mais rápida do Leste entre as secretárias temporárias. Sempre que uma grande corporação estava passando por mudanças em qualquer lugar da Costa Leste, Waverley recebia o telefonema para embalar sua Remington.

“Sim, mas o que você faz exatamente?”, Oreo quis saber.

“Achei que nunca fosse perguntar.” Ele se aproximou de Oreo para que a conversa não fosse entreouvida. “Meu último trabalho foi típico. Eu recebo a ligação da Kelly, certo? Eles dizem: ‘A Corporação Tal-e-Tal precisa de você’. A Corporação Tal-e-Tal não será nomeada, porque, afinal, um garoto não pode contar *tudo* que sabe.” Ele fez uma pausa para a risada. “Mas acredite em mim, querida, é coisa grande. Quero dizer, você não consegue dar um peido sem que eles tenham algo a ver com isso. Enfim, eu apareço no prédio — um daqueles monstregos de vidro. Mostro meu passe especial para o guarda. Eu gostaria de poder usar aquele crachá em todos os meus trabalhos — uma foto minha absolutamente *linda*. Enfim, pego o elevador dos fundos até o quinquagésimo segundo andar. A recepcionista mostra meu cubículo. Um homem chega um minuto depois com uma maleta trancada. Ele abre e explica o trabalho. É uma tarefa simples de cópia. O que faço é datilografar os avisos de demissão de quatrocentos altos executivos. Corte a cabeça deles! É por isso que me chamo de carrasco itinerante. Porque, querida, a maioria desses caras estava na empresa desde 1910, e eles não fazem ideia da *merda* que vai acontecer com o próximo

contracheque.” Ele ergueu as sobrancelhas, uma manobra intrincada envolvendo uma série de ascensões infinitesimais até que as sobrancelhas atingissem um platô que, acima de tudo, sinalizava uma pausa para uma pergunta retórica. “Você acredita nisso? Pois bem, minha *querida*, o trabalho era *tão* mecânico e *tão* chato que eu *insisti* num rádio no segundo dia. Então, enquanto ia decapitando os filhos da mãe de Scarsdale, passando por Stamford e Darien, eu curtia Aretha e Tina Turner e James Brown. Olha que ironia! Enquanto Tina faz sua mágica com ‘I Want to Take You Higher’, eu vou martelando esses caras de quarenta-e-cinco-mil por ano. Isso me faz sentir simplesmente *terrível*! Eu sinto mesmo compaixão por pessoas de alta renda, querida. Eles são *meu* tipo de minoria.”

Quando Waverley foi beber água, Oreo pregou os olhos no papelão sujo atrás do banco à sua frente:

Obrigado por viajar pela Penn Central  Tenha uma boa viagem

Ela olhou pela janela enquanto o trem passava por uma pequena estação e viu outra placa que, por um instante, a fez pensar que estava em um país estrangeiro, até que percebeu que faltavam algumas letras:

TRE
CALIZAÇÃO 5

Quando o trem parou em Trenton, Oreo ficou com fome. Puxou a mochila do bagageiro e estava prestes a começar quando percebeu que estava sendo egoísta — além do mais, não faria mal algum ter um vagão cheio de viajantes em dívida com ela. Reservando apenas alguns pacotes selecionados, convocou a ajuda de Waverley e distribuiu o resto para os outros passageiros. Em poucos minutos, gemidos e suspiros podiam ser ouvidos em meio à *devoração*.

Entre mordidas, Waverley dizia: “Oh, meu Deus, é tão bom que estou gozando nas calças”.

O carro inteiro irrompeu em aplausos quando Oreo foi buscar um copo d’água. Ela se curvou para um lado e para o outro enquanto voltava para seu assento. Ficou um tempo sentada, digerindo as apolíneas folhas de uva recheadas de Louise, seu revolucionário *piroshki*. Oreo estava tentando decidir em que tom de azul estava o céu. Era o azul reciclado de um par de jeans franceses de cinquenta dólares (ou *jeannettes*) que tinham sido deliberadamente desbotados. Ela decidiu que, de agora em diante, chamaria aquele tom de azul fajuto. Douglas Floors aprovaria.

Waverley estava olhando por cima do ombro dela. De repente, ele se recostou e suspirou. “Você é a primeira pessoa legal com quem eu falo em muito tempo. Posso desfiar meu rosário?”

“Claro, vá em frente.”

Ele confidenciou que não era apenas um carrasco itinerante, mas também um carrasco itinerante *gay*.

“*Nu*, alguma outra novidade?”, ela disse, imitando uma das vozes de sua mãe.

Waverley fez um gesto floreado. “Estou começando a pensar que o mundo inteiro é.” Ele então deu uma lista de estrelas de cinema, do passado e do presente, que eram “daquele tipo”; incluía todo mundo, exceto Rin Tin Tin e John Wayne. “Embora o nome verdadeiro do Duque seja Marion e ele tenha aquele jeito engraçado de andar, temos certeza de que ele é hétero, mas não temos *tanta* certeza sobre Rin Tin. Lassie, é claro, é uma drag queen das *antigas*.”

Waverley disse que andava muito deprimido desde que terminara com seu último amante. A princípio, ele apenas ficara jogado sentindo pena de si mesmo, datilografando de dia e se masturbando à noite.

“Então eu decidi: pro inferno com isso. Fiz algo que nunca tinha feito antes. Saí à caça por todos os bares. Fiz todas as coisas que sempre quis fazer. Me senti justificado porque estava cansado de viver como um vegetal.”

“Você queria viver como um pedaço de carne”, disse Oreo.

Waverley concordou, agradecido. “Ah, você é malvada, *mal-va-da*! Enfim, eu fiquei com todo tipo de cara. Na terceira semana, tive meu primeiro oriental.”

“É verdade o que dizem sobre os homens orientais?”

“O quê?”

“Que as bolas deles são assim” — ela colocou um punho em cima do outro — “em vez de lado a lado?”

Outra confirmação com a cabeça, outro “malvada, *mal-va-da*!”. Ele disse que ia superar aquele boato começando outro, de que as bichas castelhanas tinham língua presa dupla. Aí ele abriu a carteira. “Deixa eu te mostrar algumas fotos.” Ele sorriu quando viu a primeira. “Estas são duas das minhas melhores amigas, Phyllis e Billie.”

Oreo assentiu. “Phyllis se parece com Ava Gardner.”

“Esta é a Billie, com um *i-e*. Phyllis é a que parece uma caminhoneira. Mas isso só mostra que as aparências enganam. Phyllis não dirige caminhões. Ela conserta. Minha mãe pegou esta foto aqui — ela está sempre me espreitando, bisbilhotando, mas isso é outra história. Enfim, quando ela viu isso, eu tive que dizer a ela que Phyll era o *namorado* da

Billie. Mas se você olhar de perto, dá pra ver a alça do sutiã dela por baixo da camiseta. Eu mostrei a foto ao ex-marido da Phyll. Achei que ele fosse mijar nas cuecas de tanto rir. Ele também é gay. Uma verdadeira biba, querida. Ele é filipino e iam mandá-lo de volta pras ilhas. Ele queria ficar aqui e ele e Phyll eram bons amigos, então ela se casou com ele.” Waverley balançou a cabeça, lembrando. “Você tinha que ter visto Phyllis no casamento. Ela deixou o cabelo crescer e estava muito bonita, pra ela. Joe, o cara com quem se casou, teve que comprar um espartilho e meias para ela e mostrar como andar de salto alto. Quando ela andou, foi um pânico completo.” Ele se levantou e imitou um vaqueiro de voz grave e rouca em pernas de pau. “‘Meu Deus, quando eu descer desses malditos trecos, nunca mais vou subir de novo.’ Isso faz anos, quando as garotas usavam vestidos para trabalhar. Mas a velha Phyll sempre usava seu macacão. Claro, ela *era* uma mecânica. Se os chefes sabiam que era uma moça, não falavam nada. Ela era uma mecânica das *boas*.”

“Ela parece brava”, disse Oreo. “Ela é durona com Billie?”

Waverley pareceu genuinamente chocado. “*Claro* que não. A machona é a *Billie*. Phyll é a garota mais doce que você vai conhecer na vida. Ela me ensinou a tricotar. Dá aulas de culinária a qualquer um que queira. Ela não *precisava* se casar com Joe. E depois teve o bebê...”

“O bebê?”

“Claro. Joe disse que sempre quis um, então Phyll disse ok. Ela tomou a decisão certa. Joe é a melhor mãe que um bebê poderia querer. Mas aquela Billie — ela chuta suas bolas só de olhar pra sua cara.”

“Ou torce suas tetas”, disse Oreo.

“O quê?”

“Esqueça — foi um deslize de empatia.”

Waverley continuou com suas aventuras. Toda aquela conversa sobre as pirocas que ele havia conhecido e amado lembrou Oreo de que ela havia esquecido de embalar o presente que tinha para o pai. Era um molde de gesso do pênis não circuncidado de Jimmie C. Helen se recusou a deixar o hospital tirar a bainha decorativa do filho, dizendo que considerava isso uma mutilação e que quando ele tivesse idade suficiente, ela deixaria que ele decidisse se queria aquilo. Jimmy C. não decidiu nada porque Helen nunca perguntou. Helen não trouxe aquilo à tona porque ainda não considerava Jimmie C. com idade suficiente para decidir. Jimmie C. só trazia aquilo à tona para ir ao banheiro e para atender o pedido — ou melhor, a ameaça — de Oreo para fazer o molde. Ele atendeu o pedido especial porque amava a irmã e porque ela ameaçou dizer uma das frases “imagine que” que vinha guardando para

fazê-lo desmaiar. Por sua vez, ele tinha um pedido especial, que cantarolou em uma linha melódica assustadoramente doce: “Mas mesmo assim o Ursinho Pooh, faça o que fizer, não pinte de verde”. Por um momento diabólico, Oreo pensou em fazer exatamente isso, mas se contentou em decidir qual das duas perguntas faria a Samuel quando lhe desse o molde: “Você gosta desse *putz*?” ou “Você gosta *desse*, putz?”. Ela estava inclinada a usar a segunda, mas agora tudo aquilo era inútil, pois havia esquecido o *putz* em questão.

Quando o trem se aproximava da próxima parada, Waverley disse: “Bem, é isso. Hoje Newark, amanhã Rahway. *Você* aguentaria tanta emoção?”. Eles trocaram endereços e Waverley puxou sua mala preta do bagageiro superior. “Aiii, preciso mijar — o primeiro bar que eu encontrar leva o ouro”, disse, refinado.

“Qualquer privada na tempestade”, disse Oreo. Ela não tinha vergonha. Viu Honor se dirigindo a um salão de chá.

Oreo em uma cabine telefônica na Penn Station

Ela abriu a lista telefônica de Manhattan. Havia vinte e seis Samuel Schwartz e vinte e dois S. Schwartz. Ela fez uma lista de prováveis Schwartz, deixando de fora comércios e outras pistas obviamente erradas. Escolheu a primeira tentativa ao acaso.

Oreo guardou a mochila em um armário e comprou um guia de mapas de Nova York. Os mapas diziam que ela deveria pegar o metrô IRT e depois mudar para o ônibus n. 5.

Oreo no metrô

Oreo elucubrava sobre o cociente relativo de fedor após três quartos de um jogo dos New York Jets em comparação com os New York Knicks. Será que o futebol americano era basicamente mais fedorento que o basquete? Por um lado, os uniformes de basquete não tinham mangas e, portanto, os jogadores tinham a chance de arejar os sovacos durante o jogo. Os jogadores de futebol americano, por outro lado, eram acolchoados e embrulhados. Sem chance de arejar sovacos ali. Mas — e era um “mas” considerável — eles jogavam ao ar livre. Não havia barreiras próximas de tijolo e argamassa para a emanção catinguenta. Outra consideração: embora o futebol envolvesse intenso esforço periódico, tinha tantas especialidades que todos os filhos da mãe tinham a chance de descansar entre as jogadas. Oreo duvidava que os dedicados jogadores da defesa ousassem arriscar sua concentração tirando um tempo para aplicar desodorante em spray, creme ou roll-on em seus períodos de descanso. O basquete, com sua contínua debandada de um lado a outro na quadra — e com suas grandes estrelas jogando praticamente os quarenta e oito minutos completos — parecia oferecer pouca chance para aplicação de desodorante, mesmo em face (ou sovaco) de desejo ou necessidade. E o hóquei? O gelo absorvia o fedor? Os parâmetros eram complicados.

Imaginem isso, fãs de esportes. É o Super Bowl. Uma mulher com equipamento completo de futebol americano (feito sob medida) corre para dentro do campo. (A princípio, alguns espectadores pensam que as ombreiras de um garoto pirado de sessenta quilos escorregaram para a dianteira.) A pobre mulher ama futebol com uma paixão comovente e inescapável. Todo homem que ansiava estar em campo enquanto se enraizava nas arquibancadas era ao menos dotado de *possibilidade*, por mais débil que fosse. Se ele ao menos fosse vinte e cinco quilos mais pesado, ou cinco segundos mais rápido... Mas aquilo era uma mulher. Imagine os gigantes da natureza e da nutrição que ela teve que subverter para experimentar aquela relva artificial. Ela alcança a linha da defesa. Ela se enfia sob uma central de ancas de pernil e pega a bola. Ela dispara, executando um padrão de abaixa-e-escapa. O que acontece depois? É o *Super Bowl*, pessoal. *Bon appétit!* Eles a Engolem. Sim, torcedores, um bloqueio de quebrar no meio e os jogadores adversários se juntam à matança. Eles rasgam aquela fêmea atrevida em pedaços, devorando-a de uniforme e tudo. Veja como um trapo despedaçado (parte da curva baixa direita do n. 8, o quadril daquele mais feminino dos números, o número que ela usava em todos os seus jogos de fantasia) escapa e desliza pelo campo em direção ao marcador do *first-down*, vermelho-túrgido, um dos muitos totens do klã masculino que kukluxa no campo. (O marcador é um círculo com um buraco de xixi/esperma acima de um triângulo isósceles com o vértice para baixo, representando o pênis visto em corte transversal acima de uma cunha de Lindau, ou vagina — a posição papai e mamãe.) Na lateral, os espectadores masculinos lambem os beijos e arrotam. As funcionárias da Nielsen sentem um *arrepio* de medo, vergonha e culpa. Os olhos do presidente estão vidrados. E o jogo recomeça com ferocidade e alegria sem igual na história do esporte. No dia seguinte, os jornais insistem que um estudante do ensino médio (homem) correu para o campo e foi escoltado para fora. Todo mundo, especialmente os jogadores (que estão todos com um toque de salmonela), concorda que foi isso que aconteceu. O texto dos eufóricos telefonemas do presidente para ambos os treinadores, e cada um dos jogadores, é divulgado ao público. Ele proclama o futebol doravante e eternamente o esporte (e a dieta) nacional.

Poucos minutos depois de embarcar, Oreo percebeu que estava andando no famoso ônibus das mulheres doidas. Ela tinha ouvido falar dele na Filadélfia. Estava com sorte. Havia duas *meshuggenes* a bordo. Uma era alta, de ossos protuberantes e língua afiada. Seu vestido azul-escuro de bolinhas brancas se agarrava a ela como um trapo em uma lasca, enquanto as pontas das frases se despedaçavam em sua boca. “... longe de mim!... em paz, caralho!”, ela vociferava enquanto abria caminho para os fundos, onde parou, bloqueando o corredor. Para Oreo, ela parecia uma Penélope.

A outra era uma mulher baixinha de cabelos grisalhos sentada perto da frente do ônibus. Ela mostrava um dente do meio quebrado quando sorria (um sorriso curável). Havia um cheiro incessante de cloridróxido de alumínio em torno dela. Oreo adivinhou que a mulher sempre se lavava e se vestia como se estivesse indo para um exame físico completo, após o qual ela seria atropelada por um carro e estranhos veriam sua calcinha. Se aquilo era verdade, ela era tão normal quanto o resto das pessoas no ônibus, e não tinha salvação — exceto, é claro, pelo sorriso. Ela usava um vestido engomado de listras verdes, brancas e azuis e tinha elásticos nos pulsos. Seus sapatos eram brancos, com um pequeno desenho floral em baixo relevo, verde-claro e rosa na ponta do pé. Uma Sofia, talvez? O que chamava atenção em sua roupa era a sacola de compras. Era decorada com cinco linhas finas vermelhas com um desenho de ondas no alto. Nelas, uma mensagem flutuava caprichosamente, escrita em giz de cera vermelho, começando na onda de cima:

QUEM ESTÁ ME USANDO COMO UM TIPO DE TELA E TODOS QUE SÃO OPRIMIDOS EU TENHO QUE OLHAR PORQUE AS PESSOAS QUEREM SUAS ENFERMIDADES NA TELA. NÃO CONSIGO FALAR COM NINGUÉM, MAS É OUVIDO. MEU ÚNICO IRMÃO TEM SETENTA E UM ANOS E É MUITO DOENTE E SE EU VISITO E FALO NO TELEFONE A CONVERSA É OUVIDA. ISSO NÃO INFRINGE MINHA PRIVACIDADE??? TENHO QUASE SESSENTA E QUATRO ANOS E ISSO ME DÁ NOS NERVOS. NINGUÉM JAMAIS ME EXPLICOU O QUE É.

Ela parecia de bom humor no geral, mas ocasionalmente apertava os pulsos e gritava “ai, ai”, ou parecia que estava prestes a chorar. Mas o grito de dor e a máscara de tristeza eram momentâneos. Um instante depois, ela estava sorrindo novamente. Ela tinha uma consciência social bem desenvolvida. Falava com o espaço vazio à sua frente sobre gente pobre, o Vietnã e desemprego.

Entre Sofia e Penélope os passageiros do ônibus não sabiam para onde não olhar. Alguns tentavam rolar os olhos disfarçadamente de um lado ao outro, a maioria olhava fixamente para a frente e fingia que as

duas mulheres não estavam lá. Penélope estava muito ocupada em estender sua soberania para perceber o efeito que causava na socialmente consciente Sofia, que se divertia com a preocupação de Penélope com o destino manifesto, particularmente sempre que Pen se entregava a um texto selecionado de incursão verbal territorial. Sofia obviamente diagnosticara o problema de Penélope como pés chatos. Sofia se dirigiu várias vezes a ela, obliquamente, com as mesmas palavras. “Não trabalhei hoje”, dizia ao vazio. “Só dei voltas pela cidade. Você pode ficar no meu assento.”

“... fora daqui!”, dizia Penélope. “... de mim!”

Diante disso, Sofia interrompeu uma risadinha para renovar seus comentários sobre os desafortunados da sociedade. “*A hoi polloi*”, disse. (Ah, pensou Oreó, notando com simpatia a repetição do artigo — ela acabara de gaguejar em duas línguas.) “Tanta educação, e de que adianta? Agora não conseguem encontrar emprego.” Ela riu com compaixão. “Eu não doo para igrejas, mas se eu tiver um dólar sobrando, doo para organizações de veteranos.” Do outro lado do corredor, leu em voz alta uma manchete sobre um assalto a banco, e depois disse: “Eles não foram educados, mas tinham seus amuletos e seu vodu. Tinham as respostas certas. Eles sabiam, eles sabiam. Folhas de chá. Acredite, eu ganhei quatrocentos e setenta e oito apostando duzentos dólares. Eles sabiam, eles sabiam. Ben Franklin disse: ‘Dormir cedo para acordar cedo’. Eles nem sabem como dizer isso hoje em dia”.

Quando o ônibus passou pela rua 62 e a Broadway, alguém disse, em tom de aprovação: “Olha aquilo ali. A Guilda Judaica para os Cegos não precisa lavar as janelas — ninguém vai olhar para fora”.

O homem à esquerda de Oreó estava lendo a primeira página do *Daily News*. Quando virou o jornal para ler a última página de esportes, Sofia leu a manchete da primeira página em voz alta. Oreó lembra que o título estava configurado assim:

Painel Pornô:
FIM DA PROIBIÇÃO
DE SUJEIRA ADULTA

Para Oreó, aquela manchete era um comentário por si só. Sofia parecia relutante em acrescentar algo à leitura da manchete de primeira página. Não era um de seus assuntos. Mais ao seu gosto era a manchete da história de duas crianças famintas e com fraturas no crânio cuja mãe estava sob observação em Bellevue:

Oreo tinha lido a história por cima do ombro da mulher à sua direita. Com ou sem painel pornô, Oreo considerou o uso de “pimpolhos” e “mãe” particularmente obsceno naquelas circunstâncias, apesar das limitações de espaço dos tabloides.

“Pobre mulher”, começou Sofia. Mas antes que engrenasse em suas confusas opiniões sobre crianças espancadas, doenças mentais e taxas hospitalares exorbitantes, teve que parar para ver Penélope abrir caminho entre a multidão e sair pela porta dos fundos.

“... fora daqui!... de mim!”, disse Penélope. Oreo viu como ela se postou em frente ao posto dos correios (estação Ansonia), e abandonou o posto bem a tempo de embarcar em um ônibus que vinha seguindo o n. 5 por vários quarteirões.

As pessoas na traseira do ônibus ficaram visivelmente aliviadas com a partida de Penélope. Elas conversaram entre si, como sobreviventes após o resgate. O povo da frente do ônibus olhava com inveja para a traseira. Eles ainda tinham Sofia. Mas sem Penélope, Sofia se acalmou. Ela parou de recitar as manchetes e se contentou em apertar os pulsos várias vezes entre alguns “ais” modulados e tamborilar levemente em sua sacola de compras.

Enquanto o ônibus contornava um parque — que o guia de Oreo dizia ser o Riverside — Sofia se levantou para sair. Ela foi até a porta dos fundos e com um calmo “Desce, por favor”, ela se foi.

Tudo ficou quieto por mais alguns quarteirões. Então, um senhor idoso com um olho ruim se levantou para sair. Oreo tinha certeza de que era o sr. Sammler. Seu palpite foi confirmado quando ele foi seguido para fora do ônibus por um jovem elegante vestindo um casaco de pelo de camelo.

Alguns quarteirões depois, a própria Oreo desceu do ônibus. Caminhou até a avenida West End, encontrou o endereço que havia anotado e disse ao porteiro que queria ver Schwartz.

“Schwartz? Do 4-B?”, perguntou o porteiro.

“Esse é o único Schwartz no prédio?”

“Sim.”

Então, claro, idiota, pensou Oreo. “Diga que Christine está subindo.” O porteiro ligou para o 4-B e deu seu recado.

“Mande-a subir”, disse uma voz grave pelo interfone enquanto Oreo entrava no elevador.

Alguns minutos depois, Oreo estava de volta à portaria. Schwartz do

4-B era jovem demais para ser seu pai. Além disso, ela era chinesa.

Oreo na Broadway

Oreo se deteve quando chegou a um bar. Entrou, foi direto para os fundos, foi ao banheiro feminino, fez xixi e saiu. Sempre ficava desconcertada quando tinha que fazer isso — entrar em um lugar onde era considerada menor de idade. Felizmente, por causa de seu constante fingimento, ela frequentemente se disfarçava de adulta. Nas ocasiões em que era desafiada e tinha que admitir que era menor de idade, Oreo ficava profundamente envergonhada. Não tinha escrúpulos de entrar em um bar e não pedir nada. Só bebia bons vinhos e Pepsi com gelo. Além do mais, estava basicamente apertada e não se importava em se aliviar quando todos ao seu redor sabiam que era só isso que ela ia fazer. Qualquer privada na tempestade — o ditado que proclamou a Waverley — era seu lema para essas ocasiões. Ela tinha outros trocadilhos ainda piores para outras ocasiões. Mas chamar Oreo de menor era atravessar, lenta e meticulosamente, uma flecha nas profundezas de sua alma muquirana. Ela não se considerava menor sobre ou de ou em coisa nenhuma.

Oreo na Broadway novamente

Ela estava com fome. Agora estava arrependida de ter dado a ótima comida de Louise para um bando de estranhos com olho maior que a barriga. E Waverley Honor tinha comido como um filho da mãe, aquela bicha. Oreo estava ficando irritada. Tinha muito dinheiro consigo, mas não queria gastá-lo se pudesse evitar. Mão-de-vaca. A fome finalmente a forçou a comprar um *blimpie*, uma pérfida imitação de um sanduíche *hoagie*. Seu paladar refinado, treinado e mal-acostumado chez Louise, ainda tinha pontos e áreas que não admitiam nada além de junk food. Assim, dentro de poucas horas, ela podia saborear o *haggis* econômico e cremoso da avó e a salada de batata azeda da lancheria Murray's; o fondue aerado e saboroso de Louise e a pizza de sola de sapato da Rosa's Trattoria; um champanhe *blanc de blancs* e uma Pepsi vagabunda, que agora a ajudava a deglutir o *blimpie*. Sua irritação estava desaparecendo.

Oreo vai ao parque

Decidiu dar um passeio pelo parque por onde o ônibus havia passado para pensar no que faria a seguir. Usou a bengala como bastão para escalar rochas e barrancos no parque. Não era necessário, considerando a modéstia das subidas e descidas do Riverside, mas fazia Oreo se sentir mais aventureira.

Quando parou para descansar, examinou os endereços da lista no guia de mapas. Havia vários S. ou Samuel Schwartz nas imediações. Ela podia fazer algumas incursões rápidas para verificação, usando o parque como base de operações.

Naquele fim de tarde

Oreo estava exausta. Nenhum dos S. ou Sams lhe pertenciam, mas tinham sido divertidos. Teve o Sam da rua 89 que quis adotá-la; o Samuel da avenida Columbus que via vozes (“Enfie os dedos no nariz”, Oreo lhe aconselhou, “e elas irão embora.”); o S. da Cathedral Parkway que se recusou a dizer o que seu S. significava (quando Oreo adivinhou Snicklefritz na segunda tentativa, ele ficou roxo e ela teve que chamar uma ambulância); o S. da rua 75, que acabou se revelando uma Shirley que mudou o nome para uma inicial na lista telefônica por causa de telefonemas obscenos (“Minha esposa ficava muito incomodada, psicologicamente e na prática, por ter gente arfando no telefone e chamando por mim”, ele explicou). Havia o Samuel da Broadway que, assim como a esposa, estava na prisão aguardando julgamento pelo assassinato do filho, Melvin. O sr. e a sra. Schwartz descobriram o plano do filho para sufocá-los enquanto dormiam e se colocar à mercê do tribunal como órfão, então pegaram-no primeiro. Um vizinho contou a Oreo o que o casal acusado dissera, quando foram levados embora: “Imagine a *chutzpah* daquele garoto — pensar num enredo desses!”. A compaixão no prédio pesava fortemente em favor dos supostos assassinos. Melvin era conhecido no quarteirão como Aquele Malandro.

Por causa desses e de outros Schwartz, Oreo decidiu parar naquele dia. Ela tinha pirado em uma delicatessen na Broadway chamada Zabar’s e comprado um monte de guloseimas para comer, a gourmet dentro dela vencendo temporariamente a mão-de-vaca. Para compensar a falta de controle em relação à boa comida, ela economizaria dinheiro dormindo no parque naquela noite, em vez de se hospedar em um hotel. Descobriu que a principal desvantagem do Riverside Park como local de acampamento era ser longo e estreito. Ele era ladeado a oeste pelo rio Hudson e pela West Side Highway. Por causa de sua estreiteza, era

difícil para Oreo encontrar um local recolhido, longe de crianças, cães, ciclistas, tenistas, corredores, amantes. Aquele mesmo lugar que escolhera para seu piquenique vespertino, julgou ideal para seu acampamento noturno. Era escondido por árvores e uma enorme rocha, ficava perto de uma fonte de água e de um banheiro e estava, naquele momento, livre de pessoas. Ela enfiou a sacola de compras laranja e branca da Zabar's sob uma prateleira natural na rocha e foi ao banheiro.

Enquanto estava sentada, notou um buraco do tamanho de meio dólar na porta, que forneceria uma vista da altura de um anão para o vaso sanitário. Dito e feito, alguns momentos depois, o olho de um anão apareceu no buraco. Oreo reconheceria um anão em qualquer lugar. O anão deu uma risadinha e Oreo pegou um maço de cigarros vazio que alguém jogara no chão e o enfiou no buraco.

“Está me dando Marlboros”, disse uma voz aguda.

Oreo cansou de se esticar do vaso até a porta e largou a mochila. O buraco ficou aberto por alguns momentos. Então o olho voltou. Alguns segundos depois, dedos trêmulos substituíram o olho. Oreo agarrou os dedos e os torceu como um torque, de maneira moderada, mas persuasiva. Os dedos foram retirados do buraco às pressas. “Nhé, nhé, não doeu”, disse a voz.

“Vai doer da próxima vez”, alertou Oreo. Ela terminou rápido e se aproximou silenciosamente da porta. Quando abriu e olhou para baixo, ficou desapontada consigo mesma. Não era um anão, era só um garoto ruivo de tamanho normal e olhos evasivos, de uns oito anos. “Uma cigana!”, o menino berrou quando viu Oreo, e saiu correndo.

Que tipo de moleque burro pensa que eu sou uma cigana?, pensou Oreo. Um moleque burro canadense, como ela descobriu alguns minutos depois quando ele voltou com os pais. Oreo sorriu. Os pais do menino eram anões. Ela não tinha perdido seu olhar afiado para detectar sangue de anão, afinal.

“Eu sou Moe”, disse o homem.

“E eu sou Flo”, disse a mulher.

“E estamos aqui para dizer alô”, eles completaram ao mesmo tempo.

Oreo estava prestes a se apresentar, mas pensou que mais de três rimas em um só refrão seria muito Cole Porter. Em vez disso, ela se inclinou e perguntou: “E qual é o seu nome, garotinho?”

“Veja na sua bola de cristal, cigana.”

Scroque, pensou Oreo.

Os pais se desculparam pelos maus modos dele. “Ele se chama Joe”, disse o pai.

“E nós viemos”, disse a mãe, que tinha óbvia inclinação para rimas

internas, “ei-ou-ho-da-da-ri-o...”

“... de Ontário.”

Moe e Flo Doe explicaram, em uma recitação enlouquecedora, que vendiam apitos para cães e estavam viajando por toda parte para que Joe, que herdaria o negócio, conhecesse bem seu território — a América do Norte.

“É, fizemos uma viagem longa”, disse Moe.

“Em um Honda”, Oreó rimou antes que Flo pudesse abrir a boca.

“Isso, isso, isso. Como soube disso?”, perguntou Moe, tomando toda a estrofe para si e revelando assim uma veia egoísta que Flo sem dúvida teria que enfrentar em seus iâmbicos anos vindouros, quando estivessem versejando rumo ao beco sem saída da vida.

Quantas cesuras um rimador tão indisciplinado quanto Moe não hesitaria em atravessar?, Oreó se perguntava. Quantos cataléticos formam acataléticos, quantos espondeus se anfimacerizam em sua louca disparada para completar as rimas totalmente sozinho, sem a ajuda e o apoio da musa que amava? É verdade, Oreó foi culpada de infração quando roubou — não, usurpou — a frase de Flo sobre o Honda, mas ela tinha acabado de conhecer a anã e dificilmente poderia ser acusada de deslealdade.

Duplamente prejudicada, Flo ergueu o queixo determinado e disse: “Por que pagar diária? Acampe aqui na área”, deixando Moe de boca aberta.

Oreó viu que Flo sabia cuidar de si e parou de se preocupar com ela. O casal explicou que, embora os três Doe conseguissem andar confortavelmente em uma motoca, eles sempre viajavam com duas, de modo que Flo ou Moe andasse com Joe enquanto Flo ou Moe levava a lambreta com o material de acampamento da família. Eles poupavam despesas de hotel acampando, em geral ilegalmente, em parques e quaisquer outros espaços amplos que pudessem encontrar na estrada.

Oreó admirou sua veia econômica. Voltou para sua rocha, a poucos passos de distância, e pegou seu buffet de *noshes*. Como provavelmente os Doe não comessem muito (uma *nanonosh*), ela propôs partilhar sua comida com eles. Eles recusaram com uma quadra atrapalhada (versão em prosa: estavam ansiosos pelo menu que haviam planejado e queriam montar acampamento antes de preparar a refeição noturna). Oreó se sentou em sua beirada de pedra e os observou. Enquanto ela mastigava bacalhau negro defumado, fígado picado e cream cheese com cebolinha, os munchkins armaram sua barraquinha de pequeno polegar e depois ficaram zanzando de lá pra cá com seus equipamentos de casinha de boneca.

Flo chamou Oreó com um sinal para pedir que ela cuidasse do fogo que eles tinham acabado de acender no carvão da grelha enquanto ela e Moe iam ao banheiro. Eles não queriam o pequeno Joe mexendo naquilo.

“Seja o que for...”, disse Mo.

“Eu peço, por favor...”, disse Flo.

“... não deixe a chama se apagar...”

“... não saia do lugar.”

Moe obviamente tinha aprendido a lição. Deixou longas pausas para os versos de Flo.

Oreó se virou para o fogo assim que eles se afastaram. Bacana, pensou, uma chama sagrada para cuidar. Ela notou que os pedaços de carvão dos Doe eram do tamanho de chicletes.

“Está começando a apagar”, reclamou Joe. Ele olhava para as chamas com intensidade piromaniaca.

“Ah, cale a boca. Não está nada.”

“Cara, eles vão ficar bravos quando voltarem e verem que você deixou o fogo apagar. Ele tem que ter uma certa temperatura para o que estamos cozinhando.”

Oreó olhou para o fogo. Ele *estava* morrendo. Ela nunca tinha cuidado de uma grelha a carvão antes. Não podia deixar a chama apagar e scrocar sua sagrada incumbência. Uma protetora do fogo fracassada? Jamais! Muito bem, o que Flo fez para acender o fogo? Oreó a viu derramar algo de uma lata vermelha sobre os chicletes pretos. Oreó pegou a lata e virou uma dose generosa nas chamas moribundas. Com o sibilar de uma fênix, as chamas voltaram à vida e subiram pela lateral da lata, bem na frente da mão de Oreó. *Fush, fush!* batiam as asas da fênix enquanto as chamas subiam vários metros direto do bocal da lata. Com pressa desajeitada, Oreó colocou a lata no chão, trêmula, e ela oscilou e finalmente caiu, lançando um broto de chamas que se espalhou pela grama seca. Oreó foi pegar a lata, hesitou, foi de novo e finalmente correu para colocá-la em pé sobre uma pedra plana. As chamas reverberavam animadamente do bocal.

Oreó recuou para examinar a situação. “*Oi vei*, filhas da mãe”, disse para as chamas esquivas. Virou-se rapidamente. Joe estava a uma distância segura atrás de uma árvore, os olhos fugidios arregalados de empolgação e alegria. Ele estava *rindo* de Oreó. Ela correu primeiro para o ramo de chamas e dançou sobre ela. Sua sandália pegou fogo. Ela a arrancou do calcanhar e a jogou longe. A sandália atingiu um sicômoro caloso e caiu no capim que se projetava de uma bifurcação da árvore. O capim pegou fogo. Joe entrou em um frenesi pirofilico pelas combustões

concatenadas de Oreó. Enquanto pulava para apagá-las uma a uma, ela sabia que estava evitando lidar com o principal problema. Podia ouvir os murmurinhos dos recreadores desavisados — que logo podiam explodir em picadinhos espalhados por toda a mata porque Oreó estava amarelando!

Estava pisando na última pequena chama quando se forçou a encarar a lata vermelha com seu *fush fush* de alta combustão. Calculou suas chances. “Se ainda não explodiu, provavelmente não vai mais explodir. Por outro lado, como *ainda* não explodiu, provavelmente está pronta para explodir. Se *eu* soprar, quem sabe a extensão da área se ela *realmente* explodir? Por outro lado, certamente seria estúpido se eu fosse até lá para bancar a heroína, salvar todo mundo no parque e terminar eu mesma explodindo. Quero dizer, eu nem *conheço* essas pessoas.”

No tempo que você levou para ler tudo isso, Oreó correu até os utensílios de acampamento dos Doe, agarrou um pegadorzinho de panela em forma de luvinha, enfiou em seus dedos indicador e médio, atirou-se sobre a lata e cortou a labareda ali mesmo. Oreó sorriu. Amarelar o escambau!

Joe parecia arrasado. As únicas chamas que tinha agora eram as do carvão na grelha, o fogo sagrado original. Ele correu avidamente até a grelha.

Nesse exato momento, Flo e Moe voltaram. Agradeceram a Oreó por manter o fogo aceso.

“Ha, ha”, zombou Joe.

“Antes do rega-bofe...”, disse Flo.

“... por favor, encha este pote”, disse Moe a Joe. Ele forçou a barra para fazer a rima. O “pote” era um balde.

“É o que precisamos — não concordaria?”, ele perguntou à esposa.

“Ah, sim, de fato — para fazer nossa iguaria.”

“A gente quase precisou de água pra todo este lugar”, disse Joe, sorrindo maliciosamente para Oreó. Ele se afastou balançando o balde e assobiando um medley de músicas ciganas.

Oreó perguntou ao casal o que eles estavam preparando que exigia a temperatura especial que Joe havia mencionado. Só podia: biscoitos de cachorro tostados. Os Doe disseram que biscoitos de cachorro eram o alimento perfeito para pequenos campistas. Tinham todas as vitaminas e minerais para a necessidade diária mínima do anão adulto, eram leves, fáceis de embalar e transportar e eram saborosos. Tostá-los no fogo do carvão acentuava seu sabor sutil.

Oreó fez uma nota mental para contar a Louise. Mas por que tanta história com cachorros?, ela perguntou. Apitos de cachorro, biscoitos de

cachorro.

“Você vê as coisas do ponto de vista deles...”, disse Flo.

“... aqui embaixo em meio a tantos afazeres”, completou Moe, levantando a perna alto enquanto caminhava pela grama.

Naquela noite

Em sua caminhada vespertina, Oreó descobriu a Marina da rua 79, onde iates particulares, lanchas e casas flutuantes ficavam ancorados. Ela imaginou que devia ser lindo à noite e estava indo para lá quando ouviu música. Em algum lugar perto da marina, uma banda de rock se apresentava. Enquanto caminhava pela esplanada em direção aos barcos, a música parecia vir de cima dela. Várias pessoas estavam subindo os degraus que levavam da esplanada a uma rotunda sem cúpula, cujo perímetro superior servia de rotatória para os carros que entravam ou saíam da rodovia West Side, na rua 79. A rotunda em si era uma passagem subterrânea para pedestres na saída da rodovia; seus arcos circundavam uma grande fonte central. Mais cedo naquele dia, Oreó tinha visto crianças e cães brincando na fonte sob placas em preto e branco que diziam:

PROIBIDO

PESSOAS
E ANIMAIS
NA ÁGUA

Naquela tarde, os carrinhos de bebê passeavam tranquilamente pelo frescor das sombras sobrepostas projetadas pelos arcos. Agora, por alguma razão, ninguém tinha acesso à rotunda da esplanada.

Oreó e várias outras pessoas retrocederam pelo parque e foram para o perímetro superior da rotunda, atravessando o tráfego circular para chegar à beirada estreita que formava a base do parapeito superior. Eles olharam para baixo e viram uma massa de judeus ricos (dançando), mesas redondas (de onde brotavam guarda-sóis) e bandas de rock (tocando nos arcos opostos do círculo de pedra).

Nenhum dos espectadores parecia saber o que estava acontecendo, então Oreó atravessou a rotatória, passou por baixo da corrente pendurada nos degraus que levavam à rotunda e se juntou à festa. Ninguém a questionou enquanto ela perambulava provando canapés e lendo os cartões que marcavam os lugares. Algumas personalidades do cinema e da televisão passaram e fingiram conhecê-la quando ela fingiu conhecê-los.

Estava prestes a sair quando um garoto de cerca de dezoito anos — alto, magro e pedante com sua gravata preta e paletó branco, um nariz pontudo e projetado como uma casquinha de sorvete — convidou-a para dançar. Eles estavam essencialmente dançando sozinhos, um, às vezes, olhando para o outro para ver se o outro via como o primeiro era bom dançarino.

Por fim, Oreo disse: “Estive em tantos eventos beneficentes nos últimos tempos, não consigo nem acompanhar”.

“Tay-Sachs.”

“Christine Clark.”

“Não, querida, esse é o nome da doença que esta festinha está ajudando.”

“Nunca ouvi falar disso”, disse Oreo.

“Claro que não. É praticamente exclusiva dos judeus — asquenazes.”

“*Nu*, eu sou meio judia.”

“Meio pão é melhor que nada.”

“E anemia falciforme, pro seu governo.”

“Nunca ouvi falar”, disse ele.

“Claro que não. É praticamente exclusiva de negros — *gesundheit*.”

“Algumas pessoas ficam com toda a sorte.”

“Bem, a minha obviamente acabou — eu conheci você. Mas meio cérebro é melhor que nada.”

Eles pararam de dançar e entraram no assunto sério de ver quem poderia superar quem. Isso continuou por cerca de quinze minutos, o olho dele pelo dente dela, e vice-verbo, até que ambos se cansaram e admitiram que a disputa empatou.

Oreo nunca descobriu o nome de seu oponente, mas ficou feliz pela chance que teve de exercitar seus músculos de criança teimosa. Ela voltou para o acampamento, confortada pelo conhecimento de que sua metade judia a impediu de contrair anemia falciforme e a metade negra evitou a doença de Tay-Sachs.

De volta ao acampamento

Oreo deu boa-noite aos Doe, a cinquenta passinhos de bebê de distância, e se aconchegou, sob seu toldo de pedra, nos jornais que havia escolhido para esse fim. Ela selecionara páginas de anúncios com uma alta porcentagem de espaços em branco, não apenas porque o cociente de bom gosto provavelmente seria alto, mas também porque reduziria a quantidade de letras de jornal que marcariam seu vestido.

Ela teve o sono agitado, acordada de madrugada pelos rom-rons de gato que os Doe faziam no lugar de roncoss, as pancadas e berros de assaltantes e assaltados, os sorrisinhos da polícia à toa. Algum tempo depois, Oreó ouviu aquilo que devia ser o notoriamente belo bando de estupradoras que, de acordo com a parte inferior do lençol de Oreó, vinha aterrorizando o Riverside Park havia três semanas. Por volta das quatro da manhã, elas arrastaram mais uma vítima para alguns arbustos próximos (“Se não levantar, nós vamos cortar”). Antes que as arrebatadoras o arrebatassem arrebatadoramente, o homem ofereceu várias desculpas flácidas. Oreó fez tudo que pôde para não gargalhar com os lamentáveis argumentos de que ele estava com muito medo de não conseguir ter uma ereção para ter uma ereção, que ele geralmente não era assim, e se ele poderia voltar na terça-feira. “Bem, não vamos ficar na meia-bomba”, disse a óbvia líder do bando. O homem propôs substituir a trepada por uma chupada. A líder o castigou. “De jeito nenhum! Meu *cachorro* consegue fazer isso. Além do mais, não estamos nisto por prazer. Estamos aqui para ensinar uma lição a vocês, reprodutores filhos da puta. Então, o que vai ser: subir ou cortar?” Oreó se virou e voltou a dormir.

A manhã seguinte

Oreó se lavou, escovou os dentes e armou seu cabelo afro no banheiro do parque, depois comeu as sobras da delicatessen. Moe e Flo ainda estavam dormindo. Três mini-pés se projetavam da aba de sua barraquinha. Oreó presumiu que o outro pé estava dentro. Os pés de Joe não estavam à vista. Ele devia estar fora, brincando em algum lugar, ela imaginou.

Oreó pegou sua bengala e foi passear para acordar e se preparar para o novo dia. Já estava andando havia alguns minutos quando ouviu ganidos e gemidos nos arbustos à sua direita. Pensou a princípio que talvez fosse a vítima de estupro da noite anterior, mas aqueles ruídos eram menos animais que os dele. Ela se esgueirou silenciosamente na direção dos sons agônicos. Oreó abriu os arbustos. Suas íris se contraíram em descrença. Lá estava o pequeno Joe Doe, rindo e brincando alegremente com um cachorro. Ele tinha um senso de humor excêntrico. Os ganidos e gemidos aparentemente humanos vinham de um chihuahua de cara triste. Joe havia amarrado o cachorro a duas mudas de árvores e estava prestes a cortar as cordas que o seguravam com seu machado de escoteiro. Oreó correu e arrancou o machado da

mão dele. Detestava ver aquele pirralho se divertindo. Desamarrou o chihuahua agradecido, que saiu correndo com suas perninhas de aranha, fazendo um desvio em torno — ou melhor, através — das duas metades do cadáver de um pequinês. Oreó *achou* que aquilo era um pequinês. Era isso ou mingau de aveia. Sem uma palavra, Oreó agarrou Joe pelo pulso e o arrastou atrás de si.

“Para onde vamos, cigana?”

Oreó não respondeu.

“Eu odeio cachorros. E apitos de cachorro. E biscoitos de cachorro.”

Oreó não respondeu.

“Por que eu tenho que ter pais anões? Mesmo que eles fossem pessoas baixas de tamanho normal, tudo bem. Mas não, eles tinham que pegar e ser anões — e anões *baixinhos* ainda por cima! Eu só tenho oito anos e já sou mais alto que eles. Não é justo!”

Oreó não respondeu.

“Eles me enojam com suas rimas. Eu preciso ter *alguma* diversão!”

Oreó não respondeu. Continuou arrastando Joe em seu rastro até encontrar o que estava procurando, um parquinho cheio de crianças. Oreó reuniu dez delas. Explicou o que queria que fizessem. Ofereceu cinco centavos a cada uma se fizessem um bom trabalho. Elas insistiram em dez centavos cada. Ela hesitou, depois concordou.

Quando estavam prontas, Oreó encontrou um bom lugar em um balanço e assistiu. As dez crianças se dividiram em dois grupos, cinco de cada lado. Começaram o jogo com prazer, gritando e berrando por sangue. O jogo era um cabo-de-guerra. A “corda” era o corpo de Joe.

Em poucos segundos, Joe começou a ganir e choramingar como o chihuahua. “Eu faço qualquer coisa que você pedir!”, ele gritava para Oreó.

Oreó tentou parar o jogo. As crianças queriam continuar. Oreó ainda não tinha compensado o pagamento, disseram. Joe estava fingindo, disseram. Ainda não tinham chegado à melhor parte, o dilaceramento, disseram. Eles deram mais um repuxão em Joe antes que Oreó o resgatasse. Cada lado reivindicava a vitória. Oreó examinou os braços de Joe com seus olhos aguçados. Um braço estava meio centímetro mais longo que antes, o outro apenas um sexto. Arrepiada pelo gasto, Oreó deu dez centavos a mais para o lado vencedor.

“Grande coisa — dois centavos para cada”, resmungaram os vencedores ao ir embora. Os perdedores olharam tristemente para o braço curto de Joe. Em poucos minutos, todas as crianças estavam brincando de amarelinha, pulando corda, deslizando pelo escorregador, subindo e descendo na gangorra, o quadro da inocência.

Oreo puxou Joe de lado. “Agora você sabe como é. Promete que nunca mais fará isso com um cachorro outra vez?”

“E gatos?”

“Nada de gatos.”

“Esquilos?”

Oreo hesitou. Não tinha grande apreço por esquilos. Eles tinham uma aparência meio scroque. Finalmente, disse: “Não, absolutamente não. Nenhum ser vivo, de maneira nenhuma”.

Joe ficou cabisbaixo.

“E quanto aos seus pais — você deveria estar grato por eles não serem gigantes como minha mãe e meu pai.”

Joe ficou fascinado. “Sério?”

“Quando Moe e Flo batem em você, qual é a sensação?”

“De beijos de borboleta”, Joe admitiu.

“Imagine como é levar um *safanão* de um gigante. Um tabefe e você já era. Minha última surra foi quando eu tinha seis anos. Ainda tenho as marcas.”

“Posso ver?”, Joe pergunto, animado.

“Está vendo minha pele? Eu era branca. Isso é um hematoma.”

Os olhos de Joe se arregalaram. “Você só pode estar brincando.”

“Eu mentiria pra você?”

“Sim.”

“E daí? Seja legal ou eu te mato.”

Quando voltaram para o acampamento, Oreo havia convencido Joe de que seus pais eram pérolas inestimáveis e que se ele torturasse mais animais, ela o encontraria e o atiraria às crianças. O catálogo de Oreo para os abusos que ele sofreria nas mãos dos Torquemadas menores de idade o deixou histérico. Ela teve que acalmá-lo antes que Moe e Flo o vissem.

Oreo estava feliz. Tinha sido uma manhã produtiva. Ela empatara o placar com Joe e seu medley de canções ciganas — especialmente “Zigeuner” e “Golden Earrings” — mantendo assim seu lema: *Nemo me impune lacessit*. E conseguiu riscar “A grande divisão” de sua lista.

Caixas — Corrugadas & Fibra

Caixas — Metal

Caixas — Papel

Caixas — Especializadas & Decoradas

Caixas — Madeira

Oreo procurou em todas essas categorias nas páginas amarelas até encontrar um Jacob Schwartz que fazia caixas. Ela estava satisfeita por Jacob — caso fosse o Jacob certo — não ter chamado sua empresa de Confiança Caixas S.A. ou Melhores Caixas, Inc., ou Nova York Caixas, Ltd. Ela sabia de antemão que mesmo se o nome de Jacob estivesse na lista, só iria encontrá-lo no final, depois de ter procurado em todos os outros anúncios. Isso sempre acontecia com ela. Tentou certa *kopdrayenish* do *kismet* saindo da ordem. Pulou de “corrugadas” a “madeira” a “papel” a “metal”. Não funcionou. Isso era exatamente o que o *kismet* — um espertalhão — esperava que ela fizesse. Jacob estava na última categoria: “Especializadas & Decoradas”. Uma pequena caixa de texto falava das caixas dele:

JACOB SCHWARTZ BOX CO.

SE PRECISA DE TRANSPORTE
ENTÃO PRECISA DE UMA CAIXA

Veja nosso anúncio na página 342
46 Av. LI City - - - - - st-9-0001

Oreo gostou do slogan de Jacob quase tanto quanto gostava do slogan de Chaim Epstein & Filha, Inc.: “Uma caixa é uma caixa é uma caixa, mas — nem é preciso dizer — nós somos *menschen*”.

No metrô para Long Island

Oreo observava os sapatos e tentava adivinhar como eram seus usuários antes de olhar para cima para confirmar. Ela adivinhou errado quanto ao par de botas brancas que cobriam a panturrilha. Estavam em uma

adolescente estrábica com postura lordótica — obviamente uma tamboreira fracassada de banda marcial — e não em uma senhora Hadassah de cabelo roxo, um tipo entre o qual essas botas tinham sido *de rigueur* por várias temporadas. Ela passou para a prostituta de férias com as sandálias gladiador (laranja) que subiam amarradas até a bunda (exposta); a moleca de onze anos com Pro-Keds de cano alto; a rainha negra com saltos-libertação da Gucci (vermelhos pelo sangue do povo negro, pretos por sua raça e verdes pelo dinheiro que a Gucci estava ganhando com aquele estilo); o viciado em heroína descalço que pintara os pés de preto-sapato; a mocinha com sapato de mocinha; os chinelos com asinhas de um funcionário de noventa anos do Serviço Postal Hermes.

Além dessa distração e de ver tipos de caixas que ela não sabia que existiam (uma caixa para sobras de batatas fritas; uma caixa de joias falsa para joias de verdade dentro de uma caixa de joias de verdade para joias falsas; uma caixa que podia ser usada como um quarto extra para uma família em crescimento, um quarto de empregada ou um quarto de hóspedes — um item de estoque popular entre empreiteiros em todo o país), a viagem de Oreo foi inútil. Jacob estava em Miami na Fontainebleau (“Fountain Blue”, disse sua secretária francesa, aperfeiçoando seu sotaque americano).

Oreo aprendera sua lição: não vá quando pode ligar. Ligou para a Equity. Ligou para a AFTRA. Ligou para o SAG. Todos lhe disseram a mesma coisa, mais ou menos.

A parte menos:

Ela estava procurando o Sam Schwartz que teve que mudar de nome porque já havia um Sam Schwartz na lista de afiliados ou o outro Sam Schwartz?

O outro Sam Schwartz.

Esse seria o Sam Schwartz, não é?

Sim. A Equity-AFTRA-SAG poderia passar o número dele, por favor?

Desculpe. Não podemos divulgar essa informação. Ligue para o agente dele.

A Equity-AFTRA-SAG poderia passar o número do agente dele?

Desculpe. Não temos essa informação.

E quanto ao Sam Schwartz que mudou de nome?

Esse seria o Scott Scott.

Manteve as iniciais, ahn?

O quê?

Nada. E, claro, a Equity-AFTRA-SAG também não pode divulgar o número dele, né?

A parte mais:

“É um trabalho?”, a mulher na linha perguntou, baixando a voz.

“Sim”, mentiu Oreo. “Mike Nichols tem falado sobre um acordo de dois filmes.”

“Ok, aqui está o número. Diga a ele que a Sally do escritório do SAG colocou você em contato com ele. Não se esqueça, *Sally*.”

“Certo. Sally. SAG. Vou dizer a ele.”

Rumo à casa de Scott Scott

Oreo deixou o telefone dele tocar cento e dezoito vezes até decidir ir ao Village, na esperança de que ele aparecesse. Ela gostava da quinta bemol no contratempo do toque e poderia ter ouvido aquilo o dia todo, mas finalmente conseguiu se desvencilhar.

Oreo estava na esquina da rua 8 com a avenida das Américas. O sinal de trânsito emitiu um arrotto mecânico e ficou verde. “Onde fica a Sexta Avenida?”, perguntou a um homem parado a seu lado.

“Está olhando para ela”, respondeu o homem.

“Aqui diz ‘Avenida das Américas’”

“Eu não me importo com o *que* diz aí. É a *Sexta* Avenida.” O homem atravessou a rua, olhando para trás com raiva de Oreo.

Oreo notou que os nova-iorquinos chamavam as coisas do que queriam chamar. Assim, a rua Houston não era a “Hius-ton” do sotaque texano, mas “Haus-ton”; as praças quadradas Sheridan, Duffy, Abingdon, Jackson, Cooper e Father Demo estavam mais para triângulos; a amarelinha era chamada, em alguns recantos maconheiros de Gotham, de *potsy*; e os nova-iorquinos ficavam “em” e não “na” fila.

Oreo fez duas viagens extras — uma para cheirar queijos em uma loja chamada Cheese Village, outra para cheirar livros em uma biblioteca chamada Jefferson Market. A biblioteca lembrava um castelo, com sua escada em espiral, janelas rendilhadas e arcos baixos que davam para a masmorra paradoxalmente luminosa da sala de referência.

Na casa de Scott Scott

Oreo bateu. Não houve resposta. Estava prestes a ir embora quando uma mulher carregando uma braçada de mantimentos apareceu na porta. Tinha cerca de trinta e cinco anos, com o olhar atormentado de um cefalópode septoplégico.

“Está procurando alguém?”, a mulher perguntou, espiando a bengala

de Oreó.

“Scott Scott mora aqui?”

“Você sabe as horas?”, a mulher estava tentando segurar as compras, pegar a chave e roer as unhas ao mesmo tempo.

“São tipo três horas.”

“Scott deve chegar em casa a qualquer minuto. Você pode entrar e esperar por ele, se quiser.”

Oreó foi levada a um pequeno apartamento apinhado de estatuetas, globos, certificados — e agora os mantimentos que a mulher havia deixado cair. “São prêmios de atuação do Scott”, disse a mulher, gesticulando ao redor da sala com os cotovelos e o queixo. “Eu sou a sra. Scott.”

Oreó já tinha se divertido bastante vendo a sra. Scott fazer malabarismos com as compras; era hora de ajudá-la. Ela recolheu as empadas de carne caídas enquanto seguia a sra. Scott até uma cozinha que só tinha espaço o bastante para permitir que uma fatia de pão pulasse da torradeira antes de poder ser considerada lotada.

“Preciso preparar o chá do Scott. Ele gosta de tomar seu chá assim que entra.” A sra. Scott encontrou um saquinho velho de Earl Grey atrás da torradeira.

Oreó saiu da cozinha para esperar por Scott. Ela viu a sra. Scott derrubar a mesma colher de chá sete vezes. Então a mulher se recompôs e deixou cair uma xícara para variar. Felizmente, estava vazia, e sua queda foi amortecida pelos mantimentos, que a sra. Scott havia deixado cair novamente. Uma laranja rolou para o pé de Oreó. Ela a pegou e comeu rapidamente — achou que ia enlouquecer se aquilo rolasse na sua frente mais uma vez. Era o que o General Mills devia ter passado quando Betty Crocker estava ovulando.

Oreó olhou ao redor do apartamento. Sob a desordem, pôde ver que os Scott tinham pelo menos uma peça de mobília que estavam protegendo. Era um sofá caro, de plástico, que os Scott tiveram o mau gosto de cobrir com estofamento barato, para que nem a família nem os visitantes pudessem desfrutar da aparência ou da sensação de sua essência, sua rica plasticidade. Oreó, sempre alerta, vislumbrou o plástico através de um ponto gasto no estofamento. Ela ficou chateada. Gastar todo aquele dinheiro em plástico e não exibir!

Alguns minutos depois, a porta se abriu e uma voz com sotaque francês disse: “Cheguei”.

A sra. Scott saiu correndo da cozinha, tropeçando em um cacho de bananas. “Scott chegou!”, ela disse como se fosse um milagre.

Para Oreó, foi algo menos. O homem maduro, possivelmente seu pai,

que ela estava esperando acabou se revelando um ator de onze anos de idade. Ele tinha os olhos escuros e sabidos de um moleque de rua, e seu cabelo preto, um simpático elmo, fazia um bico na frente e outro atrás. Todos os seus movimentos eram rápidos e seguros. O que sua mãe deixava cair de um lado, ele certamente podia agarrar, de improviso, do outro — enquanto fazia três outras coisas, bocejando.

Quebrando um vaso ao apontar para o filho, a sra. Scott apresentou o menino. Ele colocou os livros escolares ao lado do que Oreó agora identificava como uma configuração de três Oscars, um Grammy e um Emmy, todos de massinha.

“Oi, Scott”, disse Oreó.

O menino abriu os braços. “O que é isso que é isso de você ser tão formal? Quero que você me chame por meu prenome.”

“Ok. Oi, Scott.”

“Bem!”, disse Scott, assentindo e esfregando as mãos com a audácia de um bandoleiro. “Bem, bem, bem, aí vai”, ele colocou o dedo ao lado do nariz. “Então, pois, nesse caso, sobretudo! Como se chama você, menina?”

“Eu me chamo Christine Clark.”

“Bem, bem, bem, aí vai. Desde que horas espera você por mim?”

“Desde três horas menos dez minutos”, disse Oreó.

“Que estrago!”, ele se virou para a mãe. “Tenho necessidade do chá”, disse, fazendo a frase saltitar na língua enquanto a mãe tropeçava rumo à cozinha.

Enquanto a sra. Scott cambaleava pelo apartamento, Oreó explicou que obviamente havia procurado o Scott Scott errado. O Scott Scott que ela queria, nascido Samuel Schwartz, mudou o nome para fins de palco.

Scott assentiu vigorosamente. “Você tem razão. *Eu*, este Scott aqui — este sou mim.”

“Mas o sobrenome da sua mãe também é Scott.”

Scott deu de ombros. “Isso é verdade. Você tem razão.”

A sra. Scott voltou, espremendo um tomate com o pé — isto é, no caso dela, com os pés. Ela explicou que mudara de nome por dois motivos: primeiro, ela odiava o marido por não a ter abandonado por ela odiá-lo, dando-lhe assim o trabalho de abandoná-lo; e segundo, ela sabia que o filho seria famoso um dia, e queria fazer parte desse processo. Quando as pessoas falassem de Scott Scott, também fariam dela, já que seu primeiro nome verdadeiro também era Scott. Ela e o filho haviam adotado os sobrenomes de solteira dela. Em adendo, ela disse que havia presumido que Oreó era uma das amigas de seu filho da Escola de Crianças Profissionais. Ele tinha muitos amigos mais velhos, disse a

mãe.

“Isso me lembra”, disse Oreo, “que Sally do escritório do SAG me pediu para mandar lembranças da parte dela.”

“Ah, sim, Sally — minha velha. Ela é — como diz? — uma verdadeira pedófila.” Ele deu de ombros novamente. “Mas essa é a guerra.”

“Aquela mulher!”, disse a sra. Scott, estremecendo. Ela tirou o saquinho de chá pingando da xícara de Scott e o mergulhou na xícara de água quente de Oreo. “Espero que você não se importe”, ela se desculpou.

“De jeito nenhum. Eu gosto de chá fraco. Minha avó chama de ‘água encantada’.”

Scott bateu palmas. “Isso é magnífico! Essa frase aí — é a palavra exatamente.” Ele se virou para a mãe. “Mamãe, minha flor de repolho, temos algum não-de-sempre para oferecer a esta encantadora visitante?”

Enquanto a mãe cambaleava até a cozinha, Scott pediu licença para ir à sala de banho. Em meio a batidas, estrondos e pancadas, a sra. Scott conversava com Oreo, que estava maravilhada com o sotaque do jovem Scott. Ela disse à mãe que tal inflexão era tão musicalmente gaulesa que ela tinha que se lembrar de que ele estava falando inglês e não francês. A sra. Scott disse que Scott voltava para casa com um sotaque diferente a cada dia. Felizmente, ela sabia muitas línguas e podia acompanhá-lo na maior parte do tempo; mas por dois dias da semana anterior, por causa de sua ignorância da sintaxe do shluh e do kingwana, Scott podia muito bem estar falando shluh e kingwana.

Quando Scott voltou (em um passo, ele apareceu diante delas), Oreo lhe disse que o outro Sam Schwartz — aquele que ainda era Sam Schwartz — devia ser pai dela.

Scott acariciou o queixo e depois estalou os dedos. “Aí está!” Ele colocou a mão suavemente no ombro de Oreo. “Então, pois, nesse caso, sobretudo, o caminho de seu pai, ele cruzou o meu muitas vezes. No dia oito-e-dez de abril, eu acho, naquele dia lá, seu pai, ele era a voz de uma bolha de sabão, e eu a queda das neves de antanho”, disse, talvez citando Villon. Ele andou de um lado para outro (passos de dois e 1,30 segundos) e se virou bruscamente. “Você tem o conhecimento da matemática?”, ele perguntou incisivamente.

“*Oui* — quero dizer, sim”, respondeu Oreo.

Scott removeu seus livros escolares do jardim de esculturas de massinha, dizendo que se Oreo o ajudasse com seus problemas de matemática, ele lhe daria algumas pistas sobre o paradeiro de seu pai.

Os problemas de matemática de Scott Scott e as respostas falsas de Oreó (as respostas reais são encontradas apenas na edição do professor deste livro)

P. Gloria gastou uma certa quantia em um vestido novo, um par de sapatos e uma bolsa. Se o custo combinado da bolsa e dos sapatos foi 150 dólares a mais do que o custo do vestido, e o custo combinado do vestido e da bolsa foi 127 dólares menor que o dobro do custo dos sapatos, qual é o nome verdadeiro de Gloria?

R. Em números arredondados, Shirley.

P. Uma aspirante a estrela viajou em um trem que se deslocava a 112 quilômetros por hora de Kenosha, Wisconsin, até o terminal em Los Angeles. Ela pegou uma limusine que viajou a 32 quilômetros por hora até Watts, escapando em uma lancha que viajou a catorze nós rumo à Fazenda de Amoras Knott. A viagem total de 3683 quilômetros exigiria quantos *coups d'État* se a jovem estrela gastasse sete vezes mais tempo na lancha que na limusine?

R. Sem contar Carmen Miranda, três; contando a 20th Century Fox e o general Maxwell D. Taylor, 547 em um golpe de Estado.

P. Jim frequentou a escola seis vezes mais que Harry, e em quatro anos ele terá frequentado a escola duas vezes mais. Que tipo de óleo de motor Jim usa?

R. A questão pressupõe um conhecimento de cálculo, termodinâmica e macacos hidráulicos. Não é justo e eu me recuso a responder.

P. Uma garota consegue limpar o quarto em 46 minutos, já sua colega de quarto faz o trabalho em 22 minutos. Quanto tempo levarão para descobrir que estão perdendo tempo porque a casa está condenada?

R. Duas lidas de um conto de Charles Lamb.

P. Para construir um passadiço reto de sua casa até o portão, um homem cavou 28 metros até a fundação, na qual derramou 1,13 metro cúbico de concreto para fazer uma laje de 20 centímetros de espessura. Nomeie a doença que ele tem e sua gravidade, ou dimensões.

R. Esquizofrenia. Um corte diagonal de cinco centímetros.

P. Um representante de vendas recebia reembolso de dezessete centavos por cada quilômetro e meio rodados no uso de seu carro, um Speedster da cor ruiva de 1928, e quatro dólares por dia para despesas gerais (outra

ruiva). Um mês, ele apresentou despesas no total de 8332 dólares, que foram reembolsados, para cobrir o custo desses dois itens. Se a taxa de quilometragem foi 46,82 dólares a menos do que sua cota diária, com que nome esse vendedor assinou o bilhete de ha-ha-eu-fugi que enviou da Nicarágua?

R. Um Baterista Distante.

P. Uma babá cobrava 72 centavos por hora antes da meia-noite e 1,10 dólar por hora depois da meia-noite. Durante um determinado mês, a babá ganhou 12,60 dólares, e o número de horas trabalhadas antes da meia-noite estava a duas horas de ser seis vezes o número de horas trabalhadas depois da meia-noite. Quantos de vocês presumiram que a babá era do sexo feminino e quantos de vocês estavam corretos nessa suposição?

R. Três, dois e dezessete, especialmente Nicholas Chauvin.

P. Tim e Tom eram irmãos que tinham um negócio de pintura de casas. Se Tim conseguia pintar a 0,05 metro cúbico por minuto em cores de decorador enquanto Tom pintava o rosto de azul e segurava a escada para ele, como os vizinhos chamavam os irmãos depois da operação de Tim?

R. O louco de pedra e o certo de pedra.

Scott ficou encantado com as hábeis manipulações matemáticas de Oreó. Era muito curioso, comentou Scott, que ele próprio não tivesse aptidão para essas coisas, mas era capaz de reconhecer a resposta certa quando a via. Ele parabenizou Oreó por seu “saber fazer”, que ele podia ver que ela tinha muito. Sua mãe tentava ajudá-lo o máximo que podia, mas já estava envolvida com seu próprio trabalho criativo. Ela não era naturalmente desastrada, explicou, mas desenvolveu aquilo, através de anos de diligência e aplicação, como uma forma de arte. Para uma pessoa com sua inclinação criativa, ela nasceu com uma deficiência que teria levado uma mulher menos corajosa a desistir em desespero ou a mudar de métier: a graciosidade. Foram anos de prática até ela superar sua agilidade, destreza, aptidão e finesse inatas e evoluir até o ponto da torpeza consumada, de tal falta de coordenação que ela era capaz de enxergar com os dois olhos ao mesmo tempo.

No entanto, ela não havia alcançado o cume de conquistas a que aspirava, confidenciou Scott. Não, aquele dia ainda estava a muitos vasos vandalizados, tomates esmagados (uma mescla *mechuleh*) e tropeções fantásticos de chegar. Aquele dia só seria alcançado quando a mãe

tivesse aperfeiçoado sua arte a ponto de transformar o respirar e o piscar em ações totalmente voluntárias. Então e somente então ela estaria pronta para estrelar uma peça que havia escrito para os dois, *Claudette Canhestra na ONU*, na qual ela interpretaria o papel-título da *bulbenik* belicista e ele do maior tradutor pacifista do mundo. O letreiro diria: SCOTT SCOTT E SCOTT SCOTT EM *CLAUDETTE CANHESTRA NA ONU*, DE SCOTT SCOTT. Eles concordaram que, embora a mãe fosse abandonar os palcos depois da exibição da peça, ela continuaria a partilhar de toda a fama que se acumulasse em seu Scott Scott como se fosse dela. Para Scott, dava na mesma, pois ele estava convencido de que a peça, uma maravilhosa combinação dos talentos únicos de ambos, provavelmente ficaria em cartaz pelo resto de suas vidas ou até que um deles tivesse oitenta e cinco anos, quem quer que chegasse lá primeiro.

Quando a mãe veio explodindo da cozinha com a bandeja de *hors d'oeuvres*, Scott correu até ela. “Permita-me. O não-de-sempre — *eu*, eu os portarei.” Ele pegou a bandeja da mãe. “Descanse você naquela cadeira-longa lá.”

A sra. Scott devia estar cansada. Tropeçou apenas duas vezes a caminho do sofá. Scott trouxe a bandeja — uma miscelânea de coisas derramadas e equívocos, que Oreó provou apenas por um sentido experimental de bons modos.

“Você comentou que talvez tenha alguma informação sobre meu pai?”, perguntou Oreó, pegando um biscoito simples cuja cobertura era uma maçaroca virada para baixo na bandeja.

“Ah, sim, um momento, se me permite.” Scott rasgou uma folha de papel de seu fichário de três argolas e escreveu algo com um floreio. “Aí está!”, disse, entregando o papel para Oreó. Ele explicou que ela encontraria o pai em um dos dois estúdios de som no centro da cidade: um no East Side e o outro no Harlem.

Oreó agradeceu aos Scott por sua hospitalidade e se levantou para sair.

“Até mais ver. Foi um prazer conhecê-la”, disse a sra. Scott. Ela acenou em despedida, derrubando um banquinho, que gerou uma vibração, que fez uma xícara cair de um gancho na parede da cozinha e se espatifar no chão, onde ela poderia tropeçar nos cacos mais tarde.

“Ao rever”, disse Scott. Ele abriu a porta para Oreó.

“A Deus”, disse Oreó, balançando sua bengala em saudação.

Fazia várias semanas que ninguém via Samuel Schwartz no estúdio In-the-Groove Sound. Enquanto subia a rua, Oreó viu um porco sair correndo e guinchando para fora de uma porta, uma dúzia de caçadores de bacon galopando atrás dele. Oreó começou a correr também. Ao se aproximar do prédio de onde o porco havia saído, viu que era um açougue de suínos. Em sua tentativa de fuga, o porco fez um matadouro do matadouro. Oreó continuou na perseguição ao porco, que atravessou a rua. Oreó jogou a bengala nas pernas dele. A bengala deu um giro duplo, fazendo o porco tropeçar. Um táxi virando na Segunda Avenida freou cantando pneu, mas não a tempo. O táxi bateu de lado no porco, que cambaleou alguns metros e caiu morto diante do templo Shaaray Tefila, bem em frente ao açougue de carne suína.

Sem querer, Oreó foi a causa indireta da morte do porco, mas, ao refletir sobre aquela morte porcina, ela percebeu que deveria verificar sua lista novamente. Aquela peça atropelada de bacon contaminando a calçada do templo — aquilo com certeza era “Porca”. Sim, devia ser.

Oreo e o Mr. Soundman

O Mr. Soundman, Inc. ficava em uma casa com fachada em arenito marrom reformada na avenida Lenox. Oreo podia ouvir as estranhas permutações de palavras aceleradas e desaceleradas, puxadas para trás e arremessadas para a frente, o uivo bárbaro de palavras cortadas no meio da sílaba (as consoantes sufocadas, as vogais rejeitadas), sobrecarregadas por um volume excessivo, afetando o elusivo portento. As palavras se esparramavam pelo chão. Palavras e tempo. Que palavra era aquela ali no canto, enrodilhada como um feto? E aquele cordão umbilical sonoro, que intervenção cesariana o arrancou prematuramente de sua raiz materna? O som ribombava das paredes, disparando pelos corredores ao escapar de uma porta aberta marcada como SALA DE CONTROLE B.

Rip-waf-shuh, rip-waf-shuh, rip-waf-shuh, repetiam alguns sons ao contrário quando Oreo enfiou a cabeça pela porta. Um engenheiro em uma cadeira de escritório rodopiava entre três máquinas — dois toca-fitas e um console de controle máster — e seus braços fibrosos chicoteavam como tiras de alcaçuz. Dois lápis se projetavam em ângulos de quarenta e cinco graus do arbusto de seu afro, podado à perfeição de paisagismo e tão volumoso que, junto com sua pele escura e quitinosa e seus óculos de sol com enormes lentes convexas marrons, ele parecia uma réplica em miniatura de algum monstro do cinema — o gafanhoto que invadiu Las Vegas.

O técnico de som notou Oreo em um de seus giros e acenou para que ela se sentasse em uma cadeira. Ele parou os dois toca-fitas. Depois, desenroscou habilmente um pedaço de fita de um metro da ponta de um rolo, puxando para a frente e para atrás entre os cabeçotes (*Ruh-vuf-skang, ruh-vuf-skang*, a fita soava ao ziguezaguear entre os cabeçotes), encontrou o ponto que queria e fez um corte rápido com uma navalha. O pedaço de fita caiu no chão em meio ao tumulto enroscado de palavras anteriormente descartadas. Oreo não fazia ideia de quantos *rip-waf-shuhs* e *ruh-vuf-skangs* aquele pedaço representava. O engenheiro então colocou uma ponta solta da fita ainda no rolo em um encaixe na frente da máquina, tirou um pedaço de *leader tape* de outro rolo com fita

adesiva e uma navalha, girou os rolos cinza do toca-fitas algumas vezes e depois parou. Ele saiu da sala de controle, gesticulando para Oreó ir atrás.

Eles caminharam pelo corredor até um pequeno escritório. Até ali, nenhum deles tinha dito uma palavra. O engenheiro apontou para uma cadeira ao lado de uma mesa ocupada por uma pilha de cartolinas de formatos estranhos. Oreó se sentou. Como o homem não disse nada e apenas olhou para ela com expectativa — ou, melhor, os óculos dele se viraram para ela — Oreó disse: “Sou Christine Clark. Slim Jackson está por aqui?”.

O homem apontou para si mesmo, depois vasculhou a pilha de cartolinas ao lado dele na mesa. Ele ergueu uma. Tinha a forma de um balão de desenho animado e a mensagem dizia: VOCÊ ESTÁ OLHANDO PARA ELE.

“Você não fala?”, perguntou Oreó. Ele balançou a cabeça. Depois de compreender que Slim não era nem antissocial nem estava com laringite, mas era mudo, Oreó pediu permissão para vasculhar entre os balões de diálogo para conhecer o leque de respostas que ele estava preparado para dar. Ela encontrou as costumeiras:

ESQUEÇA, CLYDE

ME MANDA A REAL

ISSO AÍ

TÁ BRINCANDO

FICA PRA DEPOIS

MARAVILHA

TÁ DIFÍCIL

SAQUEI

OLHA ESSA BOCA

GOSTO NÃO SE DISCUTE

Oreó viu que Slim havia substituído o típico asterisco-espiral-estrela-ponto-de-exclamação-rabiscado dos desenhos animados por um simples FODA-SE, SEU FILHO DA PUTA. Ele tinha uma pilha de balões em branco e

uma pilha de balões com desenhos: um copo de coquetel com uma azeitona seguido de um ponto de interrogação; uma Estrela de Davi seguida de um ponto de interrogação; um personagem de desenho animado em forma de ovo com uma expressão de surpresa (um “Que estranho — você não parece judia” como continuação da Estrela de Davi? Oreó se perguntava); uma pirâmide invertida de três pontos e uma linha curva ascendente; os três pontos novamente com uma linha curva descendente; um punho cerrado com o dedo do meio levantado na posição de “vai tomar no seu”. Oreó achou esses últimos redundantes, já que Slim poderia facilmente imitá-los ou usar um balão de palavras disponível. É verdade que os desenhos lhe proporcionavam matizes de tradução que talvez se perdessem no gesto original. Além disso, as cartolinas em branco indicavam que ele estava ciente das limitações do formato com balões. Oreó cedeu em seu debate consigo mesma. Sim, tanto as palavras quanto os desenhos tinham seu lugar.

“Me disseram que eu poderia encontrar Sam Schwartz aqui”, disse Oreó.

Slim tirou uma de suas antenas de lápis do cabelo, escreveu algo em um balão e o ergueu: TENTE NA PORTA AO LADO HOJE À NOITE.

“O que tem na porta ao lado?”

Ele escreveu e rabiscou, escreveu e rabiscou. Depois levantou a voz de cartolina: UM PUT... UM... BORD... UMA CASA DE ALEGRIA.

“Ah, um puteiro”, disse Oreó.

Slim olhou para ela, analisando. Ele remexeu em seus balões padrão e pegou um desenho de um homem de guardanapo no pescoço e língua de fora, garfo e faca a postos, diante de uma coxa de peru.

“Ele gosta de mulheres com coxas grandes?”, Oreó arriscou.

Slim pareceu desapontado. Ele balançou a cabeça enquanto escrevia e levantava: GOSTA DE CARNE ESCURA.

Então o bom e velho papai já está chifrando a segunda esposa. “Você sabe onde posso encontrá-lo agora? Tem o endereço dele?”

Slim balançou a cabeça. NÃO FICO LIGADO NO BRANQUELO, ele pôs no balão. Oreó começou a se levantar, mas ele ergueu a mão, DIGA ALGUMA COISA, requisitou outro balão.

“Como o quê?”

Ele deu de ombros.

“Jack Sprat não podia comer gordura. A esposa dele não podia comer carne magra.”

Slim girou os pulsos, as mãos indicando “continue”.

Oreó mudou para algo mais apropriado para um técnico de som.

“Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, se não tivesse

amor, seria como o metal que soa ou o címbalo que tine.”

Slim levantou a mão, PODE GRAVAR ALGUMAS FRASES PARA MIM?, escreveu.

Oreo deu de ombros. “Acho que sim.”

Slim a chamou com um gesto enquanto saía do escritório e voltava para a Sala de Controle B. Ele fez sua coreografia de Shiva com os rolos de fita nas máquinas, tirando alguns, colocando outros, girando os botões. Ele fez Oreo passar por uma porta para o estúdio à prova de som. Slim desapareceu por alguns minutos e voltou trazendo algumas folhas de papel e uma pilha de seus balões. Ele colocou os papéis na mesa na frente dela, ajustou o microfone e depois voltou para a sala de controle. Ela o via através da divisória de vidro. Ele ergueu um balão que dizia: ME DÊ UMA AMOSTRA, POR FAVOR. Ele apontou para o roteiro que havia deixado com ela.

Em voz alta, ela leu o que estava escrito no alto da folha. “Mr. Soundman, Incorporated. Conta Número 3 051 478.”

Slim levou um dedo aos lábios. Oreo leu a mesma coisa em uma voz normal. Slim fez o sinal de “ok” com o polegar e o indicador e gesticulou para que ela continuasse lendo.

Oreo limpou a garganta e leu. “Nestes dias ocupados de correria, correria, correria, é bom ter amigos com quem você pode contar quando precisar deles. Nós da Cozinha Kosher de Tante Ruchel queremos que você saiba que pode contar conosco. Eu estava dizendo para minha *tante* outro dia — e minha *tante* é como a sua *tante* — eu disse a ela: ‘O que mais você pode inventar?’. E ela me falou. Quero compartilhar com você a sabedoria dessa mulher maravilhosa. Você a conhece por seu premiado *cholent*, já se maravilhou com seus *kasha varnishkes* e se eletrizou com seu *kugel*. Agora ela superou até a si mesma. Agora Tante Ruchel traz para você um produto que vai revolucionar suas ceias festivas. Então sente-se, puxe uma cadeira e seja o primeiro a ouvir, através do milagre das ondas do rádio, sobre o milagre deste produto...”

Slim gesticulou para ela parar. VOCÊ ESTÁ ESTALANDO OS P.

Oreo revisou rapidamente o que havia lido. Viu um “premiado”, alguns “produtos” e um “puxe”. Ela os repetiu em voz alta, cautelosamente. Todos estouraram. Não sabia como fazer a boca produzir um P sem uma pequena explosão de ar. Atrás do vidro, Slim moveu os lábios no que Oreo supôs ser uma demonstração de um P-não-estourado. Claro que os P *dele* não estouravam. Além disso, ela tinha a impressão de que ele estava falando M, não P. Ela soaria bem idiota se dissesse “mrodutos”, “muxe” e “mremiado”. Oreo tentou outra vez, imitando os movimentos dos lábios de Slim. Depois de um pouco de

prática, ela notou que, mesmo para seus ouvidos, havia menos fiapos de respiração atritando contra a tela enquanto ela empurrava as trabalhosas palavras através do microfone, que Slim havia colocado ligeiramente à sua esquerda.

Ela fez outra tomada. Dessa vez, os P não estouraram, mas Slim levantou um balão: UM POUCO MAIS JUDEU, POR FAVOR.

Oreo tentou pensar em como sua mãe faria isso. Ela fingiu *ser* a sobrinha da Tante Ruchel, como dizia o texto. Chegou outra vez na frase de efeito. “... seja o primeiro a ouvir, através do milagre das ondas do rádio, sobre o milagre deste produto: o Sêder de Pessach Congelado da Tante Ruchel.” Oreo riu sozinha. Se seu avô tivesse pensado nisso, ele poderia ter vendido um milhão deles tão rápido quanto Louise conseguisse cozinhá-los.

Ela consultou Slim sobre dois aparentes erros tipográficos no parágrafo seguinte e foi confirmado que o cliente realmente queria que o texto fosse lido como instruído pelo técnico de som.

JAVÉ, ele explicou.

Oreo deu de ombros e continuou. “O Pessach é uma celebração da liberdade, presente de D-tracinho-U-S para nosso povo. Então, por que gastar o precioso tempo das festas fazendo compras e cozinhando? O S-tracinho-NHOR achou por bem lhe presentear com Tante Ruchel, uma verdadeira *bren*. Deixe que ela faça isso por você. Quando chegar a hora do Seder, você poderá apenas se sentar, calma e tranquila, e dizer: ‘É um *mechiaieh* ter Tante Ruchel como amiga? Você já esteve tão *farchadat* nas festas que, quando seu filho mais novo começa com as *Fier Kashehs*, você diz: ‘Não faça tantas perguntas’? O Pessach é um feriado tão importante — um feliz *yontif* como dizemos — que você não quer esquecer nada para aviltar as tradições de nosso povo. Não se preocupe, Tante Ruchel pensou em tudo. Ninguém poderá levantar um dedo acusador para você e dizer: ‘Veja, ela esqueceu a salsa’. Salsa-cadabra! — já temos uma refeição para você! Em primeiro lugar, o Seder de Pessach Congelado da Tante Ruchel vem em bandejas de papel alumínio especiais — *kosherizadas* para a ocasião. É usar uma vez e jogar fora. Você não precisará se preocupar, no próximo Pessach, se o tio Louie esquecer e misturar a porcelana especial da semana do Pessach com a de uso diário. Tante Ruchel não faria um só movimento sem nosso próprio *mashgiach* a seu lado para garantir que tudo esteja estritamente estrito. Na verdade, nosso *mashgiach* é tão rigoroso que ele é conhecido na FAM — a Federação dos Mashgiachs Americanos — como Murray, o *yenta*. E nem é preciso dizer que cada cordeiro é levado ao matadouro pelo nosso próprio *shochet*, que, se não trabalhasse para nós, seria um cirurgião

mundialmente famoso. Por essa razão, nós o chamamos de dr. Jacobs. Ele merece.”

Oreo fez uma pausa para dizer que precisava de um pouco de água. Slim parou a fita e saiu da sala de controle. Ele voltou ao estúdio alguns segundos depois com um copo de papel com água. Ele piscou, deu um tapinha no ombro de Oreo e voltou para religar a máquina.

Oreo limpou a garganta e continuou. “A esta altura, você é todo ouvidos. ‘O que Tante Ruchel servirá no Pessach?’, você indaga. Fico feliz que tenha perguntado. Esta refeição de Seder foi testada em nossas cozinhas kosher por um ano inteiro até que chegássemos à quantidade exata de cada ingrediente — para que você se sinta bem e satisfeito, mas não tão cheio que acabe *plotz*. Cada bandeja individual tem oito seções — entendeu o simbolismo? — e em cada seção há uma joia de prato. Para começar, Tante Ruchel melhorou sua famosa sopa de bolinhas de *matzah*. Dia desses ela encontrou uma velha receita de família em um baú no sótão. É a mesma sopa deliciosa que Tante Ruchel sempre fez — mas com um novo ingrediente secreto que a torna divina, um ingrediente que, se lhe disséssemos, você responderia: ‘Claro’. Mas não podemos dizer a vocês, queridos consumidores, porque nossos concorrentes também têm ouvidos. Basta dizer que você jamais provou na vida um caldo tão delicioso, as bolinhas de *matzah* com um ingrediente secreto. Você poderia amarrar um par de bolinhas de *matzah* de Tante Ruchel nos ombros e voar — de tão leves que são. Como Tante Ruchel disse brincando outro dia quando experimentou-testou seu último lote de *matzah*: ‘Vamos tentar fazer um acordo com a Pan Am’.

“Na seção seguinte, há o figado de frango picado, com uma porção extra de *shmaltz* para que você possa misturá-lo a seu gosto. Logo depois está o merecidamente famoso *gefilte* de peixe da Tante Ruchel. Em seguida vem o nosso *chrain*, com uma porção extra especial para o Pessach. Junto dele vem um ovo cozido, já cortado ao meio para sua conveniência. O prato principal, que ocupa um espaço duplo só para ele, é o pernil de cordeiro — assado à perfeição e decorado com generosos ramos de salsa. Vejam que Tante Ruchel não esqueceu. Um pacote de sal kosher acompanha todo Seder congelado. ‘O que tem de sobremesa?’, você pergunta. De sobremesa, é claro, temos *charoseth*, mas é a mistura especial de maçãs, nozes e canela de Tante Ruchel — um deleite de sabor que você nunca esquecerá. Tante Ruchel pensou até no vinho. Onde as leis estaduais permitirem, você encontrará um recipiente de sessenta mililitros de vinho natalino na oitava e última seção da bandeja. Certifique-se de remover o recipiente antes de colocar o Seder no forno. Sim, acredite ou não, é tudo que você precisa fazer para servir à sua

família uma deliciosa e tradicional refeição de Pessach. Basta colocar o Seder de Pessach Congelado da Tante Ruchel no forno a cento e setenta graus, relaxar por trinta minutos e sua família pensará que você trabalhou como escrava em um fogão quente por dias a fio. Lembre-se do nosso lema: ‘Feriado para sua família tem que ser feriado para você também. Deixe com a Tante Ruchel’. Procure pelo Seder de Pessach Congelado da Tante Ruchel na geladeira de sua mercearia preferida. Por que esperar a Pessach? Experimente um hoje. Quem consegue dizer não?”

Slim fez com que Oreó regravasse algumas seções aqui e ali, que ele chamou de frases “piradas”, mas parecia satisfeito.

“Como você adivinhou que eu conseguia fazer isso?”, Oreó perguntou.

VOZ AGRADÁVEL, LEVE SOTAQUE JUDEU, ele pôs no balão.

“Que sotaque judeu?”, Oreó protestou.

Slim apontou para sua orelha — a “Concha Dourada” como ele havia chamado no início da sessão. ME LEMBRA SAM SCHWARTZ, ele escreveu.

“Nunca conheci esse homem”, disse Oreó secamente.

Slim deu de ombros como um “então, o que quer que eu diga?” e apontou outra vez para a orelha.

Eles voltaram para a sala de Slim, onde ele fez Oreó assinar um recibo dizendo que ela tinha sido paga para fazer o comercial e não tinha mais nenhuma pendência com o Mr. Soundman, Inc. Em seguida lhe deu dez dólares.

“Quanto um profissional ganharia para fazer isso?”, ela perguntou.

MUITO MAIS, admitiu o balão.

“Então?”

Slim lhe entregou mais dez dólares e ergueu novamente a cartolina ME LEMBRA SAM SCHWARTZ.

Oreó deu de ombros como um “então, o que quer que eu diga?” e apertou a mão de Slim.

Oreó do lado de fora do Mr. Soundman, Inc.

Oreó parou na porta e viu uma curiosa procissão descendo a rua. Um cafetão negro e dez prostitutas, cinco brancas e cinco negras, em cores alternadas, rumando na direção dela formando um V confuso, como a cunha das cunhas quadriculadas. O andar do cafetão lembrou Oreó de Fonzelle, amigo de seu irmão. Mas os passos de Fonzelle eram uma coreografia pesada, e esses eram mais leves, mais fluidos. Era como se o

cafetão estivesse nadando pela rua, um cisne peitando a correnteza por suas fêmeas. O macho de plumas dava dois passos decididos, deslizava até parar, lançava os braços ostensivamente para os quadris, dava meia-volta para verificar que ainda estava sendo seguido a uma distância respeitosa e continuava rio abaixo. Suas roupas pareciam nascer de seu corpo, abraçando o torso ágil e sigmoide, mais justas que um jogo de luzes sobre a silhueta de um toureiro. Ele estava coberto por um terno de veludo rosa perolado, uma suave camisa cinza-clara, uma g ravata fina vermelha rosada. Seu boné de veludo de aba longa se inclinava para um lado e para outro quando ele se dobrava para verificar o progresso de sua ninhada. A colheita do dia, Oreó pensou, rindo sozinha. De vez em quando, ele parava para polir as unhas, inflando o peito com altivez anseriforme. Quando ele parava, as mulheres paravam; quando ele seguia em frente, elas o seguiam. Oreó decidiu batizá-lo com o nome de um adúltero e, como estudante de história britânica, apelidou-o de Parnell.

A primeira mulher atrás do cafetão carregava um banquinho alto e uma sombrinha branca. Ela era obviamente sua favorita, já que tinha sido incumbida de levar o trono dele. Ela era branca. As próximas oito cartas do baralho carregavam apenas suas bolsinhas e uma expressão reprimida. A última mulher da fila, negra, carregava uma caixa de engraxate com apoio para os pés. Essa era a segunda favorita, Oreó supôs. Só as favoritas ficam com trabalho extra. A avaliação de Oreó para as posições relativas de cada uma era reforçada pelo fato de que todas as mulheres, exceto a primeira e a última, usavam vestidos vermelhos iguais, na altura da virilha, enquanto as favoritas usavam vestidos rosa que combinavam com o terno de Parnell, permitindo que até o mais estúpido observador distinguisse de primeira as estrelas das dançarinas.

O grupo passou pelo Mr. Soundman e se deteve em frente à vitrine seguinte. Parnell se virou casualmente para olhar a rua e cruzou os braços. Ele os descruzou por tempo suficiente para estalar os dedos e cruzou novamente. A favorita branca colocou o banquinho sob o traseiro dele, a sombrinha sobre a cabeça, e o cafetão se sentou, um pé de bota rosa na trava do meio do banquinho, o outro bem na frente do corpo. Ele estalou os dedos novamente. A favorita negra se aproximou, carregando a caixa de engraxate como se fosse um cálice. Ela levantou o pé dele do chão e o colocou no apoio para os pés.

Em seguida, cada uma das duas favoritas se colocou lado a lado com ele. De novo o cafetão estalou os dedos. As duas rainhas gesticularam para suas oito damas de companhia. A primeira das oito respirou fundo, ajoelhou-se diante de seu suserano e começou a engraxar os sapatos.

Depois de uns cinco minutos passando cera, espalhando e polindo, o cafetão estalou os dedos.

É de admirar que a fricção de tanto estalar os dedos não faça suas falanges pegarem fogo, pensava Oreó, quando viu que o cafetão estava pagando sua engraxate — ou melhor, engraxata — com um chute na bunda. Oreó estava sozinha em sua surpresa. As duas rainhas continuaram impassíveis, as damas de companhia, pétreas. A própria engraxate aparentemente considerava o chute como sua gorjeta habitual. Ela apenas esfregou o traseiro e subiu correndo os degraus do prédio em frente ao qual tudo isso acontecia. Desapareceu lá dentro.

Oreó não persistiu em sua surpresa quando viu que aquele ritual seria repetido por todas as mulheres na fila: o polimento da bota, a bicuda pela bota, a correria para dentro do prédio. Quando a última mulher estalou seu trapo nas botas cor-de-rosa, o sol praticamente se protegia do reflexo da superfície do couro. Os raios de sol ricocheteavam com gratidão sempre que Parnell mexia os dedos dos pés. Outro estalar de dedos e as duas rainhas o ajudaram a sair do banco, que uma pegou enquanto a outra levantava a caixa de engraxate. Quando as duas mulheres se viraram para subir os degraus, o cafetão deu uma pancada retumbante em ambos os traseiros, dessa vez com a mão, mais uma prova de que elas tinham um lugar especial em suas bolas.

Ele se pôs de pé na calçada, uma mão no quadril, examinando suas botas luzidias com olhos protegidos. Todas as suas mulheres estavam lá dentro, mas ele parecia satisfeito de ficar ali na calçada.

Oreó imaginou que metade do quarteirão estava observando das janelas e portas, assim como ela. Por fim, não aguentou mais. Enfiou a mão na bolsa e colocou alguns trocados no meio de uma das notas de dez dólares que Slim lhe havia pago. Esmagou a nota levemente em torno das moedas e saltou escada abaixo, cantarolando para si mesma e girando a bengala. Passou rapidamente por Parnell, sorrindo um sorriso livre e aberto.

Ela estava um passo além dele quando ele falou. “Olá, coisa boa”, disse suavemente, “onde está indo aprontar?”

Oreó não respondeu.

“Não quer falar, hein? Metidinha, não é, srta. Esnobe? Certo, olá, coisa *ruim*”, ele disse em tom de desprezo.

Oreó se virou, olhou para a virilha dele, ostensivamente avaliando o volume do pacote e disse: “Olá, coisa *nenhuma*”.

“Ai!”, ele respondeu. “Você me pegou dessa vez, gata.” Ele sorriu e deslizou na direção dela.

Oreó sorriu de volta e deixou cair o dinheiro. As moedas tilintaram

pela calçada, mas o cafetão não fez nenhum movimento na direção delas. Seus olhos se fixaram na nota de dez dólares. Oreó fingiu estar preocupada em juntar todas as moedas. Ela deu as costas para Parnell. Naquela fração de segundo, ele se abaixou para pegar a nota. Na segunda metade daquela fração de segundo, Oreó se virou para ver um lindo close da bunda dele. Recuou a bengala, segurando-a como um taco de sinuca e (decisões, decisões) se preparou para arrebentar as bolas ou enfiar nele. Ah, que inferno, ela decidiu, não quero merda de cafetão nessa linda bengala. Segurou de outra forma e pregou uma bengalada digna de um Grand Slam na bunda dele. Se o uivo que ele soltou significava alguma coisa, era que agora ele era a única pessoa no quarteirão com quatro nádegas para se sentar. Parnell cambaleou e caiu na sarjeta. Enquanto disparava pela rua, Oreó viu três coisas acontecendo. Primeiro, um caminhão limpa fossa vinha descendo a rua. *Hora da descarga!* Segundo, de um lado a outro da rua e à beira de uma risada histérica, as testemunhas da descarga se agarravam ao parapeito da janela (o terno de Parnell estava arruinado, mas a água apenas circulava em torno de suas botas e escorria de volta para a sarjeta). Terceiro, as mulheres de Parnell apareceram na porta, um olhar de revelação em seus rostos.

Oreo recuperando o fôlego ao virar a esquina

Oreo sorria seu sorriso traquinas toda vez que pensava na ensopada ascensão de Parnell da sarjeta. Seus braços se estenderam como asas para longe do terno imundo e pingando, seus dedos se esticaram para longe das palmas como se rompessem teias de aranha. Oreo torcia para que o olhar de revelação nos rostos das prostitutas significasse que elas tinham descoberto que Parnell era vulnerável. Se uma estranha podia sentir o cacete nele, por que não dez amigas?

Oreo sabia que teria que tomar cuidado enquanto perambulava pelo bairro esperando que seu pai aparecesse no bordel. Parnell não parecia ser do tipo que se entregava à humilhação como um cisne aos lagos. Assim que trocasse de roupa, provavelmente iria à procura dela — uma merda, já que ela tinha que ficar na área para tentar pegar Samuel antes que ele saísse à caça.

Oreo estava com fome. Entrou em uma lanchonete, sentou-se em uma mesa nos fundos e pediu um sanduíche de salsicha quente, uma torta de feijão branco e uma Pepsi.

A mulher atrás do balcão, obviamente a dona, era enorme, um Buda gigante e bem moreno. Ao som de “St. Louis Woman”, ela cantava: “*I hate to see my only son go down/ I hate to see my only son go down*”.

Repetiu esses versos trinta e sete vezes. A repetição estava enlouquecendo Oreo — ela queria ouvir o resto da paródia.

A mulher acenou quando a salsicha ficou pronta. Oreo levou ela mesma a comida até a mesa. Não havia mais ninguém na lanchonete. A mulher não parecia inclinada a falar, só soltou um grunhido para mostrar que tinha ouvido quando Oreo fez seu pedido, e agora voltava para sua edição da *Vogue*. Oreo olhou de novo. *Vogue*? Ela havia julgado mal aquela mulher. *Harper’s Bazaar*, sim; *Vogue*, não, ela teria jurado que não. Oreo agora viu que não havia percebido os olhos apertados para ganhar circulação, o movimento *condé nast* das narinas. Estava decepcionada consigo mesma. Era como confundir a família Brontë. Afinal, o estilo impactante de Branwell não era o mesmo de Anne.

Todo aquele episódio era uma afronta ao bom senso de Oreo, e ela

resolveu ser menos rápida ao surtar no futuro. Por exemplo, e quanto ao filho único com o qual a mulher estava tão musicalmente preocupada? Oreó não pôde deixar de se perguntar, ele é real ou imaginário? A princípio, estava inclinada a pensar que era real. Uma mulher com a solidez daquela proprietária dava a impressão de praticidade, de fácil domínio — ou melhor, estrangulamento — da vida cotidiana. Uma mulher assim, com seus dedos de banana, certamente se desesperaria com as tendências sexuais de qualquer filho que não fosse um urso Kodiak e, portanto, para evitar tamanho desespero, treinaria o filho no caminho que ele deveria seguir, que seria em qualquer direção, menos para baixo. Qualquer boquete relacionado a um filho daquela mãe seria recebido, não concedido. Outro ponto: quem lia *Vogue* era muitas vezes tradicionalista. Alguém assim usaria em todos os momentos — acordando e dormindo, descansando ou devastando o campo — uma aliança de casamento. Oreó olhou novamente para os dedos de banana da mão esquerda. Nenhum anel de ouro machucava aquela penca. Isso, é claro, não era uma prova conclusiva. Seria difícil encontrar um anel que pudesse conter aquelas bananas-da-terra. Além disso, uma dona de comércio poderia achar uma boa política manter objetos de valor que não estavam à venda fora da vista dos ladrões. Mas Oreó sentiu que se aquela mulher tivesse uma aliança, ela a usaria — e que os ladrões viessem, se tivessem coragem. Não, ela não era casada; não tinha parentes, nem mesmo um sobrinho parecido com um filho sobre o qual cantar. Os sobrinhos que trabalhassem para ela ralariam vinte e quatro horas por dia e pensariam duas vezes antes de reclamar dos salários baixos — e não havia sobrinho à vista. C.Q.D. A cópia da *Vogue* voltava a ser a pista crucial. Era preciso imaginação para persistir na leitura de uma revista cuja capa era de janeiro de 1928. Sim, o filho único da música era — *mirabile cantabile* (que no latim improvisado de Oreó significava “maravilhoso de cantar”) — imaginário.

Oreó terminou sua torta de feijão branco, tomou um último gole de Pepsi e pagou a conta. Ela deu boa-noite à proprietária, que resmungou, lambeu o dedo e virou uma página da revista. Essa Sakyamuni estava agora sentada em uma de suas banquetas do balcão, o avental pendurado como uma rede sobre os joelhos. Se ficasse sentada assim por mais tempo, impassível como um ídolo, ela seria uma tentação cruel para os malucos queimadores de incenso da vizinhança.

Oreó abriu a porta de tela. Ergueu o queixo para farejar o ar escuro e apimentado do lado de fora da lanchonete, quando de repente seu braço esquerdo fez um distinto L atrás das costas. Sua bengala foi arrancada da mão direita. Ela virou a cabeça. Com o canto do olho, podia ver Parnell.

“Ah, merda”, ela disse em voz baixa.

“Aham”, comemorou Parnell. “Peguei você pelo *cangote* desta vez, gatinha.”

“Podemos conversar sobre isso?”, Oreo perguntou.

“Ah, nós vamos conversar sobre isso, com certeza — e *mais* que isso.” Parnell a obrigou a marchar rua abaixo ainda com o braço atrás das costas, sem fazer nenhuma tentativa de esconder que a estava coagindo. As pessoas observavam talvez com um pouco menos de curiosidade do que teriam sentido por uma mudança no semáforo.

Um homem cumprimentou Parnell com “O que anda rolando, meu mano? Estou vendo que arranjou uma nova funcionária para a fazenda. Essa até *fala*. Carne nobre, cara, carne nobre”, disse, olhando Oreo de cima a baixo. Ela o olhou de cima a baixo em retaliação, mas ele não percebeu quando desceu a rua.

Oreo se perguntou se deveria usar o CFI em Parnell no meio da rua, mas decidiu esperar e ver que tipo de jogo ele tentaria executar. Ela disse que não havia necessidade de ele torcer seu braço. “Eu não vou fugir. Vou seguir o seu programa.”

“Pois pode acreditar. Tenho algo especial reservado pra você, gata. Você vai curtir. Ou melhor, ele vai curtir *você*.” Ele riu sozinho com sua virada de frase.

Os dois dobraram no quarteirão de Parnell. Ele relaxou o aperto, de cansaço. Ela via agora que ele estava usando um terno de corte e estilo idênticos à bela plumagem cor-de-rosa que desfilara antes. Este era azul noturno, mais apropriado para o entardecer. Suas botas também eram preto-azuladas e cintilavam como um veio de antracito iluminado pela lanterna ciclópica de um mineiro.

O cafetão empurrou Oreo pelos degraus da entrada. Lá dentro, o primeiro andar estava escuro. Tudo o que ela podia ver era uma luz sob uma porta no final de um corredor estreito. Eles subiram as escadas até o segundo andar. Parnell abriu a porta para uma grande sala quadrada com um enorme tatame no centro. Em cadeiras ao redor das laterais da sala havia uma pequena, duas pequenas, três pequenas prostitutas, quatro pequenas, cinco pequenas, seis pequenas prostitutas, sete pequenas, oito pequenas, nove pequenas prostitutas — onde estava a décima?, Oreo se perguntou. Estava faltando a favorita negra. As nove jovens pareciam prestes a cumprimentar Oreo como uma irmã da sororidade. Começaram a abrir um lugar para ela ao longo da parede.

“Esta é a vadia que arruinou meu terno rosa bumbum-de-bebê — e colocou minha bunda em uma tipoia”, anunciou Parnell. Ele tocou o traseiro delicadamente.

Oreo traduziu o murmúrio coletivo como “epa, que pena pra você, querida”. Por trás daquelas máscaras de lealdade, Oreo pensou ter detectado nelas um hesitante deboche a Parnell.

“Pois ela vai ganhar o *troco* esta noite”, continuou Parnell. “Só pro caso de alguma cachorra aqui *começar* a pensar que pode jogar merda em mim, eu vou mostrar a vocês o que acontece com as garotinhas que não aprenderam bons modos com suas mães.”

Por todo esse tempo, Oreo vinha flexionando o braço, pronta para atirar Parnell no chão assim que as coisas ficassem um pouco tensas. Mas ela estava curiosa. Ainda não tinha visto a cartada dele.

“Pois bem, todas aqui já ouviram boatos de que eu estou guardando um tipo especial de instrumento de tortura naquele quarto vazio.” Ele inclinou a cabeça em direção a uma porta do outro lado da sala, na diagonal de onde ele e Oreo estavam. “Eu quero adiantar que esta é uma tortura *pesada*, meninas. Ainda não precisei usar isso em nenhuma de vocês. Todas têm sido boas garotas, ralando essas bundas por mim. Mas esta vadia”, ele deu uma torção extra no braço de Oreo, que ela adicionou à sua lista de vingança, “esta vadia é outro papo. Vai ser um prazer vê-la rasgar no meio.”

Oreo estava ficando um pouco preocupada — talvez tivesse mesmo que machucar Parnell. Se chegasse àquele ponto, quantas daquelas mulheres lutariam por Parnell depois que ela agisse e começasse a esmurrá-lo? Ela teria que sentar o cacete em todas? E que porra era aquele instrumento de tortura?

Parnell estalou os dedos e todas as cabeças viraram em sua direção. Ele apontou para a mulher mais distante dele. “Bata três vezes naquela porta, depois se afaste.” A mulher pareceu confusa, mas fez o que lhe foi dito. Nada aconteceu. “Bata de novo — mais forte”, disse Parnell. A mulher mal ergueu os nós dos dedos depois da terceira batida e a porta se escancarou. Ela não se afastou rápido o bastante e foi derrubada quando algo — a princípio Oreo pensou que era um pequeno cavalo branco — saiu correndo e se abateu sobre elas. Oreo olhou novamente. Era um homem, praticamente de quatro, adornado com uma tanga preta.

Ele galopou até Parnell e focinhou sua mão. Parnell lhe deu um tapinha e o homem se endireitou o máximo que pôde, terminando levemente curvado. Ele era profundamente musculoso. Suas costas se contraíram como se estivessem cobertas de moscas. Sua franja escura cobria os olhos como uma sombra enquanto ele raspava o chão, esperando impacientemente que Parnell lhe dissesse o que fazer.

“Este é Kirk”, disse Parnell, acariciando as costas do homem. “Kirk é

de fora da cidade, pessoal. Diga olá para as cachorras, Kirk.”

Kirk ergueu o lábio superior e relinchou, mostrando dentes longos e fortes, com uma sobremordida pronunciada.

“Bom garoto”, disse Parnell. “Achamos a primeira amiga americana para você brincar, Kirk. Jovem e succulenta. Você gosta, né, Kirk?”

Kirk raspou o chão duas vezes. Oreo presumiu que isso significava “sim” e que “não” seria indicado por um só golpe dos cascos.

“Dispa-se para as damas”, disse Parnell, fazendo mímica para ter certeza de que ele entenderia.

Após um momento de incompreensão, Kirk fez o que lhe foi pedido. Um engasgo correu entre as nove prostitutas. Parnell olhou, e olhou de novo, com uma invejosa expressão de “o que criaste, Deus?” em seu rosto. O equipamento de Kirk se desenrolou como uma língua-de-sogra soprada por Gabriel na última festa da história do mundo. Seu exigente “dígito” fazia gestos indiscriminados como Tio-Sam-quer-você ao redor da sala.

Oreo ficou impressionada. Genitais masculinos sempre a lembravam de ostras, moelas e pelancas de peru na melhor das hipóteses, e na pior, um cacho de uvas sem sementes. Por outro lado, a maioria dos pacotes de mármore (por exemplo, o de Davi) lembravam a cabeça de um mandril (um trocadilho fortuito). Uma inveterada observadora de virilhas, um dia ela fez uma lista de figuras do esporte que classificou sob os títulos de “Capões” e “Garanhões”. Os capões (principalmente caçadores de animais de grande porte, jogadores de boliche) eram homens cujo membro podia ser descrito por qualquer um dos seguintes termos (ou semelhantes): *pinto*, *pingolim*, *vareta*, *coisa*, *bráulio*, *peru*, *shmendrick*, *putz*, *shmuck*. Os garanhões (ginastas, nadadores) ostentavam qualquer um dos seguintes: *piroca*, *vara*, *rola*, *pica*, *cacete*. Palavras neutras (*membro*, *pênis*) eram aplicáveis nos casos em que a soltura ou acolchoamento do uniforme padrão impossibilitasse uma avaliação definitiva (jogadores de beisebol, basquete, futebol, hóquei e tênis). Mas o garanhão de Kirk era um cavalo de outra categoria, de tais dimensões que ele poderia usar um zepelim como camisinha.

“Você está planejando o que acho que está planejando?”, Oreo perguntou cautelosamente.

“Aham”, sorriu Parnell.

“Não-o-o!”, clamou lancinante o coro grego quadriculado. Parnell as silenciou com um olhar.

“O fato de eu ser virgem significa algo para você?”, Oreo perguntou.

Parnell sorriu como no funeral de um bebê. “Só deixa tudo mais saboroso.” Ele pregou nela o olhar do especialista. “Além disso,

provavelmente você está mentindo. Na sua idade, com a sua aparência? De jeito *nenhum*.”

Oreo viu que não fazia sentido tentar o papo furado de sempre. Ela fez uma proposta direta. “Três coisas: tenho direito a inspecionar a limpeza; nada de ficar passando pelas bordas — só foda direta; e posso ir ao banheiro antes de começarmos.”

“Não sei de onde você tirou essa merda de vou-fazer-isso e não-vou-fazer-aquilo. Melhor tomar cuidado com a boca antes que eu vire a mão em você, vadia. Mas nenhuma dessas *solicitações* me incomoda. Meu garoto aqui vai acabar com você, menina. E eu digo vai *mesmo*, e digo acabar *mesmo*. Então pode fazer seu joguinho — você não vai escapar, escutou?” Kirk estava ficando inquieto. Parnell acariciou suas costas. “Só mais um pouco, Kirk. Deixe a mocinha olhar você agora, como um bom menino.”

“Detesto ser chata, mas não quero encostar nele. Alguém pode fazer isso por mim?”

Parnell riu. “Você é uma cachorra estranha. Não quer encostar nele, mas com certeza ele vai encostar em você de mais de um jeito. Mas divirta-se por enquanto. Eu vou ganhar minhas risadas em alguns minutos.” Ele estalou os dedos. Sem virar a cabeça, disse: “Cecelia, prepare esse cara para a garota, sim?”

Em um segundo, uma das mulheres apareceu junto dele. Ela esticou a mão e habilmente puxou o prepúcio de Kirk. Oreo observava. Kirk tinha sobrecarregado o mercado em matéria de esmegma. “Você deve estar brincando”, disse Oreo. “Ele podia abrir uma loja de queijos aí embaixo.”

Até as sobrançelas de Parnell se ergueram de asco. “Leve-o para a latrina e lave-o, Cecelia.” Ele se virou para Kirk. “Vá com a moça bacana, Kirk, mas não a machuque. Ela não é para você. Esta é para você”, disse, acariciando com carinho o afro de Oreo.

Oreo estava furiosa. Tinha sido monumentalmente tolerante até agora, por curiosidade — deixando Parnell torcer seu braço, chamá-la de “cachorra” e, em geral, cagar na cabeça dela — mas agora não dava mais. Ela odiava que qualquer um tocasse seu cabelo macio e algodoado sem permissão. Estava tendo um acesso de ira, levando-se gradualmente a um estado de *chibah-ta-no-rah-bō*. Parnell seria o cafetão mais arrependido do Harlem quando ela acabasse com ele. Mas primeiro ela enfrentaria Kirk e acabaria com *aquela* parte. “Posso ir ao banheiro enquanto Cecelia está cuidando de Kirk?”, perguntou docilmente.

“Assim está melhor. Ora, se você tivesse agido dessa forma lá no começo — você e eu, a gente poderia ter se dado bem. Sempre tenho

espaço no meu estábulo para uma potranca chocolate quente como você. Mas primeiro você tem que tomar seu remédio por ter sido uma menina malcriada hoje à tarde.” Ele estalou os dedos. “Vá com ela, Lil.”

Uma moça negra e *zaftik* da idade de Oreó a levou pelo corredor até o banheiro. Quando elas estavam passando por uma pequena sala em frente ao banheiro, Oreó ouviu a voz ressonante de um homem dizendo algo que ela não conseguiu entender e depois uma risada de mulher. “Onde está a mulher que vi esta tarde carregando a caixa de engraxate?”, Oreó perguntou.

“Ali dentro, fazendo um truque com um de seus clientes regulares”, respondeu Lil, indicando o quarto das vozes.

Oreó percebeu que essa era a primeira palavra que ela ouvia qualquer uma das prostitutas dizer sozinha. Ela também percebeu que o cliente regular em frente ao banheiro podia muito bem ser seu pai. Isso não seria um saco?, pensou Oreó. Não sabia o que era mais incrível — a possível coincidência ou o quanto ela tinha que mijar.

Entrou no banheiro enquanto Lil esperava do lado de fora. Em poucos minutos, ela se despiu, exceto por seu *mezuzah*, sandálias e sutiã. Continuou com o *mezuzah* em nome da ironia, as sandálias pelo efeito cômico e o sutiã porque pretendia tirar vantagem suficiente de Kirk sem adicionar luxúria não correspondida às suas deficiências, um estado de espírito inevitável, ela sentia, se ele visse seus seios gêmeos perfeitos (Cânticos de Salomão 4,5), para não falar da reação de Parnell e — quem sabe? — de algumas das meninas. Oreó enfiou a mão na bolsa e tirou um dispositivo de proteção que ela carregava consigo o tempo todo. Ela o encaixou em sua cunha. E estava pronta.

Oreó vai para o tatame

Parnell continuou endireitando o tatame com a ponta da bota — seguindo a teoria, Oreó supôs, de que qualquer coisa que ele fizesse com as mãos, ele estava *realmente fazendo*, mas o que quer que ele fizesse com o pé passava despercebido e, portanto, ninguém poderia acusá-lo de realizar qualquer trabalho útil. Parnell levou Kirk para o seu canto e sussurrou em seu ouvido, esfregando suas costas e dando em seu traseiro aquele casual tapinha/toque homossexual de encorajamento ao atleta. As mulheres se mexiam impacientes em suas cadeiras, de vez em quando lançando a Oreó o que ela supunha serem os olhares de piedade e medo de Aristóteles, acrescidos da expectativa de Sade por atos inomináveis.

Conforme acordado por ambas as partes — Oreó com um aceno de cabeça, Kirk com duas patadas no chão —, Parnell estalou os dedos três vezes como sinal para começar. Oreó continuou quieta onde estava, no centro do tatame. Kirk saiu de seu canto com o nariz totalmente aberto. À medida que avançava, seu ganhão deu um impressionante giro à direita, um giro nada preguiçoso à esquerda, depois ergueu majestosamente a cabeça. Ele atirou Oreó sem resistência no chão, esticou as pernas dela na posição pronta de um quebra-nozes, fez mira, tentou enfiar o mastro no convés dela e — para a grande surpresa dele e de todos — topou com uma barreira que o escoiceou para trás e o atirou contra a parede mais próxima.

A expressão de espanto no rosto de Kirk quando ele lançou seu olhar fixo de idiota para seu pênis e seus músculos machucados aqueceria o coração dela pelo resto de sua vida, viva. A perplexidade de Parnell, o assombro das prostitutas — oh, Oreó não podia fazer nada mais que sorrir seu sorriso traquinas.

A barreira com que Kirk trombou (mas não transou) quando tentou aplicar um código 401 (arrombar e invadir) era um hímen falso feito de elasticium, um metal trivalente recém-descoberto cuja característica de destaque era a enorme resiliência. A descoberta do elasticium foi possível graças a uma doação da Cidadãs em Alerta Contra o Estupro de Mães (CAREM), uma organização cuja adesão se limitava àquelas que tinham pelo menos um filho (ou estavam entre o sétimo e o nono mês de gravidez) quando foram atacadas (geralmente por seus maridos, como revelou uma pesquisa independente). O trabalho da CAREM era um caso evidente de solidariedade à maternidade (e, portanto, uma ajuda aos rimadores). A sede de justiça logo levaria a liderança da CAREM a distribuir himens falsos pelo mundo (“os Donzelas® estão disponíveis nas opções rosa Mocinha, branco Virgem Vestal ou preto Viúva Negra”), mas Oreó conseguiu obter um protótipo por ser conhecida da inventora, Caresse Booteby.

À propos de bottes, Parnell ajudou Kirk a se levantar com a ponta da bota e o mandou de volta ao tatame, como se dissesse: “Não sei o que aconteceu, mas pode apostar que não vai acontecer de novo”. Mas aconteceu. Kirk baixou a lança e quicou para longe do botão fechado de Oreó como se fosse um pequeno trampolim — o que, na prática, era mesmo.

A essa altura, as nove prostitutas estavam estalando os dedos, gritando e rindo com prazer incontrolável. Parnell estava rouco de tanto gritar para que elas se calassem, intumescido de berrar outro conjunto de instruções inúteis para o frustrado Kirk sobre a solução para a

orquestração de Oreó. O último esforço sexual do pobre Kirk não lhe valeu de nada. Suas costas estavam lanhadas de se bater contra paredes e móveis (uma vez ele desabou na cadeira vazia da favorita negra e quicou pelo chão como uma bola de basquete). Depois de cada encontrão, totalmente confuso e sem compreender, ele abanava a cabeça de seu pênis vermelho-fúria, às vezes acariciando-o em consolo por seu fracasso. A surra que seu aríete vinha tomando estava fazendo Oreó sentir pena dele. Kirk estava ensopado de suor pelos esforços, seu grande coração prestes a explodir. Ah, a infelicidade da satiríase.

Oreó se levantou, cansada de jogar esse jogo. “Ele está exausto, acabado — derrotado! É preciso um homem melhor que ele para pegar a *minha cereja*”, ela zombou. “Por que não manda esse capão de volta para onde ele veio?”

Sabia que suas palavras iriam enfurecer Parnell — a cólera do dono cujo animal de estimação fora maltratado. Parnell correu até ela. Esta era a parte que ela vinha esperando. Esquivando-se do cruzado de direita do cafetão, ela lhe serviu a humilhação especial — um rápido *tapana-ka-rah*, seguido de um *tapah-vi-ra-dō* relâmpago. Ele caiu no chão, mais pela surpresa que pelos golpes. Os *sōkos* tinham sido aplicados para provocar, não para derrubar. As mulheres não fizeram nenhum movimento para ajudar Parnell. Elas estavam imóveis, como se permanentemente, um friso em um templo ático.

Parnell sacudiu a cabeça, sem acreditar. “Não estou de brincadeira agora. Mulher, eu vou literalmente arregaçar sua bunda.”

“Sério mesmo?”, disse Oreó quando ele começou a se levantar. “Não fale tanto por essa sua boca”, ela aconselhou, citando uma das frases favoritas de sua avó, e lhe deu um *shu-teh* pendular no maxilar inferior para se certificar de que ele não falaria. A leve crepitação que ouviu, a princípio ela temeu que fosse a mandíbula de Parnell esfarelado. Quando viu o que havia emitido o som, ela ficou ainda mais horrorizada com o que tinha feito: havia rasgado uma das tiras de sua sandália. “Ah, droga e duas vezes merda”, disse Oreó. Deu em Parnell um *kotō-veh-la-ō* no ouvido pela frustração. Eram suas sandálias favoritas.

Até agora Parnell não havia encostado nela. Ele se atirou na direção dela como um homem na câmera lenta de um sonho, correndo atrás de um silencioso e insidioso trem acelerando, um trem que ele precisa pegar antes de ser engolido por aquilo que está assomando sobre ele. Oreó se esquivou de suas garras. Estava transformando sua dominação sobre Parnell em uma disputa cuja integridade do desfecho ela consideraria comprometida se o óleo das dobras de um dedo dele se mesclasse ao sal de sua leve camada de suor. Seu *mezuzah* esvoaçou, seu

sutiã exalou umidade, sua sandália saltou, elevando zéfiros de ar que refrescaram sua Donzela enquanto ela repassava todo seu repertório de CFI: sarcásticos *sōkos* do *kōko* aos *pehs*, a ironia de um *shu-teh* na boca, cômicos *keh-brah ke-shōs*, distribuição de *pō-ha-dah*, sátira de *shu-tehs* — em suma, a desesperação de Parnell.

Depois de se divertir o bastante, Oreó montou no cafetão prostrado, arqueou seu pescoço para trás em um *matah-li-ō* modificado e se dirigiu às nove prostitutas. “Quantas de vocês gostariam de pisar nas botas de Parnell?”, perguntou.

“Quem?”, elas repetiram em coro.

Ela tinha esquecido que inventara o nome Parnell, e agora não queria saber o nome verdadeiro. “Ele”, Oreó respondeu, abaixando a cabeça e mantendo a alavanca sobre o queixo de Parnell.

O friso se soltou. Cinco mulheres se ofereceram, deixando métopas entre os glifos — uma decisão majoritária na ausência da prostituta trabalhadora, que ainda não havia reaparecido. Oreó vendou Parnell com o xale de uma das cinco, para que ele não pudesse ver quais de suas engraxates eram vira-casacas, e quais (por abstenção) ainda eram fiéis. Ela o virou com um semi-*tapah-na-ka-rah*. Ao mesmo tempo, olhou em volta procurando por Kirk. Ele estava parado dormindo em um canto, as pernas cruzadas, as mãos segurando seu conjunto de gônadas, um regato de lágrimas cintilando em uma das bochechas de sua cabeça pendente. “Pobre coisinha”, disse Oreó em duplo sentido.

Toda a brutalidade havia desaparecido de Parnell também. Ele parecia deprimido. Sua orgulhosa postura de cisne se fora. Em seu lugar havia uma inclinação manifestamente terminal. O cisne afogou, Oreó riu consigo mesma. Ele ficou quieto até que a primeira das cinco colocou um débil dedo do pé em suas botas preto-azuladas, então um tremor o percorreu.

Das duas mulheres que Oreó conhecia pelo nome, Cecelia era uma fiel e Lil, uma vira-casacas. Se a lealdade a Parnell tinha que ser julgada por aquela escolha fajuta, então era melhor que Oreó usasse Lil como sua intermediária para sua tarefa final naquela casa.

Após o pisoteamento da bota, Oreó chamou Lil para perto.

Oreo na sapataria de Kropotkin

Enquanto o gerente, um Sidney, estava ao telefone, Oreo girava preguiçosamente sua bengala. Seu vestido estava amassado de dormir no chão do Mr. Soundman, Inc. Ela deixara a casa de Parnell triunfante, porém cansada. Quando viu a janela ligeiramente aberta do estúdio, soube que não poderia ir mais longe naquela noite. Ergueu a cortina com a bengala e se abaixou para entrar. (Ela deixou um balão didático sobre descuido para Slim Jackson.) Antes de cair no sono, Oreo considerou brevemente como o *ménage à douze* de Parnell poderia ter sido afetado por sua visitinha. Ela realmente não se importava muito — a não ser por ter sido naquele lugar onde ela finalmente descobriu o endereço do pai. Como havia imaginado, Lil estava disposta a ajudá-la. Enquanto Samuel se metia com outras coisas, Lil habilmente furtou sua identidade.

Agora que Oreo sabia onde Samuel estava, ela não tinha pressa para chegar lá. Uma coisa de cada vez. Precisava de sandálias novas. Por isso sua aparição, no começo da manhã, na primeira sapataria que encontrara aberta — a Kropotkin. Ela sintonizou com o jovem gerente ao telefone.

“Sim, sim, eu sei, eu sei. É uma região terrível. É deprimente, ainda mais em dias chuvosos. As pessoas aqui querem moda, mas não querem pagar por isso, o que posso dizer? Você deveria ver minha loja. Está impecável. Dava para comer do chão. Todas as minhas lojas são assim. Vou dizer uma coisa, estou feliz pela experiência... Sim, sim, mas agora eu sei como fazer todas essas coisas. Eu só quero que ele me leve junto, só isso. Estou pronto para algo maior e melhor. Estou dizendo, uma loja na rua 34 seria melhor do que duas aqui. Fizemos três mil aqui na semana passada, e estamos felizes por isso. Estou acostumado a fazer quatro mil e trezentos, talvez quatro e seiscentos... Então, quando você vai ganhar sua promoção?... Ah, eu ouço coisas por aí, você sabe. Ouvi dizer que talvez eles transfiram Herbie Manstein e coloquem você no lugar dele... Não, eu não estou brincando com você. Não garanto que é isso que vai acontecer, mas é o que ando ouvindo, em todo caso... Sim, para uma loja pequena não estou indo tão mal, mas agora estou pronto

para algo maior e melhor.”

Ele se virou para olhar quando uma mulher de cara preocupada que já estava esperando havia algum tempo tamborilou impacientemente no vidro do balcão de luvas. “Ouça, eu tenho que ir. Os nativos estão inquietos. Mas você já ouviu aquela dos oito A’s? Você conhece a velha piada dos cinco A’s, não é?... Bem, esta é a dos oito A’s. Tente adivinhar, vá em frente... Não, essa é muito boa. Vou ter que me lembrar dela, mas não foi essa que eu perguntei. É a do alcoólatra que pertence ao clube do automóvel e — veja só — tem os pés estreitos.” A risada dele era como a praga do olmo — muito holandesa.

Ele finalmente desligou o telefone e foi até o balcão.

“Por favor, *schnell*”, disse a mulher.

“Sim, *mach schnell*.” Ele olhou por cima do ombro para Oreó, e depois disse para a mulher: “Você quer dizer que está com pressa, não é? Você deveria dizer: ‘Estou com pressa’”, ele propôs em um voz lenta do tipo você-é-uma-burra.

A mulher assentiu como se dissesse: “Concordo com qualquer coisa, contanto que você se apresse e me atenda”. Ela apontou para um par de luvas pretas de pelica sob o vidro.

Sidney balançou a cabeça. “Essas não são para você. Quer meu conselho? Experimente uma luva um pouco maior.” Ele tirou um par de luvas de lã azul-escura da maleta e ajudou a mulher a colocar a luva esquerda. Para Oreó, os dedos pareciam longos demais, como os do macaco-barrigudo-azul. “Veja”, disse Sidney, “você consegue remexer os dedos aí dentro. Você não quer uma luva muito apertada.”

A mulher balançou a cabeça, mas estava desesperada. Ela pagou pelas luvas e saiu.

“Você tem dessas no número sete e meio?”, Oreó perguntou, mostrando um par de sandálias que lhe serviriam até que ela pudesse voltar para a Filadélfia e comprar um novo par de seu estilo especial (duas tiras simples representando as ruas Chestnut e Market, que não se cruzam).

O gerente pegou dois pares de sandálias de uma prateleira atrás da caixa registradora e se aproximou. “Quer meu conselho? Para mim tanto faz. Eu não me importo com qual par você leva. Mas se você seguir meu conselho, vai levar o par que ficar mais apertado.”

“Porque elas alargam?”

“Sim, é couro grego — estica muito. Agora, couro americano, aí é outra história.” Ele não disse qual era a outra história. Apontou para a sola. “Está vendo este número aqui?”

Oreó olhou para um 37. “Isso é um tamanho europeu”, disse.

Ele ficou obviamente surpreso por ela saber. “Sim, mas veja, aqui diz sete e meio. Nós mesmos marcamos. Mas siga meu conselho — experimente o sete.”

“Ok.”

Ele se ajoelhou para ajudar Oreo a experimentar uma. Era muito pequena. Seu dedão ficava preso na alça, que tinha a flexibilidade de uma barra de ferro.

“Empurre, empurre”, Sidney insistiu. “Vai entrar, vai entrar.” Ele empurrou a sandália ainda mais contra o pé.

“Pare, pare, você está enfiando no meu hálux”, disse Oreo, recolhendo o pé. “Você é o quê — *meshugge*?”

“Escute, quem é o especialista aqui?”

“Vou levar o sete e meio”, retrucou Oreo com firmeza.

Ele deu de ombros. “Para mim tanto faz.”

“Para o meu pé, não”, respondeu Oreo. Calçou as sandálias novas e colocou as velhas em uma caixa para jogar fora na lixeira mais próxima. Estremeceu com a perspectiva de jogar fora um pé de sandália perfeitamente bom.

Depois de pagar Sidney, Oreo disse: “Sabe por que seu negócio vai mal? Você dá os tamanhos errados às pessoas”.

“Por favor, sem sermões”, disse ele, levantando a mão. “Não preciso disso de você, *oytser*.”

Ela estava tentada a admoestá-lo em chá-qui-qui-uá. “Sabe o que eu desejo para você?”, disse, imitando as inflexões dele. “Parte um, que você tenha uma cama longa e uma cama curta, e que na cama longa você tenha falta de ar, e na cama curta você anseie pelo dia em que eu o libertarei da seguinte maldição, que é a parte dois: por três semanas de cada quatro, você não fará três mil, você não fará dois mil, você não fará nem mil. Você fará, tirando ou botando um pouco aqui e ali, *bupkis*! E na quarta semana de cada quatro, você terá as piores vendas do mês!”

Ela saiu bufando, invectivada e em profundo melindre, que muitas pessoas acreditam ser tipos de automóveis, mas na verdade são estados de espírito. Ouviu Sidney murmurar: “O problema com os *shvartzes* hoje é que eles estão começando a aprender sobre seguros”.

Oreo na Woolworth’s

Ela comprou um vestido de papel com estampa de zebra, que pretendia usar apenas até conseguir se limpar. Comprou uma tiara preta e uma tiara branca. Pediu um hambúrguer e um milk-shake preto e branco.

Trocou o hambúrguer por um queijo quente; já que em breve veria o pai, queria se colocar em um estado de graça kosher.

Oreo na lavanderia

Ela colocou o vestido de papel em um bar. Agora estava sendo hipnotizada pelas revoluções de seu bom vestido na secadora. No banco ao lado, uma chinesa esperando por sua roupa lavada balançava a cabeça no ritmo da partitura que estava lendo. De vez em quando, ela ria (bastante compreensível, pensou Oreo, que conhecia a partitura) de uma das piadas menos conhecidas de Mozart, suas pálpebras inferiores se contraindo sob suas dobras epicânticas. Oreo, ficando tonta de observar suas roupas, olhou com pouco interesse ao redor da lavanderia. Os mares circulares das máquinas de lavar e os Saaras redondos das secadoras a ninavam com seu sobe-desce cíclico e seus murmúrios.

Então ela viu algo que atiçou sua curiosidade. A porta lateral se abriu, um homem entrou, caiu de joelhos e olhou em volta como se escolhesse um caminho. Só podia ser em direção à mesa onde os clientes dobravam suas toalhas e lençóis secos, observou Oreo. Uma mulher estava ali agora com o centro de um lençol preso no queixo, os braços se abrindo e fechando ritmicamente enquanto o lençol se dobrava ao meio e engrossava, dobrava e engrossava. Ela não percebeu quando o estranho entrou embaixo da mesa, passando pelas pernas da mesa e dela em um rastejar lento, mas constante. Ele não diminuiu ou aumentou o ritmo quando saiu do outro lado, apenas continuou. Completou sua travessia, saiu pela porta da frente e desceu a rua, ainda esgueirando-se. Ele não atraiu mais atenção na lavanderia do que um cachorro grande, pelo qual foi confundido por um homem que gritou atrás dele: “Cães não são permitidos — você não sabe ler?!”. Como se um cachorro fosse trazer suas roupas sujas para um local tão inconveniente.

A secadora de Oreo parou. Ela tirou o vestido e o examinou. “Irretocável, Christine”, disse com aprovação para si mesma. Após certa dificuldade, soltou o tambor da secadora do aperto metálico de seu sutiã.

Agora, o que Oreo precisava era das águas purificadoras de uma banheira ou de um chuveiro. Ela estava suja devido aos encontros com Kirk e Parnell, sua noite no chão do Mr. Soundman, os olhares sacanas que tinha recebido de Sidney quando saiu da Kropotkin. Caminhou pela avenida St. Nicholas procurando um hotel, mas viu algo melhor para seus propósitos.

Oreo entrando na sauna

Era administrada por Jordan Rivers. “Deep Rivers” era como ele se chamava, segundo o retrato brilhoso de 2x3 dele mesmo na janela. Era a primeira vez que Oreo via uma fotografia desse tipo em que o tamanho se referia a metros e não centímetros. Isso era menos por egoísmo do que por necessidade, Oreo imaginou. A julgar pela fotografia, Rivers tinha quase dois metros de altura. Ele era tão esguio e negro quanto um dinca, com o tom de pele ainda mais marcante devido à roupa — que parecia ser uma túnica de coral, branca e ondulante.

Ela entrou. Para sua decepção, Rivers não apareceu. Apenas um atendente estava de plantão. Depois de alguns minutos de bisbilhotagem, Oreo descobriu que estava certa sobre a túnica de coral. Rivers tinha sido um cantor gospel itinerante por muitos anos. Ele havia cantado em tantos corais sobre lavar os pecados que, tomando os evangelhos como evangelho, começou a seguir ao pé da letra e não só o espírito dos louvores. Ele deixava a maior parte do trabalho de administrar o negócio para seus funcionários, dedicando-se quase em tempo integral à purificação. Dividindo seu dia lustral ao meio, ele derretia na sauna nas primeiras quatro horas e se embestia em uma banheira por mais quatro. “Ele se parece com Moby Prune”, o atendente informou Oreo. Jordan Rivers não era seu nome verdadeiro, e ele havia tirado seu apelido, “Deep”, de um de seus louvores favoritos. Ninguém sabia seu nome verdadeiro. Sempre que ele perdia o respeito de seus funcionários, eles o chamavam de “Muddy Waters” por maldade. Oreo viu que Rivers levava suas convicções sobre os poderes redentores da água de banho ao ponto de rotular a entrada de seu domínio de PECADORES e a saída de SANTOS.

Oreo dentro da sauna

Seus olhos eram globos quentes de tapioca. Ela respirava eflúvios de fogo sem chamas, exalava baforadas de dragão, agitando tórridos harmatões em seu sudatório privado. A cera em seus ouvidos se convertia em mel. Fios líquidos estavam em confluência em seu umbigo (um umbigo “pra dentro”), que continha uma laguna de suor. Poros de proveniência desconhecida se abriam e esvaziavam, enviando deltas de resíduos para as praias de seu ventre. Quando achou que não tinha mais nada para dar, ela entrou em uma ducha fria, que parecia morna por causa do calor da sauna. Quando o frio finalmente se aprofundou, ela

esquentou a água, ensaboando-se e reensaboando-se, terminando suas abluções com um xampu vigoroso. Ergueu seu cabelo afro até sua máxima circunferência, colocou seu vestido, as sandálias novas e o *mezuzah* (que parecia fresca em seu declote — uma palavra que Jimmie C. costumava usar para descrever um cruzamento entre *decote* e *declive*). Por último, escolheu sua tiara preta por causa da solenidade da ocasião. Sua pele pinicava da limpeza. Sentia-se divina. Talvez Jordan Rivers tivesse alguma razão.

Oreo na rua 125

Ela caminhava balançando a bengala. Havia operários mudando a marquise do Apollo Theater, o templo do soul.

APRESENTANDO
THE DOLPHINS
ATRAÇÃO EXTRA ADICION

Quando Oreo passou pelo teatro, o homem no alto da escada deixou cair seu *A*. “Jota Cristo!”, ele exclamou, obviamente obcecado por letras. Ele apontou para Oreo. “Isso é uma gata ou é uma gata!”

O homem que segurava a escada disse “Absolutaporra!”, e começou a fazer ruídos de chamar gatos. “Aonde você vai, irmã? Porque aonde fores, eu *definitivamente* irei contigo — pode acreditar nisso!”

Oreo não estava com vontade de estragar seu bom humor. Simplesmente enganchou a bengala sob o *A* caído e o atirou o mais longe que pôde por cima da marquise. Ele aterrissou em um telhado, mas os homens, com as cabeças jogadas para trás em espanto, pareciam esperar seu retorno como se fosse um bumerangue.

Oreo continuou descendo a rua, a bengala descansando no ombro como um porrete.

Oreo no metrô

Ela estava preocupada demais para observar narizes, bocas, sapatos e conceder prêmios. Ouviu alguém dizer, impaciente: “Não, não, Mondrian são as linhas, as caixas. Modigliani é o do pescoço comprido”.

E: “Ela é uma faz-tudo pros judeus. Toma conta da sinigogue pra eles nos sábados”.

Esta última parte deu a Oreo uma ideia cujas ramificações considerou durante o passeio. Distraída, ela rabiscava em sua lista de pistas. Seus rabiscos básicos eram silhuetas de homens voltados para a esquerda e folhas de cinco lóbulos. Seria sua visão subconsciente do pai como homem misterioso? Um gesto vago e quinquefoliado para a Estrela de Davi? Não. Silhuetas e folhas eram o que ela desenhava melhor. Junto de seus perfis e palmas, ela fez uma linha de pontos de interrogação como foices. Ao lado, esboçou uma vista aérea de uma rodovia em forma de trevo, suas divisões cinza-chumbo fazendo do chão um cloisonné. Depois, com riscos improvisados, mas decisivos, ela cancelou “Chutes”, “Pretzel”, “Encaixe”, “À beira do rio” e “Templo” de sua lista. De que outra forma interpretar as aventuras envolvendo Parnell, Kirk (ele certamente se torcera em todas as direções possíveis), Sidney da sapataria Kropotkin (talvez ela estivesse exagerando um pouco neste), a sauna de Jordan Rivers e o Apollo Theater?

Oreo não percebeu que o metrô havia parado em sua estação até que fosse quase tarde demais. Ela se levantou de um salto e mal teve tempo de colocar a bengala pela porta antes que ela se fechasse. (Alguns de vocês, os que notaram que Oreo esteve carregando um bastão longo, interpretarão o dito bastão como um substituto do pênis. Errado, Sibila; é um bastão longo.)

Oreo na esquina do prédio do apartamento do pai

O prédio ficava, Oreo percebeu, bem perto do primeiro lugar em que procurara o pai ao chegar em Nova York — a rua da sra. Schwartz

chinesa.

Oreo na rua do pai

Esquerda-direita, esquerda-direita, esquerda-direita, batia seu coração.
Tum/tap-tum, tum/tap-tum, tum/tap-tum, batiam seus pés e a bengala.

Oreo no foyer do saguão do pai

Oreo baixou os olhos para a escada de nomes ao lado da fileira de botões pretos. Apertou o botão ao lado da lacuna marcada “2-C”. Uma tira de plástico preto com incisivas letras brancas anunciava: S. SCHWARTZ. A voz de uma mulher grasnou pelo interfone. Oreo não entendeu o que ela disse. Presumiu que tinha sido “Quem é?” ou alguma outra pergunta semelhante. Oreo, com dicção perfeita e o sotaque britânico preciso de Abba Eban, inventou uma frase em balbucios gramaticais. Soou bem até para ela mesma. Alguns segundos depois, o interfone apitou, liberando a fechadura da porta do saguão.

Oreo no elevador

Um salto vertical curto, um pulo de acomodação, um dois ligeiro, um deslizar de lado. Oreo entrou no corredor. Tinha um odor acre.

Oreo na porta do pai

O odor ficou mais forte. Uma mulher alta e de sobrelhas grossas apareceu na porta. Oreo não conseguia decidir se ela se parecia mais com Judith Anderson ou com a Estátua da Liberdade. Depois de alguns momentos, julgou que a semelhança com a Mãe dos Exilados de cabeça espetada era mais próxima, ainda mais porque a mulher estava com um braço erguido, os dedos circulando o ar. Espaço suficiente para uma tocha invisível, pensou Oreo. A mulher não parecia inclinada a abaixá-lo. Catatonia incipiente ou um furúnculo doloroso na axila, Oreo diagnosticou.

Os olhos fundos da mulher se estreitaram ao ver Oreo. “Pois não, do que se trata?”

“O sr. Jenkins me mandou vir aqui.” Oreo havia lido o nome do superintendente em uma das caixas de correio do primeiro andar.

“Posso entrar, sra. Schwartz?”

A mulher abriu um pouco mais a porta. “Espero que seja sobre o conserto do interfone. Eu não entendi uma palavra do que você disse”, ela reclamou em uma voz precisa, mas com forte sotaque.

Certamente uma judia da Geórgia, como Oreó jamais ouvira antes. Mas era a Geórgia de Mingrelia e Tiflis, não de Atlanta e (coincidência) Warm Springs. (Da família Mdivani, talvez?) E ela duvidava que os pêssegos fossem nativos do Cáucaso. A informação de sua mãe estava errada por apenas alguns milhares de quilômetros de distância. “É sobre a proposta de serviço de faxina para o prédio”, disse Oreó, adaptando a ideia que teve no metrô de faz-tudo para judeus.

A mulher estreitou os olhos para Oreó novamente. “Acho que está tudo bem. Entre, não posso ficar na porta o dia todo.”

Quando Oreó entrou, suas narinas foram assaltadas por uma mordida penetrante que não era mais um odor, mas um ataque físico — como se um gato estivesse preso em suas narinas. Seus olhos lacrimejaram. “O que é isso?”, arfou.

A mulher a encarou friamente. “Apenas algo que estou... experimentando. Você já vai se acostumar.” Ela disse isso como se estivesse acostumada a desdenhar da dor de outras pessoas.

Quando a pungente sensação diminuiu, Oreó farejou o lugar. Havia um distinto cheiro de cianeto na sala — vindo de um prato de amêndoas amargas. Um lado da grande sala de estar em L era o sonho de um químico — abarrotado de frascos, tubos, retortas, bicos de Bunsen, uma variedade de compotas e geleias químicas. Se um químico podia sonhar, uma cabalista também podia. A parede oposta estava coberta de diagramas do chão ao teto — quiromancia, astrologia, frenologia; em um canto havia outro gráfico menor, carregado de números. Uma mesa redonda em frente ao diagrama de quiromancia continha cartas de tarô, folhas de chá e uma bola de cristal. Essa garota está *pronta*, Jim! Oreó estava maravilhada. Ela imaginou a mulher andando de um lado para outro da sala (ou ela voava?), cumprindo suas próprias profecias através de sua habilidade com o pilão e o bastão — com uma mão amarrada no alto das costas, por assim dizer.

Uma labareda como pétala de genciana envolvia o broto de açafreão de um dos cinco bicos de Bunsen. Acima da combustão floral, uma emanção nociva — uma retorta efervescente, fonte da irritação nasal de Oreó. O eflúvio só piorava seu desconforto por não poder expor seu assunto diretamente. A nova esposa de seu pai estava obviamente sozinha no apartamento. Oreó teria que protelar até descobrir se Samuel era esperado. “Um lugar interessante esse que você tem aqui”, ela

começou, tentando não parecer acabrunhada pela variedade de *objets d'arts noirs* que espiou embaixo da mesa redonda quando se sentou. Ela podia ver apenas a camada superior da caixa de meio metro de altura. Estava dividida em categorias animais, vegetais e minerais: pontas de prata e balas de prata; ervas que ela não conseguia identificar prontamente; e, no que poderia ser chamado de seção das carnes, uma cabeça encolhida, uma pata de macaco e o que parecia ser um pequeno pote de vísceras de frango.

“Nós chamamos de lar”, retrucou a mulher sem rodeios.

“Lar é onde está o coração”, disse Oreó, apaziguadora. Lançou um olhar furtivo para a caixa sob a mesa redonda. Pensou ter visto uma reveladora sombra em forma de coração nas regiões inferiores da seção das carnes.

“Talvez você possa fazer a gentileza de explicar a que veio?”

Oreó se lançou em uma história picareta baseada em anos de pesquisa especializada (sua coleção de folclore nova-iorquino era a inveja da Sociedade Histórica de Nova York). Ela disse à sra. Schwartz que o proprietário, dono de vários prédios de apartamentos de alto valor no Upper West Side, decidira resolver com as próprias mãos o principal problema da cidade: as baratas. Oreó prendeu a respiração para o caso de ter cometido um erro drástico e ter mencionado o problema das baratas em um dos três prédios de Nova York que não as tinham.

A sra. Schwartz não estreitou os olhos, nem moveu um cílio sequer. Oreó teve certeza de que não havia revelado seu disfarce por um erro crasso. Continuou com seu papo furado. O senhorio, disse ela, estava preocupado com a saúde e segurança de seus inquilinos, certamente. Ele estava ainda mais preocupado com que os nova-iorquinos não estivessem sujeitos a constrangimentos sociais quando forasteiros viessem visitá-los, fossem à cozinha beber água, acendessem a luz e iniciassem uma corrida de cucarachas em disparada noturna ante o espocar de uma lâmpada de cem watts (“Maude, você nunca vai acreditar no que eu vi lá. Eu sempre disse que seu irmão George era um porco. Como as pessoas podem *viver* assim?”). Portanto, o proprietário propôs, por apenas um aumento simbólico do aluguel — mais um gesto de solidariedade do inquilino que um verdadeiro aumento do valor — complementar as visitas mensais da Companhia Dedetizadora do Upper West Side com serviços de limpeza semanal para aqueles que ainda não empregavam faxineiras profissionais. O trabalho das faxineiras atualmente empregadas teria que ser minuciosamente verificado, é claro, para garantir que os serviços estivessem de acordo com os padrões sindicais. Sim, o prédio agora estaria sob as normas estabelecidas pela

Diretiva Local 7431 da Associação Internacional de Tira-Pós, Varredores, Lavadores e Enceradores, recentemente organizada pela Central Sindical. (O logotipo do sindicato era um esfregão lotado de poeira — tão lotado, na verdade, que parecia uma pata de cachorro.) Inquilinos que insistiam, por compaixão, em empregar faxineiras de noventa anos, que podiam mastigar mas que não se podia dizer que estavam *à altura* do trabalho, cidadãs (de segunda classe) idosas que não conseguiam mais ver onde tirar o pó e, na verdade, apenas moviam a sujeira de um lado para outro — esses inquilinos talvez fossem obrigados a pagar uma tarifa mensal pelo tempo que durasse sua compaixão ou (o que morresse primeiro) suas faxineiras continuassem em violação dos padrões da AITVLE. Os inquilinos que mantivessem as antigas arrumadeiras da família, mas também empregassem faxineiras e faxineiros sindicalizados (nenhuma discriminação sexual seria tolerada) e, assim, atingissem os padrões sindicais, não seriam multados, é claro. Os inquilinos que recusassem qualquer serviço — aqueles que de fato mandavam a AITVLE chupar o esfregão — e cujos apartamentos fossem considerados riscos sanitários, tanto pelo administrador do escritório da AITVLE quanto pela maioria do comitê de higiene dos inquilinos, enfrentariam despejo. A comissão de locações talvez tivesse que decidir o mérito de casos individuais.

Oreo estava começando a esquentar em seu assunto quando a sra. Schwartz disse: “Mas eu *preciso* ter baratas. Eu as uso no meu... trabalho”.

Oreo fingiu um olhar preocupado. “Não pretendi dizer como deve administrar seu negócio, mas seria possível criá-las em cativeiro? Dessa forma, o resto do apartamento ficaria livre de baratas e você ainda teria números suficientes para o seu... trabalho — e sob condições controladas.”

A mulher olhou fixamente para Oreo. “Excelente ideia, excelente”, ela comentou lentamente. Sem baixar o braço, ela assentiu várias vezes com a mão da tocha. “Eu tenho outras objeções mais sérias, senhorita...?”

“Christie”, respondeu Oreo rapidamente. “Mas pode me chamar de Anna.” O que uma estrangeira entenderia, afinal?

“Eu vou chegar às minhas objeções em um momento, mas primeiro tenho um favor a lhe pedir, senhorita... Christie.”

Definitivamente havia um sorrisinho debochado no rosto dela, Oreo concluiu. Ou isso ou ela tinha um tique facial sem um toc, além de sua catatonia/furúnculo. Oreo esperou.

“Você me permitiria ler sua mão? Sei que você deve ter muito mais

inquilinos para ver hoje, mas garanto que não vai demorar muito. Vejo algo em seu rosto que me interessa.” Oreo concordou prontamente.

Elas se instalaram na mesa redonda. A sra. Schwartz empurrou a caixa animal-vegetal-mineral contra a parede para que ambas pudessem colocar os pés embaixo da mesa. Melhor mesmo. Oreo não queria tocar aquela coisa sebosa com o pé descalço e inadvertidamente colocar uma praga daquela gororoba em seus pés perfeitos. Ela gostava de seus feitiços diretos, simples, homogêneos.

A sra. Schwartz estudou a palma da mão de Oreo em silêncio por vários minutos, os olhos rapidamente examinando seus montes e linhas. Com um dedo de unha comprida, ela traçava as ranhuras de Oreo. Um calafrio pinicou a perna direita de Oreo e circulou a linha do cabelo, como sempre acontecia quando ela era profundamente abalada por algo — bom ou ruim. Seu corpo registrava a mesma sensação para um Buxtehude bem executado como para telegramas cantados bem afinados; só seu cérebro distinguia entre o que ela chamava de “calafrios eufóricos” e “calafrios frios”. Vá colocar um suéter, seu cérebro lhe dizia agora.

Quando a mulher largou sua mão como se fosse um ouriço-do-mar fervendo, Oreo pensou que era por inveja. Já tinham lido sua mão antes e lhe disseram que seus Montes de Júpiter, Vênus, Apolo e baixo Marte eram transcendentais, suas linhas de Mercúrio e da Vida eram invejáveis e as do Sol, da Cabeça e do Coração, praticamente um crime contra o resto da humanidade. Em suma, ela tinha uma mão fabulosa, mítica — a leitura quiromântica quintessencial (embora alguns talvez insistam em apontar uma Planície de Marte um pouco desenvolvida demais).

“Algo errado?”, Oreo perguntou.

A mulher parecia estar angustiada por uma grave decisão. Quando, presumivelmente, se recompôs, parecia mais amigável do que jamais havia estado desde a chegada de Oreo. “Você deve ficar e almoçar comigo, minha querida. Pode fazer isso?”

“Eu adoraria”, mentiu Oreo. Como ela iria preparar o almoço com uma mão no ar? “Há algo que você gostaria de me dizer sobre a leitura? Algo especial?”

A mulher descartou essa possibilidade com um movimento peremptório da mão esquerda. “Não, não, temo que seja apenas o de sempre. Você se casará com um jogador de basquete aos vinte e um anos, terá três filhos — dois meninos e uma menina — e viverá feliz para sempre.”

Oreo sabia que tudo isso era uma *mentira* deslavada. Com a mão *dela*? Surpreender as amazonas, talvez, mas viver feliz para sempre com

algum guarda-coisa e três bocas nervosas? Nojo!

Enquanto Oreó bufava, a porta se abriu e dois garotinhos entraram, de cerca de seis e sete anos. Suas camisas creme idênticas e bonés, gravatas e calças curtas azul-marinho sugeriam um uniforme escolar ou uma mãe com um fetiche de gêmeos. Eles tinham chaves em correntes em volta do pescoço e carregavam pequenas maletas xadrez. Os meninos estavam na frente da porta, que não tinham fechado completamente, esfregando o que pareciam ser tênis pretos contra suas canelas finas e descendo as meias longas azul-marinho dos joelhos, que eles depois voltaram a levantar enquanto mantinham os olhos na sra. Schwartz e em Oreó. Pareciam ratazanas assustadas. Seus grandes olhos dourados de lêmure pareciam procurar rotas de fuga.

“Fechem a porta”, disse a sra. Schwartz. “Se eu tive que dizer uma vez, é como dizer trinta e duas e cinco oitavos de vezes.”

As pequenas coisas que revelam um estrangeiro, pensou Oreó. Ela provavelmente diz “Vanzetti e Sacco” também.

Relutante, o mais velho fez o que tinha sido dito. Ele virou a maçaneta algumas vezes, como se quisesse ter certeza de que não estava trancada.

“Venham aqui e conheçam nossa visitante”, a sra. Schwartz ordenou.

As crianças avançaram, os olhos arregalados.

“Marvin, Edgar, digam olá para a srta. Christie.”

“Anna”, disse Oreó.

“Não, as crianças devem mostrar respeito pelos mais velhos”, insistiu a sra. Schwartz.

As crianças proferiram saudações quase inaudíveis. Oreó lhes deu o esperado tapinha nos bonés, mas eles não esperavam aquilo e se esquivaram.

“Vão guardar seus brinquedos”, a sra. Schwartz ordenou.

“Então é isso que tem nessas maletas”, disse Oreó.

A mulher olhou para ela estranhamente. “A maleta *é* o brinquedo. Srta. Christie.”

“Claro”, Oreó emendou rapidamente.

“É com isso que eles *gostam* de brincar”, a mulher disse defensivamente.

“Certamente”, respondeu Oreó. O que aquelas pequenas ratazanas teriam em suas maletas de brinquedo? Mapas rodoviários de brinquedo, mudas de roupas de brinquedo, comida racionada de brinquedo, palmilhas de brinquedo?

“E tirem esses tênis bobos. Eles estão arruinando o chão”, disse a sra. Schwartz enquanto os meninos corriam atrapalhadamente para o quarto.

Pela primeira vez, Oreó notou que a faixa de parquet da porta da frente até o quarto das crianças tinha uma certa semelhança com o campo de golfe de Cobb's Creek. Ou isso ou o chão nunca tinha se recuperado de um caso grave de varíola naquela casa.

“Eles não se parecem muito com você”, comentou Oreó, tentando esconder o fato de que era um elogio à sra. Schwartz.

A mulher obviamente adivinhou a lisonja. Ela inclinou a cabeça em reconhecimento. “Eles são adotados. Meus próprios filhos... morreram. Eu senti profundamente a perda e adotei essas crianças... depois.”

Ela confidenciou a Oreó que seu primeiro marido tinha sido um tanto frívolo. Seus esquemas abilolados o levaram à falência em várias ocasiões. Mas os filhos tinham sido queridos por ambos, e sua perda quase insuportável. Para aliviar sua dor, ela adotou as primeiras crianças que apareceram — para seu pesar. Estava muito decepcionada com eles. Eles tinham medo de limo. (“Eles lembram um certo animal que eu costumava ver quando era criança”, ela explicou. “Não sei a palavra em inglês para aquilo.” Oreó sorriu e disse: “Ratazana.”) Agora tudo que ela queria era filhos de seu próprio ventre. Uma das coisas que estava experimentando era uma pílula que devolvia o prazer do parto. A sra. Schwartz apontou para seu equipamento — oculto e natural. “Nesta era de milagres científicos, um ser humano não deveria mais sofrer a dor do parto”, disse com determinação. Sacudiu a cabeça como se quisesse limpá-la de outras ideias ilógicas. “Mas por que estou entediando você com minha história de vida? Tenho que preparar aquele almoço que lhe prometi.”

Ela deu a Oreó uma revista para ler — para mantê-la longe dos frascos e tubos, Oreó imaginou. Não importava. Oreó logo estava absorta em “Burp: O desenvolvimento do sorriso entre grupos de bebês israelitas nos primeiros dezoito meses de vida”, matéria de capa da *Armadilhas da ginecologia*.

A sra. Schwartz voltou alguns minutos depois, sem iluminar seu caminho com sua tocha invisível e equilibrando uma bandeja de camarão, salgadinhos, fatias de limão e agrião. Quando estava deslizando a bandeja sobre a mesa de café em frente ao sofá, um homem entrou. Oreó soube imediatamente que aquele era seu pai.

Ele não era exatamente feio (uma lítotes). Estava em seus quarenta e poucos anos, tinha cabelos encaracolados, quase crespos (que Oreó sabia que tinham ficado grisalhos desde o final da adolescência), nariz e maçãs do rosto de uma selvagem nobreza, longos vincos nas bochechas que se tornariam covinhas quando ele sorrisse e os lábios de um Davi, atrevidos e favorecidos por Deus (2o Samuel 7).

Se ele tinha visto Oreó, não deu sinal. Foi direto para um quarto em frente ao das crianças.

A sra. Schwartz pediu licença e o seguiu. Em alguns momentos, Oreó ouviu vozes baixas e irritadas vindo do quarto. As crianças abriram uma fresta na porta do quarto, mostrando quatro olhos com um brilho de lêmure assustado, e depois a fecharam apressadamente. Oreó tentou entender o que as vozes diziam, mas tudo o que conseguia distinguir era a cadência de acusação e recriminação. “Onde você esteve a noite toda?”, ela imaginou a sra. Schwartz dizendo. “Não é da sua conta”, responderia seu pai. “Não vou admitir que ande babando pelas prostitutas do Harlem”, ela retrucava. “Quem pode *shutup* uma mulher que tem um braço em pé o tempo todo?”, ele diria. “Isso me faz pensar que você está tentando me dizer algo.”

Oreó não tocou no camarão, embora estivesse com água na boca. Era melhor ganhar alguns pontos pela educação, ela calculou.

Um minuto depois, a porta da *chambre de combat* se escancarou e os Schwartz saíram. “Não vou admitir que aquele homem venha aqui e assuste as crianças”, disse a sra. Schwartz.

“Então leve as crianças para um passeio no parque, como você sempre faz”, respondeu Samuel sarcasticamente.

“Veio alguém da parte do senhorio”, disse a sra. Schwartz com um tom de advertência na voz.

Oreó estava pronta. Ela tirou o *mezuzah* de seu decote e o deixou pendendo para fora do vestido. Gesticulou com o objeto de forma bastante óbvia ao dizer: “Eu gostaria de discutir o plano com seu marido, sra. Schwartz. O sr. Jenkins quer ter certeza de que os membros de cada unidade familiar estão de acordo”.

Os olhos de Samuel perderam o foco ao ver o *mezuzah* balançando. Ele parecia estar fazendo uma cena de hipnose em um filme B. Ator experiente, recuperou-se imediatamente. “Leve Marvin e Edgar para passear. Dominic estará aqui a qualquer minuto. Eu vou acompanhar a senhorita...”

“Christie, Anna”, disse Oreó. Seu pai sorriu, o que ela interpretou como um sorriso de reconhecimento da fruta que não cai longe do pé. Provavelmente estava se lembrando de suas pistas ridículas, ela poderia apostar nisso.

“Sim, eu vou acompanhar a srta. Christie até a porta, Mildred.”

Sem outra palavra, a sra. Schwartz se virou e bateu na porta do quarto dos meninos. Inclinando a cabeça, fez sinal para eles saírem. Eles passaram correndo por ela, segurando suas pequenas maletas. *Clack-r-i-i-p*, *clack-r-i-i-p* soaram os tênis ao passarem pela seção par 3 do piso de

tacos. A sra. Schwartz os seguiu. Na porta, ela dirigiu um olhar a Samuel que Oreó não conseguiu definir, e depois disse: “Não se esqueça de almoçar. Srta. Christie”.

Quando a porta se fechou, Oreó olhou para o pai por vários segundos sem dizer nada.

“Então”, ele disse finalmente.

“Então”, ela respondeu.

“Você tem meus olhos.”

“Eu ia dizer a mesma coisa pra você”, respondeu Oreó.

Ele pegou um camarão distraidamente. Trouxe-o a uma distância suficiente para cheirá-lo e se deteve. Jogou-o no chão com violência. “Eu disse a ela para se livrar desse *trayf*. Está estragado!”

A campainha tocou. “Quem é?!”, gritou Samuel. “Dominic”, respondeu uma voz suave, mas penetrante.

“Está aberta.”

Um homem alto como um guarda-roupa entrou. Ele andava como se tivesse rodinhas. Olhou para Oreó. Olhou para Samuel. “Você se safá de qualquer coisa”, comentou, rindo. “Trazendo-as aqui para sua casa.”

Samuel lhe dirigiu um rápido balanço de cabeça e um olhar que dizia: “*Shá!*”. Samuel se virou para Oreó. “Se me dá licença um minuto, Chris... srta. Christie.”

Ele levou Dominic para a extremidade mais curta do L da sala de estar. Houve uma conversa murmurada por alguns minutos, e quando seu pai voltou, ele disse: “Tenho um grande favor a lhe pedir, menina. Eu sei que acabamos de nos conhecer, e acredite, não há nada que eu queira mais do que ter uma conversa profunda agora. E eu prometo a você, é o que vamos fazer — assim que você voltar de uma tarefa que quero que faça para mim. Isto é, *se* você quiser fazer”. Ele deu um tapinha na mão dela e lhe dirigiu um olhar de falsa sinceridade de ator ou de falsidade sincera — ela não sabia qual.

“O que é?”, ela perguntou secamente.

Enquanto Dominic espreitava na base do L, Samuel contou uma história que Oreó sabia que ele estava inventando na hora. Em sua história, Dominic era um diretor de creche cujas pequenos incumbências, sete meninos e sete meninas, votaram unanimemente que antes do fim do dia, eles absolutamente tinham que ter, ficariam roxos se não conseguissem, um buldogue que tinham visto em um passeio com Dominic quando passaram por uma vitrine de pet shop no centro da cidade. Já que — maravilha das maravilhas — o dono do pet shop era um dos melhores amigos de Samuel, Dominic foi procurá-lo de joelhos (ou rodinhas lubrificadas) para implorar que ele conseguisse um

preço bom (ou seja, baixo) pelo cão com pedigree que vinha de Minotti, segundo o dono do pet shop. Dominic não podia ir em pessoa porque tinha uma placa de prata na cabeça (isso foi confirmado mais tarde quando Samuel lhe pediu que removesse sua ponte parcial — os molares inferiores esquerdos — e, eis que era feita de prata), mas ele havia trazido as contribuições dos pais das catorze crianças e os centavos das próprias crianças. Pois bem, como Samuel estaria muito ocupado nas próximas horas, seria muito gentil e atencioso da parte de Christine se ela atuasse como seu agente e comprasse e trouxesse o buldogue para casa.

Oreo escutou aquela baboseira, impassível. Ela agora sabia que havia adquirido sua habilidade com papo furado honestamente. Disse ao pai que faria a tarefa. Samuel ergueu um envelope que, segundo ele, continha dinheiro e um bilhete informando Minotti de que a portadora estava representando Schwartz, o bom amigo do homem dos pets. Quando ele tinha tido tempo de escrever aquele bilhete, Oreo não sabia. E por que ele simplesmente não ligava para Minotti, dizendo que ela iria até lá? O telefone era grampeado?

Samuel escreveu o nome e o endereço do pet shop no envelope e o selou. “Tenha muito cuidado com este dinheiro”, disse.

Oreo notou, ao pegar o envelope, que os “centavos” dos pirralhos evidentemente tinham sido trocados por notas. Ela estava irritada. “Não há nada que você queira me dizer antes de eu ir?”, perguntou um tanto incisivamente.

“Ah, isso”, disse Samuel. Ele lhe dirigiu um sorriso malicioso. “Gostou das minhas pistas? Muito bom, hein?” Ele apontou para uma pequena estante de livros perto de onde Dominic estava lançando uma sombra quadrada. “A pista final para a resposta está em um desses livros. Quando você voltar, vou ver se você consegue adivinhar qual.”

Oreo estava completamente enojada. “Outro enigma!”, ela exclamou, bufando.

Samuel riu. “Você parece exatamente sua mãe.” Colocou o braço em volta do ombro dela, para melhor empurrá-la para fora da porta. “Estarei esperando, menina, então acelere. Vou olhar você aqui da janela. Acene para mim se estiver tudo bem.”

“Por que não estaria tudo bem?”, Oreo perguntou. “É só um cachorro, não é?”

Samuel não respondeu, mas sorriu seu sorriso falso ou sincero.

Oreo pegou sua bengala, que havia encostado em um console fonográfico junto à porta da frente. Samuel a acompanhou até o elevador.

Na rua, ela se virou e olhou para o segundo andar. Seu pai estava na janela. Ele acenou para ela, depois voltou para dentro. Oreó se virou e desceu a rua, a ponta de sua tiara preta alçada pelo vento.

Oreo no pet shop

Uma fotografia em preto e branco, granulada e de alto contraste, pontilhava toda a parede dos fundos. A massa escura que cobria a parte inferior da fotografia, dois terços da área da imagem, era uma montanha ondulada, da qual se projetava, em perfil, uma fileira de lápides brancas como ossos, como as vértebras de um monstro pré-histórico desenterrado. Não se parecia muito com uma loja de animais. Havia algumas gaiolas de animais esqueléticos e dois filhotes de dálmata pintados no *New York Post* colado na vitrine, parecendo um teste de Rorschach, sob letras cursivas que diziam: Mascotes do Minotti. Mas faltava ao lugar uma aura verdadeiramente “pet-shópica”. Depois de alguns instantes, Oreo percebeu o que estava faltando: fedor. Mas quanto cheiro alguns cães, um macaco, um pardal e um aquário vazio podiam produzir? *Havia* um odor no ar, marrom-escuro e salgado. O que era? Ah, sim, molho de soja. Oreo olhou ao redor. Não havia gatos em nenhuma das jaulas. Talvez a loja fosse fachada de um restaurante chinês. Calúnias sinofóbicas à parte, era óbvio que os Minotti estavam preparando o jantar.

Um homem baixo, de cerca de sessenta anos, saiu do quarto dos fundos enxugando as mãos em uma toalha, que enfiou nas calças contra sua barriga de forno. Ele olhou para Oreo por cima dos óculos bifocais.

“Sr. Minotti?”

Ele assentiu. Oreo entregou o envelope. Ele abriu, olhou para dentro. “Bovinal!”, exclamou para a porta de vaivém da sala dos fundos. Não houve resposta. Ele caminhou até a porta, abriu e gritou novamente. Com a porta aberta, Oreo pôde ouvir o som fraco de uma guitarra.

“O que você está gritando?”, perguntou a voz impaciente de uma mulher.

Minotti entrou na sala dos fundos. “Guarde isso”, Oreo o ouviu dizer. “E veja se Adriana está pronta.” Ele voltou para a loja.

Nem Oreo nem Minotti disseram nada enquanto esperavam. Oreo macaqueou com o macaco, agitando os dedos para ele e fazendo caretas humanas. Minotti continuou a espí-la por cima dos óculos e enxugou

as mãos na toalha. Enquanto pensava em uma resposta para a pergunta maliciosa do mainá — “Estavas lá quando crucificaram meu Senhor?” — Oreó ouviu algo metálico passar rolando por seu pé e entrar embaixo da jaula dos macacos.

“*Stupido!* Deixei cair meu anel!”, exclamou Minotti.

Enquanto ele tentava ver embaixo de sua pança, Oreó passou a ponta da bengala sob a jaula do macaco e puxou três coisas: uma bola de poeira que parecia um rato, o anel e uma coroa dinamarquesa. Ela enfiou o rato de volta sob a gaiola, onde, ela imaginava, ele poderia roer queijo de poeira. Deu o anel e a moeda para Minotti.

“*Ecco!* Minha moeda da sorte. Estava perdida há três semanas.” Ele fechou os dedos em um beijo, depois soltou o *bacio* com uma rápida abertura e extensão de seus dedos, como uma ratoeira armada. “*Grazie, signorina, grazie.*”

“*Prego.*”

Eles voltaram a macaquear e espiar. Oreó se perguntou onde estava o cachorrinho. Dominic não teria confundido um dálmata com um buldogue, teria? Ela não se perguntou por muito mais tempo. Uma mulher que ela supôs ser a sra. Minotti entrou pela porta de vaivém acariciando e cantarolando para um robusto filhote de buldogue.

“Pare de mimar o cachorro”, disse Minotti. “Você age como uma tola às vezes, Bovina.”

A mulher deu de ombros para Oreó e colocou o cachorro no chão. Ele brincou ao redor dela algumas vezes, fingindo ameaçá-la e depois pulou contra sua perna para mostrar que queria colo novamente. Buldogues sempre lembravam Oreó de caubóis de cara fechada por suas mandíbulas de ferradura e pernas arqueadas. Esse se parecia mais com uma criança desajeitada, ansiosa para agradar. Era o primeiro buldogue sorridente e com os joelhos juntos que ela já tinha visto. Seu pelo dava sinais de carícias desordenadas — ele parecia ter vindo de um brechó. “Qual é o nome dele?”, ela perguntou.

“Toro — o que mais seria?”, respondeu a sra. Minotti orgulhosamente. Ela pegou o cachorro novamente. “Ele é meu precioso *bambino*, hein?” O cachorro apertou o focinho contra a orelha dela.

Minotti fez um comentário sarcástico sobre sua esposa e o cachorro com uma expressiva torção do pulso.

“*La gelosia*”, respondeu a sra. Minotti.

Minotti balançou a cabeça, exasperado. “Vá ver se Adriana está pronta.”

“Estou pronta.”

A voz era de uma jovem alguns anos mais velha que Oreó. Ela tinha

cabelos pretos como um xale e usava uma camisa azul desbotada e jeans. Uma guitarra estava pendurada em um ombro e na mão direita ela segurava uma coleira de cachorro cravejada de strass. Ela pegou o cachorro da sra. Minotti e colocou a coleira no pescoço dele.

“*Il mio bambino, il mio bambino*”, murmurou a sra. Minotti.

“Ah, mãe, pelo amor de Deus, Toro estará de volta assim que isso for entregue.”

A mãe e o pai suspiraram ao mesmo tempo e colocaram os dedos nos lábios como se quisessem fechar os dela.

A jovem riu. “Sim, eu sei. Tem que ser um segredo profundo e sombrio”, ela zombou. “Que idiotice.” Ela se virou para Oreó. “Eu sou Adriana, aliás.”

“Christine”, disse Oreó.

“Como você vai voltar?”

“De metrô. Eu me perdi um pouco vindo até aqui. Perdi meus mapas. Sou nova na cidade”, Oreó explicou.

“Estou indo naquela direção — até a esquina, pelo menos. Vou te mostrar como chegar aonde você está indo.”

“Obrigada”, respondeu Oreó.

“Você vai precisar de uma caixa de transporte. Esse aqui é um pentelhinho muito ativo.”

“Adriana”, o pai protestou, com um olhar suplicante.

“Ok, ok”, disse ela. “Vou tomar cuidado com o que digo. Volto já.” Ela saiu e voltou em poucos minutos com uma caixa preta para o cachorro.

A sra. Minotti deu mais um beijo em Toro e o colocou na caixa. Ele ganiu por alguns momentos, depois ficou quieto.

“Vai conseguir levá-lo junto com sua bengala?”, Adriana perguntou a Oreó.

“Acho que sim.” Oreó pegou a caixa. “Não é pesada.”

“Ok, estamos saindo.” Adriana beijou a mãe e o pai. “Vejo vocês em algumas horas — logo após o show.”

“Ela chama isso de ‘show’”, disse Minotti.

“Não critique, *babbo*. Isso paga o aluguel.”

Oreó e Adriana em uma ilha de trânsito

O semáforo parecia estar num campeonato pelo maior tempo da embaraçosa história do vermelho. Oreó viu uma abertura entre um fusca e um Jaguar saltitante. Calculou seu movimento e disparou para o outro

lado da rua.

Adriana ficou encalhada na ilha. Ela acenou para Oreo.

“Vire na rua 42!”, ela gritou. “Siga as setas para o metrô!”

“Rua 42. Setas”, Oreo repetiu, assentindo. Ela acenou com a bengala para Adriana. O último vislumbre que Oreo teve dela foi quando uma mulher que parecia uma Minerva pousou na ilha, um Ford Pinto em disparada errando seus calcanhares por pouco. A mulher virava seus suaves olhos de coruja ora para Adriana, ora para longe, o narizinho adunco apontado para um lado e para o outro enquanto ela olhava, sem piscar, para o trânsito.

Oreo no subsolo da rua 42

Um retângulo horizontal com letras pretas dizia:

TERMINAL DE ÔNIBUS DA AUTORIDADE PORTUÁRIA
←METRÔ DA OITAVA AVENIDA←

Uma placa vermelha dizia:

PISTA 3
TRANSPORTE PARA A GRAND CENTRAL

↑LINHAS BMT ADIANTE

dizia outra placa vermelha. Uma placa mais justa concedia linhas complementares para o verde e o vermelho:

VERDE ← PARA LINHA METRÔ DA SÉTIMA AVENIDA
& MEZANINO PARA BMT

CENTRO — NORTE E SUL — BMT & IRT →

oferecia outra. Abaixo desta, um *graffito* fazia uma admissão transcultural:

EITA, CARA, ESTOU *FARBLONDZHET!* — DÉDALO

Oreo finalmente encontrou o trem certo. Ela se sentou e remexeu os dedos dos pés perfeitos, ansiosa pelo segredo de seu nascimento, prestes a ser revelado. Ao mover a caixa de transporte de Toro um pouco

para o lado, notou as meias do homem à sua frente. Começou a examinar as estampas das meias. Havia um padrão para as estampas naquele vagão? A ilha de Manhattan oferece tantas distrações, pensou, franzindo a testa.

Oreo na rua do pai novamente

Ela trocou a caixa da mão esquerda para a direita e a bengala da direita para a esquerda. Ao olhar para a extensão da rua, viu duas coisas: uma garota negra em um vestido branco carregando o que parecia ser uma grande lancheira. O pai estava acenando para a garota. Ele virou a cabeça e viu Oreo. Começou a acenar novamente e parou no meio do gesto. Oreo adivinhou o que estava prestes a acontecer. Saiu correndo. A outra garota saiu correndo. As duas tiaras pretas navegavam em oceanos de ar enquanto elas corriam em direção uma à outra. As viradas de pescoço de Samuel eram cada vez mais curtas à medida que elas ficavam cada vez mais rápidas. Oreo parou debaixo da janela dele, por medo de colidir com a garota que estava chegando — que também parou de súbito. Oreo olhou para cima a tempo de ver Samuel caindo em sua direção. O corpo dele roçou a mão direita dela quando ele se arrebentou contra a caixa de transporte, esmagando-a no chão. Oreo correu até o pai. Ela olhou boquiaberta para a garota boquiaberta que era exatamente igual a ela.

E então o espelho se moveu.

A reação de Oreó à morte do pai

Ela ficou mais angustiada com o acidente que com a essência — com o acaso, não com o fato da morte de Samuel. O maldito espelho dos novos moradores do prédio, ele despencando sobre a caixa de transporte. Só a queda do segundo andar não o teria matado. Nenhum osso foi quebrado, mas sua queda arreventou a caixa e esmagou o pobre Toro, cuja coleira de strass entalhou uma coroa na testa de Samuel. Sem nenhum ferimento além daquele diadema de barão, ele estava morto mesmo assim o Ursinho Pooh (pobre Jimmy C., agora órfão). Oreó ficou triste, mas não *muito*. Ela se sentia como se alguém tivesse contado que Walter Cronkite dissera seu último “Febereiro”, ou que um bom e velho ator que ela passara anos pensando que estava morto estava mesmo morto.

Quando aconteceu, Oreó soube que tinha duas coisas desagradáveis a fazer: dar a notícia (manchete de primeira página) para Mildred Schwartz e, pior, dar a notícia (coluna lateral) para Bovina Minotti. Ela deixou o pior para o final. Depois que a ambulância levou Samuel embora e a Sociedade Protetora dos Animais confiscou o que restava de Toro, Oreó esperou pela sra. Schwartz do lado de fora de seu apartamento até que ela e os meninos voltassem de sua corrida no parque. A sra. Schwartz não disse nada quando ouviu a notícia. Lentamente, como em uma bênção, seu braço de tocha declinou até ficar na altura do ombro. Um dos dedos que cercavam a tocha invisível se desprende do polegar e apontou para o telefone, ao qual ela foi diretamente e começou a ligar para a *mishpacheh* de Samuel. Marvin e Edgar se encolhiam em um canto com suas malas.

Enquanto a sra. Schwartz ainda estava conversando com os parentes de Samuel, Oreó saiu para encontrar um telefone público e ligar para os Minotti. Ficou aliviada quando Adriana atendeu. Oreó contou a ela o que havia acontecido.

“Oh, Deus, pobre sr. Schwartz — como vou contar à mamãe sobre Toro?”

“Eu não invejo você.”

“Ouça, você tem a coleira?”

“O quê?”

“A coleira do Toro”, disse Adriana. “Está com ela?”

“Sim, o motorista da ambulância colocou em um saco de papel e me deu.”

“Graças a Deus. Ligue para Dominic e a entregue a ele.”

“Eu não tenho o número dele”, disse Oreó.

“Pensei que você trabalhasse na agência.”

“Que agência?”

“A agência de Dominic. A agência de publicidade. Sabe... Lovin’ Cola.”

“Eu não faço a mínima ideia do que diabos você está falando.”

Adriana riu. “Ah, uau, essas pessoas são realmente fora de série. Eles nem contam aos próprios portadores o que está acontecendo.” Depois de mais algumas risadas, ela disse: “Olhe na coleira de cachorro”.

Estranha escolha de preposições, pensou Oreó. Elas conversaram mais alguns minutos, então Oreó ligou para Dominic no número que Adriana lhe dera. Meia hora depois, ele a encontrou na esquina e pegou o saco de papel. Ele não parecia muito feliz ao se afastar. Ela não sabia se a tristeza dele se devia à morte de Samuel ou ao fato de que ele tinha pela frente a perspectiva de construir uma campanha em torno de uma nova voz para a Lovin’ Cola.

Adriana esclareceu o mistério sobre Dominic, Toro e os Minnotti. Samuel estava envolvido não com gângsteres (a suposição de Oreó), mas com espões industriais — ou melhor, com o medo de espões industriais. Ele seria a voz da Lovin’ Cola, um novo refrigerante que os fabricantes achavam que ia esmagar a Dr. Pepper, a Coca-Cola e a Pepsi. A pedra angular da introdução da Lovin’ Cola era o jingle que Adriana havia escrito sobre a bebida — um jingle que a agência de publicidade esperava poder adaptar e lançar como uma música pop que faria as cabeças pop espumarem com a mensagem da Lovin’ Cola, sub ou supraliminarmente, até defervescer a febre nacional de carbonatação — ou seja, por volta do trigésimo terceiro dia de juvembro. A agência não queria vazar a notícia até saber para que lado o vento estava soprando. Uma das outras empresas de bebidas gaseificadas poderia meter a mão na música e nas letras e aparecer com uma cópia de papel-carbono antes que o pessoal da Lovin’ Cola estivesse pronto para abrir a cortina e pôr em marcha sua *blitz spritz* na mídia.

Antes de Dominic surgir às vistas, Oreó abriu a parte de trás da coleira de Toro e encontrou a fita demo de Adriana e uma folha de papel vegetal com a letra datilografada do jingle:

LOVIN' COLA
por
Adriana Minotti

(Dom: Para versão pop, pronunciar “ó-la” para “Cola”)

Lovin' Cola, Lovin', Lovin' Cola,
Lovin' Cola, Lovin', Lovin' Cola,
Get your fill, it's a thrill,
Lovin' Cola, Lovin', Lovin' Cola.

Bem, pensou Oreo, é provável que a *música* seja descaradamente viciante.

Oreo na porta do 2-C

Ela passou a noite no parque. Pela manhã, esperou do lado de fora do prédio de Samuel até ver Mildred Schwartz sair para o funeral. O sol desviou o olhar do ornamento de dragão quando a limusine virou a esquina. As crianças não estavam com ela. Oreo presumiu que alguém havia sido designado para impedir que eles fugissem do apartamento. Ela tinha que entrar para ver a estante de livros do pai. Ainda estava um pouco chateada com Samuel por cair daquela janela idiota antes de lhe contar o segredo de seu nascimento.

Ela ouviu risadas felizes no 2-C. Sua batida na porta acabou com aquilo.

A porta se abriu e diante dela estava uma mulher cujos suaves planos faciais lhe concediam uma expressão tão benigna que fazia Tia Jemima parecer uma megera. “Não estava esperando ninguém”, disse a mulher. “Quem é?” Sua voz era tranquilizadora também. Marvin e Edgar haviam abandonado o agarrão mortal em suas malas para garrotear as saias dela. Depois de uma olhada de lêmure em Oreo, eles se esconderam atrás da mulher.

“Eu sou a... ajudante da mãe”, disse Oreo.

“A madame não me disse, mas entre, menina. Esses garotos estão me deixando louca.” A mulher estava usando um uniforme branco engomado e avental. Ela fez sinal para Oreo se sentar. “O nome é Hap. Ainda estarei na cozinha por um tempo.”

“O meu é Anna, srta. Hap”, disse Oreo educadamente, olhando para as ratazanas.

Hap tentou empurrar as crianças em direção a Oreo, mas elas

continuaram flutuando em torno daquele caldo rico de mulher como bolinhos.

Os olhos de Oreo foram para a estante que o pai havia apontado. Antes que estivesse na metade da distância, o telefone tocou. Hap saiu da cozinha para atender. “Residência Schwartz”, disse solenemente. Depois abriu um ensolarado sorriso e disse: “Como vai, Nola?”. Ela se sentou em uma cadeira reta logo abaixo da estante. As lombadas dos volumes estavam fora do alcance de leitura de Oreo.

“Sim, é bem triste”, disse Hap ao telefone. “Madame está no funeral agora... *Não*, ela só me pediu para cozinhar uma coisinha, caso alguém apareça aqui depois do enterro. Eu vou cozinhar, mas ninguém vai comer. Ninguém nunca vem aqui, criança. Você deveria ver aquela sala de estar, a bagunça que ela tem por aqui. Não admira que as crianças tenham medo dela... Sim, menina, eles *morrem* de medo... Os Miller? Criança, essa gente é muito rica. A madame está na Flórida agora, e o senhor em Chicago a negócios. As duas garotas na Europa com seus maridos... Ah, claro, eles não têm nada melhor para fazer do que viajar por aí.”

Era muito cedo para Oreo dizer se Hap era da escola esse-trabalho-é-mamão-com-açúcar ou da facção essas-pessoas-são-verdadeiros-escravocratas, mas ela já estava lançando as frases consagradas pelo tempo do bloco meus-patrões-são-mais-ricos-que-os-seus.

“*Quem?*”, Hap desafiou a interlocutora em tom indignado. “Você está de brincadeira! Eu não faço limpeza *nenhuma*! Eu não me ajoelho pra *ninguém*. Não, criança. Eu nem tenho nenhuma limpeza lá embaixo pra fazer. Eles têm uma garota que vem fazer isso. Uma garota de cor. Ela até limpa *meu* apartamento pra mim todos os dias... Não, Nola, eu já disse, só vou lá nas primeiras duas semanas de cada mês. Eu disse ao chefe: ‘Sr. Miller’, eu disse: ‘não posso ficar aqui o tempo todo’. Eu digo: ‘Os tempos mudaram. Você pode ter duas semanas do meu tempo, mas o resto do meu tempo tem que ser pra outras pessoas que precisam de mim tanto quanto você?... Eu falei mesmo... Si’ senhor, pensei que fosse morrer quando peguei a lavadeira lá embaixo no porão enchendo uma caixa com carnes e legumes... *Não*, era a mulher irlandesa. Sabe que ela estava sempre insinuando pra madame que eu peço comida extra para poder levar para minha família... *Quem?* É melhor ela não vir me falar nada disso. Quem eles vão conseguir pra ir lá longe e ficar por duas semanas do jeito que eu faço?... Sim, é *mesmo?* É *mesmo?* Esse é o problema com as diárias. Eles te obrigam a trabalhar até a morte por seis e cinquenta e a passagem. Eu não faço diária nenhuma — nenhuma diária de *faxina* — há vinte anos, menina... Não, eu sou cozinheira e eu

governo minha cozinha. Se eles entram na *minha* cozinha, eles andam na *ponta dos pés* em volta do... O que foi?... *Não*, você não quis dizer isso? Bem, essas pessoas também são mãos-de-vaca, criança. Acho que é por isso que eles têm tanto. Minha irmã Bessie trabalha pro velho há quanto tempo já? Você sabe tão bem quanto eu... *Não*, é mais do que isso. Mas seja o que for, são muitos anos. Ela trabalha para o velho Schwartz desde que Hector era um cachorrinho — e ele é um cachorro *velho* agora. Ela vem tirando o pó daquelas plantas de plástico desde antes da esposa dele morrer. E sabe o que ele deu a ela no último Natal? Uma meia-calça de sessenta e nove centavos. Ele nem percebeu depois de todos esses anos que ela nem *usa* meia-calça. Para que ela precisa de meia-calça? Então, os Miller, eles me dão dez dólares e cinquenta a mais. As meninas me deram perfume. Uma vez eles me deram uma carteira... *O quê?* O mesmo tempo que estão com você!... *Não*, menina, tudo que eles querem saber é que o *trabalho*... Me aposentar? Como vou me aposentar? Tenho minhas *contas* para pagar. Mas vou dizer uma coisa: eu não vou morrer em nenhuma cozinha como a pobre da Henrietta morreu. Não, senhor. Eles não vão *me* matar de trabalhar... Ah, ela é um perigo. Ela é realmente uma figura. Sabia que ela não deixa aquele homem comer mais de *um* ovo no café da manhã? Quando ela chega em casa, ele come como um *passarinho*. Ela não deixa ele comer! Diz que não quer um marido gordo molengo! Imagine isso! Mas quando ela não está por perto, eu preparo um bom café da manhã pra ele. Ele simplesmente *engole* tudo. É por isso que ele é tão bom para mim. Mas ela, ela é uma figura. Acho que ela não bate muito bem. Si'senhor. Sabe, ela caiu de um cavalo uma vez. Sim, fraturou o crânio. Acho que por isso ela ficou um pouco zureta... Sim?... Bem, quando vou ver você, Nola? Por que não passa em casa na próxima quinta?... Sim, depois disso, vou pra casa dos Miller por duas semanas, então apareça. Eu vou fazer alguma coisinha boa para você... *Não*, não vou dizer. Você adivinhe... Sim, isso mesmo.” Hap riu. “Vou procurar você na quinta-feira, então, Nola... Sim, tanto tempo.”

Quando Hap desligou o telefone, Oreo sabia que ali estava uma penca de informações que, corretamente trabalhadas, poderiam alinhar algumas das informações soltas que tinha sobre seu pai. Oreo se esgueirou para a cozinha. Ela fixou o exato olhar de desejo para o arranjo de canapés que Hap estava fazendo.

A gargalhada de Hap foi a rendição. Seus seios generosos, transformados por seu uniforme em marshmallows gigantes, balançavam, adoçando o ar acima de seu avental. “Pegue um, criança, antes que você parta meu coração.” (Ela quis dizer um canapé, não um

peito.)

Oreo colocou um biscoito com caviar na boca. Ela exagerou nos elogios, mas era necessário para seus propósitos. Continuou provando e elogiando os outros *hors d'oeuvres* que Hap estava preparando. Ela não era nenhuma Louise, mas era boa o suficiente para qualquer cozinha do *Almanach de Gotha* abaixo do posto de marquês — para visconde já estava ótimo.

Algumas perguntas importantes sobre os Schwartz e Hap ofereceu um petisco verbal: “A primeira esposa dele era uma garota de cor, menina”.

“Não”, disse Oreo.

“Aham”, confirmaram Marvin e Edgar, que, como Oreo descobriu nos minutos seguintes, fofocavam como *yentas*.

No retorno de Hap de suas estadias quinzenais na casa dos Howard Miller, sua irmã a informava de cada arrote de Jacob Schwartz; mas os meninos superaram Bessie em escopo com relatórios detalhados sobre Mildred, Samuel e o resto do segundo andar. Entre aquelas garras de fofoca, os Schwartz foram espremidos até secar.

Oreo tinha só mais uma coisa a fazer. “Eu tenho que ir ao banheiro. Tudo bem se eu levar um livro comigo, srta. Hap?”

“Claro, criança, vá em frente. Ainda vai demorar um pouco até ela voltar.”

Oreo parou na frente da estante. Tomou seu tempo. Procurou longa e intensamente. Por fim, tendo em mente a propensão de seu falecido pai para pistas idiotas, reduziu os volumes prováveis a dois. “Uni, duni, tê, salamê mingüê, um sorvete colorê, o escolhido foi você...” Ela percebeu que isso era injusto e revisou a rima infantil. “Uni, duni, tê, salamê mingüê, um sorvete colorê, o desaparecido foi você...” Ainda não conseguia decidir. Em um acesso de impaciência, pegou os dois livros da prateleira e foi para o banheiro. *Esquerda-direita, esquerda-direita, esquerda-direita*, fez seu coração pela segunda vez em dois dias.

Oreo no banheiro

Oreo fez sua primeira escolha: *A dama de espadas e outras histórias*. Folheou as páginas de Pushkin. Nada. Revisou o livro mais devagar, dessa vez procurando por pistas impressas. Será que o índice formava um anagrama ou as primeiras linhas das histórias eram um parágrafo coerente destinado apenas a ela? Nada ainda. Suspirou e pegou o outro livro. Dessa vez, decidiu folhear página por página. Entre as páginas 99 e

cem (simbolismo de novo?), encontrou a folha de papel. Nela, havia dois números — um número de telefone e um intervalo de nove dígitos, o último separado, como um número de previdência social, com traços após o terceiro e o quinto dígitos. Sob os números havia uma palavra: “Egeu”. Ela olhou tristemente para o título do livro outra vez. Tinha que encarar a verdade. O cérebro de Samuel estava na bunda. Ele simplesmente não tinha classe. O livro era *O ovo e eu*.

Oreo saiu do banheiro. Guardou os livros de volta na prateleira. “Eu me pergunto como vai estar o tempo”, disse para puxar assunto com Hap enquanto discava o número de telefone na folha de papel.

A voz do outro lado da linha disse: “GI. Em que podemos ajudar?”.

Oreo desligou. Ela já tinha lido um artigo sobre a GI em uma revista. Qual delas?

“O que eles disseram?”, perguntou Hap da cozinha.

“Parcialmente ensolarado”, disse Oreo abstratamente.

“Ouvi que há chance de chuva no rádio esta manhã. Eles não sabem mais sobre o clima do que o meu dedão do pé. Sabem menos. Pelo menos meu dedão do pé sabe quando vai chover.”

Oreo não estava realmente ouvindo. “Eu tenho que ir em alguns minutos. Só fui contratada até” — ela olhou para o relógio na parede oposta — “as onze.” Isso lhe dava dez minutos para examinar a lista telefônica da família.

“Acho que ela imaginou que isso me daria tempo para arrumar esta bagunça aqui”, comentou Hap.

“Acho que sim.” Oreo encontrou o que queria em uma página intitulada “Números de emergência”. Copiou os três nomes e números. Então, procurou nas páginas brancas a filial mais próxima da biblioteca pública. Estava a apenas alguns quarteirões de distância.

Oreo se despediu de Hap e dos meninos. Ao fechar a porta do 2-C, ouviu Marvin dizendo a Hap: “Sabe de uma coisa? Anna esteve aqui ontem e...”.

Oreo em um orelhão

Depois de uma hora de pesquisa em St. Agnes, ela encontrou o que queria. Levou quase o mesmo tempo para encontrar um telefone público que não estivesse quebrado. Fez as duas primeiras ligações sabendo que, como sempre, nenhuma seria a que ela queria. Mas ela não sabia qual número seria o último, e o correto, até que ligasse para os outros dois. O primeiro dos três médicos acabou sendo um dentista. Pouco antes de

desligar na cara da recepcionista, Oreó disse a ela que estava tudo bem — sua cárie estava naquele exato momento se preenchendo sozinha e ela não precisava mais de uma consulta. O médico seguinte foi o consultor de vodu de Mildred Schwartz, dr. Macumba. Oreó desligou depois de lhe dizer que por três crepúsculos ele deveria evitar comidas picantes e mulheres que não depilavam as pernas. Ela o ouviu engasgando com o que parecia ser uma salsicha quente ou uma perna peluda.

O terceiro médico era o certo, dr. Resnick, médico da família Schwartz. Ela disse que trabalhava para os Schwartz e que precisava desesperadamente de uma receita forte para suas cólicas menstruais, que estavam prestes a se abater sobre ela (ou qualquer direção de onde viessem) naquele mesmo dia. Ele respondeu, rindo informadamente, que as cólicas menstruais estavam todas na cabeça dela. Ela ficou maravilhada com o conhecimento dele, dizendo que isso só mostrava como os médicos eram inteligentes, porque tinha pensado por todos aqueles anos que as cólicas estavam em seu útero. Ela implorou que ele tivesse paciência com ela, e ele condescendeu em permitir que ela fosse ao seu consultório para buscar uma receita. Quantas *mitzvahs* ele devia fazer diariamente, ela exclamou, agradecendo, e chegou ao consultório em quinze minutos. Cinco minutos depois de chegar, Oreó recebeu uma receita de placebo. Ela jogou a metade superior na lixeira mais próxima. Também tinha um envelope e uma folha de papel timbrado que ela havia roubado do dr. Resnick, onde estavam gravados, em digno tom preto-médico, o nome, o endereço e o telefone dele. Oreó tinha mais uma parada a fazer antes de ir para a GI.

Oreó na Biblioteca Central, na Quinta Avenida e na rua 42

Ela passou meia hora aperfeiçoando a falsificação da assinatura de ovo mexido do dr. Resnick. Depois, alugou uma máquina de escrever e compôs uma carta. O parágrafo principal dizia:

O portador está, portanto, autorizado a sacar todos e quaisquer depósitos feitos na conta n. 865-30-2602.

Oreó na GI

Ela entregou o envelope lacrado a um homem com uma cabeça nodosa como uma batata e uma barba desgrenhada e arredondada que o fazia

parecer uma mistura de bisão americano, Lobisomem e a Besta de Cocteau — um Irving. Ele abriu o envelope, leu a carta e submeteu Oreo a um desagradável escrutínio. Ela tentou parecer desinteressante e normal quando ele disse o que ela estava esperando que alguém dissesse.

“Vou ter que verificar isso com o dr. Resnick.”

Oreo substituiu o desinteressante-normal por acabrunhada-magoada, o olhar congenitamente insultado. “Ele acabou de me dar a receita. Disse que autoriza.” Ela decidiu usar a econômica estrutura frasal de Hap e o sotaque caseiro de Louise.

“Eu ainda tenho que verificar, senhorita”, ele disse, sorrindo como uma batata peluda — quase imperceptivelmente.

“Ele acabou de me dar isso”, ela repetiu soturnamente. “Diz que autoriza.” Irving pegou o telefone e discou o número no topo da carta de Oreo. “Dr. Resnick? GI aqui. Eu tenho uma jovem aqui...” Ele colocou a mão sobre o bocal. “Qual é o seu nome, garota?”

“Christie.”

“Uma srta. Christie.” Ele riu. “Ela diz que você acabou de dar a ela uma ‘receita’ e disse que ela estava autorizada.”

Oreo ouviu o que parecia um latido de raiva do outro lado.

Irving segurou o telefone longe do ouvido. “Ok, ok, senhor. Todo cuidado é pouco nesses casos, sabe? Só queria reforçar a verificação.”

“Eu trabalho pr’eles”, Oreo disse com petulância quando ele desligou. “Me mandam pra buscar receita o tempo todo”, acrescentou, apenas alto o suficiente para fazê-lo acreditar que não queria que ele a ouvisse.

“Eu tenho que passar isso pelo computador”, disse Irving. “Só leva um minuto.” Ele saiu da sala.

Oreo contou os pontos no desenho do papel de parede enquanto ele estava fora. Chegou a 381 antes que ele voltasse. Teria que dizer a Louise para apostar naquele número.

“Agora, apenas como uma última verificação final, qual é o nome da conta número 865-30-2602?”

“Hein?”, disse Oreo desinteressante-normalmente.

“As pessoas para quem você trabalha, qual é o nome delas?”

“E agora, qual é o sobrenome do sr. Sam?”, ela se perguntou.

“Começa com S. Não me diga. Eu vou lembrar já já.” Ela mordeu o lábio. “Schwartz”, ela disse, triunfante. “É este — Schwartz.”

Irving sorriu seu feioso sorriso de batata. “Boa, garota. Não custa nada checar.”

“É mesmo, né?”, respondeu Oreo, sorrindo seu sorriso traquinas.

Ela saiu da Generation Incorporated, balançando a bengala e assobiando “Hatikvah”. Quando se cansou dessa, mudou para “Lift Ev’ry Voice and Sing”. Um recipiente especial, do tamanho de um porta-pães, golpeava sua perna enquanto ela caminhava. No recipiente havia sessenta frascos de esperma congelado.

A história de Helen e Samuel, a versão de Oreo

Juntando tudo o que havia descoberto com Hap, Marvin e Edgar, o que sabia antes e o que sabia agora, o cenário de acordo com Oreo ficava assim: Helen e Samuel se conhecem na faculdade, desejam um ao outro, transam como coelhos, se casam e transam como coelhos. Em um momento de calma (enquanto os lençóis estão sendo trocados), eles decidem dar ao mundo provas humanas de sua paixão. Jacob sentiria tanta *naches* de seu primeiro neto que perdoaria, esqueceria e faria um novo testamento. “No ritmo que estamos indo, é de espantar que eu ainda não esteja grávida”, diz Helen. “É compreensível, querida”, diz Samuel, “até agora, temos tomado precauções.” “Claro”, diz Helen, “o que você está usando, querido?” “O que *eu* estou usando? Achei que *você* estava usando alguma coisa.” Pausa grave. Eles decidem fazer exames. “Baixa contagem de espermatozoides”, diz o médico. “Sinto muito.” Samuel fica desolado. Então, vê um anúncio do primeiro centro de pesquisa de inseminação artificial da cidade de Nova York. Samuel enche um frasco atrás do outro com sêmen. O GI centrifuga, concentra e congela a emissão em nitrogênio líquido a -160 graus Celsius.

Sobreposições de transas simbólicas e conjuntos de frascos sendo descongelados. Nove meses depois: “É uma menina!”. Mas Jacob não perdoa, não esquece e nem faz um novo testamento. Na verdade, ele diz: “É isso que vocês chamam de meu *ayneke*? Em qualquer guerra entre Israel e Egito, que todos os árabes tenham olhos como os de vocês”. Talvez um menino? Eles tentam — transando e gastando e descongelando por dias a fio. Na plenitude dos tempos, nasce Jimmie C. Mas mesmo antes disso, Jacob deixou claro: “Kosher *kinder* ou vocês vão gerar *makkes*”. E mesmo antes *disso*, Helen e Samuel se separaram. Somente por causa do *gelt* de Jacob? Talvez sim, talvez não. De qualquer forma, Samuel decide fazer sua própria fortuna. *Montagem de manchetes da Variety do gênero “O grande fracasso do pai de O”.*

Depois de anos de derrotas, Samuel conhece Mildred.

Milagrosamente, sua sorte parece mudar. Ele começa a ganhar um bom troco fazendo comerciais. Ele se casa com a sorte. Samuel poderá se qualificar para o espólio de Jacob assim que Mildred tiver um rebento. Ledo *bulbe*: Jacob a odeia. Na verdade, foram dois *bulbes*: Samuel a odeia. Ela é estranha, com o braço no ar e seu laboratório de Lucrécia Bórgia. Samuel raciocina: por que eu deveria arriscar fazer outro bebê e perder todo aquele *mazume*? Com sorte ou não, vou dar a ela motivos para o divórcio. Vou até deixar Jacob escolher minha próxima esposa. Por que arriscar? Tenho uma fortuna em potencial guardada lá na GI. Tudo que eu preciso é o forno certo e — hurra! — pão fresco!

Pistas, que pistas

Um dos fracassos de Samuel deve ter sido uma peça sobre Teseu — daí suas pistas mitológicas. Claro, as pistas tinham intenção apenas de fazer Oreó *pensar* na lenda de Teseu. Não tinham nada a ver com nenhuma de suas aventuras reais. Porém, como desde o início ela havia determinado o que cada item de sua lista significava, Oreó completaria sua tarefa e atribuiria significado agora, no final. Pegou a lista e riscou “Número da sorte” (865-30-2602); “Estonteante”, que ela sentiu que deveria ter o sentido de “Atordoante” (tentando encontrar seu caminho através do labirinto do metrô); e “Velas” (sua tiara preta e sua imagem espelhada). Riscou essa última com certa tristeza.

Samuel havia escolhido se autodenominar “Egeu”. Talvez ele tivesse interpretado o papel. Oreó refrescou sua memória do mito na biblioteca. (Também encontrou a matéria da revista sobre inseminação artificial — um guia inestimável para fazer a retirada do banco de esperma GI.) Pode-se dizer que Teseu teve dois pais — Egeu e Poseidon. Também se pode dizer que Oreó e Jimmie C. tiveram dois pais — Samuel em temperatura ambiente e Samuel congelado. Será que o processo de congelamento trouxe à mente *tsedudlt* de Samuel o deus das águas correntes? Seu cérebro estava em suas *tuches* — definitivamente.

Oreó planeja seu próximo passo

Jacob merecia alguns dias para fazer seu luto em paz. Enquanto isso, Oreó depositaria o sêmen de Samuel no banco de esperma de sua escolha. Não havia pressa. Os girinos congelados poderiam ficar pelo menos cinco dias em seu recipiente especial. A princípio ela ficou tentada a destruir os frascos. Mas não estava pronta para ver Samuel

morrer duas vezes em dois dias. Pensou na mãe. Helen provavelmente diria: “Seu pai está morto. Deixe que ele descanse em paz”, e a encorajaria a descartar a semente. Seu avô James provavelmente lhe diria para extorquir Jacob de cada centavo que pudesse conseguir em troca dos frascos.

Mas por que não dar a Jacob uma oportunidade para o que ela gostava de chamar de concordata negro-judaica? Ele era, afinal, seu avô paterno. Eles compartilhavam o infortúnio. Talvez, nessas circunstâncias, ele acolhesse sua neta como um *zaidie* deveria, com amor e carinho. Se ele fizesse isso, talvez ela lhe desse os frascos de presente. Não era nenhum sacrifício. Se, por outro lado, a recepção de Jacob não fosse tudo o que ela achava que a saudação de um avô deveria ser, bem, então... Ela teria que pensar na melhor forma de expor a Jacob toda a magnitude de suas ações, de fazê-lo avaliar sua fugaz posse da vontade divina quando ela fosse despejar o resquício da linhagem dele pelo ralo. Tudo dependia de Jacob, é claro. A maneira como ele agisse determinaria em grande parte a maneira como ela agiria. Ela daria espaço à sua dor ainda recente, seu choque quando ela lhe dissesse quem era e como havia chegado lá. Sim, ela lhe daria uma colher de chá. Mas, apesar de tudo, não se entregaria completamente.

Oreo colocou o pacote no cruzamento, apoiando a sandália levemente na tampa enquanto esperava o semáforo abrir. Ela girou a bengala distraidamente, sorrindo seu sorriso traquinas e murmurando consigo, lenta e contente: “*Nemo me impune lacessit*”.

Um guia para preguiçosos, não classicistas etc.

Pandíon e Pília geram Egeu. Piteu e esposa (vamos chamá-la de Negligencideia) geram Etra. Egeu visita o velho amigo Piteu. Na mesma noite, Egeu e o deus do mar Poseidon dormem com Etra. Etra concebe. Quem é o pai? O generoso Poseidon para Egeu: “Eu tenho filhos suficientes — ele é seu”. Egeu para Etra: “Bem, vou ter que voltar para Atenas agora. Mande o garoto para mim quando ele puder levantar esta pedra e recuperar a espada e as sandálias que estou deixando embaixo dela”.

Etra nomeia seu filho como Teseu (“símbolos guardados”). “Rapaz, está quente aqui”, diz Héracles (Hércules), o parente em visita, despindo-se da pele do leão da Nemeia que ele matou. O jovem Teseu e seus amigos entram, veem o leão. Os amigos entram em pânico. Teseu ataca o leão. “Garoto corajoso.” Mais tarde, ele inventa a luta livre.

Quando Teseu tem dezesseis anos, Etra declara: “Tenho algo a lhe dizer”. Teseu levanta uma pedra, recupera a espada e as sandálias e sai em viagem para ver seu pai. Ele decide tomar a rota terrestre porque é perigosa. Ele quer ser outro Héracles.

Epidauro: Teseu mata o bandido coxo Perifetes, que vinha amedrontando turistas com um porrete de latão (ou ferro). Teseu confisca o porrete (Héracles tem um igual).

Istmo de Corinto: Sínis gosta de se divertir com pessoas e árvores. Você dobra esta árvore aqui, veja; depois você amarra ali... Teseu faz com Sínis o mesmo que Sínis etc.

Cromion: Teseu mata uma porca selvagem.

Os penhascos de Megáride: “Lave meus pés”, dizia o bandido Círon (“guarda-sol”) aos estranhos que passavam, e depois os atirava ao mar. Teseu mata Círon...

Eleusis: Cércion gosta de lutar com os viajantes até a morte. Teseu inventou a luta livre, lembra?

Korydallos: Procusto tem uma cama longa e uma cama curta (ou uma só cama). Ele ajusta os hóspedes durante a noite à(s) sua(s) cama(s) cortando suas pernas ou esticando seus corpos. Teseu mata Procusto...

Rio Cefiso, Ática: Teseu matou tantos que ele tira um tempo para purificação.

Templo de Apolo Delfínio (o Golfinho), Atenas: Os trabalhadores que estão construindo o templo fazem comentários impróprios a Teseu,

acreditando que nosso herói (de tranças e manto branco) é uma garota ou gay. Teseu joga a carroça de boi (ou o boi) deles por cima do templo.

O Palácio, Atenas: Egeu se casou com Medeia. Ela sabe que Teseu não é um estranho qualquer. Se ele for quem ela pensa que é, o trono não será de seu(s) filho(s). Medeia para Egeu sobre o Estranho: “Ele é perigoso, envenene-o”. Mas Egeu reconhece sua velha espada e derruba a taça envenenada no chão. “Meu filho!” Alegria geral. Medeia e seu(s) filho(s) fogem (ela tem uma carruagem puxada por um dragão).

Meses depois: Embaixadores de Creta chegam a Atenas. “Bem, chegamos àquele momento outra vez. Onde estão os sete jovens e sete donzelas que precisamos para o jantar do Minotauro, em tributo (outra história) ao assassinato de Androgeu?” (A esposa do rei cretense Minos, Pasífae, e um touro branco eram os orgulhosos progenitores de um belo semitouro, semi-humano, com apetite por carne totalmente humana.) Teseu diz: “Eu vou lá com minha gangue e matarei o Minotauro, pai”. “Filho, tenha cuidado. E pelo amor de Zeus, troque as velas pretas deste navio da morte por velas brancas se você tiver êxito.” “Velas pretas por brancas — tudo bem, pai.”

Creta: Teseu se gaba: “Sou filho de Poseidon”. “Quem não é?”, diz Minos. “Mas prove.” Minos joga seu anel no mar. Teseu mergulha e, com a ajuda de Anfitrite e/ou as Nereidas menores, o recupera, junto com uma coroa de ouro (ou pedras preciosas) (“Você tem que mostrar serviço pra esses cretenses”). Ariadne, filha de Minos, sempre se derretendo por um exibido, dá a Teseu uma espada e um novelo de barbante para que ele possa encontrar o caminho através do Labirinto do Minotauro (construído por Dédalo), matá-lo e encontrar a saída novamente.

Todos os bandidos são mortos; todos os jovens e donzelas fogem. Teseu abandona Ariadne na ilha de Naxos. “Eu simplesmente não suporto estar em dívida com ninguém. Além disso, Athena ou Minerva, ou qualquer que seja o nome dela, veio a mim em um sonho e me disse para fazer isso. Agora, eu tinha que trocar a vela se *tivesse* ou *não tivesse* êxito?”

Atenas: Egeu, vendo o navio de velas negras, se lança ao mar — daí seu nome, Egeu.

O branco é a cor talismânica na lenda de Teseu, o oito, o número mágico.

Outras aventuras do herói: Teseu e as Amazonas; Teseu e Fedra e Hipólito; Teseu e Pirítoos e Helena e Hades.

Etra — Helen Clark

Apolo Delfínio, Templo de — Teatro Apollo

Ariadne — Adriana Minotti

Cefiso — a sauna de Jordan Rivers

Cércion — Kirk

Héracles — Tio Herbert

Medeia — Mildred Schwartz

Minos — Minotti

Minotauro — Toro, o cão

Pandíon — Jacob Schwartz

Pasífae — Bovina Minotti

Perifetes — Perry, o *gonif*

Faia — O porco morto pelo táxi

Piteu — James Clark

Procusto — Gerente da loja de sapatos Kropotkin

Círon — Parnell, o cafetão

Sínis — Joe Doe

Teseu — Oreó

Glossário

Apikorsim: em hebraico, hereges; diz-se de judeus que não observam as tradições judaicas, não praticantes ou céticos.

Averah: em hebraico, pecado, imoralidade.

Aynekel: em iídiche, neto.

Balmalocha: em hebraico, um especialista, um profissional talentoso.

Bobbe-myseh: em hebraico, papo furado, história para boi dormir.

Bonditt: em iídiche, pessoa travessa.

Bren: em iídiche, alguém muito alegre.

Bulbe: em iídiche, erro.

Bulbenik: em iídiche, uma pessoa desastrada.

Bulvan: em iídiche, um idiota, um bruto.

Bupkis: em iídiche, ninharia, nada.

Chaloshes: em hebraico, nojento.

Chutzpah: em hebraico, audácia, ousadia.

Daven: em iídiche, prece.

Dreck: em iídiche, porcaria.

Eppes: em iídiche, zero, nenhum.

Farblondzhet: em iídiche, perdido, confuso.

Farchadat: em iídiche, confuso, tonto.

Fehl: em iídiche, expressão de desgosto.

Fier Kasheh: em hebraico, quatro perguntas; perguntas ritualísticas recitadas pelo filho mais novo da família na noite do Pessach.

Fleischig: em iídiche, carne.

Frosk in pisk: expressão em iídiche, tapa na boca.

Gelt: em iídiche, dinheiro, ouro.

Geshmat: em hebraico, termo pejorativo para um judeu que se converte ao cristianismo.

Geshrei: em iídiche, grito, berro.

Gesundheit: em alemão, saúde; dito quando alguém espirra.

Golem: em hebraico, pessoa letárgica, estúpido.

Gonif: em hebraico, ladrão, pessoa desonesta.

Goyim: em hebraico, gentio.

Goyische: em iídiche, “que pertence aos gentios”.

Graubyon: em iídiche, um bruto.

Kayn aynhoreh: expressão judaica que pode ser traduzida como “Deus me livre” ou “Deus me proteja”; dita após afirmações positivas para

afastar mau-olhado.

Kishka: em iídiche, tripas.

Kismet: em iídiche, destino incontornável.

Klutz: em iídiche, uma pessoa desastrada.

Kop: em iídiche, cabeça.

Kopdrayenish: em iídiche, confusão, incomodação.

Kosher: em hebraico, aceitável de acordo com as leis judaicas que determinam como alimentos devem ser preparados.

Kvetch: em iídiche, resmungar.

Loksh: em iídiche, macarrão comprido; usado para se referir a pessoas muito magras.

Makkes: em hebraico, infortúnio, praga.

Mashgiach: em hebraico, “supervisor”; indivíduo ou organização incumbida de orientar e supervisionar a observância da lei judaica no preparo de alimentos e utensílios.

Mazel: em hebraico, sorte.

Mazume: em hebraico, dinheiro.

Mechaieh: em iídiche, um prazer, uma alegria.

Mechuleh: em iídiche, arruinado, quebrado.

Menschen: em iídiche, uma pessoa honrada.

Meshugge: em iídiche, uma pessoa louca.

Meshumad: em hebraico, termo pejorativo para aquele que abandonou a fé judaica por vontade própria.

Mezuzah: amuleto da fé judaica que deve ser pendurado na entrada da casa, composto de um estojo contendo um pergaminho com passagens específicas da Torá. Há pingentes para usar em torno do pescoço que simulam o artefato original.

Mikvah: em hebraico, um banho ritualístico da cultura judaica.

Milchig: em iídiche, laticínios.

Mishpocheh: em hebraico, família.

Mitzvah: em hebraico, boa ação.

Mutche: em iídiche, esgotar, massacrar, torturar.

Naches: em hebraico, orgulho.

Nayfish: em hebraico, pessoa inocente.

Nebbech: em hebraico, simplório, tolo.

Neshoma: em hebraico, espírito.

Noch: advérbio em iídiche, “né?”.

Nosh: em iídiche, comida, iguaria.

Nu: interjeição em iídiche, “e aí?”, “e então?”.

Nudzh: em iídiche, chato.

Oi, gevalt!: exclamação em hebraico, “céus!”.

Oytser: em hebraico, tesouro.

Plotz: em iídiche, explodir.

Pupik: em iídiche, umbigo.

Putz: em hebraico, pênis; podendo ser usado literalmente ou com o sentido de “idiota”.

Riboyne Shel O’lem: exclamação de espanto em iídiche, algo como “Senhor do Universo!”.

Schlemiel: em iídiche, idiota, tolo.

Shabbat: em hebraico, sábado; dia sagrado na cultura judaica.

Shabbes: em hebraico, outra palavra para “Sabbath”; sábado, o dia de descanso na tradição judaica.

Shiksa: em hebraico, gentia.

Shlock: em iídiche, barato, de baixa qualidade.

Shmatte: em iídiche, trapos, roupas velhas.

Shmegegge: em iídiche, uma pessoa besta, boba.

Shmendrick: em iídiche, uma pessoa estúpida, incompetente.

Shmooze: em hebraico, bate-papo, conversa.

Shmuck: em iídiche, uma pessoa detestável, um idiota.

Shochet: em hebraico, indivíduo responsável pelo abate ritualístico de animais segundo as leis judaicas.

Shtup: em iídiche, fazer sexo, transar.

Shvartze: expressão ofensiva em iídiche para pessoa negra.

Tante: em iídiche, tia.

Trayf: em hebraico, comida que não satisfaz os requisitos da lei judaica.

Tsedrayt: em iídiche, confuso, complicado.

Tsedudlt: em iídiche, confuso, atordado.

Tuches: em hebraico, nádegas.

Tzimmes: em iídiche, um doce feito de vegetal ou fruta.

Yahrzeit: em iídiche, aniversário de morte.

Yenta: em iídiche, uma mulher fofoqueira.

Yold: em iídiche, idiota.

Yontif: em hebraico, dia abençoado, feriado judaico.

Zaftik: em iídiche, curvilínea, saborosa.

Zaidie: em iídiche, avô, homem velho.

Zetz: em iídiche, um murro, um soco.

Posfácio

Harryette Mullen

Sob a bandeira do movimento Black Arts que emergiu como o componente cultural da política Black Power das décadas de 1960 e 1970, escritores e artistas afro-americanos lutaram para definir e praticar uma estética negra distinta, que partia das tradições baseadas na história e nos valores das culturas europeias. O movimento Black Arts foi alimentado pelo desejo de usar a arte para recuperar — ou, se necessário, criar ou reinventar — uma autêntica cultura negra baseada na experiência histórica particular dos americanos de ascendência africana.

Como a Renascença do Harlem, dos anos 1920 e 1930, o movimento Black Arts resultou em uma explosão de música, arte e literatura e inspirou muitos afro-americanos instruídos e de classe média a reavaliar e se identificar mais intimamente com a cultura vernacular associada ao proletariado negro. Em seus melhores momentos, o movimento Black Arts estimulou uma exploração criativa das tradições folclóricas, populares e de belas-artes de uma comunidade na qual diversidade e unidade, inovação e preservação são forças em interação. Nos piores, em sua ânsia de expurgar todos os traços europeus da identidade negra, alguns críticos e teóricos propuseram receitas limitantes para a arte negra, que resultaram em uma expressão estereotipada por parte de alguns artistas. No entanto, até isso serviu para levar outros a questionar e transgredir os limites, enquanto a exploração minuciosa da negritude não apenas contribuiu para o autoconhecimento coletivo dos afro-americanos, mas também ajudou a redefinir a cultura dos Estados Unidos como uma sopa multicultural híbrida, em vez de um caldeirão monocultural branco.

Paradoxalmente, por mais que se preocupasse em definir a distinção cultural dos afro-americanos, o movimento Black Arts também ajudou a criar oportunidades sem precedentes para a expressão criativa afro-americana entrar e influenciar a cultura americana mainstream. Por vezes, quanto mais “raiva negra” fosse expressa na obra, mais o escritor era celebrado pela cultura dominante. Além dessa interação tensa de impulsos políticos, estéticos e comerciais, outra contradição que o movimento Black Arts apresentava para os autores era a ideia de que os negros americanos não possuíam literatura autêntica ou uma linguagem

própria. Os escritores lutavam com o dilema de estarem separados dos idiomas falados e das tradições orais de seus ancestrais africanos e não tinham nenhuma conexão intrínseca com a linguagem e a literatura de seus opressores históricos. A própria língua inglesa era percebida por alguns como uma ferramenta de opressão. Quanto mais fluente no inglês padrão, ou em outras línguas europeias, quanto mais imerso na cultura literária estabelecida, mais era provável que alguém fosse acusado de abdicar de suas próprias tradições ou de abandonar a comunidade negra — ao escrever obras que esta não poderia compreender, apreciar ou nas quais não se poderia inspirar na futura revolução que os ativistas radicais visionavam.

O romance de Fran Ross, *Oreo*, foi publicado em 1974, quando o movimento Black Arts atingiu o ápice de sua influência. No entanto, como o título indica, *Oreo* não pretende representar nenhuma experiência negra singularmente autêntica. Mais excêntrico que afrocêntrico, o romance de Ross chama a atenção para o hibridismo e não para a pureza racial ou cultural dos afro-americanos. O romance divertidamente inovador de Ross exibe um espectro discursivo abordado por personagens afro-americanas que se expressam em uma variedade de idiomas e dialetos, incluindo inglês padrão, vernáculo afro-americano e iídiche.

Comparado a obras mais conhecidas da literatura afro-americana, este livro pode parecer bizarramente idiossincrático à primeira vista, mas existem precedentes para isso. Em certos aspectos, ele tem uma notável semelhança com um texto que foi publicado em 1859, mas não amplamente lido até que foi redescoberto e reimpresso em 1983. O primeiro romance conhecido de uma mulher afro-americana, Harriet E. Wilson, provocativamente intitulado *Our Nig*, é a história de uma mulher de cor nascida livre, a serva contratada de uma família branca do Norte que é tratada pouco melhor que uma escravizada. Assim como o romance de Wilson, *Oreo* de Ross desafia opiniões recebidas sobre os afro-americanos. *Oreo* é uma personagem cuja competência linguística e cultural lhe permite viajar entre duas minorias culturais distintas, ao mesmo tempo que usufrui dos recursos da cultura dominante e explora sua própria identidade. Tanto Wilson quanto Ross criaram personagens femininas afro-americanas inteligentes cuja colocação estratégica dentro da casa branca lhes permite um conhecimento íntimo dos segredos de família da América. De sua posição na interseção entre o negro e o branco, tanto Frado de Wilson quanto *Oreo* de Ross articulam astutas críticas à hipocrisia dos Estados Unidos sobre raça. Os dois romances compartilham outras características. Em cada história, uma heroína

birracial jovem, atraente, corajosa e desafiadora aprende, na ausência de protetores, a se defender da agressão física de antagonistas hostis. Ambas as autoras empregam estratégias narrativas inovadoras, resultando em textos complexamente discursivos e genericamente híbridos. Ambos os romances foram originalmente publicados em pequenas primeiras edições que foram amplamente ignoradas; e porque seus trabalhos encontraram poucos leitores receptivos em suas vidas, ambas as autoras permaneceram praticamente desconhecidas até que seus livros fossem redescobertos.

Frances Dolores Ross nasceu em 25 de junho de 1935, na Filadélfia, filha única de Gerald Ross, de Littleton, Carolina do Norte, e Bernetta Bass Ross, de Petersburg, Virgínia. Seu pai, um soldador, morreu em um acidente automobilístico voltando para casa do trabalho, em Nova Jersey, em 1954. Sua mãe trabalhou como balconista depois de frequentar o Saint Augustine College, na Carolina do Norte. Fran Ross, cujo apelido de infância era “Frosty”, é lembrada como uma precoce devoradora de livros, uma desenhista com inclinação artística e uma atleta espirituosa por seus dois irmãos mais novos, Gerald Ross Jr. e Richard Ross. Sua avó materna, Lena Bass Nelson, trabalhava como cozinheira para a família irlandês-americana de Arthur J. O’Neil, vice-presidente da Seagram’s Company. Fran Ross e seu irmão Gerald costumavam passar fins de semana na casa da família O’Neil, ajudando a “Big Mom” quando seus patrões davam grandes jantares. Durante as férias escolares, Fran também ocasionalmente acompanhava sua avó à casa de verão dos O’Neil no lago Winnepesaukee em New Hampshire. A família Ross morava na Filadélfia em uma casa na rua Pearl, propriedade de Lena Bass, e frequentava a igreja batista Mount Carmel.

Quando criança, Fran Ross costumava ouvir ídiche falado pela família de Samuel Koltoff, o imigrante judeu russo que era proprietário da loja vizinha da esquina. Outra família judia, os Miller, empregavam seu irmão Gerald em sua lojinha. Ross frequentou a Escola Fundamental George Brooks e a Escola Secundária Shoemaker Junior. Poucos dias antes de seu aniversário de dezesseis anos, ela se formou com honras na Escola Secundária Overbrook, onde o corpo discente na época era predominantemente branco e judeu. O colega de classe de seu irmão Gerald, Wilt Chamberlain, jogava basquete nos juniores da mesma escola. A própria Ross, uma fã de esportes por toda a vida, jogou basquete no centro da igreja Camphor Memorial e no time das Varsity Pantherettes no Centro Juvenil Richard Allen. No ensino médio, ela foi membra da equipe de debate, do clube literário e do clube de arte; seus interesses incluíam literatura, teatro e desenhos animados. Ela recebeu

uma bolsa universitária integral e se formou em 1956 na Temple University com um bacharelado em comunicação, jornalismo e teatro. Ross procurou trabalho como jornalista e foi contratada por um tempo pela Curtis Publishing Company, sede do *Saturday Evening Post*. Achando difícil conseguir um emprego adequado na Filadélfia, mudou-se para Nova York em 1960. Lá trabalhou como revisora e editora de texto na McGraw-Hill e mais tarde na Simon and Schuster, onde, entre outras coisas, revisou o primeiro livro escrito por Ed Koch, o prefeito de Nova York.

Único romance de Ross, *Oreo* foi lançado pela Greyfalcon House em 1974. Embora nunca tenha publicado outro romance, Ross continuou trabalhando como escritora e editora freelancer, enquanto morava “a poucos passos da Zabar’s em um apartamento com terraço na Riverside Drive, no mesmo edifício de Jules Feiffer” (*Essence*, p. 70). Escreveu artigos para a *Essence*, uma revista para mulheres negras, bem como para a revista de humor feminista *Titters*, e publicou um espirituoso artigo sobre gírias negras na *Playboy*. A atividade freelance de Ross complementava sua renda como coproprietária e vice-presidente de uma empresa de vendas por correspondência que produzia mídia educacional.

Em 1977, com a força de seu romance publicado e alguns roteiros para televisão de amostra, ela foi entrevistada para um emprego como roteirista de comédia para o controverso e breve *Richard Pryor Show*. Encorajada pelo produtor Rocco Urbisci, Ross esperava que a renda do trabalho na televisão lhe permitisse terminar um segundo romance; mas com as despesas de sua mudança de Nova York para Los Angeles, mal conseguiu saldar o investimento. Tendo desistido de seu apartamento em Nova York, ficou transtornada ao descobrir que a estrela do programa tinha dúvidas quanto a se comprometer com uma programação de televisão semanal e se submeter à censura da emissora sobre seu humor franco. Em uma reunião emocionalmente intensa dos criadores do programa, Ross se viu implorando ao relutante Pryor para seguir em frente com o programa na emissora, argumentando que ele poderia causar um impacto como comediante negro socialmente consciente. Embora os colaboradores de Pryor, Paul Mooney e Urbisci, tenham trabalhado com o comediante em outros projetos depois que o programa foi cancelado, Ross precisou cavar trabalho em outros estúdios. Logo descobriu que era uma anomalia ainda maior como escritora negra de comédia em Los Angeles do que como editora e autora em Nova York. Enviou roteiros de amostra e tentou, sem sucesso, interessar os executivos da emissora em sua ideia para um programa-

piloto com um personagem afro-americano. Em vez de aceitar a única oferta que recebeu — um possível trabalho como redatora para *Laverne and Shirley*, programa rival do *Pryor Show* —, ela voltou para Nova York, onde continuou a trabalhar em editoras e meios de comunicação até sua morte, em 17 de setembro de 1985.

Uma fotografia em preto e branco da autora no verso da sobrecapa original do romance mostra uma mulher negra de aparência jovem, lábios cheios e um penteado afro, usando brincos de argola, um colar de contas grandes e uma roupa que talvez fosse um *dashiki*. Epítome do estilo afrocêntrico, o retrato da autora parece travar um animado diálogo com o título do romance e o atraente design da capa criado por Ann Grifalconi, premiada escritora e ilustradora de livros multiculturais para crianças e editora do *Oreo* original. A arte gráfica apresenta um recorte semelhante a Nefertiti, de uma mulher negra sorridente usando um pingente da Estrela de Davi. Na fotografia, Ross posa em frente a uma janela ensolarada, segurando óculos e um lápis em uma das mãos, olhando com ceticismo para a câmera, como se desafiasse o fotógrafo a tentar capturar sua alma, como se provocasse o leitor a resolver o enigma de *Oreo*. Embora a própria autora tenha alertado os leitores de que o livro é ficção e não autobiografia, o romance de fato incorpora ou faz alusão a alguns fatos circunstanciais que são conhecidos da vida de Ross, incluindo a formação na Temple University (onde os pais de *Oreo* se conhecem), a jornada de sua Filadélfia natal para a cidade de Nova York (como a odisseia de sua heroína), e o trabalho em publicidade e mídia de massa (onde Samuel Schwartz, pai de *Oreo*, ganha a vida).

Oreo é uma das pouquíssimas obras satíricas escritas por mulheres afro-americanas. Historicamente, as mulheres negras são muito mais propensas a serem objetos que autoras de paródia e sátira. Como *Dunsfords Travels Everywhere* (1970) de William Melvin Kelley, que também combina dialetos vernaculares e invenção literária em um jogo joyceano através da linguagem, o *Oreo* de Ross definha no purgatório ou no limbo das obras inovadoras de escritores negros que foram negligenciadas na formação do cânone literário afro-americano. Embora seja notável por sua resposta satírica às políticas raciais e sexuais da década de 1970, *Oreo* aparentemente não conseguiu encontrar seu público, possivelmente porque no processo de misturar dois vernáculos de gueto, o afro-americano e o iídiche, o romance também se inspira em material que tanto os leitores negros quanto os judeus podem achar ofensivo, desconcertante ou incompreensível. A sátira de dois gumes de Ross inclui uma imigrante judia que mantém um consultor de vodu chamado dr. Macumba; o conto de discriminação reversa de um

subúrbio totalmente negro onde uma lei local é aplicada seletivamente para impedir que os brancos se mudem para o bairro; o roteiro de um produtor de rádio negro para um anúncio de ceias pré-cozidas de Pessach; uma piada sobre as chances de a heroína herdar anemia falciforme e doença de Tay-Sachs; e uma briga em que Oreo faz picadinho de um cafetão predatório usando apenas um par de sandálias, um corpete e um *mezuzah*. Ross frequentemente confronta seus leitores com estereótipos convencionais codificados em piadas familiares. Em *Oreo*, o estereótipo muitas vezes se torna mais evidente por uma reviravolta ou inversão inesperada, trazendo à consciência as suposições subjacentes de piadas sobre sexo, raça e etnia.

Com sua mistura de dialetos vernaculares, humor bilíngue e étnico, piadas internas, neologismos, tiradas verbais e esquisitices linguísticas, o romance de Ross deslumbra ao deliberadamente tensionar as habilidades de seus leitores, como se ela escrevesse para um público que ainda não existia. Relativamente poucas pessoas em 1974 teriam a competência linguística, o letramento multicultural e a atitude irreverentemente humorística em relação à identidade racial e étnica que Ross demonstra e espera do público ideal de *Oreo*. Quanto mais os leitores de hoje passem a conhecer e entender a diversidade cultural dos Estados Unidos e quanto menos sejam contidos por definições estreitas de identidade, será mais provável que compreendamos e apreciemos a sátira de Ross, que parece ter chegado à frente de seu tempo.

O que torna este peculiar romance acessível, apesar de sua idiossincrasia, é a vívida apropriação que Ross faz de gêneros da cultura popular, incluindo piadas, desenhos animados, grafite, publicidade, quiromancia, livros de receitas e livros de sonhos. Ross toma emprestado tanto dessas fontes quanto da cultura da alta erudição representada pela literatura clássica e “grandes livros”, dicionários, tesouros e outras obras de referência, bem como ensaios acadêmicos, manuais e panfletos burocráticos de estudiosos, escritores técnicos e outros especialistas. Sem preconceitos, *Oreo* toma emprestado tanto da elite quanto das formas populares de escrita e fala, da mesma maneira que ela extrai igual prazer da música clássica europeia e dos “telegramas cantados bem afinados” (p. 202). Ross explora o humor de dois gumes de piadas que incorporam o iídiche em particular e o “humor étnico” em geral. Por um lado, o iídiche é popularmente associado a uma certa marca de “humor judaico”; por outro lado, o iídiche como língua de estrangeiros, imigrantes ou judeus dos guetos pode simplesmente “soar engraçado” para quem não fala iídiche. Ross também sugere que o humor étnico é um aspecto significativo do assunto sério da construção

de identidades americanas dentro de uma cultura dominante que rejeita alguns enquanto se apropria de outros aspectos de diversos grupos étnicos. À medida que o humor interno de um grupo minoritário atravessa a cultura popular americana, tornando-se humor étnico, isso permite que alguns membros da comunidade marginalizada ganhem a vida rindo do que faz um grupo de minoria étnica parecer “engraçado” ou estranho ou incompreensível para os outros.

Como acontece com frequência, um grupo étnico minoritário também pode ser colocado contra outro quando um é retratado comicadamente ou caricaturado pelo outro. Ross examina satiricamente esses cenários, embora se afaste do roteiro cultural com uma audaciosa heroína que se sente livre para reivindicar ou descartar o que quiser das culturas afro-americanas, judaico-americanas e mainstream. Como sua heroína homônima, *Oreo* é um híbrido, um produto da miscigenação racial e cultural. Enquanto *Oreo* pode reivindicar um pedigree de alta cultura como uma obra literária inovadora que reconta um mito grego clássico, Ross também se apropria do popular recurso praticado por artistas de comédia *stand-up*, juntamente com o *hucksterismo* rápido oferecido a nós por redatores de publicidade que colaboram com atores e diretores na realização de comerciais para rádio e televisão. Piadas, charges, grafites e publicidade convivem com a linguística, a mitologia clássica, os romances picarescos e os manifestos feministas como influências na construção do romance.

Em *Oreo*, o antigo mito grego da jornada de Teseu ao Labirinto se converte em uma anedota feminista e linguisticamente rebelde da viagem de uma jovem negra da Filadélfia para Nova York em busca de seu pai judeu branco. O humor instigante de Ross dá a *Oreo* seu gênio peculiar. É essencialmente um texto lúdico, repleto de jogos verbais, piadas, trocadilhos e quebra-cabeças. Ross claramente se deleita em convidar os leitores a acompanhar sua divertida paródia do mito clássico. No entanto, há também um aspecto sério na divertida briga de sua heroína com a linguagem. O Labirinto em que Teseu entrou era uma espécie de jogo criado por Dédalo para o rei Minos de Creta; mas o intrincado labirinto servia ao sério propósito de conter o violento Minotauro. Em certos mitos gregos, resolver um enigma é um teste da engenhosidade do herói, sugerindo que a própria vida é um jogo de inteligência. A jornada de *Oreo* não é apenas uma aventura cômica fantasiosa, mas também uma busca significativa por autoconhecimento. Enquanto ela persegue a resposta para o enigma de suas origens, jogos de palavras entretêm a heroína em sua jornada solitária e mantêm sua inteligência aguçada para duelos verbais com os diversos personagens

que encontra nas ruas de Nova York, que correspondem aos bandidos que Teseu mata em sua viagem por terra de Trezena a Atenas.

Uma sátira sobre as relações entre afro-americanos e judeus, bem como um giro de ponta-cabeça para os dialetos e estereótipos raciais e étnicos da cultura popular americana, *Oreo* também é um romance picaresco formalmente inventivo, escrito como uma série de jogos de linguagem, traduções cômicas, tiradas bilíngues e trocadilhos etimológicos que trazem à mente as performances de vaudeville insanamente eruditas do comediante Professor Irwin Corey; histórias inverossímeis construídas de maneiras elaboradas e com tiradas absurdamente rebuscadas, entregues com a sobrelance erguida de um Groucho Marx; os altos monólogos hipsters de Lord Buckley; e a comédia obscena de Lenny Bruce, Redd Foxx e Richard Pryor. A gama linguística de Ross se estende desde sagacidade acadêmica e erudição arejada a dialetos vernaculares e recursos de *stand-up*. Os trocadilhos etimológicos da autora remontam sua linguagem às raízes gregas e latinas, ao mesmo tempo que seu romance atualiza um mito antigo com várias novas reviravoltas, incluindo uma heroica protagonista feminista cujo labirinto é o sistema de metrô de Nova York e cujo Minotauro não é um homem com cabeça de touro, mas um buldogue macho chamado Toro. Como o *Ulisses* de James Joyce, possivelmente um de seus modelos, o romance de Ross é, em menor escala, uma paródia picante e cheia de trocadilhos de um mito clássico.

A irônica emulação do herói grego por Oreo sublinha a audácia de Ross como uma mulher afro-americana que se traveste tanto de James Joyce como dos gregos, ao mesmo tempo que busca alegremente seu lugar na tradição literária ocidental. A sagaz paródia de Ross é extremamente irreverente em muitos aspectos, traçando paralelos interessantes entre o herói macho Teseu, a quem é creditada a invenção da luta livre, e sua heroína militante feminista, Oreo, que usa de gênio verbal e artes marciais para despachar seus adversários masculinos. Como Teseu, quando Oreo atinge a maturidade, ela parte em busca de um pai ausente que deixou para trás pistas do “segredo de seu nascimento” e símbolos de um legado paterno, “espada e sandálias”, tradicionalmente passadas de pai para filho.

Se a entrada de Teseu no Labirinto sugere o retorno do herói masculino ao útero seguido pelo renascimento de um novo eu através do poder feminino de sua guia, Ariadne, a busca de Oreo por conhecer o pai picareta sugere a reivindicação de uma filha feminista pelo autoconhecimento, assim como sua determinação em desafiar o patriarcado e contestar o poder fálico do homem. Ao contrário de Teseu

e do Minotauro, que devem sua existência à perversa promiscuidade de deuses e aristocratas, Oreó é o rebento legítimo de um casal de classe média que por acaso é racial e religiosamente diverso; e ao contrário de outras heroínas feministas da década de 1970, Oreó permanece virgem ao longo de suas aventuras muitas vezes arriscadas. Embora Ross mescle piadas obscenas e insinuações sexuais picantes na mistura de *Oreó*, talvez seja por causa das restrições convencionais sobre a expressividade sexual das mulheres negras que Ross prefere demonstrar as proezas físicas e intelectuais de sua heroína em artes marciais e verbais, em vez de aventuras sexuais como as de Isadora Wing em *Medo de voar*, de Erica Jong, ou de Molly Bolt de *Rubyfruit Jungle*, de Rita Mae Brown, dois romances publicados no ano anterior à aparição de *Oreó*.

Como heroína literária, Christine “Oreó” Clark é tão particular em sua identidade individual e cultural como é universal em sua busca pelo autoconhecimento. Embora Oreó seja uma jovem fisicamente bonita, o que mais chama a atenção é sua capacidade de se divertir em qualquer situação devido à sua inteligência especulativa e seu ácido senso de humor. Sua atenção às manias verbais e hábitos de fala define seu caráter e chama a atenção do leitor para o artifício da linguagem como construto cultural, demonstrando a materialidade em oposição à transparência da palavra falada e escrita. Christine Clark, apelidada de Oriole (o pássaro), mas chamada de Oreó (o biscoito), é filha de uma mãe afro-americana e um pai judeu. Os pais de Oreó se divorciam logo após o nascimento de seu irmão mais novo, e ela cresce conhecendo apenas o lado negro de sua família: sua mãe afro-americana, Helen, seu irmão, Moishe (chamado Jimmie C.), e os pais de sua mãe, James e Louise Clark. Cada membro da família tem uma relação idiossincrática diferente com a linguagem, contribuindo assim para a competência semiótica de Oreó e abrindo o texto para uma variedade de experimentos verbais e variações da palavra falada e escrita.

James, o avô negro de Oreó, fica mudo após um derrame imobilizante que ocorre minutos depois de ouvir que sua filha “se casaria com um garoto judeu” (p. 21). Sua avó Louise fala um dialeto sulista quase incompreensível. Helen, a mãe de Oreó, conversa em inglês padrão polvilhado com o iídiche que aprendeu com seu pai, que, antes do derrame, dirigia uma editora por correspondência, vendendo publicações religiosas para uma clientela exclusivamente judaica. A mãe de Oreó é uma talentosa musicista profissional e excêntrica matemática amadora que elabora caprichosas “equações de cabeça” sempre que sofre de tédio ou angústia. O irmão mais novo de Oreó, Jimmie C., se expressa com uma linguagem musical secreta de sua própria invenção e

prefere cantar a falar. Quando o gato de uma vizinha perde uma briga com um gato de rua, a mulher anuncia: “Meu gato é um covarde”. O sensível Jimmie C., que colocou os dedos nos ouvidos durante a briga de gatos, ouve “Megatum varde”, dando assim à família um novo e estranho idioleto:

Jimmie C. ficou encantado. Decidiu usar essa nova e maravilhosa expressão como radical para uma segunda língua radical. “Cha-qui-qui-uá, megatum-varde”, ele cantarolava misteriosamente na frente de estranhos. “Freca-pio-cocô!”.

Oreo reconheceu o valor do idioma cha-qui-qui-uá de Jimmie C. com o passar dos anos. Para ela, ele servia ao mesmo propósito das gírias negras. Ela o usava com frequência com lojistas que descambavam para o iídiche ou o italiano. Era sua maneira de dizer: “Por falar em línguas maternas — tentem entender *isto aqui*, seus filhos-da...”. (p. 61)

O romance de Ross pode ser lido como uma extensão deliberada das possibilidades de expressão, humor, autodefesa, estimulação intelectual e prazer estético nas várias línguas maternas ou linguagens inventadas que a heroína pode chamar de suas, do dialeto quase irrepresentável de sua avó afro-americana para a virada de chave para o “iídiche”, que é a língua franca de vários parentes de ambos os lados de sua família. Além dos vernáculos de seus próprios parentes de sangue, Oreo também pode exibir fluência na mordaz conversa de rua de traficantes, cafetões e prostitutas, bem como na obscura erudição de estudiosos carrancudos.

A capacidade de Oreo de falar e se comunicar com um elenco diversificado de personagens é uma habilidade que ela não pode dar por certa. O avô fica em silêncio durante grande parte do romance; a avó fala um dialeto sulista estranho ao Nordeste; o irmão cantarola uma linguagem secreta inventada que se assemelha a um cruzamento entre conversa de bebê e os uga-bugas dos nativos nos antigos filmes de Tarzan. Oreo ouve no palavrório do irmão uma nova linguagem “radical” que serve como um meio extravagante de autoexpressão e autodefesa, como gírias negras ou o arcano scat dos hipsters do bebop.

Ross parece antecipar as tecnologias da cultura hip-hop de samplear e distorcer o som ao mesmo tempo que satiriza a marginalização e a apropriação da diferença racial e étnica pela cultura mainstream, quando Oreo substitui seu pai ator no estúdio de Slim Jackson no Harlem, o mudo “Mr. Soundman”. Apresentando os produtos da “Cozinha Kosher de Tante Ruchel”, ela apresenta um anúncio sentimental destinado a

consumidores judeus. No exato momento em que está em busca de suas raízes judaicas, rastreando o pai pelos bordéis e estúdios de som que são os refúgios habituais dele, Oreo refaz o comercialismo vendido de seu pai, mesmo quando sua atuação no comercial de rádio coloca em questão toda a ideia de identidade étnica autêntica. Com a proximidade do estúdio de gravação e do bordel, Ross aponta de maneira satírica a cafetinagem da criatividade que a produção cultural capitalista exige. Significativamente, ambos os estabelecimentos estão localizados no Harlem, onde o pai de Oreo vende seu talento para ganhar tempo com prostitutas negras e pagar ajuda doméstica (também de mulheres negras) para a esposa.

A força satírica das inversões paródicas de Ross conta com a consciência do leitor dos papéis históricos em que afro-americanos e judeus foram lançados na formação da cultura popular. A passável imitação de Oreo de uma dona de casa judia inverte tais cenários da cultura popular como a performance de Al Jolson em *O cantor de jazz*, como filho de um cantor judeu que canta “jazz” fazendo *blackface* no primeiro grande filme de Hollywood a incorporar som síncrono. A mímica de Oreo também lembra a produção radiofônica de *Amos ‘n’ Andy*, onde personagens que falam um dialeto vernacular negro cômico eram interpretados por atores brancos. Os papéis de Slim Jackson e Samuel Schwartz invertem as relações mais típicas de produtores e gestores brancos de talentos negros previamente aos anos 1960.

Ross mira sua sátira na comercialização da cultura que tende a produzir caricaturas redutoras e muitas vezes degradantes, enquanto priva muitos americanos de uma herança linguística mais rica e vívida. Embora Oreo tenha uma apreciação do vernáculo, ela também está ciente do poder do estereótipo, que manipula para sua própria vantagem tática. Quanto mais perto Oreo chega de desvendar as pistas que lhe permitirão encontrar o pai e descobrir “o segredo de seu nascimento”, mais confia em seu talento para improvisação e imitação. Ela passa de sua performance convencionalmente essencialista do judaísmo como sobrinha de “Tante Ruchel” para uma performance igualmente estereotipada de negritude como espiã na casa do pai. A certa altura, ela se passa por uma empregada doméstica para obter informações internas da família Schwartz, extraindo detalhes suculentos com a governanta negra enquanto fofocam como *yentas*. Mais tarde, personificando a figura de confiança da família e confrontada por um médico burocrático, a atuação de Oreo combina o vernáculo afro-americano com a linguagem corporal emprestada dos servos negros estereotipados de Hollywood, em um estratagema calculado para se aprofundar nos negócios da família

Schwartz e descobrir o segredo guardado por seu pai.

Ele abriu o envelope, leu a carta e submeteu Oreó a um desagradável escrutínio. Ela tentou parecer desinteressante e normal quando ele disse o que ela estava esperando que alguém dissesse.

“Vou ter que verificar isso com o dr. Resnick.”

Oreó substituiu o desinteressante-normal por acabrunhada-magoada, o olhar congenitamente insultado. “Ele acabou de me dar a receita. Disse que autoriza.” Ela decidiu usar a econômica estrutura frasal de Hap [a babá] e o sotaque caseiro de Louise [a avó]. (p. 228)

A manipulação cínica de estereótipos de Oreó sublinha a sátira cada vez mais mordaz de Ross quando a heroína entra na casa de Schwartz, não como uma filha há muito perdida, mas como uma trapaceira disfarçada de criada. A certa altura, um amigo de seu pai até a confunde com uma das “prostitutas do Harlem” de Samuel (pp. 206-8). A extensão em que identidade, parentesco e herança são construídos em torno de raça, cultura e economia pode ser a lição máxima da busca de Oreó, ao mesmo tempo que Ross questiona o vínculo “natural” que se presume existir entre pai e filha. Finalmente, nas seções intituladas “A história de Helen e Samuel, a versão de Oreó” e “Pistas, que pistas”, Oreó chega às próprias conclusões sobre suas origens, confiando por fim em seus poderes de interpretação para juntar e compreender a história de relacionamentos tensos de sua família. Oreó imagina essa história como um tratamento fílmico para uma cinebiografia de Hollywood, um cenário que se completa com um requisito: *Montagem de manchetes da Variety do gênero “O grande fracasso do pai de O”* (p. 230). No processo, Ross descreve seu método para compor este romance. O mito de Teseu (também uma busca pela origem paterna) gera uma lista de episódios, personagens e pistas, que a romancista encadeia nas voltas e reviravoltas labirínticas de seu próprio enredo paródico.

Oreó é um texto negro? Ross certamente estava ciente de que, enquanto o ensaio *The White Negro* de Norman Mailer, influenciado pelo jazz, se via como a essência da sensibilidade *hip*, os “judeus negros” seculares ou quaisquer outros afro-americanos que se identificassem intelectualmente como “povos do livro” poderiam ser rotulados como “oreos”, quando a cultura literária está associada a uma herança “branca”. Uma das epígrafes cômicas do romance cita a definição mais comumente repetida de “Oreó”: “Alguém que”, como o biscoito, “é negro por fora e branco por dentro”. No entanto, sua protagonista não é uma personagem culturalmente branqueada, desracializada ou uma

“aspirante a branca” que assimilou estilos culturais euro-americanos para escapar da suposta inferioridade da cultura afro-americana ou para se tornar mais aceitável para o mainstream. Oreo não reivindica nenhuma identidade pré-moldada; pelo contrário, ela é uma personagem cujo hibridismo cultural lhe deu uma visão íntima de duas das diversas subculturas que fizeram contribuições significativas para a produção da cultura americana. Junto com sua identidade birracial e bicultural, Oreo mantém um interesse permanente na mecânica de construção de identidade e reprodução cultural. Através das aventuras de Oreo, Ross desenha uma complexa negociação de identidade dentro de uma heterogeneidade racial, étnica, sociocultural e linguística que se estende para além de negro e branco. Embora Oreo seja visualmente identificável e autoidentificada como afro-americana, o conteúdo de sua identidade é formado de forma dinâmica, improvisada e contingente à medida que ela interage com os demais, escolhendo entre um diversificado cardápio de possibilidades e influências às vezes opostas que variam de um encontro para o outro.

Nas interações de Oreo com membros de ambos os lados de sua família, bem como com vizinhos, amigos, conhecidos e estranhos, o romance de Ross sugere que a aculturação não é uma via de mão única, é mais como um sistema de metrô com vagões pichados que entram e saem do centro da cidade, ou ainda mais como uma rede interconectada de vias de múltiplas linhas. Em especial nos ambientes racialmente diversos e integrados, os imigrantes de várias raças e origens nacionais, em seu caminho para se tornarem americanos, podem emular os estilos culturais dos negros americanos, uma vez que os afro-americanos, embora sejam uma minoria, são tão fundadores da cultura americana quanto os anglo-americanos. Os próprios anglos são uma minoria de americanos brancos. A herança birracial e bicultural de Oreo não é tão excepcional quando consideramos que a maioria dos americanos nativos, independentemente da cor da pele, são produtos do hibridismo racial, assim como a cultura e a língua americanas são produtos do hibridismo cultural e linguístico. A significativa contribuição dos negros americanos para a cultura nacional inclui o problema e o desafio que a diferença linguística e cultural oferece à democracia americana e à produção criativa de escritores afro-americanos.

Entrando no labirinto do romance imaginativamente construído de Ross, o leitor é lembrado de que um labirinto é “uma estrutura intrincada de passagens interconectadas”, assim como o texto de *Oreo*; e também esse “labirinto” é o nome dado à arquitetura interna do ouvido, o destino da palavra falada. Nesta obra infelizmente negligenciada, Fran

Ross empresta ao leitor um extraordinário olhar para o absurdo desconcertante da vida cotidiana e um ouvido receptivo para a ruidosa diversidade do idioma americano. *Oreo* é um texto que presume a inteligência verbal e a competência linguística e cultural de leitores que apreciam a rica diversidade que contribui para a complexidade de suas próprias identidades.

Obras mencionadas

- BROWN, Rita Mae. *Rubyfruit Jungle*. Nova York: Bantam, 1973.
- INGRAM, Billy. “The Richard Pryor Show”. Disponível em:
<www.tvparty.com/pryor.html>. Acesso em: 13 abr. 2024.
- JONG, Erica. *Fear of Flying*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1973.
- JOYCE, James. *Ulysses*. Londres: Secker and Warburg, 1994 (1922). [Ed. bras: *Ulysses*. Trad. de Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.]
- KELLEY, William Melvin. *Dunsfords Travels Everywhere*. Garden City, NY: Doubleday, 1970.
- MAILER, Norman. *The White Negro*. San Francisco: City Lights, 1957.
- MULLEN, Harryette. “One Smart, Tough Cookie: The Lit, Grit, and Motherwit of Fran Ross’s *Oreo*.” [Artigo em produção.]
- ROSS, Fran. “Richard Pryor, Richard Pryor”. *Essence*, abr. 1979.
- WILSON, Harriet. *Our Nig*. Nova York: Random, 1983.

Informações biográficas foram coletadas com Gerald Richard Ross, Gerald Ross III, Ann Grifalconi e Associação de Formandos da Temple University. Reconheço com gratidão todas essas fontes e aprecio especialmente a cooperação da família Ross, que generosamente compartilhou suas memórias e documentos pessoais comigo.



Arquivo da autora

Fran Ross (1935-1985) nasceu na Filadélfia, nos Estados Unidos. Estudou teatro e jornalismo na Temple University e trabalhou como editora, repórter e roteirista. Morreu aos cinquenta anos, de câncer. *Oreo* (1974) foi seu único livro publicado.

Oreo © Frances D. Ross, 1974
© *prefácio*, Danzy Senna, 2015
© *posfácio*, Harryette Mullen, 2000

Todos os direitos desta edição reservados à Todavia.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

capa
Julia Custodio
composição
Jussara Fino
preparação
Emanuela Siqueira
revisão
Huendel Viana
Gabriela Marques Rocha
versão digital
Joana De Conti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ross, Fran (1935-1985)

Oreo [recurso eletrônico] / Fran Ross ; tradução Heloísa Mourão. — 1. ed. — São Paulo :
Todavia, 2024.

Dados eletrônicos (1 ePub).

Título original: Oreo

ISBN 978-65-5692-631-5

ACESSO ELETRÔNICO: 1 ARQUIVO DE EPUB

1. Literatura norte-americana. 2. Romance. 3. Identidade racial. 4. Cultura – raça. I. Mourão,
Heloísa. II. Título.

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana : Romance 813

Bruna Heller — Bibliotecária — CRB 10/2348

todavia

Rua Luís Anhaia, 44
05433.020 São Paulo SP
T. 55 11. 3094 0500
www.todavialivros.com.br

* Qualquer coisa que este sagaz filósofo tenha dito merece ser repetida.
[N.A.]

[«« »]